

A Trágica Virtude

Marcus Mota

A Trágica Virtude
26 Exercícios não Lineares para a Cena

Brasília 2001

© 2001 by *Marcus Mota*

Diagramação:
Ernesto Bodê

SUMÁRIO

Prefácio	7
A Audição	13
O Filho da Costureira	23
A Grande Vó	31
Casal na Cama	39
Caim	49
Farsa do Quem Quer Amar	55
A Festa	63
Natal sem Crianças	73
Uma Última Noite sobre a Terra	91
Retorno	99
Volte Sempre	105
Se você só tem isso, Se você já não tem	113
Olimpo	125
O Salto do Escorpião	129
O Pesadelo de João, o Embusteiro	131
Carne Crua	137
Domingo Áspero	141
Diógenes	167
Brutal	187
Idades.Lola.	203
Os Vigilantes	223
Docenovembro	231
Acid House	267
Aluga-se	289
O Acontecimento	317
A Oração	329

Prefácio

Trágica Virtude. Exercícios não lineares para a cena constitui um conjunto de textos especialmente desenvolvidos para uso em cursos e pesquisas em atividades de encenação, direção e interpretação teatrais. Trata-se de material único em língua portuguesa.

É notória a carência de repertório nesse campo. A maioria dos textos utilizados nestas tarefas é de fragmentos ou adaptações de obras clássicas, normalmente baseados em traduções de traduções.

Dessa forma, para o pesquisador ou o estudioso estão apenas disponíveis obras descontextualizadas, amorfas. Daí tanto a falta de orientação criativa e o sacrifício da vocalidade de muitas de nossas realizações cênicas.

O campo das artes de espetáculo tem se incrementado nos últimos anos. Segundo dados da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes (ABRACE www.abrace.ufba.br/) temos o seguinte mapeamento da pós graduação em artes cênicas no Brasil:

Instituição

<div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);"> Áreas (Obs.2) </div>	<div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);"> Linhas de Pesquisa </div>	<div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);"> CAPES (Obs.1) </div>	<div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);"> Início </div>	<div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);"> Tipo </div>	USP	UNICAMP	UNI-RIO	UFF	UFBA
					Misto (Teatro/ Música/Artes Plásticas)	Misto (Teatro/ Dança, Música/ Artes Plásticas)	Artes Cênicas (Teatro)	Interdisciplinar (Ciência da Arte)	Artes Cênicas (Teatro/ Dança)
					Mest. 1972 Dout. 1980	Mest. 1989	Mest. 1991 Dout. 2000	Mest. 1996	Mest. 1997 Dout. 1997
					Mest. ? Dout. ? 4	Mest. 1994 4	Mest. 1996 Dout.2000 4	Mest. 1998 3	Mest. 1997 Dout. 2000 3
					Artes Cênicas	1 Artes Cênicas 2 Artes Corporais	1 Estudos do Espetáculo 2 Estudos da História do Teatro e do Texto Teatral	1 Teoria da Arte 2 Linguagens da Arte	Artes Cênicas
					1 Prática Teatral 2 Teatro e Educação 3 Teoria e História do Teatro – Literatura Dramática	1 Fundamentos Teóricos das Artes 2 Práticas Interpretativas 3 Processo Criativo em Composição Artística	1 Teatro e Cultura Popular 2 Artes no Espaço Cênico 3 Teorias do Teatro 4 História e Historiografia do Teatro Brasileiro 5 Teatro Educação	1.1 Fundamentos Teóricos da Arte 1.2 Fundamentos Críticos da Arte 2.1 Análise dos Meios de Expressão 2.2 Processo da Imaginação Criadora	1 Matrizes Culturais na Cena Contemporânea 2 Poéticas e Proces- sos de Encenação

Obs(1): Recomendação CAPES e conceitos sobre 1996 e 1997

Obs(2): Áreas de Concentração (apenas as que compreendem as artes cênicas - teatro/ dança)

Note-se como nos últimos anos desenha-se uma tendência de abertura não só de novas pós-graduações, como a correlação entre pesquisa e realização, estudo e performance. De forma que torna-se imprescindível a elaboração de materiais que correlacionem experimentação, pesquisa e performance. O incremento da atividade no campo das artes cênicas aponta para incremento de sua produção bibliográfica.

Desde 1995 venho realizando pesquisas e publicando em uma área basilar das artes de espetáculo: a dramaturgia. A dramaturgia fornece roteiros de representação com os quais diretores, encenadores e intérpretes interagem na individualização de seus processos criativos. Desde 1998 venho dirigindo o LADI - Laboratório de Imaginação dramática e dramaturgia, onde cursos e publicações diversas têm se seguido.

Os 26 textos aqui alinhados em ordem de complexidade procuram dar conta não só das atividades do LADI como também da questão de um repertório original e de alto nível para produções e pesquisas em artes cênicas. A não linearidade dos textos, rompendo uma causalidade narrativa para o espetáculo, procura dar conta de matrizes fundamentais da estruturação de uma realização teatral. Os textos são metatextos, roteiros de representação que exploram particularidades da composição e realização para a cena.

Aliando processos criativos tradicionais e vanguardistas, os textos de A trágica virtude postulam a ruptura com a reprodução de muitos preconceitos estéticos, muitos dualismos superficiais tais como aqueles inseridos no estéril debate entre realismo ou ilusionismo, de forma a proporcionar uma visão mais englobante da teoria e da prática teatrais.

Eis os focos básicos dos textos aqui reunidos:

1- Aprofundar o estudo dos atos verbais, ultrapassando o preconceito hodierno contra a palavra. Palavra é ato e tudo que é escrito necessariamente não precisa ser verbalizado;

2- Ultrapassar o conceito de centro subjetivo que fundamenta a construção da personagem na construção de espetáculo. Te-

mos atos personativos, e não uma monolítica presença civil na representação;

3- Proporcionar novos nexos entre espetáculo e espectador através de diversas formas de macroestruturação do que é mostrado. Ao invés de se seguir e atualizar um modelo causal narrativo do enredo, aplicar diferentes formas de encaminhamento das referências do espetáculo e de sua organização representacional;

4- Estabelecer cronotopias específicas, ou seja, possibilitar nexos temporais e espaciais relativos a novas experiências com orientações locais(contextos imediatos) ou supralocais(expectativas ou recuperação de informações) durante a representação. Os modos através dos quais novas e velhas referências são retomadas e modificadas;

5- Problematicar as relações cena-espectador, de forma a transformar a resposta da audiência em um fator de acabamento do espetáculo;

6- Tornar factível uma compreensão dos atos envolvidos na atividade representacional cênica através da integração das condições de inteligibilidade do que é representado;

7- Sob o mote 'trágica virtude', utilizar uma estrutura irônica de referências que neutraliza qualquer unidade de tom unificador do espetáculo, favorecendo um eixo cômico-sério como horizonte semântico dos espetáculos;

8- Integrar modos enunciativos diferentes como dizer e cantar, a fim de marcar momentos receptivos distintos;

9- Utilizar procedimentos compositivos de audiovisuais cinematográficos, de modo a pesquisar limites e possibilidades da audiosvisualidade dramática;

10- Explorar a assincronia entre som e imagem na representação bem como a assimetria cena/espectador no espetáculo.

Creio, pois, que os 26 exercícios não lineares para a cena de A trágica virtude serão provocativos instrumentos que acompanharão muitos dos aspectos formativos da teoria e a prática cênicas atuais.

As sempre tensas e não muito cordiais relações entre arte e conhecimento parecem aqui encontrar uma significativa convergência: o fazer e o saber fazer mutuamente implicados. O que dignifica o esforço dos textos aqui reunidos.

Brasília 30 de abril de 2001.

Marcus Mota

A Audição

O espetáculo vai começar. Não este, o de agora. Mas o primeiro. Vamos ver como as coisas são. O primeiro espetáculo, de onde viemos. Tragam seus amigos, venham. Ocupem os melhores lugares. Dá prá ver se estão prontos. Dá prá entender porque tudo foi feito assim. No mais, silêncio ! Olhos atentos! Viemos para ver e somos aqueles que vêem.

Uma personagem de cabeça baixa, vestida de andrajos, a longa viagem, agora dentro de um círculo de giz, diante de três entrevistadores-jurados que estão bem vestidos e extravagantes, amontoados em uma mesa-tribuna-caixa de show de mágica. São eles: uma mulher faladeira-fofoqueira-risonha, um velho bigodudo irmãos Marx com charutão rei da fesa e uma mulher de meia idade grã-fina “não sou deste país” olhando para bem longe quase indiferente. Os gestos deles são grandiloqüentes, e o silêncio, ameaçador.

Apitos, cornetas, línguas de sogra e gargalhadas eletrônicas marcam falas e emoções.

Olham atentamente o candidato. Discutem entre si se o candidato está vivo. Caçoam dele. Riem e o humilham. Fazem mímica de suas ações como golpes, chutes, simulando as provações e provocações que um candidato deve enfrentar e sofrer. Ele não se mexe. Continua como de mãos atadas dentro de seu círculo. Um mártir moderno. Segura um papel, o de suas falas, a sua convocação. O homem rijo que espera. A véspera. A personagem diante.

Em volta de todos pendem cordinhas para surpresas

ameaçadoras. Sombras de cidades de pedra, antiquíssimas, ruínas de um espaço prestes a desabar sobre nossas cabeças, invadem a cena.

Dama Louca

Vamos, meu rapaz: mostre tudo, faça o seu melhor.

Velho Comediante

Não, não é assim, velha maluca. (ironizando). Não é assim que se faz. Sempre errado. É preciso agredi-lo. (bate na cabeça dela com um martelo de borracha. Nem é necessário marcar as gargalhadas eletrônicas e os apitos que continuamente vão ser ouvidos sempre ao fim de cada estrepolia...) Vamos deixar que fique aqui até morrer, mofando.

Dama Douca

Não ligue prá ele, meu jovem. A gente quer te conhecer. Você veio aqui por causa do papel, não é mesmo ? Não foi prá isso que você veio ?

Velho Comediante

(pulando irado como uma foca atingida por arpão. Fala desenhado animado, dançando) Não diga isso, não conte nada, não conte. Só depois. Precisamos saber se ele é bom o suficiente.

14

Dama Louca

Ora, fique calminho aí, (bate no velho comediante com uma mão que sai de uma arma) velho imprestável, imprestável.

Velho Comediante

Ah, então é assim ? Na frente de todos fica mudada é ? Eu quero ver se a senhora vai agüentar por muito tempo esta situação !

Dama Louca

Qual ?

Velho Comediante

Eu mando aqui. (Joga uma bomba em forma de um quadrado que explode na Dama Louca.) Disso não se pode duvidar: eu sempre tenho razão. Eu sempre venço.

Dama Louca

(Levantando-se e esganando o velho comediante) E o rapaz ? O que vamos fazer ? (Caem da tribuna, rolam no chão, briga de auditório.)

Velho Comediante

Estou pensando, estou pensando. Apesar de tudo, continuo pensando. (Tira uma faca e enfia nas costas da Dama Louca. O velho comediante ergue-se e coloca o pé em cima da mulher, posando para uma foto de caçador. Ela dá uma rasteira no velho comediante. Chuta o rosto dele. Tira a faca de suas costas. Passa na boca como experimentando seu sangue, sujando a boca, aprovando o que provou. Nisso a Personagem começa a gemer, seu corpo contorcendo-se de dor, sussurrando baixinho sem cessar. "O clamor por deus na terra vazia". Ela, sentindo o gosto de sangue em sua boca, levanta o velho comediante desmaiado, com todo esforço, e beija, como se escutasse um tango, um beijo em alguém morto. Eles dançam esse tango. Quando os sussurros estiverem mais altos, o velhoa acorda irado, dá um tapa na Dama Louca e diz para a personagem:

Velho Comediante

15

Não queremos alguém que fale. Queremos você somente, não suas palavras. (arrastando a mulher para a tribuna) Não queremos nada de você, só o corpo inteiro. Vamos usar, lamber, cuspir, moer, tirar tudo que queremos. Até que não reste coisa alguma que possa ser usada. É o que está nesse papel. No contrato com a gente. Você não vai ficar com nada.

Dama Louca

(reunimando-se, erguendo-se, ajeitando-se). Esse é seu papel, meu jovem, o que você deve fazer. É para isso que veio. Não

fale, não diga nada. (Puxa uma cordinha e um balde de água segue em sua direção, pára, e derrama água no Personagem. A Personagem continua imóvel segurando o seu papel. Treme de frio.)

Velho Comediante

Falar é um ato terrível. (puxa outro cordinha e caem penas e areia em cima da personagem). Uma personagem não pode falar. O mal delas sempre foi falar. (A mais calada ergue-se e vai fumar, como que alheia a essa baixaria. Os dois se entreolham meio assustados, cochichando.)

Dama Louca

Viu o que você fez ? Viu ? Não podia ficar calado ? Sempre tem que fazer as coisas do pior jeito. (Bate na cabeça dele com um martelo de plástico.).

Velho Comediante

Vamos atrás dela. Quem sabe ela volta.

Dama Louca

Agora não vai ter mais audição. A gente nem pode se divertir um pouco que...(pistola com água na cara do velho comediante).

Velho Comediante

16

Tá melhor ? Tá viva? Então vai pedir desculpa prá ela (Empurrão. A Dama Louca cai, exagerando essa queda, como se caísse em um precipício e voasse para o infinito céu. No caminho “esbarra” com seu cotovelo no abdômem da Personagem.)

Dama Louca

Ô, me desculpe (Pisa no pé da Personagem que pula de dor, segurando o pé. O velho comediante vem correndo, gritando que ela deveria ir para o outro lado e deixar a Personagem em sua inutilidade. Ao chegar, escorrega na água e na areia do chão. Cai ao mesmo tempo que cai a Personagem com uma rasteira dada pela Dama Louca. A Personagem olha para tudo, como se estivesse acordada, ainda

com seu papel. Olha conferindo, para si, para os outros, para seu papel. O Velho procura se erguer e cai, cai sucessivas vezes. Ao longe, a mais calada olha e balança a cabeça com desdém. A Personagem tenta ajudar mas o Velho repudia toda e qualquer tentativa de ajuda. No rosto da Personagem nasce a vida, vendo a situação ridícula em que está. Olha para quem não quer ser ajudado, para a Dama Louca que contém seu riso. A Personagem ri. Com a intensificação da situação ele gargalha, vivamente, participando de tudo. Daí dá um tapa no tornozelo da Dama louca que cai. Os dois juízes tentam se levantar, xingando e lutando entre si, sempre caindo ou sendo durrubados pela Personagem. Ele pega o papel para se secar, para limpar sua roupa. Cansados e no chão, eles passam a observar a Personagem rindo.)

Velho Comediante

É demais: a gente é espetáculo prá esse aí.

Dama Louca

E ela nunca mais vai nos perdoar.

Velho Comediante

A Personagem ri enquanto a gente é que devia estar se divertindo.

Dama Louca

A audição nem começou ainda e ele já errou tudo.

Personagem

(ergue-se com o papel abraçado junto ao peito. Fala como se declamasse. Ator ruim. Fala andando aos poucos saindo do círculo de giz.)

Eu matei. Eu matei de verdade. Eu queria matar e matei mesmo (ri)

Velho Comediante

Ele tá falando, ele tá falando !

Dama Louca

Ai, ai, ele vai nos fazer mal.

Personagem

(com os gestos e emoções realistas, parecendo que vê o que diz). Quando eu era pequeno nasceu, no galinheiro lá de casa, um pintinho com o bico virado. A gente dava comidinha no seu bico e água com conta-gotas. Era nosso bichinho de estimação, calada ave em sua quase morte. Um pintinho monstruoso e frágil. Todos gostavam muito de sua estranheza, a natureza louca em seus revezes. Com muito carinho cresceu sob o cuidado de nossas mãos e rostos. Um dia com o amor de sempre, tomei o frágil monstro já crescidinho e o abracei junto ao meu peito, embalando para que dormisse. Mas ele foi mau com papai e meu sujou com sua bosta, bosta de ave doente. A sua bosta escorrendo em minha roupa. Daí senti a ira, o rosto com ódio, "papai vai da lições para franguinho nojento e porco". Olhei em seus olhos atrás do bico retorcido e gritei bem forte "você me sujou todo seu merda, você me sujou todo. Vai apanhar para aprender a não fazer mais isso com quem te cuida. Você vai sofrer muito, sua galinha feia e despenada. Papai vai te mostrar como a dor traz lições. "Peguei o bicho pelo pescoço e enfiei dentro de um saco de supermercado e bati, bati prá valer. "Aprende, desgraçado, aprende a me respeitar. "Em meio aos seus pios esganiçados, eu batia. De vez em quando abria o saco prá ver seu coração tremendo em meio às penas, seus coração de ave doente sacudindo o saco de papel em minha mão. Então parei de bater e tirei o bicho porco e imundo de lá e coloquei novamente em meu colo para ver se havia aprendido a lição. (Age como se embalasse um bebê) "Papai te deu uma surra mas te ama. Aprendeu agora ? Dorme, dorme. Descansa. Depois eu te dô água nesse biquinho tortinho seu. Dorme que a dor passa. "Mas o monstro dos infernos, ave imunda se cagou todo outra vez, mais do que antes, como se tudo que tivesse dentro dele saísse de uma vez. Vocês podem entender isso ? Vocês podem imaginar o que eu senti ? "Seu bicho de merda" , disse, "sua galinha doente e burra. Vou te quebrar toda. Volta prá saco que eu vou virar tuas tripas de tanto bater". Enfiei novamente o bicho dentro do saco e bati, chutei, pisei até me perder, ficar fora de mim. O tempo passou e

ouvia o silêncio e um coração que não mais batia. Abri o saco e vi o pior. O bicho estava morto, mortinho mesmo. O meu animalzinho, papai matou sua galinhazinha doente. Entre as penas escorria uma baba branca que caía do bico agora desvirado. Em sua dor curou-se. Foi pro céu bom. E eu fiquei aqui sozinho. O saco de papelão com o bichinho morto, com o bico desvirado. (chorando, desesperado) Eu matei, eu matei de verdade. Eu quis matar e matei. Papai matou seu filhinho.

Velho Comediante

(emocionados os nossos juízes, em ritmo de melodrama e irado senso de justiça) Assassino, assassino !

Dama Louca

Como você pôde, como pôde fazer uma coisa dessas.

Velho Comediante

Parece que estou vendo o pobre do bichinho, a vida inteira sofrendo com seu bico doente, sem poder ser uma pessoa normal.

Dama Louca

Sofrendo o preconceito de todos desde pequeno, crescendo sob o olhar de reprovação de todos.

Velho Comediante

"Lá vai o pintinho de bico torto. Vai morrer de fome, vai morrer de frio".

Dama Louca

"Culpa da mãe, aquela galinha desmiolada". Os filhos são malditos.

Velho Comediante

Mas o pior viria mais prá frente.

Dama Louca

Não se pode confiar em ninguém, em ninguém nessa vida.

Velho Comediante

E morrer logo pelas mãos de seu padrasto.

Dama Louca

Lar emprestado, dores maiores.

Velho Comediante

A vida nossa é um coração que bate entre as dores.

Dama Louca

Ninguém o compreendia. Coitado, sozinho.

Velho Comediante

Somos todos dignos de lástima.

Dama Louca

Nosso destino acampa ao redor das águas do sofrimento.

Velho Comediante

Mas o bico desvirou.

Dama Louca

Isso, o bico desvirou.

Velho Comediante

Sua morte não foi em vão. O bico desvirou.

Dama Louca

Podem massacrar seu corpo, pisar em suas penas, mas o bico não, o bico não. Esse desvirou.

Velho Comediante

Viu, seu idiota ? O bico desvirou. A ave se livrou disso.

Personagem

Eu sei, seu de tudo. O bico desvirou.

Dama Louca

Você jogou no lixo o saco com o cadáver dentro mas não adiantou nada. Pois o bico desvirou.

Velho Comediante

Ah, gloriosa certeza, verdade sem jeito: o bico desvirou, idiota, o bico desvirou (gargalhada).

Personagem

Seria o sorriso do vencedor, dito dessa maneira pela cura ? Seria a vitória sobre toda a sua vida de infelicidades e eu a maior de todas as desgraças ?

(cantiga/dança celebrando a vitória sobre a morte. A mais afastada vem e mimetiza, em sua dança, a morte da ave enquanto os outros dois se fazem de seguidores que acompanham esse reizado. A personagem volta para seu círculo de giz gemendo a culpa relevada nesse ritual)

1
Em tristes sombras morria
a nossa sagrada flor
em sua lenta agonia
nos foi alento na dor
que a vida ainda inspira
cuidados e muito amor

(bis) Pois
desvirô, desvirô
não morre nunca mais não
desvirô, desvirô
a ave e seu protetô

2

Seu pai não lhe queria
nem o mundo em derredó
de noite como sofria
contando medindo o pior
as chuvas que eram tão frias
lhe faziam mais sofredor.

3

Em um dia enquanto corria
uma mão lhe salpicou
surra que não merecia
morte que encomendou
prá mostrar que sou fria
por causa sabida de amor.

4 (improviso)

E a pobre vida da gente
o que é senão sofrer
que prega e finca os dente
dispara sempre a doer ?
um saco dentro de um saco
um saco a nos prender
sufoco saco sufoco
sofrendo desentender.

(A humanidade de deus é a divindade do homem ?
A desumanidade do homem é a divindade do homem ?
A desumanidade de deus é a humanidade de deus ?
A divindade de deus é a humanidade do homem ?)

O Filho da Costureira

Monólogo experimental e terapêutico

Cenário em penumbra e gélido com vários manequins sem cabeça e bem vestidos, como noivas de luto, as mãos arrumadas para abraçar, inclinadas, de frente para a platéia, para acolher um corpo - nem do noivo, nem do filho. Caem rendas no palco. Alguém sentado atrás dos manequins, em uma cadeira de balanço. De início, apenas o ranger da cadeira. Após, uma risada que continua sonoramente tomando conta do espaço até que o ruído de um corpo que cai se faz ouvir. Som surdo e forte. Silêncio.

-(com voz rouca, forçada) Todos sabem, garoto, todos aqui sabem, não é mesmo ? Não adianta mais se esconder ou fingir de morto. Saia já daí, meu filho, o filho da mamãe. Sai de perto dela, dessa que nunca mais vai voltar (ergue-se e fica atrás da cadeira, segurando-a, movimentando-a. Voz adocicada e familiar). Você está aí, eu sei , não está ? o queridinho ... vem prá cá, pertinho, tenho umas roupinhas prá você, roupinhas prá provar, que não são suas, uns vestidos de festa que você não vai, umas blusas para o próximo inverno, um calor para outro corpo, um inverno que você não vai ver, aqui, sozinho e com frio, trancado dentro de casa até mamãe voltar (sai de trás da cadeira e caminha entre os manequins. Voz irritada com desejo fazer mal a alguém). Você está aí, não é mesmo? em alguma das roupas que a costureira fez para todos nós e não entregou. No fim do ano, há tanto tempo, éramos jovens e queríamos casar. A cidade era menor que nossos sonhos, moços e

moças escondendo seus rostos para que a dor e o choro os matassem mais rápido. Maldita a mulher, maldita a costureira que se vingou de todos nós na grande festa. (voz outra como elogiando a qualidade de alguém). Dona Juraci tem bom gosto, vestiu a cidade inteira, desde quando não sei. Encobriu os corpos de todos desde sempre e continuará a cobri-los até o fim. Dona Juraci, Dona Juraci, sabemos que está em casa. O medo do filho escutamos, o menino seu, sem pai e sem amor. Nós sabemos que dormiu com os homens de nossas mães, sabemos os que dormiram com Dona Juraci, sabemos de tudo há muito tempo atrás. Queremos que faça as nossas roupas. Depois disso, vamos embora. As roupas para a festa queremos, o último pedido, as roupas mais lindas, doze vestidos para os jovens que querem casar no próximo ano. Maldita, maldita mulher, a única costureira dessa cidade, dona Juraci, a amante de nossos pais, Dona Juraci, que mediu e apalpou todos corpos de homens e mulheres, moços e velhos. Todos os que respiram foram por ela vestidos e tocados, e somente ela nos viu nus. Dona Juraci, maldita, abre essa porta, esconde teu filho, costura nossas vestes, pare de dormir (ruído de um corpo que cai, forte e surdo). Você está aí, garoto, não é mesmo ? menino mau, malvado, que espiava os que iam para o quarto de sua mãe, os que iam pelas roupas ou não (começa a andar por entre os manequins e sacudi-los). Menino mau, bisbilhoteiro, aos sábados à tarde, em dia sem sol, andado pelos corredores da casa, os gritos da mãe... "mãe, mãe, abre a porta, abre a porta, mãe. Mãe. Estão matando minha mãe. Não me deixe aqui, no escuro, eu não tenho irmãos. Abre a porta, você não pode morrer "(sonora gargalhada como antes). Menino mau e burro, sua mãe estava costurando, fazendo roupa para fora, mexendo as cadeiras, a enorme anca, a cama rasgando o chão, o teto girando de prazer também, fazendo um filho, mais um menino mau e burro (gargalhada). E nós, maldita, em nossas tardes de espera, o grande dia se aproximando e ainda nus. De todas as cores os olhos te deram a luz, de todas os panos as mãos te deram o dom. Doze almas esperam a noite fatal na qual brilharão mais que as lâmpadas das bodas, doze almas esperam o assombro do mundo parando de dançar para nos ver acima do jantar e da orquestra. As mães com seus maridos largarão os passos das danças batendo palmas em seus sorrisos. Os olhos nunca mais se fecharão - engastados em nós, serão as bijuterias, os diamantes, colares e brincos para nossas almas vestidas que não gemem mais. As doze almas aguardam, dona Juraci, que deixe de morrer na cama para cumprir outra a sua obrigação (Arranca e rasga a roupa de um manequim). Essa roupa não, é de mulher, mãe, essa eu não visto, é de mulher morta, de mulher sem filhos e sem marido. As solteiras deviam morrer, elas sempre ficaram sem ninguém, os enormes olhos rodopiando entre os cômodos de uma casa vazia, os corredores e as paredes sendo engolidos pelo chão, tudo, enfim, deixando

de ser , para virar sepultura sem jardim, para a mulher que não teve filhos e, se os teve, perdeu-os enquanto tudo caía, enquanto eles não vinham, quando as carnes se escondiam nas velhas roupas das sombras da noite, dois olhos enormes vendo as coisas em volta terem peso e suor. Não, mãe, não vou provar a roupa dos mortos, as que vestem os nus para sempre, com cheiro de terra quando chove, um medo dos raios, de não ver mais o sol e o dia que nasce. Não me bata mais, mãe, traga seus homens que eu deixo, mas não me dê o luto, o luto que não é meu (Gargalhada. Ergue-se, tonto, tropeçando entre os manequins que caem, em cólera, os olhos saltando da face, gritando). Ela, a louca - de ferro e náusea o seu rosto, a que nos levou e trouxe primeiro, longe daqui para que viéssemos. Um altar em cada casa, um espelho em cada penteadeira. Não a louca, a que não ama e nos quis - louca, muito louca na noite em que acusava nos chamando pelo nome. Se o ar um deus nos roubasse, mesmo assim tudo seria inútil, inútil fugir dela, para onde... Louca, louca, louca e tão nossa, os dedos já sem carnes, as unhas com os restos das peles dos corpos que devorou. Bebe de tua boca o teu retiro imediato, a prisão que te faz retornar- ela, a louca, a que odeia as crianças correndo pelas ruas, a que nunca mais vai dormir sem ser por cansaço, de tamanha dor, da dor maior que existe, entre as loucas a maior, a maior loucura, e ela, a louca, sabe disso melhor (muda a voz, como cansada, chorando)que eu, em busca de seu filho, o que não pôde ter, os que morreram antes do parto, em seu ventre , sob as águas, lavando-se as mãos apalpando seu sexo esquecido, no banheiro, as portas fechadas, frias e fortes as águas, na cabeça de um corpo que cai em sua tontura, na fria e dura pedra do chão. Cabeça partida num sonho bom, que cego ficou para o resto da vida maldita, Dona Juraci morta para sempre ainda menina, nua entre o úmido do corpo e o úmido do banho.Frio e calor. Demais até para ela, a louca, para o menino sem mãe, para o filho da costureira (levanta-se e puxa um manequim que sai arrastando. Voz de procura com ira). Você está aí, não é mesmo ? onde estão as roupas, menino, as que eram para nos vestir, as que sua mãe fez para nós, as doze almas ? Somos mais de uma para cada dia, sem descanso e moramos perto. Menino mau e sem ninguém, escondido entre os soluços de uma infância que te roubaram. Lá fora, não, brincar com os que eram mais fortes que tu mesmo e sabiam falar. Não tinham as mãos furadas das agulhas que tua mãe te obrigava segurar, nem tinham roupas feitas de sobras de outras roupas. Eles poderiam dormir e ter filhos e comer e se lavar sem medo, sem ouvir a casa rangendo a noite inteira na costura e no amor que é segredo e mentira. Um mais forte que tu, lá na rua, tiraria tuas calças mostrando o resto do corpo cheio de manchas e rasuras, um menino sem serventia, mau, nem menino, nem menina, carregando de um lado para o outro o que de manhã virão buscar. Não toque nisso, tire as mãos

do tecido, não chore, tome essa agulhada, não respire, não exista, não me olhe, não tenha a própria raiva, menino mau e burro (gargalhada). Um dia, ela achou teus escritos, debaixo da mesma cama, a cama das visitas que não pagam, o cheiro dos que não vão nascer nas cobertas e nos móveis. Um papel, com a letra do filho da costureira, confessando seu ódio por Juraci, sua mãe, debaixo da cama, um eu te odeio escrito de várias maneiras, com restos de panos que em sua curta vidinha sem porquê recolhia do chão e do lixo. Eu te odeio com letras recortadas do tergal, do linho e da lã. Eu te odeio colorido, com letras dos mais variados tipos e tamanhos. Eu te odeio colado no papel rasgado que embalaria nossas encomendas (para de arrastar o manequim, ajoelha-se como se falasse com ele, espancando-o). Ah... na cama de ferro com grades te fizeram mulher e mãe, na casa dos loucos acima e abaixo, antes e atrás. Mulher miúda e arqueada, como se quisesse cair sem poder, deixando as bonecas vestidinhas junto com a criança que se foi, que ficou brincando com os insetos no jardim. Tome, mulher, tome o que a vida pode te dar - um momento intenso e único com gosto de sangue e vício, a redenção na carne pela dor, essa mão espalmada que descobre as entranhas de tua alma debaixo do que os peles puxam para si. Roda o mundo em teu altar, um filho virá da que não teve homem, só os loucos, as doze almas querendo os frutos da promessa antes que a comida do jantar esfrie e os convidados voltem para os armários. Um filho virá lembrar que não há lugar algum como este, uma cidade que se diz nova ano após ano, novos casais para que hajam novos casais, nova a vida em cada olhar que se despede ao fim do baile, da consagração de nossos favores, a festa da raça que não pede perdão. Roda o mundo e caem as vestes, os homens sentem que são manequins vestidos pelas mãos de outrem, as mulheres encontram sua nudez no plástico de loja de sua cara-corpo-vitrine. Aí estala a dança de verdade, tudo caindo brutalmente no chão frio dos que apagam a memória das coisas e sabem que não existem mais (levanta-se e anda por entre os manequins caídos. voz da procura). Por isso, é preciso encontrar o filho da costureira em cada canto dessa sala, o menino curioso e burro que viu sem saber o que via, que viu a mãe perder-se em seu eterno trabalho, os esposos encontrarem seu prazer expúrio, os jovens da cidade trancados no ímpeto de sua investida. Ah, a louca, em ferro e panos costurada, menor que o menino que te odeia. Ele, o louco, que esperou teu sangue escorrer em suas próprias mãos de filho, que rasgou os panos e o medo e te fez breve o banho último. O celerado, o que não pode com as gentes, menino mau que não gosta dos bichos, que come a terra que os outros pisaram (como se fugisse de algo por entre os manequins, escondendo-se, alternando as falas e os sentimentos de perseguidor e perseguido). Você está aí, eu sei, não é mesmo? as doze almas, os doze vestidos, os doze

casamentos... eles chegaram, nos viemos, eu vejo, eu vejo... Acorde, mamãe, pare de moer seu triunfo, as encomendas, a grande festa.... Diz, prá mim, fala comigo, garoto, você acreditava que não entraríamos em sua casa, revirando os quartos, os homens de nossas mães surpreendidos (gargalhada. procurando juntar e erguer os manequins). Me ajudem, me ajudem... Mãe, eles vieram, não fui eu quem fiz isso, não os trouxe, não te matei, não levei todos para meu quarto sozinho e vazio (choro miúdo. ele veste-se com uma das roupas dos manequins, largando-os e se dirigindo para a cadeira de balanço. silêncio. ruído de um corpo que cai, surdo e pesado. É mais frio que antes. Vestido com as roupas rasgadas, ele se balança na cadeira, fazendo ninar um dos manequins sem braço, o que lhe caiu durante os movimentos anteriores. sussurra entre os lábios fechados uma canção de ninar sem palavras e desconhecida mas infantil). Dorme, querido, dorme filho que nunca quis ter. Esquece que estamos aqui para nunca mais sair, presos a esta fantástica visão que nos toma e leva. Triste é ouvir canções e não saber cantá-la... E eu nunca quis ser mãe. Eu poderia beijar teu corpo se ele não estivesse tão frio, me doem os lábios, dói o corpo inteiro ainda, é o que lembro, é o que chega em meus olhos, o último momento, as tuas mãos a tesoura, alguém não vive mais. Só não sei se foi antes ou de depois de você nascer, da noite de amor, antes de mim. Eu não era para ser ela, a que veste os homens, a que tem uma casa com pouca luz. Eu queria ser uma estrela, famosa, com dentes brancos, brancos e morrer mais jovem do que nasci e sem dor e filhos. Eu queria ser a que chega tarde e está em todos os lugares. Clara, Clara, Clara demais. Aí veio o corpo, e a vida e a tesoura(silêncio). Clara ainda está chamando, não meu nome, ela somente, a que nunca voltará. Quando Clara não voltou, os galos passaram a gritar nas madrugadas sem pessoa. Na grande cidade, sem festas e canções, galos em soluço de condenados, eles existem, escondidos entre os que pedem pão, menos Clara, a que queríamos escutar. Os galos, loucos, marcam o fim da noite novamente outra, e Clara não chega, eles sabem. Não posso dormir, Clara virá, eu sei mais que todos, o dia nascendo entre os gritos das aves e o silêncio de Clara. Clara chamando, ela, viva, com palavras, mulher de se ver e pegar jamais. Quem escuta o coro da aves não sabe que voltei, que nunca saí daqui, que Clara sou eu, no fim das coisas, sujas as razões e o golpe para que eu caia. Não, eu não quero ser mãe ser Juraci das roupas e filhos do suor dos filhos, da dor dos filhos, dos homens filhos que vão embora, que correm pelas ruas longe de mim. Por isso eu te matei, mamãe querida, a dos lábios das outras, a que beijava mulheres, em sua loucura. Tudo, mãe, tudo prá ser feito, menos as mulheres, beijá-las, medir seus corpos, ver o que não se pode ver, a visão fantástica, erguendo-se por entre o cansaço dos olhos que não dormem, os meus, os teus, eu, o filho da costureira (nova voz, agora de falar de si, o

que sabe de si mesmo, o que se afirma de si, para se despedir). Um homem pode, mãe, pode muito, pode até deixar de viver, pode, sim senhor, um homem pode escutar os passos, conhecer o rosto de quem geme, a boca de quem foge, o cheiro de quem não chegou (joga o manequim no chão e tira uma tesoura golpeando-o violentamente). Não vai haver mais festa nenhuma, senão a distribuição de nossas culpas, não vai mais haver filho ou mãe, tudo acabou. Leve contigo essas marcas, essas agulhadas, as mesmas, as que sabes fazer muito bem, as que entram dentro da gente e não saem ,mãe, só as doze almas indo uma após, caindo, loucas pelo chão da casa, pelas ruas , pelas estradas, tropeçando em si mesmas, em uma corrida para ver quem chega antes do sol nascer, a algum lugar. Todos nus, como nossos ossos, com nossos ossos frios e pesados de um corpo que cai já não sei desde quando, desde mim, desde ontem, agora mesmo caindo, no imenso azul sem margens de um olhar que se fecha. Toma, mãe, leve contigo a mulher que nunca me quis, a única, a amada, a solidão sem pele e gosto. Montada em seu cavalo branco em uma praça, nua, correndo, os homens e as mulheres fechados em suas vidas vendo tudo e gritando " lá vai a louca sem filhos e sem razão, vai embora pro mal das eras." (em of. , ruído da cadeira gemendo, contínuo, outro de um corpo que cai, surdo e pesado. Após, seguem o de uma madeira se partindo, o de um tronco caindo sobre um chão, o de uma pedra caindo nágua, de uma folha de papel que se rasga, de um tecido que se rasga, de farelos , de farelos enquanto cai também o ator, jogando fora as roupas que não são suas. Vozes em of. pré-gravadas pelo mesmo ator, lamentam e comentam, em gargalhadas:)

- Sabe quem morreu ?
- Não. Quem ?
- Dona Juraci (mais gargalhadas)
- De novo ? Ela já estava morta (risadas)
- Deve ter sido obra do filho, aquele mesmo menino maluco e sem pai .
- Ninguém ainda descobriu quem era o pai do filho da costureira? (risadas)
- Nem vão. Acho que todos nós temos um remendo dela guardadinho...(risadas)
- Menino burro e doente (alternar entre as falas risadas, as vozes sumindo pouco a pouco uma após si.)
- Os holandesas têm brinquedos
- Sofrer por antecipação
- O Garçon é jovem

Cap 2 - O Filho da Costureira

- Oito dias, oito dias me escutem bem
- A loucura é a normalidade dos atos aberrantes
- A falibilidade é estranha para a platéia
- Um homem só
- Resta-nos muito pouco
- Leve é o berço para quem dorme ...

A Grande Vó

Uma cama imensa com muitas roupas de cama, com todos os aparatos de uma cama patriarcal da qual os panos brancos e rendados vão para o chão e do chão se erguem para os céus, tomando o cenário inteiro, cama alta, da qual se pode ver em baixo bacias de metal cheias de água, cama como se dela tudo viesse, o quarto inteiro. Iluminação-cenário que realça sombras e luzes no fundo formando uma aura violeta cercando a cama; entre os imensos travesseiros, a vó dorme excessivamente maquilada, pálida, rugas, mas maquilada de prostituta. Gargalhada imensa e infundável misturando sua voz rouca de velha, sua voz de vó que é o que se espera dela, de morta, de agonia da morta, a morte bem viva falando por entre os desafios da respiração que divide seu espaço com o riso espalhafatoso; nada de movimentos de braços - o corpo ergue-se só no peito chamuscado de riso e de falta de ar. A vó gargalha e chora um pouco; após alterna um choro fininho por entre suas risadas. O papel da vó deve ser feito por um homem com mãos peludas. Entra a netinha. fica um pouco mais à frente da imensa cama tendo uma roupa de normalista. A vó permanece em sua agonia risonha coberta pelos lençóis até o meio do corpo, entre os travesseiros altos. Na frente da cama deve haver um meio fio, uma calçada, um desnível no qual ela se senta e balança as pernas. Algumas vezes ela vira os olhos para trás, para onde está a cama e a avó; seu olhar é de quem já morreu; entre seu vestidinho curto e meias cumpridas, o rosto sempre o mesmo, só a voz alterna sua realidade emocional; ela é uma boneca, um corpo sem alma. Sua fala deverá mostrar isso, como seu olhar já o faz.

- O coletor de imagens já vai passar. Dentro do seu saco cabem todas as coisas do mundo. Ele vai andando e recolhendo tudo que vê. Dá muito trabalho ser coletor de imagens, tirar da terra o que as pessoas não querem mais ou esqueceram por aí. O saco volta e meia rasga e o chão volta a encher-se de coisas como antes. Eu fico aqui esperando sua passagem, torcendo para que caia algo de bom, algo de diferente, algo para a saúde de vovó, algo para o jardineiro que não janta com a gente. Acho que ele tem vergonha, acho que ele é o vovô que sumiu e nunca mais deixou de sumir lá dentro da casa do jardineiro que de dia e de noite não pára de ter luzes piscando piscando e eu não sei o que tem lá. O coletor de imagens podia passar e desligar a casa ou levar a casa com ele e levar o jardineiro e deixar vovô para que essa velha que não consegue dormir pare de me atirar travesseiros e me deixe em paz. Sua respiração vazada em sangue e catarro sou eu que tenho de recolher; de nada adiantam as bacias espalhadas em todos os lados da cama; sempre esbarro em uma quando tenho de limpar o quarto, sempre, a minha vida inteira presa aqui limpando a sujeira de vovó, a que não tem ninguém, a que o mundo deixou aqui prá mim, vinda pelo rasgão do saco do coletor de imagens.

Entra um menino de calças curtas e meias e suspensórios e chapeuzinho; senta-se do lado dela, balança os pés do mesmo modo. Torna seus olhos para trás da mesma maneira. Após fica calado como ela e faz os mesmo gestos . Ajoelhasse no chão como se jogasse bolinha de gude e arrastasse como se se arrastasse em uma guerra.

32

- Eu sou Alomar, o último herói da grande cidade desconhecida. Tenho em meu corpo mais tiros, os tiros de todas as guerras, de todas as guerras, que eu participei de todas as guerras. Uma louca vontade de voltar para casa quando tudo terminar Só posso ficar do lado de fora de casa esperando chegar a noite para voltar, ficar aqui atirando essas bolinhas umas nas outras até elas irem embora para sempre buscar outras para amanhã de manhã. Não posso dormir- preciso vigiar o retorno dos que se foram. Ver se voltam inimigos ou amigos, eu Alomar, o último herói da grande cidade desconhecida; tenho mais feridas em meu corpo que as feridas todas de todas as guerras que participei, eu que participei de todas as guerras.(*Ergue-se, salta, tropeça e cai, sangue desce da boca; a menina olha para ele e*

a fala dela move-se em irritação sem alterar o resto do rosto)

- Vovó, até aqui a senhora me persegue; não vou limpar mais nada; e não adianta se fingir de menino: a senhora é mulher e velha, velha mesmo; nunca mais vai andar e ter dentes. Recolha seus dentes e pare de fazer sujeira. Aqui fora não pode, é o caminho do coletor de imagens. Recolha seus dentes, sua velha porca e imunda que faz a cama parecer o esgoto da rua. Sua velha louca e sem graça que vai morrer logo logo logo.

- Eu não sou sua vó. Eu sou Alomar, o último guerreiro da grande cidade, aquele que protege o ninho das aves e sabe onde as formigas enterraram seus mortos. Estou ferido, venho de uma grande batalha e você deve me socorrer.

- Começa a rir, a menina, como sua vó e continua a rir. A vó movimenta-se na cama, para melhor ver e falar, cessa seu ritual que passa para a menina. Quando uma falar a outra retoma o ritual de risos e lágrimas.

- Meus netinhos, venham com vovó; tenho doces, seios doces e um amor imenso debaixo dos lençóis. Há tanto tempo não recebo ninguém ... Que cheiro horrível empestieira a casa vindo daí de fora. Venham se esconder do velho que corta as folhas e compra garrafas. Venham para as minhas bacias, para meu corpo sempre quente nessa cama.

- Agora tenho duas vós, duas vós porcas, loucas e fedorentas. A vizinha de lá dentro e a vizinha de cá fora. Mais trabalho para uma menininha brincando de casinha com duas velhas, sem ter tempo para as bonecas

- E eu com duas mulheres e tanto ferimento sem ajuda, e ferido mortalmente.

- Venham meus netinhos.

- Seu nome é qual mesmo

- Alomar, o último...*(as interrupções se fazem na menina e no menino agora de mãos dadas como em uma dança de roda, quando um toma a voz puxa as mãos dos outro para si)*

- Tá, tá eu sei, não precisa repetir isso de novo, esse nome engraçado e ridículo, nome que não é de gente da sua idade. De onde você aprendeu essa canção e essas mentiras todas, você que é uma criança como eu ?

- Afaste-se donzela e bruxa, a quem devo matar e salvar. Para longe de mim esses feitiços e esses cuidados. Você está enfeitiçada, marcada por sua própria mágica. Se não estivesse tão ferido, mortalmente ferido eu...

- Tá, tá, tá, eu sei: ergueria sua espada, você de cima de um cavalo de bolinhas de gude e (como se galopasse num terreno baldio) e marcaria para sempre meu rosto de menina com as unhas de suas mãos...

- Quem te ensinou tal linguagem que pereça de modo terrível. Os encantos das profundezas não podem atingir Elomar, o guardião da grande cidade, o último...

- Tá,tá,tá tá, vamos brincar, vamos atrás do coletor de imagens, o que nos abraça e conta histórias sempre as mesmas estórias que nunca consigo lembrar, que é forte em sua voz e leve em abraços, o que pode nos levar de volta de onde viemos, há tanto tempo, o que pode nos salvar, nós , presos entre a rua e a casa.

- Posso levar meus brinquedos ?

- Mas é claro que não. O coletor de imagens virá buscar. Sempre levou os brinquedos. É assim que ele brinca com a gente. (*Uma sombra de mãos aparece, mãos em forma de concha, mãos-pomba que voam e caem em vôo rasante sobre as crianças, que se jogam no chão assustadas, em seus rostos de mortos. No vôo das mãos-pomba, eles se movimentam como se estivessem sendo levados , seqüestrados pelas criaturas das sombras, vagando sobre um mar escuro e infinito. Gritam por socorro, se alvoroçam em seus ais, frágeis crianças no berço de quem é mouro que eles, a vingança dos adultos, a verdade do dia. Fala a vô:*)

34

- Até quando esperar, meus os cuidados e as histórias. Fiz o mundo nascer em seus ouvidos, e os sonhos e os dias. Apaguei a luz da escuridão, ergui os céus de uma nova manhã. Em minha cozinha fabriquei o bom calor das tardes de chuva que não acabavam mais. Minhas as histórias, o que poderia ter acontecido, o que foi, fins e inícios, os sons dos ventos, quem chorou primeiro.(Levante-se e olha para o público, alheia às crianças em seu sofrimento) Estas foram as redes que no futuro iria levantar sobre a terra.(Imita crianças em sua voz) "Então era assim, vovozinha, o mal". "Conta de novo prá mim, vovó, conta mais uma vez". "De novo, de novo." E

sempre o sim, um pouco de mim em cada boca, partes de mim esfaçalhadas em cada pedido. Oraram como eu ensinei, acreditaram no que eu disse, escutaram meu passado, perderam-se por minha causa. Meus meninos, estou aqui para contar a última estória. Eu não era vovó, eu fugi bem pequena da casa, sem ninguém, uma menina sem pai nem mãe, uma vó, a que sabe bem falar, dedos ágeis, gorda, sempre o bem, gordo e redondo como os biscoitos de vovó, como as histórias que se acabam. Vovó era o mal debaixo das camas, o olhar de dentro dos armários, o amiguinho que se foi, o parente que não veio a carta que não chegou, a primeira surra, um beliscão. Vovó não veio mais. E encontrei vocês em minha porta, embrulhados em jornal; alguém esqueceu isso. Agora é noite para sempre, vocês mais perto que minha cama longe. Cresceram bem e não é preciso gritar; eu estou aqui (*grito maior ainda, rasgando o teatro inteiro, rasgando a própria escuridão que os embala. Forte luz que desaba sobre o palco, lançando os menino para longe, fazendo cair a vovó no chão, apavorada, agora a vovó menina primeira. Entra um velho com chapéu de velho e um saco nas costas, um velho com um imenso peso nas costas, assobiando uma canção de ninar que acorda. Ele cruza o palco e se situa diante dos meninos e fala:*)

- Pronto? Já podemos voltar para casa? Eu não demorei muito, não? Quem são vocês?

- Eu sou Alomar, o guardião da grande cidade. Tenho...

- Tá, tá, tá, tá. Chega, menino bobo, parece aquela velha que eu esqueci qual o nome. E o senhor? Não parece vovó, mas pergunta muito. Estamos esperando alguém, esperando a hora de voltar para casa, eu e meu irmão.

- Mas ainda é cedo. A noite de ir embora. Não é dia, mas alguém se lembrará de trazê-lo. O que fazem aqui tão tarde?

- Prepare-se, senhor dragão misterioso e corcunda. Responda: onde está o coletor de imagens? Por que você o comeu e nos quer devorar agora, se puder escapar de nossa emboscada?

- Isso mesmo. O que têm nesse enorme saco, um velho com duas costas, um velho sem dentes, com cara de minha vó, outro velho porco e doente para eu cuidar, uma menina que sou? Volte outro dia.

- Vocês não sabem? Há muito perigo, por isso sempre dormimos cedo, sempre colocamos vocês dentro de casa, na cama. Nunca fiquem debaixo das cobertas, ou das camas. Deixamos muitas coisas que podem ferir nos quartos. Os caminhos já foram feitos, os quartos distribuídos. Batam nas portas, lavem os dentes, falem baixo, alguém não gosta de vocês não sabemos porque. As crianças, por que vieram? ... A casa, ela sempre esteve ali, quan... (*enquanto falava, a vovó se levantou e o empurrou, fazendo cair e abrir o saco de suas costas. Do saco caem sujeita, fotos rasgadas, penas, animais de brinquedo, cavalos e cães e um banquinho. As crianças choram. O velho toma o banquinho e se senta, toma as crianças no colo, como se elas fossem dois bonecos e ele um ventríloco. A vó vai para trás do velho e acaricia as costas dele, escutando com muito prazer cada estória que se segue, rindo e chorando. Fala o menino:)*

36 - Eu vim depois, eu sabia. Nunca andei de pônei, mas todos andaram. Era preciso que eu dissesse a verdade, que eu andei de pônei também, o cavalo-menino que não fala e obedece, eu em cima dele, pelos campos que vi na tv, um menino-homem em seu cavalo-menino, o menino agora dizendo o que deve ser: eu andei de pônei, meus amigos, eu andei mesmo, como vocês, nós todos, uma manada de pôneis pelas pradarias verdes, verdes, muita grama, todos correndo, o imenso mar de grama de se não ver o fim, meus amigos. Daí paramos na casa da tia Quêda, irmã de papai, atia em sua vlehá casa de capo, sem luz, só o lampião cheiro-ruim e a longa noite sem olhos, os rostos dos barulhos. No escuro brilhava uma jóia rara, um relógio como eu nunca vi, meu relógio, agora era meu, não de tia Quêda, eu sei. Eu trouxe o relógio, eu vim de pônei branco. O meu relógio que melhor via na escuridão do quarto de tia Queda, no sono de todo mundo. Meu relógio prometia coisas para mim, se o levasse dali, daquela casa, meu relógio falava e ria e era doce e leve em minhas mãos, lá do quarto de tia Queda, quando as histórias cessaram e todos foram dormir. O relógio me prometia o que seu sonhava e eu via em seu rosto de vidro refletido não o tempo passando mas os desejos, não o pônei, agora eu quero outras coisas, mais e mais, a minha tv do relógio, o meus rosto que sorria, o meu relógio que precisava levar. Levantei na escuridão e peguei o relógio do quarto da tia Queda, correndo sem olhar para trás, casa à fora, na noite

de mutas estrelas. Perto do rio joguei o relógio de manhã buscar, mas esqueci. Tia Queda morreu sem seu relógio. Nas férias é bom pescar...(*é interrompido pela menina que se levanta*)

- Tá, tá, tá,tá, tá...garoto mentiroso, o herói da grande cidade. Me ajuda aqui. Vamos levar o avô e a velha prá dentro.

- (o coletor de imagens) Já é tarde, meninos, e ainda os armários não foram fechados. Olham apra dentro, no fundo do quarto, vejm o que as portas e as gavetas escondem, vejam as roupas em sua vida de escuridão. É o medo, meninos, é o medo. E ele sempre virá. Eu recolho o que jogam fora de dia mas de noite trago tudo de volta. Tudo que se faz aqui não fica perdido. Os homens não descansam enquanto não reencontram seus brinquedos. Eu trago tudo prá vocês, não se preocupem. Nem precisa me chamar. Cruzo as ruas, entro nas casas, e faço ver o que se escondeu.

(*a velha indo em direção das crianças apavoradas*)Venham, meus netinhos. As camas já estão prontas e eu tenho sede. Venham comigo cuidar da sede da vovó. Em meus braços os sonhos serão belos. Eu não durmo pensando nos corpos de vocês. Mesmo que eu espere, vocês crescerão, os dois netinhos da vovó.

(*o coletor de imagens se aproxima das duas crianças e da vovó, completando um cerco de feras que rondam quam nada lhes deve*) Contem tudo antes da cama, deixem tudo aqui prá mim. Eu preciso de tudo antes dos sonhos. Eu quero é o dia, o dia que me tomaram, sujando os caminhos com esses abandonos. O lixo do mundo caindo das mãos das crianças. O que seria para o olhos agora é pisado por todos nós que não vemos como o chão de uma criança é muito, é demais. Me devolvam, garotos, me devolvam o que eu trouxe de volta.

(*A avó se aproxima mais, fechando o cerco, empurrando os meninos e grita intensamente*) Vamos dormir,que ainda é cedo, vamos dormir antes que alguém o faça. Venham para cama, que eu vou contar umas histórias, os terríveis casos de doenças e mortes, a noite é longa corredor adentro.

(série de frases como confissões enquanto o menino e a menina são arrastados de cena)

- Eu juro que não foi eu, eu vi o menino expiando a tia linda de corpo branco como as águas, só os pêlos fazendo a novidade, ba-

nhando-se como nenhuma outra pode fazer. O corpo branco escorrendo por entre o vão das paredes de madeira, um olho só para tudo aquilo.

- Eu juro que rezei tudo como devia, um pouco menos só um pouco, alguns slamos a dever, outro dia, no dia seguinte, este não, no próximo dia repretir as palavras escritas, no silêncio alto de minha cabeça.

-Eu juro que não fiz isso, isso tudo não, mas aquilo foi quase idéia, deixar os meninos caírem do berço, contar seu movimentos, saber que bastaria olhar para o lado para que a queda viesse, meus olhos par aum lado que sabia o que ali havia.

- Meu era o ódio, chegar cedo em casa e ninguém. Quebrei as janelas e saí correndo pela garagem perseguindo o ladrão que quebrou as janelas, tão iguais ele e eu em nossa corrida. Ninguém nos viu além das janelas quebradas no chão.

Casal na Cama

Diálogo minimalista sem ninguém

Ato 1

Uma cama, um bidê com bacias com água. Toca o relógio, os dois , homem e mulher, viram de lado, em posições opostas. Estavam longe, ficam mais ainda. Demora. Ela acorda e diz que vai fazer café, como sempre. Ele a puxa para si e diz:

- Hoje é domingo, Ellen, domingo.
- Por que você pôs o relógio para despertar ? São seis da manhã. Por que me acordar seis da manhã de um domingo ?
- Você acha que eu planejei tudo isso ?
- Claro que não! Mas por que acordar tão cedo ?
- Eu pus o despertador desse jeito, fui eu.
- Não entendi .
- São seis horas e três minutos. Eu acertei o despertador para as seis no domingo.
- Me largue, me deixe.
- Calma.
- Não fale nada. Vou fazer café agora mesmo. Hoje não é domingo. Você fez isso ano passado. Uma manhã , quase noite, no inverno, Mary descobriu tudo enquanto você ria até o almoço debaixo das cobertas.

- Ellen, agora é diferente. Não vou trabalhar. É cedo. É domingo. Acordamos. Esqueça o café.

- O café ? Nunca. O café me leva longe daqui. Sabe, quando casamos eu não suportava café. Água escura, doce e quente. Aprendi a fazer café para sair do quarto.

- Café e relógio. Os tempos. Há vinte e cinco anos casamos. Pus o despertador para conversarmos, não para o café.

- Mas eu não faço café para nós dois. Eu sinto frio e só percebo quando acordo. Mais frio à noite, antes de dormir, antes de rezar. O dia inteiro ando com o peso das lãs. Muito frio em tantos anos.

- Ellen, ainda é cedo. Dois, os filhos, Ellen, demoram para acordar...

- Você dorme, é só isso. Nem relógio, nem meus gritos, nem a queda do céu adiantarão. Não há ninguém nesse quarto além de nós. Não há casa, filhos, outros.

- Paul e Beth acordaram. Escute o teto se mexendo, os ruídos.

- Volte a dormir, querido. Nós não temos filhos, nunca poderemos. A cama é de molas, as paredes de madeira. Sua tosse expulsou os vizinhos. Eu fiquei desde o início.

- Ellen, é cedo. Viemos ver o dia nascer, a nova vida. Os meninos não vão rir do que fazemos.

- Cale-se, doutor, como todo dia, quando sai e volta, visita as casas, escuta as gentes, corre a cidade e me traz somente roupas, roupas sujas, as mesmas pedindo água e meus braços, as roupas dos outros que aumentam o vazio da casa, roupas que não quero, sem corpos, roupas de liquidação, sujas e rasgadas, para que tantas roupas, tantas, entre o médico e a mulher.

- Mas hoje é domingo, Ellen. Não vou trabalhar. Ninguém morre num domingo. As dores sabem se calar.

- Eu não, doutor, que durmo doente, que não posso mais dormir.

- Como ? e os sonhos ?

- Sonho de dia, além das paredes, fora da casa, Ellen-menina.

- Nossa filha ia se chamar...

- Cale-se, homem, cale-se. Não há ninguém, todos se foram. Você visita os mortos para ter certeza disso...

- Não grite, Ellen, eu sinto que eles nos ouvem. O teto é baixo. Estão tão perto como esta coberta.

- Doutor, doutor -saia desse quarto e vá ver seus mortos. Hoje não é domingo. Eu arrumei o despertador como sempre, todo dia, antes do fim da madrugada...

- Espere, Ellen, deixa ver se eu entendo. Você está querendo dizer que não sei onde estou , que nossos filhos, que meu trabalho e sua vida...

- (ela faz gesto com as mãos e com os lábios que tudo acabou)

- Repete a última parte...

- (refaz os mesmos gestos)

- De novo ?

- (refaz os mesmo gestos)

- O que é isso ?

- É quando tudo acaba, quando ... eu não sei falar...

- (ele retoma os gestos dela)

- Não é assim. É pior que isso...

- Faz prá mim.

- (ela fica de pé na cama, pula imitando um pássaro, batendo as asas, pulando muito alto e forte, da boca zumbindo "cego não escuta a mulher que chama "repetidamente com seu vôo, até cansar. Ele a segue, imitando-a, até que ambos cansem juntos, ofegantes).

- O café, Ellen, você ia fazer o café...

- O que ? Ah, o café... Eu já vou, já vou, como sempre. Deixa só o frio passar.

- (ele joga a coberta sobre si, reclamando do calor.) Que calor, Ellen, quanto pano sobre nós. (tira a camisa do pijama. Ela fecha os olhos e grita:)

- Não...

- Desculpe, Ellen, (traz a coberta para o mesmo lugar) mas pare de juntar toda essa roupa sobre nós.

- Prá baixo, da cama, homem, prá baixo, da cama, de castigo.

- Eu vou, eu tô indo, calma...(ficam em posição invertida

ela no mesmo lugar ele para baixo, como uma carta de baralho)

- Hoje é domingo, doutor, um dia diferente. O casal se separa, os cães não se coçam, todos vão comer galinha assada.

- (rindo) Ellen, Ellen, Vinte cinco anos... com frio ?

- Sempre.

- Eu sei a cura.

- O café, não é mesmo ? (ergue-se e ele a puxa de volta)

- Fique. Sem barulho, senão os meninos...

- De novo...(ele inverte seu lugar na cama. Ficam frente a frente, mas em cantos opostos) o que é isso?

- Teus pés, vem.

- Para que ?

- Teus pés nos meus.

- Mas hoje é domingo.

- Quieta. Empurra, força, vamos, assim (jogo de força, como se pedalassem com os pés, os movimentos debaixo da coberta, as risadas, uma brincadeira infantil. Continuam a brincadeira enquanto falam)

- Lembra quando nos vimos pela primeira vez, Ellen ?

- Fala, fala. Com o frio eu não escuto, eu não lembro de nada. Conta prá mim (olhos fechados. Ela com gemidos)

- Minha Ellen e eu no parque. Escorregador, balanço, areia. Nossos meninos para o parque aos domingos, nós mesmos, brincamos mais que todos, giramos juntos, os pés pisando a terra. "Não largue, Ellen, as duas mãos, as duas mãos". E o mundo girando sem parar, girando muito, não é mesmo , Ellen ? Eles em volta de nós, a roda imensa, ruidosa, a maior aliança que já existiu. (vão falando e aumentando o movimento dos pés)

- Eu tinha medo, e minha saia era curta, do mesmo pano das bonecas. Eu tinha medo de ficar sem roupa, o sutiã branco, a calcinha com bordados. Eu não escolhi isso, nadinha, mesmo que ficassem por baixo da roupa. Imagine uma mulher quase-zebra, uma toalha de jantar velha, para o café sem visitas...(na fala dela os movimentos diminuem até que ao fim tudo pára de repente e eles se entreolham. Ele a toma pelos ombros, sacode e diz:)

- Aí veio o frio, não é Ellen ?

- Foi, doutor, desse jeito (Silêncio. Ela esmorecida em seus braços, rodando a cabeça em gemidos. Após, abre os olhos, grandes olhos agora como se tudo voltasse ao tempo de antes, mas sabendo do atraso. Ergue-se e o chama:) Vamos, doutor, levante já. Já são seis e meia. Levante, hoje é domingo, não ? Estamos vivos(toca-se)? Estamos com sono e é só. (batem na porta firme e forte. A porta ecoa ruidosa. Entreolham-se assustados, como crianças em noite de histórias más. Escondem-se debaixo das cobertas. Batem de novo e mais forte ainda mais .Eles tremem e se assustam, os que se esconderam. A cada batida a iluminação projeta-se mais forte e treme também. Ainda debaixo das cobertas conversam :)

- (ele) Viu, eu não te disse, eles sabem de nós, eles vêem os meninos, não dormem não. Também, com tanto barulho, tanta conversa, parecendo como desconhecidos que se perderam em uma noite sem ninguém...Parece que estamos lá fora...

- Ninguém bate só duas vezes. Isso não está certo. Nós somos dois e não nos damos bem.(apaga-se a luz no palco)

- Ah é, quantas vezes o relógio tocou ?

- Não sei. Lembro apenas que abri os olhos e desliguei.

- Viu ? Com quantos pés na praça brincamos ?

- Dois meus, dois teus .

- Com quantos pés cansamos teu frio ?

- Dois meus, dois teus.

- Quantas vezes bateram na porta (Batem duas vezes mais intensamente que das outras vezes. Ele sai das cobertas por uns instante e logo volta para onde saiu. Ela grita apavorada com voz de adolescente:)

- É meu pai, é meu pai, vá embora, doutor, a febre passou...(Silêncio. Um tempo. Ele cai no chão. Volta a luz. Ela com peruca de cabelos longos e branco. Ele pergunta:)

- Onde dói, minha filha, onde dói que eu não agüento ver tamanha dor...

- Calma, homem, calma (ela se vira de bruços, o rosto para o público) Eu disse que era difícil...

- Tanto assim ? e no escuro, como se amante aqui embaixo da cama, tudo ao contrário...

- Cale-se, filho de minha irmã, cale-se. Acendi a luz sem

pressa. Fique aí embaixo, empurrando o colchão, me imaginando nua...

- E a doença, e a mulher que cheira a urina, trazendo a morte ? Um dia eu mordo a espuma todinha aí em cima, como se estivesse aí , do seu lado...(no bidê, ao lado da cama muita água que da qual ela bebe abundantemente, derramando-se pelo corpo inteiro. Joga a água do jarro em sua boca que é pequena para guardar o que deforma sua maquiagem. Lança a água para fora em seus gemidos surdos e estancados, a luta da água com a garganta. Inicia-se um debate verbal entre ela e ele, intenso a cada instante)

- (ele) Não me provoque sua velha,. Eu quero a sujeira de teu corpo.

- Mais, mais, mais...

- Me deixe, não me deixe aqui dormindo...

- Mais, mais, mais...

- Sou só um médico, mulher, não sei quando isso acaba...

- Mais, mais, mais...

- somos três, e alguém nos quer longe daqui, longe de nós mesmos...

- Mais, aperte, mais, morda mais essa espuma tua carne, quase nós dois.(a cama cai em cima dele. Um grito sufocado. Ela sai da cama e olha para ele. Ele continua oculto pelo móvel) Alguém gritou, eu sei. Existem os meninos, estão vivos ? (abraça um travesseiro. Muda a voz, como se menina fosse) Não me lembro de ser mãe, de enjoar e ter desejos. Quando bateram na porta, era cedo, muito cedo. Eu tinha febre e o quarto era úmido. Uma cama só para mim, me diziam, um quarto só para mim. Eu era menor que tudo e nem sabia correr...(silêncio) Febre, muita febre depois, febre em tudo que via em volta de mim. Dois dias mais tarde parei de gritar e ver o mundo perdido , cansado de girar. Aí ele veio, o médico. Bateu na porta e entrou dentro de mim. Disse que não havia mais ninguém, deu-me um copo de café, olhou seu relógio e partiu não sei por onde.(senta-se cansada em cima da cama) Doente ele, um médico, o homem com pragas (fala baixinho, docemente, como se rezasse, palavras sem sentido que vão diminuindo, junto com a luz no palco. Baixa o pano.

Ato 2

(O mesmo cenário da primeira cena. O intervalo é curtíssimo, quase de imediato todos retornam ao placo. A cama arrumada. Toca o relógio como antes. O casal novamente em seus lugares como no primeiro ato. As reticências indicam voz ofegante e cansada)

- Ellen, hoje não é domingo ?

- (ri)

- (alegre) Ellen, é isso mesmo : hoje é domingo, não ?

- (ri)

- (ri) É isso mesmo, ontem os Saubers vieram jantar conosco.

Em seguida, vimos tv até às duas. ..Ora, merecemos mais da manhã, não é mesmo ?

- (ri)

- (sério) Ellen, você acordou ?

- (ri)

- Ellen, pare de brincar. Eu te conheço. Não sabe disfarçar.

Logo logo já vai correndo fazer café.

- (ri)

- (ri igual)

- (ri)

- (ri pensando...)

- (ri)

- (Volta a dormir, vira-se de lado. Ela fica sentada agora na cama como se risse, o riso estancado na face imóvel, no silêncio mais imóvel que sua face. Ela tem os olhos assustados. A fixidez e o tempo.)

- Eu sempre soube, desde menino - ela tinha morrido. Meu pai me disse para não casar. Mas como ? ela ainda era viva, os vestidos de crochê, correndo sem parar. Minha janela de frente à sua. Ela morreu bem cedo, fugindo do sol. Morreu com as sombras, comeu-as todas num adeus em fim de tarde, pequeno ponto de se não ver mais, quando fugiu daqui, longe, bem longe, para fora das janelas e da casa. Ele era menino, eu depois, dois dias, marido e mulher. Nunca seu corpo viu a terra que a descansaria. Temos dois filhos, no andar de cima. Ela é escandalosa, veste-se assanhadamente e saber fazer café. Dormir não é problema, mesmo que o relógio nos acorde. Eu a prendo nessa cama,

nesse quarto, com esse homem que já não é mais, que nunca soube o que era o corpo, debaixo dos lençóis. Tudo é frio como a pressa de acordar...Eu não sei de onde ela tira essas coisas, essa vida que não entendo, essas manhãs de domingo que eu escuto surgir madrugada passo a passo... (duas batidas na porta. Depois mais duas, como antes. Ela desata a rir)

- Fale, Ellen, eu quero rir também, me conte...
- (responde entre risos)Você é mulher, é mãe sem ser avó
- Ellen, Ellen mais, mais, Ellen...
- Sua barba é limalha de ferro
- (ri)Ellen, mais, fale mais...
- Já sei porque sinto frio.
- Isso, Ellen, essa é a verdade...
- Então você sabe ?...
- Sempre fui eu, sempre soube, irmã...
- Foi você quem morreu...
- sim, irmã, desde sempre.
- A praga existiu ?
- Existe ainda, amor, está em toda parte, vindo com nossos

olhos, os que nos emprestaram..

- Os vivos, onde ? Aqui? Onde ?
- Só você, Ellen, viva nessa cama, ou quem sabe ...
- Mas hoje é domingo. Ainda é muito cedo...
- Não é mais , Ellen, poderia ter sido cedo, há muito tempo

46

atrás. Não mais, Ellen, a menina do olhar, nunca mulher, sem ninguém, esperando que lhe cantem músicas, que lhe peguem pela mão, entre os risos sem dentes dos que não chegaram, não vieram, não partiram para cá.(novamente as batidas na porta, como antes. Duas e mais duas)

- (desespero) Eu vou fazer café...

- Para quem, Ellen, para nós ? O frio acabou, você bebeu tudo que tinha no mundo, aqui no quarto. Só a sede, não o frio. Não mais, Ellen, nunca mais será outra vez o antes- eu escuto tudo isso, toda vez que acordo com você, na mesma violência do relógio que nos expulsa de onde não estamos.

- Eu vou fazer café...
- Cale-se, Ellen, me deixa somente abrir a porta.

Cap. 4 - Casal na Cama

- Não, não temos filhos(Ele se levanta em direção à porta ou ao que parece ser um lugar de saída ou entrada)...
- Nem poderíamos. Venha, abra essa porta.
- A doença vai entrar...
- Abra a porta, por favor, para mim...
- É tarde, é tarde para nós...(apagam-se as luzes. Uma demora como para se respirar)
- (...)

Caim

Diálogo Primeiro

Passa alguém alto, vestido de imensas roupas negras caindo por seu corpo. Varre o chão, ao som de músicas de Wagner, distorcidas. Cabeça baixa, lentamente concentrado em seu balé-trabalho, ele cruza espiraladamente o palco, até sentar-se em uma cadeira que está no meio. A música diminui gradativamente enquanto ele se aproxima e se senta na cadeira. Ao pé dela aproxima-se alguém que se arrasta, um suplicante, entre seus gemidos e choros, até que depõe sua cabeça no colo do homem de roupas negras que continua olhando para o infinito, em uma fome pelos limites de deus. Após alguns instantes, coloca suas mãos sobre a cabeça do suplicante, vestido todo em andrajos, a mão para trás, segurando uma faca, um mendigo dos tempos, em busca de calma para seu breve mas intenso desespero. As mãos pesam, sufocando o gemido do que chegou depois. É hora de tudo começar.

49

- (acaricia mecanicamente os cabelos de quem tem em seus joelhos, prá guardar a distância e a impossibilidade de compaixão). Teu nome é Caim, e não outro. Único a nascer, Caim somente e para sempre. O menino que cruzou a terra e ainda vive.

- Eu venho pedir perdão, pai. Perdão é pouco, eu sei de tudo. Peço assim mesmo, como todos pedem.

- Cabelos úmidos...o suor de quem viaja. A minha roupa se molha de teus caminhos - tanto esforço para continuar a sede.

- Pai, me escuta, já que não posso mostrar meu rosto. Eu vou fazer, não há outra maneira de ser Caim.

- Mesmo úmidos, teus cabelos ferem, areia que sangra os pés dos que andam muito. Pesada é tua cabeça em mim. Mesmo sentado, não há outra maneira senão esperar que o encontro seja breve.

- Nada adianta, nem minha presença aqui - sou desconhecido para quem não me ouve ou vê. Tenho as mãos mais ágeis e o corpo não se entrega fácil. Um pai é menos que isso, menos ainda que sua cegueira, fechado por dentro e por fora, sem ninguém senão o dever, sem culpa para quem não viveu nem matou. Um pai é menos, muito menos que o cabo da faca, faca velha e sem fio, um pai nem tem nome. Escuta, homem, eu trago as boas novas, a nova era da libertação.

- Um menino que corre, para longe, à noite...é sinal que pode voltar. Mesmo que tudo deixe de ser o que é, a casa continua aberta e uma luz sempre acesa brilha dentro dela, deixando ver a espera e os lençóis.

- Cale-se, pai, cale-se. Eu preciso que me escutem, antes que tudo aconteça.

- Antes, eu lembro, sei bem que o suor no corpo é véspera da luta. Alguém virá nos dizer o que já aguardávamos, nós, prostrados ao infinito, implorando que um deus viesse e jantasse conosco, o calor das chamas na madeira abatida, carregada, desfeita em pedaços pelas mãos dos que podiam, a madeira no chão nas costas e nas mãos, entregue a nós, para que houvesse comida e abrigo.

- (começa a riscar a faca no chão, em um movimento ritmos no qual a luz diminui e se pode ver e escutar o arranhar belicoso das faíscas no chão, no seu movimento de um arco que gira) Ah, histórias de velhos, dos que morreram sem serem mortos, não sentiram o que os metais do mundo rasgam e torturam ...fracos, os velhos com medo de algo mais profundo e que brilha nos olhos.

- A noite inteira, ao som das brasas, esperávamos que a noite nos devolvesse o que partiras, os mocós em sua bravia luta contra as trevas e o mato. Arranhados seriam pelas raízes retorcidas e pelos galhos pendentesC caminhando para nenhum lugar, em sua ce-

gueira escondida e muda, facilmente cairiam pelo chão, doentes e feridos, com os rostos marcados pela unhas e garras do que buscam tingir e não sabem, envoltos numa noite pesadas, e sem amanhã, um frio na alma, afogados, respirando baixo com o pós da terra no rosto que sangra. Eu apenas diria voltem...

- Pai, não há como perceber que eu sou mais forte, que me ergo(levanta-se com a faca. Luz forte projeta sua sombra maior que ele mesmo) e me agiganto, enquanto os pés imóveis e a cabeça curva-da de um velho esperam que de um golpe só a voz que afugenta os monstros e os assassinos fujam horrorizados ? Uam faca, pai, uma faca que brilha e esquece da luz, uma faca enterrada no peito daquele que assentou-se e perdeu seu lugar aqui.

- Teu nome é Caim, sempre o mesmo para onde teu corpo fizer morada. Eternamente preso a tua mão que não entendes, rápido e tanto que não olhas para trás, uma multidão te espera, não eu. É preciso que ser maior que um jovem , maior que uma faca para que os homens possam acordar. Teu cabelo ainda é suor, mal chegou aquele se foi, o ladrão das madrugadas, um corpo sem filhos e sem dor.

- Pai, é pouco o que tenho, em tua frente, com a voz que traz o fim e fará o velho cair sem vida ?

- Enxugue o suor, que lágrimas não há. Um rosto em pele pálida e vazia, um livro a surgir, uma mulher o dirá. (Ergue-se, rasga parte de suas vestes e entrega um pano para o rapaz que afasta de si o pressente com a faca que atinge a mão do pai. Este, fita o jovem com olhar de ira e cólera que um assassino requer. Ao mesmo tempo, ao lançar o braços par trás, fugindo da faca, abre os dois braços como uma fera que se prepara o abraço fatal)

- Caim, sempre Caim, eu posso ver o rosto do que não nem olh a(o filho deixa cair a faca e dá uns passos para trás) mas não posso escutar tua volúpia medrosa por entre os dentes que tremem junto com o corpo, engolindo o resto ou o quase de uma provocação que obrigaria outra resposta. Caim, sem faca, sem ninguém, sem pai que proteja. O matador sem vestes ?(puxa e rasga as roupas do jovem) O matador de rosto espancado ?(um tapa lança o jovem para longe que cai e se arrasta sem sair do lugar) O que vejo eu, o que escuto ? A morte caída no chão, sem dentes, faminta de casa e roupa para que a vista , a coitadinha, a morte-mulher- mulherzinha, fraca e sem dor

como o ciúme. Caim é a morte jovem, a que mora na cabeça e precisa de facas, a que vem quando a vigília dorme, quando o calor da vida inteira esquece de sentir a brisa de um mar sem luz que se aproxima de repente. Caim não pode matar, Caim-morte é mulher sem filhos, a prostituta paga que foge da cama. Uma jovem nua que rouba para comer com o bolso cheio de esmolas. Ah imensa raiva de fazer-se vivo, de acordar contra o ínfimo que se estilhaça na janela. (Diminui o ímpeto, recolhe a faca no chão, colocando na cintura e pega a vassoura perto da cadeira). Varrer, varrer , a vida inteira. O chão, e olhos no chão. Limpar daqui essa nova raça que impregna os pés dos que traçam os caminhos. Um dia virá em que o pai vencerá o tempo. Sentado em sua cadeira, dormindo com as imagens de seu passado, ele saberá dizer que boa é a multidão apagando a fogueira, não havendo ninguém mais para esperar, que as casas se fechem com os homens por dentro, que a noite seja somente noite, escura e vazia lá fora, longe de nós. (mais devagar e cansado, ele fala, enquanto o filho egue-se, arrastando-se para o pai que está de costas, irado o filho, limpado seu sangue derramado com as mãos) Caim não virá jantar conosco, beijar o rosto da mãe e fazer as preces. Caim terminou com as cinzas da fog...(O filho retira a faca, cravando-a- nas costas. Um imenso grito, seguido pelo voltar de olhos do pai para o filho, como se assustado estivesse não pelo que vê mais pelo que sente, a morte entranhada. O rosto desfigura-se em um imenso lamento em gritos que o fazem contorcer. Em pé, o filho permanece gélido vendo cair o gigante último a ser vencido)

52

- (após alguns instantes , fala) Pai, que já não és, eu vim pedir perdão, Pai, um filho, as mãos com o nosso sangue, juntos os dois, nós, afinal. (em ritmo de fábula, de conto de fada) O tempo comeu uma erva má e vomitou seu espectro. Em seguida, correu atrás da fonte que cega a dor, mas a água secou. Correu atrás das mulheres que lavavam as roupas e elas tinham partido. Desesperado, o tempo pediu chuva e um raio dos céus o matou para sempre. No lugar em que o raio caiu, uma planta nasceu e ataca os que por ali passam , pela terra adubada pelo tempo, assassinado que foi pelo céus e pela terra. Eu comi desse fruto e nasci, entre as folhas dessa planta florescendo. Uma mulher a flor tomou e me colocou junto de seus cabelos, perto do beijo que um homem roubaria de sua boca. Entre o suspiro da mulher e

fôlego do homem, surgi no ardor do corpos, maresia das águas mornas, restos de animais expulsos das águas, areia-carcaças. (aproxima-se do pai, abaixa-se, senta no chão e coloca a cabeça do pai morto em seu colo, acariciando seus cabelos) E eu era o que partia deles, escorrendo pelas peles em arrepio e ausência, o inominável do desejo, o que se sobrepõe à névoa e à carniça, o menino bom tão sonhado, o menino das horas em que o sono vem, ele, o futuro da casa, a canção revestida de espera e amargura. (olhando para o pai, como não fizera antes) Eu demoro, Pai, eu demoro para vir e me criar, eu me perco nos caminhos que não conheço, eu preciso me erguer antes que me esqueçam. Um homem virá, pai, e não eu, com a mulher nos braços, e não a faca e o sangue. Ele fará a fogueira e fechará a porta. Nós, aqui fora, sabermos ouvir o grito das feras e o calor das plantas esperando o dia cravar-se no céuM mússca de Wagner, novamente. Escuridão quente e abafada).

Farsa do Quem Quer Amar

Saloom. Um salão de baile, antigo, fumaça dos cigarros. Começa a tocar a música que está no fim da peça, todos estalando os dedos, o baixo fazendo tudo dançar, a banda dançando mais que tudo e todos, o que dá o tom burlesco-sério da peça... Quando os atores se movimentarem, cessa a música. Em frente, à esquerda de quem vê, enorme bacia de latão para banho e com água, vestidos, saias e roupa de cama jogados pelo chão em volta. Nela, um homem vestido de noivo espera a chegada da que não virá, fixamente olhando para a plateia que some em seus olhos. Após alguns instantes, entram três mulheres velhas chorando, um coral de vozes sem sentido empurrando uma cama ruidosa com uma mulher desfalecida, os braços pendendo, um êxtase, adereçada para dormir, sem cobertas. A cama pára ao centro no fundo da cena. As velhas ficam atrás da cama como se vigiassem a mulher. Falam entre si sem dialogar, falam em uma Homília, ler com temor, voz das sombras ruborizadas:

55

1- com você morta, eu poderia sair sem medo, olhar nos olhos dos que me conhecem, comprar novas roupas, um cheiro, um novo cheiro para o corpo que ainda vive...

2- roupas, minha filha, vista-se, fique dentro da casa, dentro de sua mãe, a que chora com os hinos para o deus do inverno e o deus do livro de muitas folhas...

3- quando eu era menina, um homem bom me contou histórias em seu colo amargo e nunca mais precisei escovar os dentes, ou gritar. Minhas poucas mãos menores que a cor branca da pele sem

amanhã cuspiram o suor do moço que me viu sorrir e agora eu durmo outra vez...

4- eles chegaram tarde, vindo de todos os lugares, como antes; alheios a nós, elas, trazendo mais bocas que rostos, não tinham rostos mesmo, não queriam ver, eles ali, em volta do sangue, a menina, aquela, a que lhes pertencia, elas não viram, todos em volta da morta, que não gritava mais a vida saindo entre as rasgadas vestes...(ele começa a recolher os panos que estão em volta e faz parecer que as lava, maior o ruído da águas florescendo para fora de sua banheira e do barulho da fricção da roupa contra roupa que a limpeza)

5- eu mesma não viria até aqui se soubesse as razões, tamanha confusão sem respostas, só as gentes, e é noite lá fora, perto daqui. Eu mesma pediria que todos voltassem para suas casas, que deixasse a rua pronta para o dia que abre os lares e esconde os que amavam. Ninguém comigo, ninguém com força para erguer-me das madeiras sujas e envelhecidas dessa casa vazia e nua...

6- foi ciúme, uma incerta mão que retornava a pedir, saindo de suas sombras. Hoje ou nunca, ninguém, a decisão. Algo nos toma e leva, como antes, meninos a matar passarinhos porquê. A mira feita, a ave que voa, inveja da mão que atira coisas. Meninos novamente, com medo da mata alta, esquecem atrás a pequena carne de ninguém.. Foi ?(começam a lentamente girar a cama. Ao mesmo tempo ele fala, com voz cansada e ofegante, sentado na bacia, os braços em volta da lata, um corpo descansado para uma voz tensa, fala olhando fixamente em frente, os lábios acompanhando e mordendo o rigor de uma voz que sabe de uma redenção, que não tem um passado com o qual hesitar)

56

-eu poderia ter feito tudo diferente, mas estava só, seus amigos eram meus e não havia ninguém para me escutar. Sem o que dizer, tudo ficou mais fácil e coube em mim. Um pouco demais prá mim, pequeno e tanto , minhas unhas já cortadas, de meias meus passos da cor das raízes. Poder gritar eu podia, esperar até isso, dentro de mim você muito, muito mesmo para mim, muito de sua pele - eu corto devagar- muito de seus dentes - eu trouxe todos- muito de seu sexo - eu beijei prá lembrar. O céu, amor, vire os olhos, há tempo o céu era pesado demais, longe de se pegar , não me deram mais. Era somente eu agora vendo que o céu tem cores que você não disse nada. Nem esse segredo, amor, nem essa vida minha ficou contigo. Eu dizia

que ia chegar e num abraço, quando chegava, já estávamos lá dentro do quarto de sua mãe suados manhã outra vez adeus, todas as tardes, domingo, todos iam rezar menos nós. Era só o que eu sabia, a sua casa de sua mãe, ali mesmo quando um homem te levou entorpecer, não eu. Eu vim buscá-lo em teu corpo, tirá-lo de você, todos eles, os que vieram antes e há pouco. Você nunca me ouviu que era preciso esperar. Com calma, as carnes se partem melhor, veja como eu devolvo o rosto de menina, sem dor e sem vontade. Eu beijo teu sexo até encontrar você de novo criança sozinha outra vez, sem mais ninguém...(fala o grupo das mulheres, ainda girando a cama, arrastando seus pés, marcas do esforço e da passagem das horas)

7- eu só queria rir, correr lá fora sem mais parar, os olhos em mim, em meu corpo desfazendo-se no ar que se arrebenta em meus cabelos que um dia cortei. Pinteí das cores de um pôr do sol, o céu avermelhado de sangue eterno, fechado o olho do mundo para o mundo

8- quem corre por entre às águas senão ela, a de muitas pernas e coxas, entregue ao bem fazer do que não espera nem colhe ? Totalmente fora de si, quase a cair no chão de tão exposta, e nada guarda porque nada tem. Gasta mais que suas posses e ainda quer mais. Na noite justa, recebeu sua parte e devolveu os empréstimos. Um dia agonizante para nós é muito, nós que passamos a vida a olhar, o apenas.

9- a fumaça nos trouxe aqui e eu não te amo. O cheiro das águas no ar, nosso banho, nossa casa que acordamos já sonhamos. Eu não preciso dizer o que deves fazer. Mesmo assim eu mando. Tire sua roupa junto com a minha, limpe o chão da casa, cuidado com esse santo lugar.

10- já podemos ver melhor, em volta dela, a garota do olhar num corpo tornado selvagem, a vertigem da fumaça, os pulmões vazios e sangrando. Ela trouxe todos para si e em volta dela vemos, eles, ainda cada um em volta dela para melhor ver, para levar um pouco dela para si, como antes.

11- somos as amigas da morta, ela, a de muitos amigos, no centro da multidão, viemos levá-la, para que descanse de sua busca, para que retorne. Alguém a esperou, que dissesse sim que fosse embora de uma vez, não hoje.

12- o chão é imundo, das cores de uma tarde que morre, que põe medo nos homens que não querem agir. Abram espaço para que ela saiba do fim das coisas (para de girar. mesma posição do começo da peça. Ele afunda nas águas e torna e retorna ,entre espaços prolongados de submersão, cada vez voltando e alterando seu rosto para um terror estampado, imóvel e absorto e incontido, para uma maquiagem que se desfaz. A mulher da cama fala)

- Com você morta, eu teria as palavras de volta, o rádio desligado, não as músicas, não as música,por favor. Eu não sei dançar e todos riem, nada me leva ou traz, eu aqui a teu lado. As vezes eu gostaria que você morresse só um pouquinho para ver como é. Com você morta, por alguns momentos não haveria mais dúvidas, só a certeza de você sempre aqui. Eu poderia sair de casa, conversar com as pessoas, saber que há dia e noite, e tudo é mesmo e outro outra vez. Não mais a vigília cansada, o padecimento voluntário, o ocaso, eu, por dentro de dentro de minhas roupas sem calor, a desistência imensa nessas águas, um banho, limpar-me todo(gargalha enquanto repuxa suas roupas como se se banhasse); às águas dos céus, rir para as nuvens, ver que nada se abaterá sobre minha cabeça, que o chão é para sempre, que posso andar, que você vai estar me esperando. As ruas, ninguém mais rindo de mim. Aí eu dançaria, sem precisar olhar para portas e me esconder. Fora os meus olhos pequenos diante do grande mundo que me levou prá longe e tanto e quero voltar. Com você morta eu me sentaria na rua, olharia para cima e nunca mais tropeçar em minha própria condição.(elas em uníssono e desencontradas sentenciam até o fim da fala seguinte, a dele)

13- o cheiro de bocas, bocas gemendo

14- bocas em bocas fumando seus ais

15- ontem outra vez bem antes demais

16- cheiro de bocas, as bocas queimando

17- gemem o cheiro que fumam nas bocas

18- fumam nas bocas o qu' não volta atrás

-(ele cai da bacia e começa a limpar o chão, secar o chão, com as roupas que lavava. Ela fuma na cama observado seu servo. Elas observam o homem e a mulher) Por aqui, é por aqui, eu digo, sigam-me, tudo vai acontecer. Eu não sabia antes, mas eu vi. Si-

gam-me, um pouco à distância, cuidado em que pisam, o chão é áspero para quem foge. Sob seus pés eu me pertencço, tornando breve o peso da queda. Um barulho que afugenta os demais mostra quem se despediu. Por aqui, meus amigos, não há o que temer. Um por um, minha fome ingeriu e envolveu. Eu lavo as sobras que me pertencem como as cinzas e a faca. Nunca mais será outra vez o antes. Era o dia último, o da despedida para não ser. Em meu quarto espera a noiva, a de antiga viva voz. A porta aberta como sempre, não mais as mãos e as rezas. A cama nova para um novo tempo. Eu tremendo como uma virgem com febre e desejo. Próxima a mim a que me toma e devora. Até que as palavras cumpram o fim: "não meu, amor, eu te liberto para sempre. Alguém me espera e é preciso fugir, fugir para não encontrar. Eu quero os caminhos, hoje não o repouso não. Fumar lá fora, adiante. Deixe-me, eu tenho minhas mãos e não olho para trás. Nunca o aqui". (elas voltam ao tom primeiro, enquanto ela se ergue na cama, abaixa-se para vê-lo, sem nenhum sentimento)

19- as mulheres, apenas, escutem, são as mulheres que nos tornam homens. Se quiser eu posso ser maravilhoso...

20 - flores, meu amor, para quem cheira e fuma. Beijos, minha morta, um céu é pouco para quem se foi...

21- durma, vê como é quente um novo berço para a que se diz mulher e é carregada pelos braços.

22- no meio da grande festa tombou de tanto girar, atingida no jogo de luzes dos olhos, do escuro.

23- e chorou muito a culpa para todos que não entenderam, a culpa para os que não sabiam que a brincadeira não era para se acabar

24- um grito na cama, os olhos virando, o mundo deixando de estar a seus pés. Um grito nu que brilha e esquece, tanto gritos, uma multidão que grita dentro e fora dela, a cama que geme entre úmida fumaça

(ele começa a rasgar suas roupas de noiva. Ela retorna à sua situação de início de peça. Elas se dividem. Viram a cama em lateral, duas ficam em situação contrária, puxam para si seu lado da cama enquanto que uma, no fundo do palco, brinca de pular corda sem haver, olhando para o que ele faz. Ela fala)

- eu soube que era noivo, que não me pertencia mais. E aceitei, disse o sim, antes de tudo, até querer morrer. Antes , você foi embora, e tudo era a mesma coisa. Conteí prá eles,queria amigos , queria você comigo, uma má palavra para te envolver como um beijo que eu não dava. Quando acordava você já partia, sem adeus, uma trama, a sagrada provocação. Eu fiz te tudo para te avisar que nada adiantava, que não havia mais mundo, que eu não era daqui. O menino estranho que não brincava de correr para ver os que se escondiam nos aniversários, ei, o que você está fazendo aqui na festa que não é sua e vá embora. Daí tranquei-me por dentro com uma faca, um travesseiro e uma dor que não sei quando termina se é agora ou depois.(Ele vai deitar-se na cama com ela. Abraçam-se, ele no peito da mulher que, como se fosse uma mãe, acolhe seu filho ,ninando-o, olhando para frente como se já não existisse, como se nada existisse. Ao mesmo tempo dessa cena, elas voltam para seu lugar e observam tudo como antes.Falam fumando como num bordel, as piteiras e cigarretes)

25- volte para seu país, você que nunca nos deu nada

26- tome esses cortes para mostrar que um corpo é mais que uma ausência

27- não há dor para quem não ama, e nem amor para quem não vive

28- Na hora do gozo, sabe que as carnes estremecem torturadas, um delírio que nos mostra que estamos aqui

60 29- vejam todos, sigam-me, vejam o encontro dos que se desconhecem (mas alguém soube que o amor acaba antes de haver)

30- a criança nunca está só, nem brinca mais, a mulher de plástico que perdeu a cabeça e foi trocada por outra mais mastigável

31- gorda verdade, gorda e do peso de um céu gordo e barulhento peidando e esportando acima de nós, a festa derradeira

32- um grito é pouco, menos que o cheiro da baba de cinza que escorre da bacia de latão furada, a barca dos homens, a descrença das mulheres. A vida girou e girou e nos trouxe os mortos, os que não cabem mais em si, o desencontro maior. (começam a empurrar a cama, dando uma volta no palco até voltarem para seu

lugar de partida e saírem de cena para sempre. O passeio burlesco se faz dançando e cantando a seguinte música- fox trot-, enquanto o casal sorri e se despede da platéia ao passo que brinca e briga com uma faca, entre indas e vindas:

Alguém é sempre bobo de alguém
quando amor não há entre os dois
um dia me passaram para trás
vejam só o que houve depois

A mãe das mães então percebeu
que o amor não há sem os dois
comprou um belo homem capaz
a moça do outro esqueceu

Mas alguém é sempre bobo de alguém
quando há amor não há entre os dois
um dia a mãe das mães se lembrou
do moço que ficou prá depois

E alguém é sempre bobo de alguém
que o amor não há sem nós dois
comprou um belo tombo voraz
caíram para cantar mais depois
(volta)

A Festa

Quase escuridão de só se escutar passos. Grupo de pessoas entram conversando com copos de bebida nas mãos, vestidos para uma festa a rigor. Aos poucos notamos que essas roupas só aparentam essa formalidade. À medida em que as luzes aumentam, tornam mais claros os disparates de combinações das roupas e dos homens. Sapatos de cores e tipos diferentes e misturados, andares desajeitados e trôpegos, cores que não se ajustam, pessoas que se desconhecem, uma festa ? Se há, me levem...

A encenação se marcará por grupos que dialogam entre o burburinho agora tornado ritmo e cenário. O que importa são os conjuntos e não quem deles participa. Todos exageradamente se encontram em emoções que resguardam uma profunda melancolia entre a luminosidade dos rostos que sorriem. Os risos são momentos entre as falas, os gestos de quem não tem nada a dizer, ou poderia. Geme a platéia em palco, como se se arrastasse para viver em sua baixa voz de escuta. Os grupos se aproximam bisbilhoteiros sem sair de seus lugares, mudam de espaço, andam pelo salão como brincadeira de roda, sem troca de companheiros. Todos na festa vão ficar como entraram - mendigos em andrajos, a sede que não cessa, uma noite a mais que se foi.

63

A

Grupo 1

- eu não trouxe os convites
- e eu, pior, nem sabia onde era (riem)

- (riem)
- menos, amigos, menos nos olhos e tenho medo
 - o que pode acontecer em uma festa, tudo menos faltar bebida ? (riem)
 - menos amigos , pelo menos estamos aqui (riem)

Grupo 2

- de quem é a casa, minha é que não (riem)
 - ops, deixei cair o copo, está vazio mesmo (riem)
 - se quiser te trago outro, não é meu mesmo (riem)
 - vamos todos então beber até cair... mais copos(riem)
 - se quiserem, amigos, eu caio junto com os copos
- (riem)

Grupo 3

- loiras ?
- se notaram bem, aqui não há mulheres e eu gosto de
 - porque escolher: há bebida a vontade, para todos os gostos (riem)
 - uma mulher, seja loira ou não, tem olhos - é o que não entendo(riem)
 - então bebe, e vê se entende menos ainda(riem)
 - mas elas têm olhos, eu juro que têm(riem)

B

Grupo 1

- cem (riem)
- sei que nos olham, amigos, sei que não nos conhecem (riem)
 - claro, estamos em todas festas, e juntos (riem)
 - sempre nós, noite inteiras, primeiros e últimos a sair
 - eles nos conhecem como nós os conhecemos(riem)
 - sempre nós, até o que dia se acabe(riem)

Grupo 2

- viram, aquele moça, ali, com um rapaz
- um casal, é isso que você quer dizer, um casal ? (riem)

- lhor ?
- A que derramou bebida em sua roupa e agora dança
- dos em seus olhos ?
- a que amou de uma vez os namorados e os amigos perdi-
 - a que fechava os olhos para escutar as músicas, as músi-
- cas , as músicas...

Grupo 3

- qui
- se te dissesse que tenho fome, vamos, amigos, longe da-
- conhecem
- espera, elas nos olham sem piedade, nos conhecem, nos
 - eu vou buscar bebida, trago bebida para todos
 - espera, elas nos querem mais que a festa
 - eu vou buscar bebida - ainda é cedo para lembrar (*Música repetitiva, psicodélica, um ritmo que não há, como um carro enguiçado, como um ensaio ruim. Começam a dançar todos, presos em si de olhos nos outros*)

C

Grupo 1

- quem me trouxe, e quem me deu um beijo, eu sinto
 - dança, amigo, antes que a musica termine
 - eu não quero ir embora, ouviram, não me deixem voltar
- para casa
- mais bebida, meu copo se quebrou de tão seco
 - não deixem que me levem, não deixem que eu vá

Grupo 2

- depois
- Se estou só, não sei, não pergunte, não vá embora, volte
- o dia vem
- onde vou dormir, alguém me diga, onde vou ficar quando
 - Amigos, não quero mais beber, está quente, quero algo
- mais, sonho e pensamento
- o banheiro fica onde, eu não sei onde fico, eu não sou

daqui, só mais um pouco, esperem

- amigos, algo prá cabeça, por favor, eu tenho que pensar e dormir, mais muito mais

Grupo 3

- você é muito bonita, sensível, nem me escuta
- vamos dormir juntos, eu bebi muito
- eu vi, estão nos procurando, por isso aumentaram a música

- aumenta essa merda de música, aumenta essa merda

- eu vi, alguém não deixa de nos ver

(a música aumenta seu peso e ritmo e mesmice. Todos dançam pulando, pulam como se quisessem tocar o teto, como se estivessem com um peso nos pés amarrados)

D

Grupo 1

- que, alegria, vocês sabem, como é bom estar aqui (riem)

- eu vou dormir com a loira, depois quando tudo acabar(riem)

- mais bebida, mais uma ida ao banheiro, mais fumaça na sala, mais, eu quero mais(riem)

- eu, tô suado, cara, eu, lavado em minhas calças, eu tomei banho de mim(riem)

- mais bebida, cara, mais fumaça, aumenta essa merda

Grupo 2

- eu tô cansado, mas não vou parar, todos dançam e é fácil

- desse jeito, a festa não acaba e eu não quero voltar prá casa hoje

- não me pegue por enquanto, deixa que tá combinado, tudo combinado

- ei cara, deixa ver , deixa ver se me agüenta de verdade, deixa que eu falo

- não me pegue, volta mais tarde, agora não, cara, agora não

Grupo 3

- e se eu gritasse, hein, se gritasse bem alto contra o teto que me beija
- Ninguém te quer, meu amigo, ninguém te quer de verdade
- sei que muitos vieram por minha causa, muitos estão aqui comigo
- e seu gritasse, hein, para aquela ali, a que tem olhos, de se ver
- sei que muitos vieram comigo, aqui, em toda parte que gira (*estão em movimento de salto e rapidez no máximo de sua aceleração que continua no violento quadro seguinte. O cansaço aparece aparente*)

E

Grupo 1

- ninguém me bate não, não chega perto, sai daí, cara
- eu quero mais que tudo vire merda, muita merda
- bebida não dá mais não, muita pouca bebida, mais coisas, mais coisas
- tá passando bem cara, tudo bem, os pensamentos na ordem ?
- bebida não dá mais prá mim, cara, mais coisas, outras, dessas aí

Grupo 2

- e se alguém tirasse a roupa, só prá começar, nuazinha, essa doida, louca assim
- levanta essa merda, som pequeno, filete de música a gente não quer não
- eu preciso falar com alguém, é tarde, é preciso, me escutem, só um pouco
- tira essa roupa, gatinha, um corpo só numa noite com gás, essa doida, louca mesmo
- eu preciso que me escutem, um pouco, aumente o som dessa merda

Grupo 3

- eles sabem, eu te disse, olham para aqui, os grupos se fecham, vão nos engolir

- mais bebida, calma, mais bebida, eu encho teu corpo, almas úmidas até ao amanhã

- minhas mãos arrastaram mais beijos longos, a música misturada dentro de nós

- eu tô demais, cara, eu tô como nunca, tipo assim, tô pelo-do, saca aí, tudo nu

- minhas mãos arrastaram tudo em volta, longos beijos que não são para sempre. *(fim da música, de repente. Aumenta um pouco a luz. Todos se olham e caem no chão)*

F

Grupo 1

- quando será a festa, a que nunca houve, a grande noite, me convidaram ?

- Um tempo houve, e eu bem sabia, vir aqui mesmo, eu sabia que viria aqui, nunca te disseram ?

- todos vinham, e eu já sabia, a festa nos olhos de quem quer vir, bebida e rumo

- pisar o chão, mover o corpo, beber sem sede, beijar sem ver

- todos vinham, eu já não disse, o louco pouco tempo que temos

(espalham-se como em rodas de contos, e monólogos são acompanhados com graciosidade e atenção, como se contassem histórias infantis e como se quem os escutasse crianças fossem, ao som da voz de quem nos transpõe, a fantasia esquecida)

- (ri) uma vez, e nem poderia ser diferente, era quando entrei na festa. Nunca antes : essa era a primeira e única vez, eu lá dentro, a calça fora de tom, o andar fora do ritmo, os olhos rindo mais que meu rosto já escondidos no olhar pendendo pesado para baixo, com presa, após revirar os lados pelos cantinhos. Um jovem, meus amigos, andando pelos extremos salas, um jovem que andou a noite inteira nos buracos vazios da multidão que lhe dava as costas. Nin-

guém achava que ele estaria lá, o de poucos gestos, roupas de lã no colégio, um suor escorrendo o calor indo embora, os olhos tristes de quem não nada sabe. Avisem para ele que hoje não é escola, mandem que ele tire essa roupa de colégio, que hoje é sábado na casa de seus conhecidos, a rua inteira aqui, as muitas ruas aqui, os caminhos, para que ele pare de andar e olhe, e veja os olhos pulando por entre as caras abertas, a luz de mil cores misturando-se com o gosto amargo da cerveja, os pés lisos e ligeiros e o céu, só o céu que nos espera. Sai da escuridão, meu jovem, fala, que ninguém se escuta, mexe o corpo para dizer que está vivo, senão te pisamos, toca na mulher, sente as carnes muitas dentro de um vestido raro e leve para que a tomem e levem, veja as carnes pedindo ar, boca na boca os corpos se conhecendo e indo embora, uma outra vez agora não, talvez nunca em outro lugar, só o agora, o apenas, meu irmão. Você viu tudo isso em teus olhos e a desejou mais que os retratos das revistas, foi em direção a ela, ensaiando um balançado no corpo, um sorriso maroto na cara, a cabeça deixando de contemplar o chão que todos deixam e esquecem. Olhos firmes à frente, somente a frente, ela, os cabelos escorrendo pelo grande corpo, em pé à sua frente, o jovem com todas as suas mãos prontas, quase correndo, entre sua trôpega dança e os outros que se abraçam e se cruzam na sala, correndo atrás de outras mulheres. Ela ergue-se mais e mais enquanto ele corrige seus movimentos e pára. Pára e baixa os olhos, no meio da grande festa, todos esbarrando nele. a multidão entre você, meu jovem, e a mulher, a multidão levando-a embora, para frente, para bem longe. Adeus, meu amigo, volte para a escola, não saia na rua, não venha em meu baile. Em acreditei que você viesse conosco, que bebesse nossas bebidas, que comesse o que comemos, nós todos juntos aqui, até que o dia nos canse e dele fujamos como os animais fogem do fogo. Não podemos esperar a noite inteira. A vida escapa por entre as mãos vazias de não mais possuir. Erga os braços, cara, olhe o que tem em tuas mãos, os que tem aí para ficar contigo e contar pros outros. Quem vai te ouvir, que estórias nos dará o que parou no meio da festa , os outros levando a sua fêmea, os outros tendo seu prazer ? Não volte, mais, nunca mais. teu lugar não é aqui, tua vida está em outra parte. A festa acabou mais uma vez.(aumenta as luzes, todos se comportam como se estivessem em uma lamentação fúnebre, acompanhando quem fala.

- eu falei para que não viessem, para que não me trouxessem, que não trouxessem os seus. E agora, meus amigos, o que diremos nós, como explicar o que aconteceu, a covardia suprema acontecida ? Como explicar o término das coisas, o chão vestido com nossos corpos, cansados aqui, a bagagem imensa de não poder se carregar ? Quem nos trouxe, quem nos enviou para aqui, por que viemos se era demais o preço a pagar e devemos o pouco que não temos, o muito que deveremos tomar emprestado, nós, amigos, os sem razão, fracos demais para entender o que houve, as mãos pendendo agora, os olhos cansados de nós, as pernas pesadas, muito longe demais para a volta, a longa volta. (*Toma alguém caído no chão, o dono do monólogo anterior*). É certo que estamos vivos, mortos seria uma vitória, o amanhã sem lembrança na ferida aberta e sangrando de não se curar. Era só fazer os curativos, retirar as sujeiras, raspar o lugar, abrir espaço entre as carnes e as peles, e tampar tudo bem firme, com ira bruta, xingando os que nos abandonam, que escolheram o melhor caminho entre as fendas da terra, o olhos que nunca mais vão abrir, bater nesse corpo (*bate, eis a ira*) para que mesmo morto grite sua culpa, fuja de seu medo e me agrida, um tapa no rosto, o rosto vermelho, a dor que não sangra, o vermelhão subindo o corpo inteiro até que haja pensamento e o silêncio de quem sabe, escuta e aceita. Eu falei para que não viessem, e vindo, para que não se entregassem. Eram pequenos, eles, sempre rindo, a casa que não nos pertence, as luzes que não são nossas. A música alta, eu falei, a música muito alta, pouca a luz por entre os homens, brilhantes as roupas da mulheres, suor e bebida nos afogando, até não mais se respirar, o que ? (*olhando para a platéia, personificando com gestos o homem do qual fala*). É aqui que um coração bate, não mais o seu, o vai e vem rápido e exposto, um peito que se abre projetando-se longe de si. É agora que o coração não mais te pertence e dança assustado com medo de olhar atrás. Pula e dança sem freios, fazendo o corpo inteiro ecoar a multidão da sala. A qualquer momento a queda virá; breve, o sangue das carnes rasgadas cobrirão de imundície o chão pisado por todos, um grito surgindo baixinho por entre a boca que baba sangue, o homem sem coração cambaleando vigorosamente. É agora que um coração bate, torna e retorna para seu dono, o que viu a cor inteira de seu desassossego, que pode saber como é longa a espera por quem foi. Seu coração não deixará

que caia e ele poderá rir, por alguns instantes. Mas logo lembra apenas do que sentiu sem saber, a quase queda, o breve aceno, o frágil fôlego, a vertigem que trespassa. Então, beberá mais no copo dos outros, zumbido a música mais alta, escravo do ritmo que não é seu. Mais e mais grita para que o coração se seja roubado de novo, o medo de não ser vencido pela verdade do desejo. Mais e mais a garganta um lago, a dança que expulsa e devora, o teto - a realidade última. Eu falei para que não viessem, agora é tarde demais. Estamos aqui cansados, sede e fome, esperando a noite próxima, esperando os novos amigos, os que vierem para não mais voltar. Venham todos (*começam a erguer-se os outros rumo ao que fala, gemendo seus ais, recuperando as frases dos grupos*), eu disse, tragam seus corações, sintam o peso de um coração, a podridão do sangue que só um coração tem. Venham amigos, dancem conosco a verdadeira festa, saiam de suas casas frias e sem vida. Aqui haverá gritos e violência, misturaremos nossas carnes, rasgaremos a face encarcerada do mim. É tarde demais para fugir, escutem o chão moer os ossos, as roupas de muitas cores. Vejam o peso da canção de despedida. Eis a festa que não acaba, eis a festa...(*Máximo de luz como se todos fossem cegos, luz branca contra a platéia, como se partisse do alto da montanha de corpos da festa*)

Natal sem Crianças

Ato 1

Uma sala de estar antiga, tapete, mesa, sofás, abajur, silêncio.

Atrás, uma escadaria espiralada sem fim. Um pinheirinho derrubado no chão. Pedacos de pacotes de presentes por todos os lados. Começa o grande diálogo. Três velhos em sua noite anual de encontro. Os três amigos.

Torga

Esse é o tempo do mundo, amigos, a filosofia dos dentes cariados.

Sebastião

Digamos que eu entenda essas palavras, mas antes eu vou rir..

Robson

Amigos, vamos escutar antes de rir, vamos aguardar alguns momentos, calado nosso espanto.

Torga

Obrigado, eu sou grato a todos que tem dentes...

Sebastião

De novo, não, chega, não me faça rir, que loucura esse senhor, e nós aqui reunidos tarde da noite. Eu bem sabia que esse encontro era importante. Agora vejo porque. Nosso amigo enlouqueceu. Nos tira de nossas casas, insistindo com suas ociosidades. Isso já dura demais. Me desculpem,mas tenho mais o que fazer.

Torga

Sente-se e tenha paciência, agora sou eu quem afirmo. O caso é sério, as pessoas vão saber depois. Nós aqui, bem antes, nessa sala, alheios a tudo, cercados por paredes que nem nos escutam, nem nos olham pois tudo acabou. Era uma noite e fomos jovens, um natal há muito tempo, amigos, um pacto. Casados, a única traição, casados. Agora me escutem. Tudo é tão simples. Mais difícil é me explicar, exigir que confiem em mim, que me dêem ouvidos. Sebastião, quanto tempo eu perdi com tua confissão, a esposa inconfiável, metida em roupas pequenas em casa e a longa fala fora dela. Uma mulher fora de si, não para casar, mas tudo foi assim, um desejo para um surdo pensamento. Sebastião tirou a mulher ainda menina de sua família, a menina que trabalhava nas casas, o sorriso amarelado de quem não tem passado, só olhos se esgueirando entre as janelas querendo vida. Pegar pacotes, trazê-los, mais mãos para outras que não são as suas, nem os pacotes. A balconista de bom olhar, de bem se ver, ela mesma, a menina detrás do balcão, entre o mundo com homens tantos e lá fora, só um balcão, um impulso.

74

Sebastião

Chega. Não vou agüentar mais essas acusações. Não foi culpa minha. Eu não queria nada, eu entrei ali por acaso, nem lembro o nome da loja, eu tinha de levar algumas coisas, uns pedidos de minha mulher, a que não que não voltou para casa, essa não, a outra. Chega. Dentes, dentes cariados, o que tem a ver os dentes com meus segredos ?

Robson

Calma, amigos, calma. Se alguém quer ser escutado, se alguém quer ouvir que se narre outra história, que se conte outra coisa. Eu mesmo emendo tudo com um fato, e não uma suposição. Eu também entrei naquela loja e vi a menina, a sua futura segunda mulher, Sebastião. Esperei que ela mesma me atendesse, os vestidos seus com cara de embrulho, o rosto, o rosto sim, um presente dos melhores. Não sei se seu rosto se parecia com alguma daquelas belezas do cinema, ou se o cinema a havia descoberto e esquecido ali, escondendo-a de todos. Mas ela destoava de tudo, ela quem deveria estar nas prateleiras. Pedi uma camisa, perguntando sua opinião que não veio. Uma mulher sem gosto, uma mulher só o sorriso, os dentes brancos muito brancos, uma camisa, eu queria agora uma camisa. Ela trouxe todas, que neguei, uma após outra, todas as camisas da loja, o balcão amontoado, os fregueses reclamando, e eu pedindo mais, despindo a loja inteira, não cabendo mais em tanto pedidos. E eu pedia que a mandassem buscar mais mercadoria, que ela me servisse todas, a loja vazia, eu e ela ali.

Sebastião

Mas que atrevimento. Dois amigos e minha mulher. Eu não a quis como balconista, como desejada balconista de uma lojinha qualquer. Eu dei-lhe uma casa, a que sempre desejou. Eu sabia que ela não queria a loja mas outra coisa, que não queria mais ser vista, queria se defender. Uma casa para onde voltar e nunca sair, com quartos e não um longo balcão-prisão, uma casa para Maria, a desejada das gentes, dentro de algo que queria, longe dos pedidos. Maria, nome de santa, da mãe de nosso Jesus, um homem sem mulheres, um homem com todas elas, em volta de si, servindo e sendo servidas, um outro sentimento, o amor e a água fresca e os pães para a boca. Comer e beber debaixo da sombra das mulheres, as de muitos vestidos, as de roupas coloridas e lenços na cabeça de muitos cabelos. Uma mulher para mim, Maria, a mulher para a casa dela, a que eu dei.

Torga

Mas tudo isso é pouco e pouco, amigos, uma mulher que nos toma e leva, um corpo para se lembrar e esquecer. O sorriso nos lábios, não a boca, um sorriso nos lábios, não o rosto, um sorriso nos lábios, os dentes. É desses que eu falo. Se nosso amigo Robson cobizou a mulher sabendo que era ou não a mulher de nosso Sebastião, e se soube e continuou vendo a loja, e a casa e Sebastião, o que havia no sorriso, os dentes do sorriso cravados em nosso amigo Robson, o que haveria senão o brilho cego de uma lâmina já dentro de si, do corpo de Robson, de seu sexo, uma boca com dentes, muitos, os muitos desejos que sustentam uma visão? E Sebastião, o de tantos pudores, velhos e já sem dentes, um homem escorrendo entre sua baba de caçador, de tihoso descansado, alheio a si em sua casa, sozinho em sua casa, um pacote comprado prá presente, um sorriso dentado percorrendo sua casa vária, o interior da casa de um homem sem dentes, a boca banguela, a alma sem dentes, o sorriso moço de uma mulher com seus dentes todos, e muitos, e fortes e vivos, mordendo tudo que se encontra em sua frente, sem sangue e hálito ruim, a moça abocanhando o escuro banguela e rançoso de um homem *casavazia*.

Robson

76 Eu não acredito que viemos aqui, como das outras vezes, nos curvamos às suas invencionices, de um dia mais iluminado pela voz do grande Torga, um homem sem mulheres e sem casa e sem sorrisos. Hoje é natal, seu Torga, lembra-se? Lembre das promessas feitas, as que obrigados fomos a fazer em nome de uma amizade que hoje eu não entendo.

Sebastião

Sim lembra, seu velho louco, lembra de nós pequenos e o pecado em nós e a salvação pelo grande Torga. Nós, tremendo entre nós mesmos, escondidos do mundo, nos preparando para tomá-lo e o grande Torga, carro fúnebre e covarde, nos impedindo de viver: "não, amigos, promessa. Nunca, as mulheres, essas impossíveis, nunca nenhum de nós dará seu coração roubado para não sofrer. O sofrimento,

não, acreditem, amar uma mulher é dividir-se , é deixar de ser alguém, caminho sem volta. A mulheres nos roubam, assaltam. Fechar os olhos ante o contato indesejado.”

Robson

Isso mesmo, eu lembro muito bem. O medo terrível para sempre. E eu tinha tanta vida, tanto futuro, não agora mais, o tempo acabou e estou fora do tempo. Um natal sem netos, uma vida sem amores. Estes são nossos presentes. As meninas vinham e passavam, e eu por dentro gemendo, em minha mão presas as dobras da camisa amassada contra meu corpo. As mãos suadas e os olhos em lágrimas escondidas - era tudo água, eu era todo inteiro em minha pele que se expunha, florescendo em água, todo após mim, dádiva, um céu, celeste dádiva, o céu em mim e eu regando minhas vontades, fluindo vitralmente por entre os vãos da pele úmida , para alguém beber, para banhar, para lavar outro corpo com meu corpo, paixão oceano em busca de foz.

Sebastião

E corríamos atrás das mulheres

Robson

Todas, todas...

Sebastião

E queríamos todas

Robson

Mulheres, mulheres

Sebastião

E o tempo era longo

Robson

A vida, a vida

Sebastião

E não acabava

Robson

O tempo, o tempo

Sebastião

As mulheres...

Robson

Todas, todas

Torga

(rindo e com raiva) Mas tudo isso é pouco e pouco, eu já disse, amigos. Parecem meninas brincando em seus jogos de falsa vergonha, antecipando as amarras da casa que seriam nossa verdade e destruição. Tão lindas, as roupas limpas, no rosto um sorriso, imitando não as mães mas as criadas, fazendo e refazendo o serviço de servo, agindo como servo, subjulgando-se, humilhando-se com bonecos de plástico para depois , aprendido com os mortos, modelar os vivos. Em seus jogos, as mulheres preparam o mundo nosso, o que perderemos. Treinadas, sabem desde antes que um boneco não sofre, mesmo que caia de seus braços, o barulho de um oco imóvel caindo num chão indiferente. Por isso, podem ter uma casa inteira de bonecos de plástico com olhos que não vêem, com pernas que não vão a lugar algum, com braços presos no corpo preso, apenas bonecos e papai ausente, papai trabalhando para mamãe... Idiotas, deixem as cantigas de roda, é hora de lembrar o que realmente é. Minha primeira vez era noite, e sempre foi assim, uma noite sem cores, uma cegueira que me levava, eu despido de mim, para a casa, as luzes vermelhas de uma rua de casinhas, as luzes que morriam entre a noite maior que isso tudo- impossível não ir.

Sebastião

Dessa parte eu gosto, a primeira vez

Robson

É, a primeira vez de Torga...

Torga

(imita os trejeitos da prostituta, de uma prostituta grávida)

Ei, garoto, vem fazer um baby comigo, vem ?)

Sebastião - (parecendo meninos) E você foi, Torga, foi mesmo ?

Robson

Que coragem, que coragem...

Torga

As casinhas guardavam em si verdadeiros labirintos de novos e infinitos quatinhos, um após outro. Entrei numa delas e esperei a minha vez, uma cerveja para repousar, logo mais a cama e a dor na cama. Entre o bar e a multidão de camas, havia uma cortina de plástico de muitas cores, girando e brilhando entre as músicas que se tocavam no bar para os corpos treinarem o suor fora deles. A cortina de muitas cores dançava por entre o vai e vem de homens e mulheres que por ela passavam sorrindo e voltavam distantes. Quando foi minha vez, passei por ela devagar, a moça, a minha escolhida, com a mão na minha me puxando, os plásticos passando em meu rosto, pesando, sujando-me com os muitos corpos que por ali passaram, eu, de olhos fechados, para não ver, escutando a cortina de muitas cores se abrindo sobre mim.

Sebastião

Mas eu quero é saber da mulher, Torga, como ela era, conte de novo prá nós ...

Robson

Nos desculpe amigo, nós só queremos a mulher, a puta grávida.

Torga

Claro, amigos, eu também (riem). E eu estava lá dentro, em um dos quatinhos, ela já nua, por entre seus lábios roxos e olhar imóvel, longe dali dizendo prá tudo ser rápido, o leite prá crianças de Deus, os filhos dos outros dentro de si e um a mais chegando. Eu mesmo tirei minha roupa e corri para o banheiro no corredor, nojo de estar nu, a primeira vez, nu para alguém que não me via mas riu com raiva. Agora um quatinho menor e mais sujo, o único refúgio, o barulho das águas no vaso, eu puxando mais e mais águas contra a voz da que me chama, vem prá cá, sem medo, fazer um baby, mas me paga logo e faz tudo.

Sebastião

No banheiro, Torga, não entendo por que um banheiro e o quarto vazio.

Robson

Não me diga que você ...

Torga

A merda rapazes, e muita, muita bosta para aquele lugar, tudo saindo pelas frestas da porta fechada, entupindo o corredor, invadindo os quartos, os amantes em fuga, a falta de pagamento, merda em tudo, de não se querer ver...

80

(os dois outros fazem o papel dos amantes, os que se amariam de verdade, dançando burlescamemente)

Sebastião

Mas Torga, meu homem de merda, seu bosta, endurece essa merda.

Robson

Menino mau e feio, pinto pequeno e mole, branco, branco demais, a merda branca tomando conta de tudo, sem cheiro mas pega-

josa, pergunta,

Sebastião

Onde está o teu piupiu, teu negocinho de fazer xixi.

Robson

Cadê o homem que estava aqui, eu queria um dentro de mim.

Sebastião

Cagão de merda, Torga seu cagão, vem prá cama, menino

Robson

Pega meus seios.

Sebastião

Aperta minha bunda.

Robson

Eu cuspo em ti, nessa sua cara sem lágrima.

Sebastião

Eu gargalho por ti, nessa boca de silêncios.

(em conjunto girando em volta de Torga, xingando-o, provocando-o - bichinha, mulherzinha, pintinho da mamãe ... Ele ergue-se em fúria, os dois outros caem para trás; Torga grita e fala:)

Torga

Isso é horrível (As mãos no rosto como se chorasse. Uma demora. Ergue-se com o rosto feliz, de uma felicidade que não lhe pertence como se zombasse, também de si mesmo). Horrível mesmo, não é mulherzinhas (fala para seus amigos que se entreolham e começam a rir e a seguir seu conto burlesco de si próprio). Horrível, saindo de calças nas mãos, tropeçando entre as paredes, no rosto estampado que não conseguiu nada com a dona grávida, que ficou com seu dinheiro e carteira, enquanto ela chorou por alguns instantes em seu

colo, amaldiçoando a terrível vida que levava, os homens de todos os lugares, a casa pequena, a cama estreita, o corpo precisando conter tudo, o choro em suas pernas escorrendo, pregando-se na minha pele branca, à luz baixa e pobre de um prostíbulo de merda, interiorano, as mãos na cabeça daquela que deixava, a sua mulher, a que ama agora, irmã de sua dor, nus para quem, as cortinas brilhantes e ruidosas ficando para trás, eu juro que voltarei prá te tirar daqui... eu juro (para em olhar visionário, um recordação que lhe seqüestra daqui)

Sebastião

Desculpe, Torga, acho que você ainda a ama

Torga

Quem ?

Robson

Você, Torga, você ama ?

Torga

Quem ?

(conversam entre si, os amigos) Sebastião- Tudo parece como antes, lembra ?

Robson

82

É mesmo, era melhor não ter deixado que ele falasse Sebastião- São as datas, o calendário nos incomoda, as festas não são para sempre.

Robson

E nos aqui, como antes, escutando Torga, o das histórias que partiram , mais uma vez

Sebastião

Logo ele vai falar de seu grande amor, da pianista de igreja.

Robson

(ri) Aquela da mesma cidade , aquela de nome engraçado(riem)

Sebastião

Essa mesma (riem)(Torga se aproxima deles para ouvi-los, com o mesmo rosto desfigurado da felicidade que não é sua. Pontua o diálogo com gestos esclarecedores, e confirmações pela cabeça, ao mesmo tempo que parece ver o que contam seus amigos)

Robson

Mas qual era mesmo o nome dela?

Sebastião

Jucimére (riem)

Robson

Repete prá mim

Sebastião

Jucimére, meu amigo e com acento (riem) foi assim mesmo que eu vi naquela carta

Robson

83

O bilhete de despedida, ao modo de nunca nos vermos, você não me amou, tipicamente Torga ?

Sebastião

Esse mesmo, nosso herói e seus humores excessivos

Robson

Quem colocaria um nome tão estúpido em alguém ?

Sebastião

Somente seu pai,(Torga imita agressivamente o pai

da moça, o andar duro e o olhar interesseiro,) aquele estúpido, o Zé bonitinho, engomado em sua Igreja, vamos rezar todos, um marido rico para minha filha, a pianista da igreja, Deus com todos nós menos com Torga, o que sabia músicas, o que tocava violão, o que vem de longe passar férias com sua vó, minha filha não, Torga, minha filha não, a Jucimére.

Robson

Por isso na igreja se encontravam às escondidas, os beijos,(Torga fica amorosamente escutando) atrás da porta, as mãos dentro dos bolsos, os olhos fechados, o tempo que se foi, sempre tirar férias, os poemas, as músicas, nunca mais as músicas, eu odeio músicas, eu odeio as músicas.

Sebastião

Jucimére nunca acabou, as mãos brancas e macias, os cabelos loiros escorrendo pelo rosto de olhos azuis que viam, a mulher com um olhar e via. Beijando, dois corpos a morrer, o medo e o desejo de ter medo, olhos fechados, eles se beijando dentro do olhar, os olhos que passam suas línguas, enroscando-se, de se sentir e pegar, o azul profundo no negro em volta a adormecer, a ensinar que um homem pode, o amor, o amor dentro deles, dentro de Torga, Jucimére, para sempre bem aqui (os braço no peito), de olhos fechados piscando esse amo.

Robson

O nome estranho já dizia de si

Sebastião

Ela não era daqui, eu sabia

Robson

Ao contrário, Torga é que não era , estava de férias

Sebastião

O beijo acabou, Torga, o beijo acabou

Robson

Torga acorde, a noite é longa, precisamos de você conosco, não nos deixe, você gosta de nós

Sebastião

Torga, Jucimére casou e tem dois filhos. Trabalha numa loja e vende coisas aos homens.

Robson

Eu a vi também, é balconista... Me desculpe Torga. Você sabe... eu

Sebastião

Você tanto tempo aí sentado...

Torga

(ele olhava todos, como se acordasse de seu sonho, como se voltasse para nós) Chega. Essa é a filosofia dos dentes cariado: , eles, grandes em sua boca, até que caíam um a um e não podemos fazer nada. Não era preciso saber de coisa alguma antes, os dentes deixarão, após, a boca lisa, escancarada e nua. E de quem serão os dentes, meus amigos, de quem serão os dentes (gargalha, repetindo essa pergunta final) ?

85

Ato 2

Uma mesa de jantar. Robson e Sebastião assentados, vestidos de capuchinhos, posição de reverência e oração. Um enorme painel em frente cheia de areia e pedras. Os pratos a frente de cada um. Torga serve a ceia, falando o enorme monólogo de Torga, como se fosse uma velha de aspecto muito terrível, os gestos irados, tudo estremeando em seus atos, ele em maquilagem de velha.

Torga

Comam amigos, o prazer de comer. Este é o meu corpo e

minha vida, em troca dos sonhos. Na verdade só houve uma, a mulher. Comam suas partes, as sobras, a que amei. Só houve Ana, um único mês, o amor que não acaba. Ana dos longos cabelos negros e pele morena, uma menina ainda, que sabia as músicas, que lia o que os homens escreveram. Por isso era Ana, o coração em suas mãos, dos que dela se aproximavam. A bruxa de longos cabelos, colhendo de nós o que lhe pertence. Por onde andaré Ana, suas vestes deixando os ombros nus, o sol em seu corpo? Um mês, Ana, a mulher da promessa, aquela que tirou de mim as palavras, que me fez confessar. Porque tudo foi de repente, logo a cama e eu já era outro pela primeira vez, sem as cortinas de muitas cores e o medo da nudez, eu era outro contigo dentro de mim, sem me sentir estrangeiro, a primeira vez rir na cama e dizer o amor, o amor que chegou para não mais sair. Comam os restos, amigos, comam o que de Ana ficou, quando subiu as escadas e me encontrou na porta, meu sorriso sumindo no adeus que escutei e que soube dela tragar. Comam suas partes moídas entre minhas mãos que antes sabiam dos beijos, da mulher em seu prazer que escutei.

86 Depois foi tudo outro, sentir o peso delas sobre mim, os olhos sempre abertos, para o lado, para fora da cama, quase caindo da cama, quase longe dali, onde não estive. O corpo pesando em cima, e eu sentido algo longínquo se aproximando, morrendo fora, e eu fechava os olhos, não mais para confessar, agora não, mas para pedir, implorar para que vão embora, que não me vejam assim, que não me toquem, deixem-me aqui, no quarto sozinho, as lágrimas nos olhos, deixem sentir o que é o adeus, o que é o sempre, que tudo não é mais, e eu não sabia. Como podia esperar que Ana se fosse, que o mês cumprisse seus dias, os que nunca contei. O que tenho por entre as mãos escorrendo, o que sirvo para estes pratos, o que lhes dou, meus amigos, o que vejo cair nos pratos... O barulho surdo e rouco de um corpo que cai, sem voz, o que dizer. Ana se foi, seus cabelos nas costas, cegos no após, o vento longe dali, uma mulher que anda, que não pára, Ana maior que tudo, pequenos meus olhos para tanto calar.

Eu lhe comprei um livro de dobradras, como tornar viva a folha do papel escrever na matéria os movimentos das coisas, dobraduras. Eu lhe fiz poemas sem sujeito, o que sentia com gesto e sons, cravando-se na página branca, poemas. Eu lhe dei uma bebida com champa-

nhe e mais alcool, blue lagun, para que ela me escutasse em seus delírios sonho de mulher, bebida. Eu li para ela um livro de muitas páginas sobre um peregrino que encontrou seu país natal, o pródigo com lembranças, livro. Tudo para que ela ficasse, para que não deixasse de vir. A porta sempre aberta, e eu esperando o fim do dia, seu abraço me levando para dentro dela, todos os dias, os trinta, dia a dia.

No meio do mês fiz anos, um aniversário, e eu era um presente para Ana, minha vida até ali era toda dela, em seus cabelos depositadas minhas imagens, as longas noites sem ninguém, tudo para ela, Ana, minha mulher. Em uma longa mesa comemos todas as carnes, e sempre havia mais fome, só as carnes querendo, só as carnes entre os dentes que nada deixavam fugir da boca, os dentes suspirando por mais , carnes entre sorrisos, eu e Ana. E a ergui com todas as minhas forças, vendo no ar, eu já com os pés em cima da mesa, eu a tirei desse mundo, Ana comigo mais que todas, meu corpo em paz, dormir e sonhar.

Mas ela subiu as escadas e o longe se fez aqui, e não havia outro lugar mais onde eu ficasse, não havia senão olhos em toda parte, olhos sem rosto, nenhum lugar para se fugir, eu sem Ana era o peregrino sem pais natal, a página em branco esvoaçando sem palavras e formas, o vazio das sombras dos postes. Ana, a de muitos sorrisos, não me voltou mais seu rosto.

Então eu dormi em todas as camas, nas casas de mais cortinas de muitas cores melhor, quanto mais sujo e fedido o quarto, eu precisava. Ver todas de muitas caras, todas podres, e sem dentes, o hálito ruim, o corpo de dobraduras mal feitas, as palavras sem sentido, boca suja e ruim, mulheres que paguei. Vê-las em cima de mim dançar e rir em sua dança que pesa, o prazer e o fingir mas sempre as bocas escancaradas e lisas, o gemido das putas, sempre o filho na barriga, sempre escondendo algo de mim, sempre preparando o amanhã sem memória. As putas, cagando em cima de mim, a grande merda, a bosta que eu sei , e eu rijo sem ninguém, fala alguma coisa, branquinho, meu homem mudo e durinho, pelo amor deus, fala com sua putinha de merda, essa merda mesmo, essas que tem rosto e boca careados, os dentes careados, um a um dentro delas, o beijo apodrecendo, lambendo suas feridas... As pedras, meus amigos, as pedras, e o resto mais. Comam, meus amigos, este é meu

corpo, este é meu sangue , a boa dádiva do que viveu. *(os dois se erguem ainda escondidos em seus capuzes. Vão em direção de Torga e tiram a colher de sua mãos. Ficam atrás dele por alguns instantes e tiram cada um seu capus. Percebe-se a maquiagem que desfigura seus rostos, como se fossem velhos, um marrom cinzento escorrendo em suas faces. As bocas com dentes podres, escorrendo baba suja e enegricida de suas bocas. Uma risada distante presa nos trapos dessa maquiagem desses ex-rostos. Torga depõe seu rosto na mesa, como se chorasse)*

Robson

O que fazer com as mãos, essas que pendem e não alcançam paz ?

Sebastião

Algo de nós se foi e sabemos bem.

Robson

Mas ainda podemos lembrar

Sebastião

É a única coisa a fazer

Robson

88

Quando éramos crianças, brincando de esconde-esconde, na casa de Torga, perto do morro, juntos nos encontramos, todos alheios a nós.

Sebastião

E vimos a luz de uma estrela , o único olho do céu a nos sorrir, ninguém viu, a estrela inteira para nós, nos achou em nossos segredos. Uma só luz, o céu, sobre nossas cabeças. *(Torga ergue-se e olha para a mesa desarrumada. Enquanto seus amigos falam, ele recolhe o que está em cima da mesa, o fim da festa)*

Robson

Era a balconista, uma mulher distante para nossos braços,

pouco o gesto impossível esforço.

Sebastião

Todos nós vimos a mesma mulher, o olho branco e vivo a nos dizer adeus, a mostrar como a terra é longe do céu

Robson

O morro em nossa frente, subir e buscar quem parte, quem nos diz adeus, não é mesmo, Torga, essa foi sua idéia ?

Sebastião

Mas como, meninos, seguir uma mulher que partiu, um desejo só nosso, outra brincadeira, outro jogo, brincar de pique-pegas, correr atrás, mudar o perto, trazer o longe para nós ?

Robson

O céu é uma bancada que não perdoa, que não perde uma aposta e não nos quer...

Sebastião

Deixa disso, deixa as reclamações para Torga, o que ama demais e já partiu.

Robson

Mas e as promessas ? Aquela noite fizemos o pacto, para sempre, nunca as mulheres, nunca o céu para sempre...

Sebastião

E mentimos.(Abraça o amigo e segue Torga, saindo de cena) Tínhamos é medo de olhar para cima e ver que tudo se acaba, que nos chamam para dentro de casa, que a noite acabou e a estrela se foi. Noite seguinte, nós lá fora, perseguindo estrelas, atrás daquela que nunca mais brilhou, e se voltou, não estávamos ali, ou já éramos grandes, outras estrelas nos olhos e no coração, em outras cidades, em outras casa, outros amigos, algo para se fazer. O morro ficou para trás, e nunca mais podemos nos esconder. O céu noturno foi

engolido pelo brilho de nossos passos apressados sabendo onde ir e como chegar- foi o que nos ensinaram. Mentimos, culpa do medo. Torga continuou a perseguir estrelas em suas lágrimas, em seu céu sem ninguém.

Robson

E o que ouvimos, um homem e suas mulheres, sua dor de homem em meio a nós ? E sua primeira vez, e seu primeiro amor e seu maior amor, eis a verdade que não se adia, eis a verdade em sua boca.

Sebastião

Palavras, meu amigo, palavras sem dentes, dentes e mais nada, tudo se esvaindo pelos cantos dos lábios, um veneno muito antigo, o resto de um sangue nas gengivas nuas e já sem vida, negra bebida para quem quiser se faltar... O que houve, o que aconteceu não importa, ele precisa de ouvidos , uma vida banguela quer se escutar, quando as palavras não ecoam mais a garganta de um homem sem fome, sem um chão para andar. Recolha tudo (empurra Torga, como se ele fosse um empregado, um mendigo recolhendo), Torga, para que eu não pise nessas sobras...

Uma Última Noite Sobre a Terra

Diálogo Futuro

Cenário lunar-surrealista. A sombra de uma Terra luzente e aos pedaços pode ser vista ao fundo. Entre destroços de metais retorcidos, eles conversam, dois sobreviventes, cansados, o ar raro e as palavras ofegantes. Sentados.

Sobrevivente 1

Eles virão nos buscar, tenho certeza, não podem fazer outra coisa, eles virão nos buscar, eu creio.

Sobrevivente 2

Cale-se rapaz - escute e veja quando tudo acaba. Essa é uma noite maravilhosa, a grande noite. Era prá estar acostumado, aqui, comigo.

Sobrevivente 1

Não podem fazer outra coisa, estamos perto, tão perto que já escuto os passos, eles chegando prá nos buscar, gente assim como nós, que também busca. Saímos de nosso lugar, uma vez há tanto tempo...

Sobrevivente 2

(ri) E você sabe por que viemos parar aqui, neste mundo que se acabou?

Sobrevivente 1

Eu tinha filhos, dois, sem mulher, uma casa enorme, cheia de gritos e tropeços. Mamãe cozinhava o cheiro em todos os lugares, eu brincava lá fora...

Sobrevivente 2

(*o que riu aproxima-se e o sacode*) Acorde, não morra ainda, não medeixe aqui...

Sobrevivente 1

Eu tinha uma bicicleta cor de laranja e eu era mais rápido que todos, podia correr que ninguém me pegava "pai, por que mamãe não volta e arruma nossa cama, dormir, dormir, mamãe (*Gestos de apagar a luz em quarto de criança*) dole uma, dole uma e dole três, a luz do quarto escuro apagada..."

Sobrevivente 2

92 (*Ergue-se e começa a correr*) Viu, olhe pra mim, eu corro melhor do que você, eu sempre corri mais, eu chegava na frente, mesmo chovendo, o chão caindo para os lados, a terra lisa como a cabeça de um homem velho, eu corria sem respirar nada, só os olhos crescendo, de olhos fechados eu, e nada vendo, só correr mais rápido que a chuva, fugindo da chuva, brincando de não-me-pegas suado e úmido, eu, o que corria- (*Olha e ri desatinadamente. O corredor pára seu percurso em zigue-zague em torno do amigo, ele, seu satélite*). O quê, rir do que, o que há para rir, seu idiota !

Sobrevivente 1

(*Pára de rir surpreso*) Eu não entendo, eu...

Sobrevivente 2

(*Dirigi-se o corredor para o amigo , as mãos na garganta dele, esganando-o*) Não era para ser assim, meu bom amigo, todo esse tempo aqui. Sempre me deu vontade de fazer isso, de te levar de volta para as duas filhas, para teus pais, um passado goela adentro, seu louco, seu terrível louco. Matar alguém seria a última coisa a fazer nesse mundo sem homens, sem ninguém para falar. Antes de viajar , em vida outra vida, eu sempre quis fazer isso.(*tira as mãos do rapaz, já desmaido no chão, e conversa com ele , como se ele o escutasse*). Matar alguém seria a razão de uma vida, um sentido, sabe. Quando vejo o olhar do quase morto implorando para que eu desista, um homem redimido de sua miséria, de seus planos, um homem nascendo em minhas mãos quentes, e eu vendo tudo, matar eu mesmo, eu mesmo vendo tudo, o corpo caído pesado contra o chão, para se encontrar com uma escuridão enorme, o seu caminho, o que encontro, a cara no chão, minhas as mãos em sua morte. (*enquanto falava, o outro começa a se recuperar, empurrando-o para um lado, com os pés. Ergue-se*)

Sobrevivente 1

Louco você, só pode ser esta a explicação, como conseguimos viver tanto juntos... Qual é seu nome mesmo ?

Sobrevivente 2

93

Não durma rapaz, não durma. Saiba que sempre estou por perto, como sua calças, dentro de você, as suas cuecas, tão perto de você, como seu sexo, seu corpo, muito mais perto ainda, vendo com teus olhos de medo, o pavor, amigo, o pavor crescendo em tua frente, dentro, lá dentro, fazendo tremer essa cabeça que pensa muito e muito.

Sobrevivente 1

Você está doente . É o mal da lua. Chegamos até aqui e o que nos resta? Fomos até o limite do mundo, o que fazer mais... Fugi-

mos de tudo, as pessoas e as coisas atrás, perdemos o que ficava em volta. Longe de tudo o que importa , nada mais pode nos atingir.

Sobrevivente 2

Cale a boca-se ou eu te mato, meu doce amigo...

Sobrevivente 1

(senta-se no chão, o desconsolo final) Desista, o que podemos fazer, senão escutar um ao outro? O que não foi feito, as palavras mastigadas pelo medo de que fossem escutadas. cada um como um pequeno mundo dando voltas...

Sobrevivente 2

Cale-se ou eu te arrebento *(Pega um dos destroços, uma barra de ferro retorcido. Em pé, desafia o amigo)*. Vem, prá mim, cara, diz o que você está pensando, fala mais, o sangue escorrendo pelo chão, as palavras que ninguém escutará.

Sobrevivente 1

Você está doente, ainda não entendeu isso ? Sente-se aqui do meu lado, Conte algumas de suas histórias. Você têm um passado, há algo para lembrar ?

Sobrevivente 2

94

Desgraçado *(Bate com o ferro em seu companheiro de abismo, já arremessado para o lado, sangrando)*

Sobrevivente 1

Ah, o mal da lua, eu me lembro bem, as noites olhando para o céu que não se mexia, as estrelas passando por nós, um mundo que nunca houve, sempre mais adiante.

Sobrevivente 2

Desgraçado *(Novamente o atinge, lançando o amigo mais para longe, mais perto da imagem do Planeta Terra . Mas agora é diferente. Ao bater,- o que fará outra vez - olha o amigo caído e*

hesita em se aproximar dele, como os animais ao se aproximar do fogo)

Sobrevivente 1

E viajei por tantos lugares, vi tantos rostos, ri de tantas coisas, uma junto da outra, todas em minha frente, perto de mim, aquela noite menino com a lua para mim...

Sobrevivente 2

Desgraçado (Novamente o atinge. Volta correndo para perto da nave, abraçando-a)

Sobrevivente 1

E agora estamos aqui. Tenho certeza que estamos sós, e que não adianta pensar em voltar.

Sobrevivente 2

(Surpreendido. Deixa a barra de aço cair). Mas você disse aqueles viriam, que breve tudo voltaria a ser como antes. De novo para casa, poderíamos pensar em novas viagens, novos mundos, um novo pensamento cada momento, sempre mais, sempre à frente, mais que os passos, ir até à raiz da luz e beber de uma água tão fria que faz cócegas na boca(Começa a rir, fazendo os gestos imaginando que estaria em uma cachoeira, jogando as águas sobre si)

95

Sobrevivente 1

Você está doente, meu amigo, uma grande doença. Perto de casa, eu via você, seus jeitos estranhos, o menino do cobertor. Eu já sabia de tudo isso, sabia como tudo acabaria...

Sobrevivente 2

(Fala dando volta nos destroços, segurando-se nas barras de ferro retorcidas, os macacos em suas jaulas). Não me lembre disso, você prometeu nunca mais contar. Por isso fugimos, estamos aqui.

Sobrevivente 1

Eles não virão. Deixe que eu conte a história do menino do cobertor. Estamos sós, ninguém vai nos escutar. Não há como nos escutar.

Sobrevivente 2

Eu te odeio, cara, por tudo o que você fez, eu te odeio. Você sempre mentiu para mim, sempre a mesma coisa, o mais velho, o que podia dormir até tarde. Você brincava com meu rosto enquanto eu dormia, os arranhões e as manchas em meu rosto no outro dia, a cara sempre espetada e suja. Eu parecia sua mulher, uma menina fraca e doente por sua causa.

Sobrevivente 1

Não chore meu irmão, ninguém vai ouvir mesmo. Lembra que eu sei como fazer o fogo pairar em minha mão, lembra ?

Sobrevivente 2

Seu desgraçado, mesmo que eu não possa xingar meu próprio irmão xingar, eu te odeio, você sempre soube de tudo...

Sobrevivente 1

96 *(Aproxima-se da nave. Dela pinga o resto do combustível. Põe em uma mão um pouco, risca um fósforo e acende. Brincadeira de irmãos - assustar o álcool na mão. Se aproxima do irmão apavorado).* Cala a boca seu moleque, monte de estrume, magricelo, o menino do cobertor, doente, doente, o mal da lua em você. Acorde de noite, veja seu pulmão caçando o resto da respiração miúda. Quem será que vai morrer...

Sobrevivente 2

(Tosse, tosse muito em seu pavor) Não me queime, eu falo tudo, eu escondo o que você quiser, eu abraço, pego em teu corpo. Tira esse fogo de mim. Vai dormir, irmão, vai dormir...

Sobrevivente 1

(Apaga o fogo com a outra mão. Um tapa em sua própria mão)- Eu sempre tive nojo de você. *(Dá as costas para o irmão e caminha em frente, para a lateral esquerda do palco. O outro chora)* Eu vim primeiro, apanhei muito. Em minhas costas aprenderam a te tratar melhor. Um dia, quem está dormindo na cama dos pais ? Quem, senão o menino sempre doente, que tomou o ar da noite, porque eu tinha deixado a janela aberta, o que tinha caído do berço porque eu não cuidei direito. Agora sempre ali na cama dos pais, sob o acolchoado rosa e grosso, o calor da vida em seu corpo inteiro. O menino doente com muita vida...

Sobrevivente 2

Mas eu não sabia de nada. Estava quente e só havia um quarto e todos estavam lá. Acho que esperavam algo, e eu também esperava. Debaixo das cobertas eu queria sempre a visita nova, o parente que viesse. Eu sei que alguém viria, para que as bocas se abrissem, rir ou falar, alguma coisa naquele quarto com todos nós...

Sobrevivente 1

Você não sabe de nada, meu irmão, você e sua doença. Ninguém veio, ninguém virá nos buscar. Ficamos os anos naquela casa, eu te cuidando, eu preso ao menino do cobertor. Dia e noite debaixo das cobertas, o suor mais que tudo em todos os lugares. O cheio terrível do menino doente que não se sufocava. A respiração longa de nunca acabar. Nunca mais dormir...

Sobrevivente 2

(Toma um saco dos dejetos dos destroços e sai a andar pelo cenário circumlunar. Segura uma barra de ferro). Debaixo das cobertas, debaixo das cobertas. Andando pelas ruas debaixo das cobertas, debaixo das cobertas. Os olhos em cada rosto, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas. Onde ir, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas... Nada em minha frente, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas...

Sobrevivente 1

(ironizando, batendo palmas) Sim debaixo das cobertas, debaixo das cobertas, decober das baixertas, decober das baixertas, decober das baixertas, decober...*(Recebe um golpe de quem em torno dele girou. Cai morto, um barulho imenso em sua queda)*

Sobrevivente 2

(Ri) Te enganei, não é mano, te enganei direitinho, não é ?
(ri) Um dia eu saíra das cobertas, viu ?(ri) Olha, não tô mais doente. Tava brincando.(ri) Não acredita ? *(Pega no morto,vai arrumando suas roupas, limpando o sangue e arrasta-o para a nave enquanto fala, conversando ludicamente com quem não pode mais ouvir nada, como se contasse histórias)*. Lembra uma vez, você dormindo, o beliche, eu embaixo, eu acordei mais cedo, esperei o dia ainda não chegar e gritei, gritei bastante alto e você caiu no chão? Engraçado você chorando de dor, o sangue em tudo, girando e girando de dor, as mãos no joelho, um pião maluco, a dor imensa... Você girando de dor prá mim ? Lembra seu dinheiro escondido que eu sabia, a viagem com os amigos que não houve, a busca do dinheiro perdido agora por minha conta queimando no quintal ? Lembra o combinado, você chegar tarde, eu esperar com a porta e a chave da porta? Mas, oh, onde está a chave? Onde está meu irmão? Eu estou no quarto, alguém batendo na porta, um choro pequeno em segredo sabendo o que vai acontecer. Lembra eu doente, eu doente em meu coberto de lã, o suor pelo roso, eu não deixando você dormir, eu com forminhas de gelo debaixo do do cobertor, eu querendo trazer a doença prá tudo, pro nosso quarto, você ali do meu lado, não dormir até que eu queira? Lembra eu rasgar minha pele, pedaços do corpo guardados em caixinhas de fósforo, dizer que você me batia, os meninos com medo de você, você do meu lado até que eu queira? Lembra não ver tv até tarde, eu vendo você vendo tv até tarde, eu contar prá mamãe, você apanhar tanto que criou ódio da tv, da mãe e de mim e fugiu de casa ? Era o mal da lua... E na tv passando "O planeta dos macacos". *(Para de puxar o cadáver e imita um macaco em volta de seu irmão e em volta da nave, gritando os nomes dos personagens do filme (Cornelius,Urco,Zira,Ursus,Dr.Zaios)*. Após, arrasta seu irmão para fora de cena. Momentos depois, cai o planeta Terra.

Retorno

Um quarto de qualquer um, como um quarto qualquer que alguém moraria, um quarto de qualquer casa como qualquer casa com quartos e pessoas se afligindo em seus quartos. O quarto pensa na pessoa que se aflige. Um quarto com cama, armário e luz de quarto, esse quarto para alguém que não dorme.

- Sei que não tenho mais como voltar, um dia a menos para voltar, ontem mesmo já sabia que não tenho mais nada a fazer, dia e noite, um após outro, os passos, e lugar nenhum. Sei que não posso voltar, é impossível, agora. Não foi o que disseram, o que vi nos outros, todos os que partiam, deixando a casa, eles, consigo mesmos, sozinhos, partindo, para longe... Sabiam de tudo; sabiam que iam conseguir ? Fiz tudo como eles, as mesmas cores de uma despedida, o olhar igual para os que ficavam, ver, somente ver quem parte. Em seus olhos eu tinha os meus, o sorriso de tudo deixar atrás, de tudo estar tão pouco e quanto, menos que isso, ainda menos mais. E eles partiam, sós, cada um de sua casa, que não era mais deles, a rua ainda iluminada na escuridão dos bares que sempre fecham, as calçadas que se foram, eu mesma sem dizer nada, vendo, as calçadas, as calçadas e os postes e as luzes, o brilho, os céus de olhos fechados para mim, cegos mas eu via, eles indo após si, rindo, como se os chamassem, como se os levassem embora, doce encontro. E todos foram embora, eu vi; faltava que eu fosse também (*Apaga-se a luz por alguns instantes. Ela desliga o abajur, luz da cena inteira. Reacende. Volta a falar, um pouco mais envelhecida e cansada*) Eu insisto, não há como evitar, eu preciso

entender o que aconteceu, se foi comigo, se era realmente eu. Não consigo acreditar que era comigo, a garota do olhar... Era muito para ser verdade, uma verdade para mim. Se fosse realmente verdade, teria que deixar minhas meias bordadas, minhas camisas brancas, minha longa cabeleira. Eu teria de rasgar minhas roupas e cortar meus cabelos. Mas se fizesse isso, como sair do quarto ? Como deixar que vissem, como ser diante dos olhos, eu, eu mesma ? Da janela foi o que aconteceu, os acenos, os breves golpes transpassando o azul sem cor dos ares, um braço que chama, um braço que me aponta, um braço que me toma, e me quer ? Comigo ? Para mim, o chamado ? Meu, o referir ? Há tantos quartos nessa casa, poucos para tantas pessoas que aqui moram , a família, a família da família, parentes de todos os lugares que aqui chegam e ficam e voltam e não saem, tantos olhos, tantos rostos para aquele breve aceno, seria para mim? Um dia eu já sonhara com isso. Eu me sonhei eu mesma dentro de casa, da casa de muita gente e janelas, eu mesma trancada, meias como as minhas que são só essas que tenho, só esse quarto, e essas camisas brancas, meias e camisas um corpo, o meu dentro delas, e meu rosto, e meu sorriso, meu sorriso em meus cabelos, meus cabelos em meu corpo , longos cabelos castanhos, os olhos que se agitam dentro de mim, em meu sonho, alguém me dá seu braço, alguém lá fora, não aqui dentro, alguém para mim, que me olha. Não eu , não sou eu quem olho, não é minha a culpa, essa não. Vem de fora o não mais voltar e nunca mais deixei de sonhar e viver em espera o aceno, o gesto do aceno, o breve e forte chamado, a sua vez, o agora partir. Eu dormi comigo tantos anos sem sonhar, a noite inteira, noite , noite e noite, o escuro do quarto maior que o quarto, as camisas brancas fugindo de meu corpo, meu corpo dentro das camisas, os cabelos por cima de tudo. Só olhos, olhos esvoaçando, sem peso, longe de mim, sem ter o que ver, procurando. Um dia eu sonhei e para sempre. Uma janela nasceu em minha mão que apalpou as paredes e o quarto gemeu sua inveja de mais não ser, a perda. Ninguém soube que meu quarto era outro, que a casa está fora de meu quarto, todos fora de mim, vendo sem poder me tocar. O sonhos das gentes tinham medo de mim, de meus cabelos enquanto eu girava alegre de feliz, o movimento. Eu podia correr, eu corria gigante sem parar, eu corria mais que o chão, me alcança mais não, eu era demais, maior que a escuridão, maior que a cama lá embaixo. A janela, a janela

me chamando, me chamavam, eu já vou. (*Desliga a luz do abajur. Escuro no quarto por alguns instantes. Ela fica ajoelhada na cama com um lençol transparente que em sua frente segura, em frente de seu rosto, em frente como umas grades que segura. Entra outra mulher, a dona da prisão*)

- Quer mais, para tantas palavras, ficar mais aí nessa cama-cova que te sustenta, os belos verbos, o sonho de outro mundo, a beleza na fala, a fala coberta e bela para que ? Ninguém, minha filha, ninguém mesmo. (*Joga uma pedra brilhante no chão que ecoa imenso barulho de se partir algum tempo depois. Quando a pedra bater no chão eis a risada desta que fala*). Veja a matéria da luz virar cinza, a queima antes da queda, a queda, o que é ser cinza. Uma pedra que é luz, todos vêem, seguram a luz, a luz de pedra que todos querem; entre os dedos, o que seguram é pedra luzente. Mas logo a pedra cai e se abre, mostrando seu ser de pedra, sua luz de pedra, a luz em pedaços, a pedra consumida, antes mesmo do chão chegar mais forte que a pedra, antes mesmo do ar ser arranhado durante. Resta o que era de antes, a luz menor que a pedra que acolheu. A pedra menor que o chão que a vomitou. Os que viram não souberam e partiram buscar novas pedras - coisas-sem-brilho, foscas, os olhos de latão, pesados, caindo por entre as ruas, embriagados de sua nostalgia do mais ser... (*pisa forte no chão das cinzas*). Acorde, mulher, e não saia. Saiba que um dia a mão se abre; e com tão poucos vestidos há de sobrar carnes, elas, espaçosas por entre a jaula sem grades, todos vendo o que não se pode ocultar, a dama oculta em suas peles manchadas, entre os pêlos grossos e sujos que se esgueiram entre uma pele rósea, doente. Acorde, um dia novo aqui dentro... (*a luz apaga-se e volta. A segunda mulher senta-se ao lado da cama em um banquinho e fica em posição de observar. Entra uma terceira mulher, velha mulher, mais velha que a anterior que é mais velha que a primeira. As três idades. Ela fala.*)

- Por que a casa...longe dela, quando era ainda longe de se ir, quando tudo era preciso a fuga, o não mais poder dizer para os outros, a noite que chama. Eu percorria os quartos, acordava as gentes e ninguém me ouvia. Não podia ficar mais ali, como eu sei, sentia-me envelhecendo, a vida em cada canto, espalhada não mais comigo, eu sendo devorada pelos lugares sem luz da casa, o que não ver na escuridão total do quarto-fogueira de meus olhos, só eu vendo o que acon-

tecia. Uma voz "durma logo, meu isso, passa, tem medo não, o dia amanhece em seguida. Quieta, veja meus braços brancos pendendo nessas roupas de ontem, há quanto tempo estou aqui, nem lembro. Fica comigo até amanhã, o jamais. Minha menina, me dá um beijo enorme. Sente a fria pele que te apara o calor e se compadece. Olhe meus joelhos roxos de tanto rezar, as marcas. Eu volto, eu não saio daqui." Uma voz outra "ela dorme, fechou os olhos ? Prá que, seus gritos vêm depressa, o pulmão sufocando a respiração, uma mão apertando a linha do ar que sai exprimido. Primeiro joga todo o ar para fora, expulso de seu pequenino corpo, depois chama o que de si já não quer mais voltar. Ah, minha menina doente..."

(*a mais nova*) Me escutem, eu tenho outros sonhos. Eu falo durante a noite e não entendo nada, como se pedisse, como se não quisesse mais acordar. Em volta de mim eu sei dos olhos, o bafo quente de uma respiração antiga, as bocas sem beijo pesadas em volta de mim. Eu preciso ir, para nunca mais voltar. Tantos foram, não é mesmo, vocês queriam também ir e não puderam. Eu não tenho filhos, vendi pouco meu corpo. Os muitos homens não deixaram nada e eu nada pedi. Eu já sei de cor os hinos, amanhã pode ser tarde. Eu preciso ir com as janelas e as luzes...(*Extrema violência agora pode ser vista. As duas mais velhas gritam como se estivessem em um escândalo maior que a deposição da honra, maior que se suas filhas estivessem grávidas. Mais ainda que uma mãe morta, ou que o verdadeiro amante assassinado. Elas gritam e outras três aparecem. Dança macabra em volta desta que roda apavorada na circulação daquelas que não têm ninguém, das que em suas roupas de poucas cores, vermelho-escuro, dançam a dança das feras, das imagens que nunca mais serão esquecidas, as imagens-golpes na carne que não cede, que já não está mais aqui*)

- (*uma tira o lençol-máscara rudemente da mais nova*) Qual é teu peso, minha filha ?

- (*uma pega em sua roupa de dormir e tira as alças*) Quem te deu essa sede, estes desejos a mais ?

- (*uma a empurra bem forte*) Qual é teu nome, menina, você fala demais...

- (*uma lhe dá um tapa em seu rosto*) prá onde olha e tão cedo, em busca de quê, se já foi embora ?

- *(Uma joga a mais jovem de todas no chão. Nesse momento, o círculo se fecha em seus gritos e assombros, o rodopio incessante acelera sua marcha e seu fechamento em torno da menina sentada no chão, com a cabeça entre as pernas, chorando para breve retornar louca. Contemporâneo deste movimento, temos o aproximar das duas velhas antigas que soltaram suas invectivas contra a mais jovem, as duas caminhando juntas como duas freiras abandonadas por seu Deus, as viúvas que se ocupam da volta dos mortos, as mulheres abandonadas que ficaram esperando)* Lugar nenhum, lugar nenhum para os que vão ou ficam. Lá fora ou aqui dentro sempre haverá casa.

- *(As velhas, alternada e ironicamente soltam suas perguntas como se fossem a mais nova de todas, que, em sua agonia, procura uma saída para seu viver triste e pobre. Após cada fala que alternam são respondidas as velhas pelo coral das devoradoras de heróis, pelas fúrias que, em sua dança macabra, já engoliram quem queria partir sem saber para qual lugar.)*

- Não pode ser assim: todos foram e voltaram diferentes, longe daqui o melhor nos torna mais leves.

- Cale a boca mulher, você deve ficar. Você não é um homem, entenda isso. Um homem parte e não volta. Outros homens tomam seu lugar. Fique com a casa, fique conosco. Nunca te deixaremos só.

- Mas eu quero ir, levar minhas mãos quentes, aquecer os que estão em meus olhos, quando não se pode olhar para trás e ver o rosto de quem dormiu contigo.

- Não adianta ver, mulher, de nada adianta abrir seus olhos. Em todos os lugares nós, somente. Uma mulher é só a casa e nada mais que isso. Ela vai atrás da casa, e terá, de novo, violentadas suas carnes, a casa.

- Com minhas mãos pequenas posso segurar o que outros não conseguiram. Os olhos maiores que as mãos que sabem o que desejam. Lá fora eu serei os olhos e as mãos dos que vejo e toco.

- Por maior o esforço você é uma mulher e a viagem lhe ensinará. Os lugares transpostos e o sexo bem no meio de tuas pernas recheado dessa verdade. O sexo no meio de ti como a marca de que a viagem em nada mudou o mundo.

- Quando eu desejo minha voz se torna a de uma menina a que fui, não aqui, mas lá fora, quando não me viam os que conhecia. Minha voz de menina tão fácil de se fazer.

- Não adianta as cores de ontem ou de amanhã. De olhos abertos ou fechados as mãos vazias ou pesadas, no fim do caminho devolve o medo de ficar. O mais longe despede-se a cada passo, e os pés não conseguem correr. Uma pedra cai no meio do mundo, fazendo tremer os que andavam sem olhar o céu em chamas. As pessoas caem, as montanhas descem. Um pedido no meio da noite, quando não se é mais criança. (Neste momento, as velhas sentam-se em frente da roda voraz, do círculo flamejante, que passa por cima delas e lhes deixa a menina que agora dorme no colo das velhas. Elas, após alguns instantes imóveis, passam a fazer a estranha carícia de mãos espalmada que pesam sobre o corpo da jovem)

Volte sempre

Três mulheres em sua luzes-lugares - azul, vermelho, negro. Um tanque. Nele, lavando roupas pequenas quase infantis, muitas, uma mulher gorda, águas e águas caindo do tanque. Outra, lustrando o chão, jornais espalhados em um caminho para que seus pés não se sujem de cera. Ainda mais uma que, sentada em uma cadeira, esfrega suas pernas lisas, prova cheiros diversos de sabonetes que abre, passando-os pelos braços e cintura, a mulher que se prepara.

Mulher 1

Não cabem em mim essas roupas mas são minhas. Eu escolho as que lavo , a ordem das águas, o sabão de cada. As mãos sabem quem precisa o calor e o frio, a roupa de cada dia.

Mulher 2

Um pouco mais de cera e meu rosto virá, saindo da terra que deixei há tanto tempo. Embaixo de tudo, meu pai me toma em seu colo e me faz rir. A menininha que fugiu com o soldado, a cera vermelha que não sai de mim.

Mulher 3

Meu homem suado, a pressa de voltar tão logo como chegou. Os filhos e a mulher no medo dos olhos, medo de sua coragem. Um quartinho sem tv prá nada serve, mulher sozinha de nada vale. O cheiro dos sabonetes me faz esquecer o fim das noites com sua três batidas na porta.

Mulher 1

(Tira uma peça, uma calcinha pequena, azul, rendada) É de criança? Não, não pode ser, ninguém corre atrás dos outros, crescendo, seguindo os passos de quem está em frente. Nada muda nessa casa, nem aumentam as roupas, as mesmas. Minhas costas doem e ninguém aparece. As mãos se enrugam com facilidade, brancas, brancas as mãos, as que tenho, somente para as águas cada vez mais limpas.

Mulher 2

O cheiro da cera pregado em meu rosto não me deixa ver, se estou nos jornais ou no chão. A tarefa cumprida, quando, ajoelhada, quase caindo, o chão para um corpo cansado. Eu sigo cega para onde não há mais cheiro, as notícias do mundo presas em meus joelhos, as mãos sobre as notícias, eu esperando que tudo acabe, logo, breve, mais...

Mulher 3

(Três batidas. Todas elas se colocam em situação de inquietação) O que ainda vive está atrás da porta. Mas não é ele, quem bate, o ruído é firme como de uma mulher. Não há desejos no que ouço. Eu cheiro mais minhas vestes de segunda, os sabonetes do mercado, o ar vendido e barato de quem vagueia sem um lugar seu.

Mulher 1

(Cai a bacia no chão com as roupas. As mãos desta estão horrivelmente brancas e sangrando, mãos que são braços, como estivesse derretendo, um peixe em pé, ela) Os donos da casa ? Eu sabia que voltariam. Olhem, eu fiz tudo direito, não parei de lavar. As vezes doía, mas olhem meu rosto, eu estou feliz, uma princesa em seu baile, um beijo na boca de não se esquecer, os pés sobre o chão, as mais belas roupas, o brilho nos olhos, vida, muita vida.

Mulher 2

(Três batidas. cai e rola a lata de cera. Ela procura se erguer e escorrega cada vez, rasgando os jornais. Fala com um

pano nas mãos) Por que agora, por que ? Estava tudo pronto, a casa que saiu de mim, de meu sangue, melhor que antes, eu digo. Por que agora, a volta, a vista inesperada sem razão? (Nervosa, passa o pano em seu rosto e corpo, sujando-se mais). Esperem lá fora, tudo bem, fora. (Retorna ao trabalho de lustrar o chão, falando e abaixando-se ao nível do chão, pouco a pouco). Eu faço tudo num instante, eu sei fazer, nunca fiz outra coisa. Pros seus pés o melhor, senhores, pros seus pés os melhores...

Mulher 3

Não é você, eu sei, a noite curta de um soluço, a garganta cheia da água em seu silêncio. A teia da aranha nas mãos de uma vassoura, os olhos de quem pede o quarto abafado e sem luz. Não é você, mas como chegaram até ? Não troco favores por dinheiro, eu não atendo ninguém. Voltem outro dia, tragam nova casa, outro quarto para meus odores. (Três batidas. Entram dois homens bêbados que cruzam o caminho por entre as mulheres, seu diálogo de quem procura abrigo.)

Homem 1

Um homem chora em seu carro, rasgando as fotos de uma mulher que não é mais sua. Chove muito, e as águas levam os pedaços de corpos nus e dos sorrisos. O que te parece ?

Homem 2

Para mim ele bebeu pouco. Se fosse eu, comia cada foto, e com as restantes me limpava depois da merda.

Homem 1

(Para, surpresa) Você já fez isso ?

Homem 2

Pior, muito mais. Ela se foi e eu peguei suas roupas, seus sapatos, seus livros, suas revistas, suas folhagens. Mijei

em cima e limpei meu rabo com tudo. Aqui ó (mostra o traseiro para o público), aqui mesmo, um a um passando por aqui, ó, onde tudo acaba, a bunda suja, a minha, somente minha, o que sempre fica comigo e ninguém pode levar.

Homem 1

Você é louco. Nem sei porque a gente anda junto. E o que aconteceu ? Ela voltou?

Homem 2

Não, mas a dor ficou um tempo, a dor no rabo em frangalhos. Preferi rasgar a bunda que as fotos.

Homem 1

Eu queria rir, mas não posso.

Homem 2

Naquela vez eu também queria rir... e ri muito, secando as feridas.

Homem 1

E prá que tudo isso, essa loucura toda ?

Homem 2

108

E prá que um homem que chora na chuva, em seu carro, rasgando fotos de uma mulher que não é mais sua ? A minha bunda é minha, cara, minha mesmo. Eu preciso dela, sentar, no trabalho, o trabalho, viver, trabalhar duro, o dia inteiro. E isso doía muito. Lembrar que todo dia o trabalho era preciso e me sentar, a cadeira. Aquilo é que era ruim mesmo, não dava prá fugir ou adiar. Olha, minha bunda em feridas pagou meu aluguel.

Homem 1

O aluguel ? (rir, rir muito) Cara, você é demais. O aluguel ! Essa eu não esperara (rir, rir muito. Continuam a andar até que param

na luz-lugar da lavadeira)

Mulher 1

(Nervosa, rumando para os dois andarilhos) As roupas, as roupas, por favor, as roupas para mim, elas, aqui mesmo, eu vou lavar todas, eu preciso de suas roupas.(Eles a empurram, andam com ela, seguindo-a. Logo chegam as outras duas)

Mulher 2

(Atirando-se aos pés dos dois) Cuidado, tirem seus pés daqui. Ai, meu deus, ai, de verdade. O que é isso, porque foi acontecer comigo ? Tanto tempo e as pessoas erradas. Olhem, para minhas mãos, o chão em que pisam, tudo dói e sem jeito, sem pressa. Saiam daqui, seus bêbados, ninguém quer suas histórias.

Mulher 3

não posso rir, e tudo é estranho. Como chegaram até aqui ? A porta sempre fechada para os que não podem sair. Dentro do quarto, a mesma noite dentro de mim. Homens que chegam e não me querem ... eu não entendo. Fechem a porta, meus perfumes de não podem sair.

Homem 1

Escutem, quem são vocês ? Todo dias este é o caminho e as lembranças ? Por que hoje vocês ?

Homem 2

Eu não gosto delas, viu, eu não gosto delas.

Mulher 1

Deixa eu ajudar, sua camisa bonita, bonita mas suja, muito suja, de verdade. Deixa ela prá mim, eu com minhas águas enquanto tiver forças, lavando, lavando, até que as águas levem tudo embora.

Mulher 2

Saiam já daqui, seus merdas, vejam só o chão, o que fizeram. Eu odeio vocês, sempre com suas vidas vindo aqui, o meu lugar.

Tirem seus pés de mim, fora daqui, eu vou mostrar como dói parte de si perder.

Mulher 3

(ri, ri muito) vocês estão, aqui, (ri), vocês erraram o caminho, não é mesmo ? (ri) Não vieram prá, não é. Prá me buscar, prá longe. Eu continuar no quartinho, lavando-me a cada dia, sem água, apenas com os sabonetes, passando pelo corpo, o cheiro que não é meu, impossível de ficar.

Homem 1

Calma, ou eu... O que é isso ? Três mulheres loucas, nesse descampado ! Já vai amanhecer, estamos voltando para a casa ou saindo dela ?

Homem 2

Não vamos embora até descobrir quem nos dá tamanha estranheza. Ei gorda: porque você não se lava e dentro do tanque bebe o pó dos caminhos nas roupas que te emprestaram. E você, mulher e raiva, sabe dizer teu endereço ? Se não, leia nessas páginas, esfregue o jornal em tua cara e no teu traseiro, ou em qualquer um, com qual você lê. E a última, vá para cama, se esconda dentro de um prato e coma teus sabonetes, estoure depois numa bolha que fugiu de teu nariz. Não vamos embora cara, não vamos embora.

110

Homem 1

É mesmo, vamos ficar até ver o que acontece. Bom mesmo é sentir o que se faz morrer entre os dedos.

Mulher 2

Eu leio sim (Lê os jornais, encerrando-os), eu vejo tudo, um homem procura mulher em outro país, longe daqui. Ele oferece tudo o que se quer, uma casa com criados, um homem velho e rico, Bert Sterling, Bert Sterling, eu já vou. Minha nossa, sempre debaixo de meus pés, a cera em meus olhos, o chão sem rosto de meu dia a dia sem rosto. Ontem eu comi uma sopa branca, muita branca, água e

macarrão. Acho que passou do tempo. O macarrão cozinhou tanto que boiou sem matéria na água, cansado de ferver, sopa branca, branca, sem sal, nem de se beber. Eu comi toda a sopa que esfriou, passada da hora de comer, de ser sopa. Uma panelona muito, grande. Eu não joguei nada fora. Alguém quer ? (olha para o público) ? Eu vou indo, Bert Sterling, eu vou me embora, suja mesma, cor de mim, você me quer assim ?

Mulher 1

Eu lavo tuas roupas, mulher, eu sujo teus vestidos, eu estou é passando mal, com vontade de vomitar, em cima de você, desse cheiro de cera (Pega a lata de cera). Coloque na boca essa cera, coma esses nacos vermelhos, faz bem. Tempera tua sopa, a vida branca escorrendo pela boca que borbulha, mulher. Ninguém vai embora, até que eu lave as roupas. Você me suja com essa cera, seu sangue já escorre pelo rosto, a lata pequena mas no chão ainda tem mais.

Mulher 3

Isso mesmo, coma essa cera e morra cuspidando meus sabonetes, muitos aqui em minha mão. Eu sinto o cheiro de sua vida em cada um deles, pedaços de mulher sem homem assim como eu. Eu vou ter muitos deles, todos. Depois trago prá você cheirar, todos, aí no chão, morta em baba e sangue, as mãos para ninguém.

Mulher 1

Me cansei de seu quartinho imundo, nos fundo da casa, eu sempre bati e nunca entrei. Todas as noites, três pancadas. A porta estava aberta e as roupas sujas, mas você girava girava em sua noite de mulher, a podridão de tantas noites em teus olhos, exalando do corpo, não tomar banho prá continuar consigo mesma até o fim (Puxa a mulher pelos cabelos até o tanque que grita "mentira, mentira"). Me cansei de tudo isso, Venha agora com suas roupas que eu vou te lavar. o corpo perdendo essa sujeira grossa e negra, o barulho das águas de quem se debate, pendendo sua antiga pele, a não mais sua. As águas levando o fedor e a vida pelo ralo. Gira mulher, teu prazer em tua pele, a pele, a pele.

Homem 1

Por que tudo isso, agora que se acabou? Duas mortas, duas mulheres em seus mundos agora sem eles ? (Senta-se do lado da mulher1, chorando com ela, consolando-se. Põe a sua cabeça no colo dela e fala:) Eu amei alguém de verdade, os dias sem fim , muito amor. De noite achava que cada dia era o último e ao seu lado, manhã seguinte um pouco ainda mais. Tudo acabou de repente, como se acabava aos poucos e nada adiantou acordar depois de cada noite e da dor de cada noite. Comprei um veneno e não bebi, rasguei as fotos e não parei de rasgar. Há muito para rasgar, nada se acabando. Agora por que tudo isso ? Por que a dor de algo que não tem braços ? As chuvas maiores que o rosto que não sabe para onde olhar, o chão interminável que se pisa até que venha outro e mais outro, os quatinhos em ar , o pouco ar e menos vida , isso de se viver, de comer uma sopa branca grossa como um tanque cheio de sabão em pó, borbulhando sem fim até não mais onde ? Por que ? Sentar-se aqui e perguntar lembrar, o choro apenas ? Duas mulheres mortas, nós dois sentados - para quê ?

Homem 2

(ri, ri muito) Eu vou indo, cara, (ri), eu vou indo de verdade. O casal já está feito a gorda e o chorão. Eu nem era prá vir aqui, mas bebi muito e cai. Agora que me levanto, vou embora. Acho que cai mal, a bunda dói. E só disso posso lembrar, nunca vou esquecer. Amanhã vou trabalhar duro, o dia inteiro. Não bebo mais, ou se beber, cuido como caio. Meu traseiro não agüenta tantas quedas seguidas. Escute seu traseiro, meu homem, ele sempre está disponível para andar com você. Escute a merda do traseiro que você tem aí. Uma rua ou outra, um encontro ou outro nada disso mudará tua condição de ter bunda, de ter uma bunda enorme da qual não se pode fugir, sempre suja não importa o que se faça, o cheiro do rabo saindo do meio de tuas pernas, o impossível sonho que nunca acontece, só o cheiro da merda invadindo teus poros, saltando de teus olhos, escorrendo por teu rosto até que não tenha mais jeito e você saiba que a sua bunda te chama, seu merda. Fique aí seu merda, com seu traseiro morto, que eu vou atrás do meu, eu te pego bunda, eu te pego seu merda, eu vou te pegar, (Ri, ri muito, brincando de pegar sua bunda, correndo sem parar, até sair de cena.

Se você só tem isso, Se você já não tem

As últimas noites de um homem

Conto - drama de terror

Prólogo

(Alguém se arrastando, em trapos, sujo, agônico, luz em seus olhos)

"- se você só tem isso, se você já não tem, ontem e hoje, pense bem, agora, pense de novo, já não é mais assim, não repita o que eu te disse. Se você só tem isso, viu só, já errou, eu avisei, não era assim, ontem, outra vez, a mesma coisa, de novo. Se você não consegue, pense melhor de uma vez por todas, a última chance, o que eu te disse, dessa maneira, vamos, sem desistir. É só lembrar que se você já não tem nada a ver com isso, se você já não tem, tudo pode ser novo outra vez, viu só, desse modo, dentro dessa chance que eu te dei, não me repita, não diga de novo tudo a mesma coisa. Se você só tem isso, se você já não tem, agora é tarde, agora é adeus, viu só, você errou de novo, de novo, eu não vou mais avisar, hoje, ontem, tudo igual, como você queria, desse modo eu não faço mais, me ajude com sua boca, deixe aqui as vontades. Se você não tem mais nada, se te deram só isso, então me dê aqui isso mesmo, tudo, ontem não era desse jeito, você erra sempre, alguém, é preciso alguém em seu lugar. Corra o mais rápido que puder, mas lembre: não conte nada disso, não repita o que

eu te disse, melhor assim, a sua última chance acabou, você não tem nada, você não tem.” (Apagam-se as luzes. Instantes. Entra um senhor muito velho, fumando um longo cigarro, dentes sujos, a pele queimada no rosto e nas mãos e no corpo, pois está vestido com remendos, roupa com partes de roupa faltando, tudo bem geométrico - os espaços que faltam. Entra como se estivesse passeando, só, sem se importar com qualquer um, as pernas para lá e para cá, um *semcaminho* que é seu caminho que ele mesmo resolve como e quando seguir.)

Velho

É, meu jovem, bem sei que na vida o que conta é o futuro, entendeu? Me escute bem, o futuro. Olhe para a palavra que eu digo: fu-tu-ro. Parece que demora, como algo que não vem, eu sei, por isso a pressa dos jovens. Me escute, meu jovem, me escute bem. Há um brilho em seus olhos, eu vejo, um brilho que chega até mim. Você vai ser grande, viu, vai ter um grande futuro, fu-tu-ro, entendeu? Muitos meninos já me ouviram, aqui, bem junto a mim, eu tão velho... Mas nenhum é como você... Fu-tu-ro, ouviu? Repita comigo fu-tu-ro... nenhum, como você. Muitos me ouviram, sabe, muitos, aqui bem junto, essa maldita pressa dos jovens, o brilho de seus olhos, o meu brilho em seus olhos, eu vejo um brilho em seus olhos, meu jovem, me escute, me escute muito bem. Eu digo que nenhum é como você. O futuro e a pressa. Muitos já me ouviram, como você, mas nenhum, meu jovem, os olhos nos olhos, o brilho que eu vejo, os olhos que só eu posso ver. Na vida, bem sei o que conta, meus jovens, meus eles todos... para onde você for, nunca esqueça, nunca mais, nunca... (Explode uma alta música que depois vai sendo normalizada para seu nível de audição plausível - canção de casamento, risos e falatórios. As pessoas estão ali. O homem velho senta-se em uma mesa longa, para convidados e vazia. Bebe sua bebida de fazê-lo mais velho, espreitando a todos, este senhor Após alguns instantes,

chega um grupo, o noivo e a noiva, duas irmãs, uma com buquê, a outra com sua feiúra tão próxima com a das outras duas de sua família. Parece um casamento na roça. O grupo chega sorrindo. Sentam-se. Num espaço extremado do banco, os quatro. Agem como se estivessem em um carro, indo embora, falando de alguém para alguém)

Noiva

Amor, não dirija assim tão rápido. Já vamos chegar.

Noivo

Eu sei, eu sei, mas o garoto quer algo mais, não é mesmo?

Irmã buquê

É só um menino, um menino tão pequenininho.

Noiva

Eu não queria ele aqui, nem parente é, um menino aqui com a gente, nossa boca sem maldades, calada...

A mais feia

Ah, é só um menino, quem deixou que ele viesse ?
(todos se entreolham)

Irmã buquê

O que você tem a ver com isso, não vai casar nem nada...

115

A mais feia

Nem você. Mas eu odeio esse garoto. Veja como nos olha...

Noivo

Chega, chega disso, é só uma carona Ele já vai embora...

Noiva

Quem deixou que ele viesse...só podia ser uma das duas ou você, sempre você, marido.

Irmã buquê

Você não gosta de nós, irmã. Mas meu casamento vai ser melhor que o seu. Você vai ficar feia e gorda, com filhos e sem marido. Eu vejo isso nos olhos do garoto.

Noivo

Ele disse alguma coisa, hein ? Disse mesmo ? Eu não ouvi nada , nadinha mesmo, ali atrás das árvores, contigo, se lembra ?

A mais feia

Um menino tão pequenino, de olhos tão abertos nos seguindo, ele viu o que vocês faziam.

Noiva

Mas vocês não viram e nem vão fazer. Por isso trouxemos o garoto. Ele tem ódio de nós. Segurem ele bem.

Noivo

Tava tão bom ali, continuamos até o menino chegar, um garoto apenas, quase o convidamos, levar prá um passeio, fora do jardim da casa das festas.

Irmã buquê

116

Vocês nunca me chamaram, os passeios na casa das festas. Eu sempre quis ir com vocês. Garoto, como é lá ? Era seu aniversário ?

Noiva

Escondam dentro da cobertas, escondam o menino, tomem minhas roupas de casamento, deixem que se se abafe com tantas roupas, o suor e o rosto que não pára de nos olhar.

A mais feia

Por que você não vai embora sem a gente ? Por que você não fica em sua casa, sua família te espera, não é mesmo ?

Noivo

Eu não sei o que fazer agora, não sei para onde ir. Acho que me esqueci como se faz para sair daqui. Mas estamos perto, muito perto.

Irmã buquê

(Em gargalhadas) Você vai ficar gorda e mais feia que nós, sem marido e gorda. As mãos lutando por uma casa sem festas. Os pratos jogados no chão, aos cacos algum barulho de casa sem festas. O jardim sem coxas se esfregando junto às árvores. O menino sabe, ele viu tudo, ele viu vocês...

A mais feia

(Rumando para tirar o buquê daquela que não pára de rir) me dê esse menino aqui!

(A noiva vai ajudar a mais feia. Lutam enquanto o noivo se levanta vai falar com o mais velho)

Noivo

O senhor sabe onde estamos?

Velho

Não, mas sente-se aqui (o noivo senta-se no colo de seu avô sedutor) Sabe, você tem um brilho nos olhos...

Noivo

O senhor já disse isso muitas vezes. Mas como se faz para sair daqui, vovô ? Como se faz para fechar os olhos dos que podem nos ver?

Velho

Pegue minha mão, por favor, aperte minha mão bem forte. Olhe bem nos meus olhos sem medo: eu quero ser um filho, me abrace antes que o dia chegue outra vez (Começa a chorar. Caem as mulheres e começam a jogar mal- me-quer-bem- me-quer). Há tantas maneiras de se estar triste e eu não consegui

saber qual a melhor. Há tantas pessoas que deixam seus pratos vazios na mesa e eu não quero pedir para que fiquem. A mesa esta posta, a comida nos pertencem. Fique, irmão, eu posso ser alguém nesta noite, fique, se não há algo prá fazer.

Noivo

Eu acabei de me casar, estamos procurando um lugar para ir embora. Um garoto vem conosco, ele é todo seu. Ele vê as coisas que vão, e o garoto sabe prá onde tudo vai.(chegam as mulheres)

Irmã buquê

Eu não disse que elas me odeiam, hein garoto? Agora não há mais nada a fazer. O buquê e a festa se acabaram. Olhem bem tudo em sua volta, os homens e as mulheres, há algo errado e eu não sei o quê. Mas não esqueça, não esqueça, pois só você vai sair daqui

Noiva

Só porque não se casou e não tem homem, leva seu garoto, até que um dia alguém lhe tome até ele.

A mais feia

118 Mas seu homem está em outros braços, irmã, um homem com outro, feche os olhos do garoto, ou melhor, leve-o para perto dos homens que se beijam, cada um igual ao outro.

Noivo

(Levantando-se) Calma, me escutem: vejam quem eu achei. Ele não sabe nos dizer onde estamos. Vamos ficar aqui e esperar a janta.(O velho se agacha e recolhe as sobras do buquê e as coloca na mesa. Arruma-se como um mordomo)Vamos esperar, muito bem, vamos esperar.(Todos se sentam como se estivessem em uma mesa de festa, enorme. O velho em pé os vigia e os ampara, ensinando os modo de comer as flores. Instantes. Após, o noivo pede a atenção para um brinde)

Noivo

Minha família e garoto de olhos esbugalhados e sem fome. Em casa de meu irmão tenho a honra de lhes apresentar minha esposa, com a qual não ficarei casado por muito tempo. Eu vou para uma cidade muito distante, no sul desse país, atrás de outra mulher. A que fica, mandará cartas e suas irmãs vão me esperar com um jantar a cada dia. Peço a meu irmão que me acompanhe. Há uma arma em cima do armário do quarto. A criança pode ver quando os tiros forem dados. Eu bem sei que de noite não é bom viajar. Os olhos se cansam e tudo escurece. Mulheres, comam enquanto há tempo. (O Mordomo bate palmas espalhafatosamente. Senta-se para melhor observar o discurso terminado do noivo. O mordomo, então, tira sua casaca, faz um bolo com o pano, empurra as comidas e as mulheres e se deita na mesa, dormindo abraçado com este travesseiro)

A mais feia

(Olhando para o velho) ele dorme como um bebê, acariciando o que tanto ama, uma criança como outra, como se nascesse agora, as mãos querendo mais que a companhia.

- (a noiva olhando para o Velho-Mordomo mas abaixando a cabeça na medida em que fala)

É inútil tudo no mundo, quando se sabe que se vai se ficar só. Antes de casar eu já sabia, nunca outro além de mim, sempre comigo, envolvida nos sonhos das roupas e suas cores, vestir e trocar. Por isso eu odeio os beijos. Quero só o toque, forte até me machucar. O vermelhão nas carnes que dura mais que um dia.

Irmã buquê

(Olhando para o noivo) Era isso, não menino ? Era isso em teus olhos negros, pedindo no fim da última viagem, desde o carro, desde o jardim, em uma igreja de mármore preto onde brancos se casam, o caminho das flores escorregando pelo chão ? É a chuva e você vê os passos de um homem que corre sem parar, até ficar nu, gozando em cima de sua mulher. A porta nunca fechada e o barulho da porta. Não é isso garoto, fala para mim, fala do amor dos outros com amor, fale prá mim eu que vejo tudo.

Noivo

(irado) É tudo culpa sua, não é garoto ? A desgraça no casamento, as bodas virando luto. (Ergue as flores e as joga no velho). Eu disse, pai, me conta uma história, um dia com poucas nuvens no céu, uma imensa fogueira diante de nós. Em teus braços escutar o grande mundo das palavras, a igreja cheia no espelho de seu mármore caindo sobre nós, um abraço apenas, a única palavra de tuas mãos caindo toda sobre mim, não a bala do revólver no quarto, a mãe que se foi, eu sem parar de correr até nunca mais chegar. É culpa sua, garoto, toda a culpa, nesse olhos que não se fecham, até que alguém grite "a noite chegou, hora de ir para cama, escutar o gemer do vento, inútil lutar contra as vozes, contra o vento na casa".

(O velho-Mordomo se ergue e joga as flores no chão. Veste a noiva com sua casaca e abraça todas.)

Velho

Somos uma linda família, não ? (beija todas as mulheres)
Venha, meu irmão, e traga a escuridão do quarto. Pare de falar, antes que a noite exploda no estampido último. Avisos nos golpes dos céus sobre a terra. O chão nos espera, eu bem sei. As mulheres gordas, gordas sem maridos, todas nuas na festa que passou. Você tem um brilho nos olhos só meu, que eu espero desde sempre. Você vai ser alguém na vida, alguém na vida aqui comigo, dentro de mim. Dormir abraçado sem sono, as longas tardes do dia esperando que alguém apareça. As mães que nunca vieram esqueceram de nós. Por isso há o garoto, brincando só nas árvores, sujando-se com a terra até o fim do dia trazer os mosquitos. O banho demorado das mãos em volta de teu corpo, o toque. Eu sempre soube, irmão, sempre soube que é bom dormir quando não se tem sono, esperando o tiro no quarto, a luta pela arma, até ver quem consegue matar quem, para que você perca sua casa e não volte mais, ou leve a casa consigo, para sempre, na estrada dirigindo cansado até parar em uma casa desconhecida após seu casamento.

(Todos se dirigem para o noivo. O velho fica atrás.)

Noiva

(Com olhar perturbado, como alguém possuído, os pés trôpegos e olhar pedinte de muito longe) Não tenha medo ainda, garoto, olhe mais até não poder.

A mais feia

(Mais deformada que a anterior) Quem deixou que você viesse ? Agora vai ter de saber de tudo, aqui dentro do mármore escuro e sem brilho de quem não te quer.

Irmã buquê

(Deformada mas não seguindo a direção das outras, como se colhesse flores e pedisse que a ajudassem) As minhas flores, o que fizeram? Não pisem minhas flores, eu preciso levar para meu marido, o chão está cheio de flores. Cuidado, não pisem minhas flores !

Noiva

(Agora junta o rito deste caminho e os traços do rosto com o erguer e descer de seu dorso e braços) No jardim da casa, a felicidade, ela não está ali. Dormir, dormir até ficar com dor nos olhos. As mulheres vão ser tristes, não é seu bobo ? Elas sempre vão ser tristes, meu menino...(gargalha)

A mais feia

(Agora de mãos dadas com a noiva, repetindo os mesmos modos, mas mais desajeitada) Os dias bons ficam lá fora, queimados pelo castigo de quem prometeu sempre te dar beijinhos. Cuspa fora o doce que eu te dei, garoto. Morda os dedos presos na porta apertados, muita dor.

Irmã buquê

(Arrastando-se, colhendo flores inexistentes) Não sabia que você gostava de flores, menino, que você gostava tanto das flores. Um revólver ficou em cima do armário e sua mãe não vem te visitar. Cuidado com as flores que estão no chão, não pise as flores, meu garoto, não pise.

Noiva

(Segurando o braço do cabisbaixo noivo) Nenhuma maldade pode te salvar agora. Nenhuma de nós vai ficar sem homem nesta terra, amar o garoto que não nos quer.

A mais feia

(Segurando o outro braço de quem já se ajoelha) Dói quanto penteio teus cabelos, e os puxo bem forte, arrastando o pente pela cabeça de quem chora ?

Irmã buquê

(Saltando feliz para fora da cena, indo-se embora) Os noivos se foram e vão ser bons prá mim. Vão trazer um menino que um dia será meu, para que eu jogue novas flores em frente da igreja, para que eu pise em teus olhos, garoto, os teus olhos fechados, meu menino.

(As duas arrastam o noivo pelos braços, beijando-o como se arrancassem pedaços dele, cuspidos no chão)

Noiva

Cortar as unhas

A mais feia

Escovar os dentes

Noiva

Calçar sapato novo

A mais feia

- vestir pijaminha
- rezar prá dormir
- comer com talheres
- limpar-se bem
- tomar remédio
- amargura, amargura, amarguidão, amargoso, amargo

mesmo (ruído de cusparada).

(O velho que acompanha tudo, as segue, até que o tirem do palco. Então diz bem sarcasticamente, olhando para o público :

Velho

Se você só tem isso, se você já não tem, ontem e hoje, pense bem, agora, pense de novo, já não é mais assim, não repita o que eu te disse. Se você só tem isso, viu só, já errou, eu avisei, não era assim, ontem, outra vez, a mesma coisa, de novo. Se você não consegue, pense melhor de uma vez por todas, a última chance, o que eu te disse, dessa maneira, vamos, sem desistitir, é só lembrar que se você já não tem nada a ver com isso, se você já não tem, tudo pode ser novo outra vez, viu só, desse modo, dentro dessa chance que eu te dei, não me repita, não diga de novo tudo a mesma coisa. Se você só tem isso, se você já não tem, agora é tarde, agora é adeus. Viu só ? Você errou de novo, de novo, eu não vou mais avisar, hoje, ontem, tudo igual, como você queria, desse modo eu não faço mais. Me ajude com sua boca, deixe aqui as vontades. Se você não tem mais nada, se te deram só isso, então me dê aqui isso mesmo, tudo, ontem não era desse jeito, você erra sempre, alguém, é preciso alguém em seu lugar. Corra o mais rápido que puder, mas lembre: não conte nada disso, não repita o que eu te disse, melhor assim, a sua última chance acabou, você não tem nada, você não tem."

Olimpo

Escuridão total. Ele caminha com uma lanterna apagada. Os passos lembram o vento que escorre em teus cabelos. Ele virá, mesmo que se possa evitar. Perto sempre esteve, lá, junto a ti. Naquele momento de extremos, quando algo te roubou a vontade de ficar com sua gente, a luz se fez. Ele liga sua lanterna:

- (A luz da lanterna no rosto da platéia. Ele oscilará entre o foco em alguém e a mudança de rosto que ilumina). Não há gritos e a voz é fraca. Enquanto não chego, era preciso gritar, gritar muito, a dor no peito de tanto gritar. Agachar-se até ser igual ao chão que as mãos arranham, as mãos vazias de terra, o que já se foi, a voz sem ninguém para gritar (...). Por isso, esse silêncio, leve! Mas eu não quero silêncio, eu vim atrás dos gritos, das bocas que tudo engolem, os gritos mais fortes que a pouca luz . Ainda quero ver se a voz consegue calar a lanterna. (Um estampido de lanterna que se liga. Ele olha para os lados em rota de busca. As mãos tateiam paredes com o peso da noite até que uma nova luz se joga contra seu rosto. A dor dos olhos e os gritos de dor).

125

- Pare, por favor, me deixem com os outros, me deixem aqui. Afaste a luz, ela queima, você está me escutando? (Maior dor - o corpo se contorce e a voz se distorce. Surge outro igual a ele, vestido com capa e capuz escuro, água escorrendo e encharcando o chão. Mais alto que o primeiro, sua lanterna ilumina quem no chão agoniza)

- É impossível que eu escute ou saiba se é dor ou prazer aquele que se ajoelha (Ilumina mais forte o agonizante, o sofrimento

aumenta). Eu não sabia que era preciso fazer tal coisa, mas agora vejo que é bom alguém aos pés. De tão longe me disseram que era assim e cheguei até aqui. Foi o que me disseram, nada mais posso escutar. Escorre o sangue e se amontoa em poças. Eu posso ver um homem que me pede. Eu conheço pela luz o que ele quer. (Outra luz bate no peito deste que fala, jogando-o para o fundo-parede da sala. Em pé, como se estivesse preso por correntes cravadas em sua pele, rasgando-o, ele se vê torturado por não sei o quê para não sei onde. Para trás e para cima debate-se na luta contra seu rapto. Quem está no chão começa a arrastar-se e secar as poças com suas próprias roupas:

- (Quase rindo, o esforço oculta uma esperança e o riso) Não, ninguém levará nada daqui, o sangue fica. Outro maior vai ver como eu o que brilha no fundo de sua tortura. O chão precisa estar preparado para quem vem. (Ao esfregar o chão, empurra a lanterna para o canto, olhando seu movimento em direção de alguém que chega. Escuta-se o rolar da lanterna até que ela esbarre nas pernas deste que a pega e liga junto com outra. Ele ilumina mais forte ainda os dois, o escravo da terra e o torturado do infinito, ao mesmo tempo. A luz é como se fosse uma corda que os toma e comanda. Estão presos e rendidos a este que agora docemente fala:)

126

- De mim partem os homens e aqueles que lembram quem os fez sair à luz. Fecho os olhos e seus corpos brilham suados em minhas narinas. Meu fôlego é sede, e o suor dos corpos arrepia meus pêlos. Posso já senti-los dentro de mim, todos os homens do mundo. Fiquem nos ares para que eu respire mais e melhor o cheiro das carnes pesando sobre mim, as costas arranhadas pelo bafo escuro que sai de minha boca. Eu posso falar bem baixinho como eu gosto disto, bem baixinho, meus amigos. Um homem doma os desejos de quem não lhe pede mais que um instante "não venha, fique longe de nós, não venha senão à noite". (O que está em pé e torturado consegue espremer sua capa molhada, atirando-a sobre o bruxo das duas lanternas que caem, bruxo e luzes. Montado no que limpa o chão, ele avança cruelmente para o que grita horrores contra a capa que o asfixia. Fala o torturado que tortura:)

- Eu não posso ouvir o calor do corpo de quem não respira. Venci a sala para chegar em teu quarto. Mas vejo a boca que engole os rostos do ar que foge. Vamos, amigo, corra, estamos chegando com

dor nova e imensa. (Um golpe de luz mais intenso que os anteriores joga cavalo e cavaleiro para longe. Eles se erguem mais não conseguem fugir, como se estivessem cercados e prestes a perder a vida. A luz da quarta figura de lanterna marchando para o corpo de quem desmaiou, sufocado pelo manto lançado. Quem está acordado pode dizer)

- Faz frio ou calor ? Deixa que eu sinta em minhas mãos o teu corpo, parte a parte, pedaços do que pode sobrar prá mim. Cada ponto reunir como um brinquedo que faço quando sinto medo de terminar... (Prazer no toque) Por que vir de tão longe para sentir isso? Entregue a mim, eu posso lhe dar o que não teve, desde sempre foi o que me disseram. Por isso estou aqui. A pele se abre para o toque e a noite descansa esperando sua vez. Por último, os cabelos, que levarei comigo quando nada mais restar. Há um pouco de medo em cada abraço, algo fica para que eu não volte. Meus dedos apagam tuas formas que não haviam antes de eu surgir. É luz que sai da terra nua. (Acorda quem é tocado, invadido em seu cansaço de ofegante e ofegante joga-se contra o pescoço daquele que tem mãos sem amarras . Os outros dois aproximam-se cada qual a seu jeito, buscando ouvir e ver o que acontece)

- (Ofegante. O outro sempre responderá por negativas que são seu derradeiro esforço em evitar o fim das horas para si.) Foi você, não é mesmo que me mandou para cá, a estúpida mensagem(...) ? Somos fortes, somos mais que isso, somos deuses, não é mesmo ? E agora, quando estamos aqui sob a mesma capa , o mesmo cheiro de terra nas narinas, o mar tão longe de não se poder sentir o sal em todas as coisas ? E quando tudo cai e a noite não cede a brisa longa que nos fazia voar ? (...) Me devolva, eu peço, antes que tua garganta se esfale. Me devolva, maldito deus que nos trouxe para o fim veloz (Cai por sobre alguém que não voltará a erguer seus braços para se levantar. Instantes. Uma luz menor vem surgindo. E o homem dessa luz após ela, mansamente. Os três apavoram-se e tentam reanimar quem jaz no chão. Erguem o cadáver e o colocam sobre seus ombros. Ficam os quatro alinhados de frente para o quinto senhor da lanterna, que parece um garoto em roupas e luz. Ao tentar reanimar o morto, mexendo seus pés, mãos e cabeça, acabam por transformá-lo em estranho bailarino em bizarra dança que imitam, o canção sem música. O

quinto personagem parece não entender mas ri. Continua absorto até limpar a boca com um braço, depois com outro e assim alternadamente, com uma grande fome movimentada e alterna também os pés, tudo isso em ritmo crescendo que não pára até o cansaço final. Cansados. O último a entrar se levanta e começa a dançar em volta do exausto grupo caído no chão, repetindo seus gestos de faminto. Enquanto corre, recolhe as lanternas, dando uma a cada um. Vai diminuindo seu movimento enquanto os outros do grupo riem e movimentam o morto como se ele também risse. Até todos param. O Quinto fala para os outros companheiros de luz:)

- Agora é como tudo combinado (ri ofegante, sempre abrindo a boca e mostrando sua língua que limpa o suor do rosto) Agora é como a gente fazia quando era criança (o grupo ri do mesmo modo e bate palmas, e o morto também, com a ajuda dos outros) Agora vai ser como a gente queria, até que nos mandassem para cá. de uma vez só tomar todas as coisas e trazer o nosso mundo. Há um gosto de coisas vivas em tudo que fala, as moças e os moços descendo goela adentro. Quem mandou arrebentar a garganta do grande chefe ? Agora vamos fazer tudo combinado, ninguém vai sobrar para contar a história. (Os outros começam a se levantar olhando fixamente para a platéia, carregando suas lanternas e o morto em passo vagarosos até o fim da fala quando correm ligam ao máximo suas lanternas no rosto da platéia). Quando os homens não eram inteiramente homens nem os deus totalmente deuses , existia estranha raça sem pai ou mãe que, expulsa de todos os lugares, vagueava em busca de quem , em seu caminho, dessem o que queriam. Eles são a recusa, seu nome é jamais. Querem dos homens a vida e como os deuses não morrer. Até que tudo traguem e exterminem. (Em coro rindo e gritando, correndo entre os facho de luzes que tremem, vomitam as palavras – “olho”, “mão” e “boca”, “olho”, “mão” e “boca”, “olho”, “mão” e “boca”...

O salto do escorpião

Para Márcia Duarte e grupo

Uma mulher atrás de uma parede de vidro, como se estivesse dentro de um aquário em chamas. No chão, à direita e à esquerda, ramalhetes de flores que serão queimados.

Quem me deu mãos não sabia o peso dessas flores, dessa dor que não me olha. A cada uma, a sua vez, o pouco de si escorrendo pelos dedos, o pouco e breve que se debate e cai. Quem me deu mãos não sabia se eu gostava de flores.

Uma flor é pouco para quem tem corpo, um corpo com pés e mãos e olhos, que pisa e estilhaça o que lhe dão. Eu só posso ver a densidade da flor caindo em minha frente, as partes todas de algo que não goza. As mãos nas mãos tirando o que não é mais seu, o botão aberto sem nada dentro. As flores que me deram e eu roubei, a terra aberta me ofertando o que não quer. Por isso eu odeio as flores, eu desvisto a terra, eu abro meus olhos e faço ver. Dentro, mais dentro do que se pode tocar, toque e veja mais do que se possa ver, a carne aberta de um rosto que sabia, que voltou mais uma vez. Jogue as flores da terra, suje as mãos nessa terra suja, coma os furtos dessa terra, venha antes dessa mãos. Quem me deu mãos que as tome, caia em cima de mim, o corpo inteiro, o peso da flores não é nada para quem sabe. Eu tenho mãos, eu tenho pés e não durmo. Dentro de mim, teus pés se mexem prá ficar. Onde há flores, não pode haver quem ama. Deixe a porta aberta, quem veio sabe de cor meu endereço.

Mais ainda, sendo pouco, eu vejo um homem com os olhos que partiram, de pé em frente, pronto prá voltar. Mas não volte com suas flores, rasgue suas mão que me tocaram. Delas cai um líquido que eu aparo em minha boca, e escorre entre os seios da mulher nua, vestida do resto de ontem-amanhã-outra vez.

Todo o meu corpo é mais que essas mãos, eu bem sabia, todo o meu corpo é mais que essa terra, eu provei, mais, muito mais do que eu queria, minhas mãos no meio de mim, perto do que põe dentro das coisas (Joga-se no chão). Eu me joguei em algo que sempre chega perto, cercada dessa boca que não se cansa de me chamar. As flores todas pegando fogo sob meus pés, a noite inteira rodando nos talos das vozes que eu gritava. Debaixo de tudo, dentro de mim, o corpo contra as feridas que deixei atrás. Escuta o coração que não atende, as mãos n cabeça que não pára de girar, os olhos cegos, negros, queimados de tanto ver, o corpo aceso para ser visto ardendo.

(de joelhos, andando) Eu odeio flores, entendeu ? Eu odeio flores, merda. Eu não quero um nome, eu não preciso, muitas coisas, muitas coisas, mais ainda. Estou mais do que nunca aberta e quente sobre suas cabeças que me olham. Sobre seus pés que não me vêem. Eu tenho mãos que roubei, me deram assim não sei de onde. Mãos que aparam o tempo e eu sabia.

(de quatro como um escorpião) Nunca mais será outra vez o antes. Olhe bem para mim, desse corpo que é pouco e nada (ergue o pé esquerdo, lançando-o para frente como um aguilhão). Um corpo com pés e mãos e olhos. Em volta tudo deixando suas marcas, amarrotadas as vontades, a ânsia maior de ser céu em chamas, a noite última que vomita o dia. Eu tenho pés e não durmo, tudo dentro de mim. Agora me dê essas flores, crave em meu corpo essas flores, o pouco e muito que escorre pelos dedos, um peso enorme que me contorce, mãos nas mãos, a queda treme. Agora dance em volta de mim, suspire o suor do que se apaga , aberta e quente para quem chegou. Perto, mais perto, debaixo de tudo, frente a frente. Coma de minhas cinzas, queimando sua boca. Eu odeio flores, entendeu ? Eu odeio flores, seu merda. Uma flor é pouco para o corpo. Escorre pelos dedos a baba rala do adeus.

O Pesadelo de João, o Embusteiro

Das visões de um menino (1980)

Ruínas. Encontro da queda do céu e da terra devastada. João surge se escondendo entre os pedaços de um mundo que já não é. Labirinto de casinhas de favela. O sórdido João, o embusteiro, enganador. João, o covarde que fala para adiar o inevitável, que sabe que o seu tempo pode acabar a qualquer momento. Três vozes, uma só fala. João permanece calado, sentado em seus farrapos. Falam três, uma mulher prostituta santa, um homem de cabelos e barbas grandes e um homem-cordeiro deitado no chão, envolto em peles.

Eu, João, há muito ausente e sem ninguém, meditando nas coisas deste e do outro mundo, volto com as verdadeiras coisas que devemos saber. O tempo está próximo, meus irmãos, o tempo do início se juntar com o fim, o término de tudo, eu sei. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça: perdido nessa ilha extremada, longe de todos, vago com minhas idéias e visões. As formas dos homens no passado e no futuro surgem em minha frente. Estou cercado pelo que vejo e minha boca derrama-se em santas palavras. Acreditem em mim, irmãos, meus caros tão próximos. Eu tenho o alívio para as dores, as verdadeiras promessas, o amanhã eterno que não se destrói ou se apaga. Acreditem em mim, por favor, escutem: o tempo do fim está próximo, a libertação chega aos ouvidos e braços. Mas não sem medo, muito pavor.

(Jogam-se no chão, com medo de algo que vem dos céus. Escondem o rosto e se lamentam) Não, não, eu suplico, pai, eu peço com todas as minhas forças. É tudo mentira: eu nunca revelaria o que me foi confiado. O que ganhar senão a morte ? (Mudam a voz, fazendo-se mais espertos que contritos e descobrem o rosto, olhando para quem os vê) E eu não quero a morte, nem vocês, não é mesmo, meus irmãos ? (Recolhem seus objetos, enquanto falam – taças, livros, pedras, paus, retratos de casas e pessoas, baralhos, jogos de azar). O corpo desfazendo-se para sempre, a impossível volta, tudo o que se ganhou em uma vida, longe das mãos e dos olhos. (Olham para o céu e para frente para o céu outra vez, mais contritos que embusteiros) E agora, meu deus, não vou dizer o que vi para que os homens soubessem que não há morte, que não há o outro mundo, o outro lugar melhor que aqui ? Deixe-me, senhor pai, bondoso deus, deixe-me ser a luz para esses que ficam. Deixe que eu conte o terrível além que logo os espera, para que se convertam, para que acreditem, para que saibam que eu, João, vi os novos céus e a nova terra, a santa cidade sobre nossas cabeças nos esperando, nos querendo dentro de si.

(Andando, peripatéticos, mas em movimento de busca, de perdição que se engana) Aqui , nesta ilha, cultivei as mais ardorosas imagens com as quais um homem pode se ocupar. Mente e coração unidos nos segredos revelados do altíssimo. O céu me deu este dom, irmãos, os céus que logo cessarão. Um velho de imensas barbas brancas (mostra o que recebeu) me deu sete selos, sete taças, sete cartas. Eu não sabia como jogar seu sagrado jogo, com qual peça começar. Eu atirei tudo no chão e o chão deixou de existir, engolindo tudo em volta. Desesperado bebi (pega a taça e bebe) o que havia nas taças , embriagando-me da verdade divina. Limpei a boca suja nas cartas e deitei sobre os sete selos. Acordei com as pancadas do homem velho que não conseguia dormir com meus roncos de bêbado. Ele me disse que eu dormira demais e que estava com fome. Irritado por me acordar, joguei-me em cima dele, lutamos até que ele disse que era deus e que trocava a batalha pelos mistérios da criação. A ira do homem vencendo a ira de deus. Prometi não matá-lo, se o que me contasse fosse digno de ouvir. Depois rachei sua cabeça com uma pedra e enterrei o velho com suas barbas brancas, a pedra em cima de sua cabeça de velho. (ri) Eu roubei os segredos de deus, alguém mais jovem e mais rápido, que

está diante de vocês, irmãos. Agora me escutem: quem tiver ouvidos para ouvir que ouça, guarde no seu coração o que tenho para dizer. O tempo está mais próximo, o fim de tudo. Somente quem matou deus na ilha pode dizer o que vai acontecer. Larguem tudo e me escutem : o que virá não depende de nós, irmãos, acreditem.

(As prédicas, as admoestações, seguidas por golpes que tudo estremecem. Os sete selos. Cada um fala como um golpe, como algo se abrindo e fechando ao mesmo tempo, um caminho que se deixou, o impossível retorno.)

@ Cuidado com o sono, com a noite que se dorme enfiada debaixo das cobertas. Mesmo na maior escuridão, uma pequena luz se faz maior que os olhos do medo.

@ Acordem, acordem para sempre e deixem de dormir. Alguém bate na janela, e para onde veio não o deixarão voltar.

@ Larguem sua casa, venham para o admirável mundo novo que se ergue por essas mãos.

@ Fechem os olhos: a grama úmida, é o peso da terra se desfazendo.

@ Um homem de grandes barbas brancas recolhe as lágrimas dos rostos.

@ Os cães farejam o medo dos que hesitam em sair à luz.

@ Os carros param nas ruas, antes que a morte fixe a pele, pétala, foi-se.

(A dança do caldeirão, mar de vidro, remexido de azul, como uma ira cala, silenciosa aguardando sua vez. Entra um grupo de dançarinos mimeticamente relacionados com o revolver de um abismo úmido criado pelo oco das águas que é Mani, João tornado Cobra.)

133

Ah, Mani, Mani, Mani, teus pés me contemplam. Um peso sobre mim e a voz é pouco diante de nós. Ah, Mani, Mani, Mani, saudável vento novo, areia do mar casca a casca contra os rostos de quem te deseja mais que tudo. Desce em nós, Mani, Mani, Mani, desce sobre nossas cabeças. Que as línguas se unam contra ti, os corpos presos na fome que não tem hora, o homem nascendo no ventre sem alegria. Mani, Mani, Mani, o céu caiu por inteiro, fervendo revoltado no chão da

caldeira. Teus olhos guardei numa caixa, debaixo debaixo do fogo sem cor. Mani, Mani, Mani,(puxam com um garfo e com uma colher enormes porções deste banquete) come dessas carnes , bebe dessa águas, e anda, quebra o resto de teus ossos, os que não tens, o menino sem ossos, a carne frágil se arrastando pelos cantos do mundo. Mani, Mani, Mani, a voz que clama no deserto, preso à terra que te rasga o corpo mal vestido. (As dançarinas erguem João e o lançam no caldeirão. Ele luta como se fosse um afogado, neste tanque. Sua dança-luta é atijada pelas mulheres que com seus garfos e colheres recriam violentos golpes de assassinato, um apedrejamento, crianças mortas por suas mães. Mani-João luta para viver, água azul mudando sua cor, até ficar rubra. Daí ele irrompe e grita. Mas quem fala são o Velho muito velho pai de todos, a mulher prostituta-santa e o homem-cordeiro, todos com as mãos no tanque d'água que escorre pelos cantos, como um mar agitado)

Caiu, caiu a estrela, como uma pedra que se joga na cabeça de alguém. (Riem. Enfiam a mão no caldeirão-tanque, tocando Mani que furiosamente luta para não ser tocado. A Mulher tira algo da boca de Mani-João, sua língua, que guarda entre os seios). O céu por nós será pisado, em nossa ânsia de comer a luz. Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça: virei como um ladrão e vomitarei tudo para vender ou comprar. Miserável, pobre, cego e nu abro as portas e vejo os corações. Irmãos, meus irmaozinhos, ao que vencer darei a estrela da manhã, que te ferirá a testa e a pedra cor de pedra, a luz das ruínas grades para teus ossos. O céu se enrolará como a língua presa na boca presa. Aí dos que habitam sobre a terra. Os pés não correrão mais leves, caindo os homens diante do peso do céu caindo sobre nós. É chegado o grande dia da ira, quando os mortos vem mendigar.

(Dança dos escorpiões. Homens-escorpiões raptam as dançarinas e inicia-se a grande babilônia, as vestes brancas sujas com a pele enlameada da terra. Todos cantam em honra da destruição. Escutam-se golpes metálicos, o eco da partição, que reverbera no horizonte sem fundo de uma batalha a surgir. Dão-se entre si os que dançam, como se estivessem no último dia de suas vidas, a agonia que incrementa a sede de viver. A última ficha, a vontade de ficar ainda, o sono adiado, o último beijo, rever o antigo amor que

não te quer. Mani-João assiste a tudo de seu tanque. Após este conúbio, vem a ameaça de um parto. Elas, grávidas de um bebê terrível, o menino que tudo destruirá, o tanque agitado, João nascendo; eles embriagados de prazer e dor, atirando-se ao chão, o gozo último ainda ecoando, como algo que foi mais rápido que a memória do prazer. O gozo de lágrimas, do homem que chora por entre sua pele exposta, o menino flagrado por seus pais na intimidade, os homens pisados pelas nudez que os revela. Enquanto isso, o trio vai se deformando, adquirindo formas de bestas. O velho homem é um cavalo branco com gestos de águia, a mulher é um cavalo amarelo com gestos de leão, o cordeiro é um cavalo vermelho com duas cabeças de cordeiro, uma delas morta. Param de costas para o tanque que no auge de sua ebulição lança fora Mani-João agora a grande besta, negra, imensamente negra e forte, com dois chifres, segurando seus três animais, como se segurasse os ventos da terra. Avança perigosamente com olhar fixo para todos que o olham, passando por entre as lamentações das mulheres e dos homens estirados no chão, correntes enormes que arrastam os seus três animais, correntes que se arrastam pela chão. Os três outros vão de quatro, gritando: "Vinde e adorai o Santo, Santo, Santo, o princípio e o fim." Ilumina-se o chão como um mar de vido azul, revolto, como o caldeirão. A águia quer voar e não pode, o leão quer atacar mas não consegue, o cordeiro avança para morrer e não o fará. Param. Um silêncio vazio de tudo, o maior silêncio já visto sobre a terra. Mani-João vinha de cabeça baixa. Após alguns instantes ergue sua cabeça, as mãos e as correntes. Contorce-se, a boca, a cabeça e o corpo contorcendo-se, dilacerando-se, como se estivesse preso há muito. Parece dizer as maiores blasfêmias que jamais se ouviram, até que se livra das correntes que caem. Ele então começa a luta do dragão, a luta da besta, em guerra consigo mesma violentando-se contra as paredes e contra o chão, batendo na terra como se quisesse golpear e galopar seu próprio ventre, como se quisesse nascer ou morrer novamente. Em meio a esta luta, homens e mulheres se erguem como se uma cidade se erguesse. Todos passam pelo tanque e jogam a água sobre si. Os três monstros lutam entre si a até se matar. Os homens e mulheres colocam sobre si brancas vestes e se atiram sobre João-Mani, matando-o, respin-

gado gotas de sangue em suas vestes brancas, morto João, como uma cobra que as crianças matam na rua a pedradas. De costas para quem os vê, vão saindo cantando a mais terrível oração que se pode fazer a um morto:

“que tua alma nos pertença, hoje e para sempre. Os fogos dos céus e as pragas dos homens não poderão te salvar. Dentro de nós, como nosso sangue, nem mesmo as feridas te libertarão. Bebemos teu sopro, comemos o que restou de ti. Tudo se fechou e já é tarde. Escuta o que não pode ver, vê que a noite foi engolida por nós. Que tua alma seja nossa. Nenhum deus virá para a terra, a luz que te fez, a luz queimou tua carnes e tua voz. Mani, Mani, Mani, profetiza. Mani, Mani, Mani, exorta. Mani, Mani, Mani blasfeme. Mani, Mani, Mani, as portas se fecharam.”

Carne crua

Um homem nu, caído, todos podem ver. Pessoas passam, olham, passam andando com passos longos, impressão que estão longe, impressão que são enormes. Os barulhos dos passos que abafam qualquer voz, qualquer tentativa de ver o homem nu. Os passos trazem portas que se abrem e fecham, metais retorcidos até que se quebram, uma bola e outra e mais outra que pula contra o chão, algo que é esmagado, vidros que se estilhaçam, sons assoprados em garrafas, o vento contra corredores, raladores de legumes, chuva, chuva. O homem nu reage a tudo que escuta, mesmo o caminho das gentes indiferente a ele, como se tudo fosse arremessado contra seu corpo. De repente os passos param. Todos sem rosto em seu uniforme negro estancam de costas para nós e olham agudamente para o homem nu, ele, branco, pálido, suado, desesperado. Param e gargalham, apontando para o homem nu que indeciso entre rir também ou desesperar-se mais ainda frente ao espetáculo das pessoas de uniforme. Os passos vagarosos e arrastados de alguém que fuma vão se aproximando. Os de uniforme negro entram em pânico, abaixam a cabeça uns, rezam outros, jogam-se no chão com dores intestinais, abanam-se, todos individualmente aferroados ao medo daquele que sempre volta, que esperávamos que não mais viesse. Mas ele chega. Um baixinho gordinho com um cachimbão na boca aparado pela mão gordinha e peluda, o sorriso no canto dos lábios. Ri seca e surdamente andando em volta do grupo desarrumado que ao seu andar se enfileira, agora frágil, acabrunhado, como se dissessem para si mesmos – "Ah não, ele de novo, eu não quero isso de novo, nunca mais outra vez. Ah não, assim não dá,

assim não dá mesmo. Tudo de novo. Prá que viver assim ? " O homem nu ainda estirado no chão ganha um pouco de força sem perder seu antigo estado frente a esta situação bizarra. Paulatinamente arruma-se até descobrir que está nu enquanto os outros vão sendo revistados pelo olhar do Gordo. O Gordo resmunga algo com a mão que segura o cachimbão. Todos se entreolham e suspiram . Acenam, gesticulam, pulam, balançam o corpo para dizer que não. O Gordo repete seu resmungo com mais ênfase o que desencadeia um forte rebuliço do grupo desesperado que passa a puxar a roupa um dos outros em um última e desesperada súplica de NÃO. O Gordo explode sua raiva e indignação com o movimento brusco do braço e tira o cachimbo da boca e o chacoalha três vezes no ar em direção às pessoas de uniforme. Eles se aquietam, vendo que não podem fugir da normalidade cotidiana da força brutal do Gordo. Resignam-se. Dão de ombros, viram as costas para o Gordo, se abaixam cuidadosa e vagarosamente em posição de serem chutados. O gordo range sua satisfação com o cachimbo na boca e a cabeça afirmativa. O homem nu que a tudo via, com o olhar entranhado na estranheza das coisas sucedidas, começa a esboçar um sorriso, erguendo-se e cruzando os braços, imitando a figura exponencial do Gordo. O Gordo bate palmas e as bundas rebolam convidativas para uma surra. O Gordo ri sem som. O homem nu vai rindo até ficar espalhafatoso, dando a volta, saindo de onde estará até ficar do lado do baixo Gordo do cachimbão. Cumprimenta cuidadosa e depois afavelmente o Gordo e ficam os dois a admirar o espetáculo das bundas. Parecem conversar os dois, o nu e o gordo, o abraço do nu demonstrando alguma familiaridade. O nu afasta gentilmente o gordo para o lado e chuta um dos membros do exército, voltando altaneiro para o Gordo. Este não entende. E suspende seu olhar para o Nu. O homem nu, sorri, meio nervoso, pensando que não chutou bem. Volta para a fila de bundas e vai chutando uma a uma, batendo com as mãos, sacudindo as ancas dos homens de uniforme, desesperado ao ver a reação do gordo que faz os mesmos gestos de quando observava a relutância dos seus subordinados em se colocar em situação de ancas convidativas. Os homens de uniforme, escutando a mudança de foco de ira do Gordo, começam a endireitar-se, recuperando o antigo status e orgulho. O homem nu, vendo erguer-se a muralha, começa a temer por seu futuro, vendo-se encurralado pelo olhar do Gordo o ódio dos de unifor-

me. O gordo grunhe algo sacudindo o cachimbão. Os de uniforme riem, rangendo os dentes, balançando afirmativamente a cabeça, olhando para o Gordo e para o homem nu que volta-se suplicante para o Gordo que novamente grunhe e ergue a cabeça contra o nu, intimidando-o. O homem nu começa resignar-se até voltar para sua antiga posição, caído ao chão. Os de uniforme voltam a zombar do homem excessivamente. Este, apavorado, treme no chão, um medo terrível. Até que o gordo do cachimbão bate com o pé do chão e faz um discurso enorme grunhindo, inaudível, o cachimbo ora no canto da boca ora em sua mão. Ao fim o temeroso exército marcha cada vez mais rápido sem se mover. O gordo vai para frente da cena e encara a platéia, intimidando-a. O exército, sem parar de marchar parado, ergue o homem nu e sai pela lateral esquerda. Sentindo que está só, o gordo torna-se mais terrível e balança o braço apontando para nós. Grunhe algumas palavras e sai. Volta alguns instantes para conferir se tudo ficou como ele deixou. Sai. Volta de novo e pára ao centro, olhando fixamente em nós, algo que nunca vamos esquecer, um Gordo do cachimbão nos olhando fixamente, sabendo nossos pensamentos, ele, de braços cruzados, aguardando qualquer que seja nosso movimento, até que a luz se apaga e os passos da marcha e os gritos do homem nu, gritos não humanos se ouvem.

Domingo Áspero

Comédia Desacato

Um grupo de criminosos invade apartamento de família classe média em um domingo para realizar atentado a bomba contra empresário líder carismático da sociedade que passará pelo bairro.

Três ambientes vazados. No centro, a sala. Vemos, à direita, um quarto e à esquerda, um banheiro. O apartamento é duplex.

O Pai - Ex-drogado, ex-revolucionário, ex-líder de banda punk, ex mau rapaz, ex-insensível, ex-ateu, ex-granada na mão pronta para explodir, ex-suicida, ex-sociólogo, ex-membro de ONG, ex-marido e agora viúvo, em seu apartamento de herança dos pais que se foram em viagens de turismo pelo mundo, sem telefone de contato. Sua fisionomia nos mostra o peso de um passado que ainda sobrevive sobreposto com os novos atributos de alguém que trabalha, enfim. Os cabelos de várias cores, a barba por fazer, uma camisa básica suada, uma calça social preta. Nos pés, tênis melhor marca. Tatuagens pelos braços, pelos braços. Está sentado em sua sala olhando de sua cara bronzeada sol de piscina de clube para o infinito, com um controle de tv na mão e uma latinha de cerveja na outra, como outras latinhas e mais outras latinhas de várias marcas, tamanhos, cores no chão. Ao seu lado, uma cadeira colonial alta na qual seu paletó e outros mais podem ser vistos. Atrás dele uma mesa com um computador e papéis, e mais papéis e jornais, muitos jornais, pelo chão também. Um lustre clássico no teto teima em não cair, lustre retocado, meio ápice de casa senhori-

al, meio globo de discoteca, os bons tempos que não voltam. Armários, estantes, decorações, discos, quadros formam o ambiente de alguém que comprou coisas das quais ouviu falar e não usa. Anos sessenta, setenta, oitenta, noventa... O espaço com coisas. Atrás dele, sua filha.

Filha - uma modelo desengonçada, branca, muito branca, maquilada exageradamente, uma prostituta triste, mais velha e mais alta que seu pai, mas dele sendo filha. Solta fumaça de cigarro pela boca, ela mesma é pura fumaça em espartilhos-vermelhidão-de-luzes-de-prostibulos-baratos. Quando falar, sua voz virá sempre tossindo e frágil, uma menina que não devia estar ali. Mulher-cabide para quem levar. Façam suas apostas. Tragam algo para trocar. Breve tudo vai começar, a luta pela sobrevivência. Quem é mais forte ?

Um silêncio imenso ultrapassa o espaço, dando tempo para que nossos olhos vejam todos os detalhes, uma vitrine para nós, ele sentado em sua cadeira de papai e sua filha atrás dele, foto álbum de família. Qual? Até que o pai consegue mexer minimamente sua mão, aquela com o controle de tv em nossa direção, apertando várias vezes os botões. Em off, pode-se ouvir o ruído de tv fora do ar. O pai procura alguma coisa, trocando de canal fora do ar cada vez mais rápido. Um rapaz entra, garotão antenado com o momento, o enturmado da galera, o eterno jovem, forever young, com um walking man nos ouvidos, vestido como o Pai, mas quatro décadas separam os dois e irritantemente os aproxima. O jovem no fundo da cena. O pai pára de trocar os canais. Ela sabe que está entre dois homens, e gosta de ambos. Ela abraça o pai, e o acaricia, colocando a mão dentro de seu peito, beijando o pescoço dele. O pai gosta, sorri de prazer e segura a mão da filha para que ela(S)continuem dando-lhe mais prazer. Ela inclina sua cabeça e beija demoradamente o pai na boca, batom e fumaça em sua cara. O namorado, o outro, acende o cigarro e ri, mais preocupado em escutar sua música, em escutar sua música.

Filha

O homem da casa, o meu homem dessa casa. (Riem. Ela então dança entre os sorrisos, ginga sedutora, de velha mulher que dança para seu amante que lhe pagou e pedindo oração e divertimento). Meu homem, pai, meu homem. (Riem. Ele concorda com tudo, rindo, um rei em seu banco de papai. Entra o namorado da filha.)

Namorado

Todo mundo numa boa, todo mundo feliz. E aí (ela vai e beija o namorado e sai mascando chiclete em após, andando ainda em sua dança-ginga, esperta, muito esperta. Pai ainda rindo) Sabem o que tá havendo, o que tá pegando ? (Eles, a família, agora as mãos do pai em volta da cintura da filha, que apenas pode rir, nenhum prazer, a mulher que não sabe o que é um homem fora da cama. Voltam a cabeça para o rapaz, como esperando alguma explicação.) Que merda, não sabem de nada mesmo. Vai dar na tv, dá prá ver daqui, da janela, ele vai passar por aqui, lá baixo, dá prá entender ? (O pai se levanta, sua ginga de malandro antigo, a demora para chegar no rapaz, bebe de sua latinha, chuta umas no chão, bate no ombro do rapaz, olham para a mulher e ele, o pai, diz:

Pai

Relaxa. (Todos riem. A Filha vai no barzinho da sala e pega umas latinhas para todos. Ela beija os dois, na boca, escandalosamente. Após o beijo, riem novamente, a risada sem barulho, a felicidade muda, estampada no rosto e nos gestos, sem palavras, um estar com outros que deixa bem pois não estão só, acompanhados um dos outros, um sinal que indica presença este ficar com os outros - olhe eu estou aqui, com vocês, somente isso, por isso precisamos rir e nos tocar, e nos beijar, para dizer algo; o sentido é que estamos aqui e pertencemos ao mesmo grupo, juntos pelas bocas que riem e se beijam, somos os mesmos do mesmo grupo, da mesma raça - O namorado fala:)

Namorado

Escuta essa, todos vão passar lá embaixo com ele, a multi-
dão vendo. Deve ser bom tipo assim ser desse jeito, todos em volta,
acenar, (dramatiza) aí galera, aí galera, estou vocês, estou mesmo, que
merda, que mentira de merda (riem), eu não tô nem aí seus merda
(riem) bando de otário, aqui (o velho gesto do dedo) prá vocês, ó, aqui
. Ralei muito prá 'tar' aqui, seus bosta, aqui isso tudo é meu. (de novo
o dedo...)Tó prá vocês, ó, tó prá vocês (Riem. falam "legal, legal" entre
suas surdas risadas. O pai sempre com o comando de tv na mão e a

latinha na outra, em volta da cintura de sua filha-puta. Fala o namorado, após dar um beijo na mulher.

Namorado

O pessoal, os caras vêm prá cá prá assistir, daqui de cima. Teu pai vê pela tv, como sempre faz com tudo. A gente pode fazer um churrasco.

Filha

Tudo bem. Tem muita birita aqui mesmo. A galera pode vir. Vai ser legal. Tipo assim domingo sem nada prá fazer, o cara lá embaixo de nós. A gente pode cuspir nele, jogar umas latinhas (Riem. O pai se joga no chão como se fosse atingido por uma latinha e joga outras nos dois. Acabam todos sentados na cadeira do papai, o pai e a filha, o jovem em pé bebendo e rindo. O pai querendo ver tv, seu controle apertando sem parar e o ruído de tv fora do ar. Vai acelerando até parar. Param uns instantes para que vejamos esta cena, este trio homogêneo em sua vida. Após soa a campainha. Se entreolham. Riem. O pai beija na boca sua filha. Ela se levanta. O pai passa a mão na bunda dela, o jovem ri e se senta ao lado do pai, bebendo e rindo. Ela vai em direção ao fundo. Falando:)

Filha

144 Será que já são eles ? O cara famoso só vai passar lá pelas cinco da tarde. (O pai manda abrir a porta logo, "vai, abre essa porta". Entram três negros empurrando a moça que grita com medo de ver três negros invadindo sua casa, eles, chutando as latinhas que estão no chão, derrubando e chutando tudo que estiver em sua frente, rindo e cumprimentando cada ato com um tapa nas mãos um dos outros. Estão de óculos escuros, tênis baratos desamarrados, meias de feira, shorts, camisas de times e de propaganda eleitoral, revólver 38 em cada mão e Jonny Baron, o líder, tem uma metralhadora. Eles entram com uma mochila nas costas , como se viessem prá passar um tempo. Vão entrando e examinando a casa, elogiando as coisas da casa, os eletrodomésticos, os objetos comprados. Agora tudo vai balançar naquela casa. Jonny Baron fala, parando sua marcha em frente ao pai que vira sua cadeira para o ver, bebendo sua latinha.)

Jonny Baron

Algun problema ? (Riem. E dá um tabefe no Pai que cai. Os outros dois riem e chutam no chão o pai, ele , um cão que não reage, recebendo os golpes como se recebesse sua vida, a que não teve. Jonny Baron estranha tamanha indiferença com a dor. Pergunta:

Jonny Baron

Mas tu é mesmo homem, hein cara ? O que te dá dor. Esse seu amiguinho bicha? (Espanca o namorado da filha. Ambos impassíveis, sem estar ali, sangrando. A filha se ergue e vai em direção deles, toca no ombro de Jonny Baron, dizendo:)

Filha

Deixa, cara, deixa meu namorado, deixa meu pai, essa casa. Leve o que quiser, depois a gente compra de novo. Sai daqui negro, volta prá tua vida de merda (O pai e o namorado riem em sua risada seca de junkies. Os negros se olham confusos. Um deles, o mais alto e gordo avança com toda vontade para bater na mulher. Jonny segura o colega e o afasta, o gordo negro bufando de raiva.

Jonny Baron

Calma, meu, calma. A gente não veio aqui prá matar essa gente. Eles vão morrer mesmo. Tudo prôs ares. Vamo controlar a situação, cara, fica numa boa (Enquanto isso o outro negro companheiro vai prá cima da mulher e a esfaqueia. Jonny Baron grita :

145

Jonny Baron

Que merda, você tem merda na cabeça? Depois a gente mata todo mundo. A situação tá controlada, cara. Fique longe deles, esses cara não vão nos atrapalhar. A bomba, vamo montar a bomba. (Jonny vai ver como está a moça que sangra) . Depois de vê-la, dá um tapa na cara da moça e diz:

Jonny Baron

Nunca, nunca mais toque em mim, sua branquela puta de merda, (mais um tapa) sua escrota sem pai nem mãe, piranha de boate

atrás de homem com dinheiro. Tá esperando seu macho que faz campanha na tv aparecer por aqui ? Pois eu vou matar ele, esse filha duma puta que leva nossas mulheres prá zona. (O pai levanta-se, a boca sangrando, a dor no estômago, a mão agora só com o controle de tv, pega uma latinha de cerveja, dá um gole e diz:

Pai

Vocês vieram para matar o Franco Star ? (Riem os negros, concordando, se cumprimentando com batidas nas mãos) Mas caras, deixem disso, o cara é importante, é limpo, algo de bom em nossos dias. (Jonny Baron se ergue com raiva nunca vista em direção do pai, espanca dizendo:

Jonny Baron

O que é isso, seu merda ? Você não sabe de nada. Esse cara prega o reino de deus e leva nossas mulheres prá cama. Nossas filhas cantam em seus corais e trepam com seus homens . O deus deles tem uma piroca que come todo mundo. A caridade goza no rosto de quem dá prá eles. Tudo é uma grande mentira. (Os dois outros negros se excitam tanto com o discurso que derrubam mais partes da sala e chutam mais latinhas, gritando de tão alegres.) Montem a bomba, caras, montem a bomba (Os dois tiram as sacolas das costas e começam a descarregar as partes da bomba) Jonny Baron fala:

Jonny Baron

É porque você está sentado, vendo tudo pela tv, comprando e encaxotando suas coisas, que não vê o que tá acontecendo, cara. O novo fim do mundo, dessa vez de verdade. As moças nas mãos dos caras com muita grana, muita grana rolando e a gente sem nada, a gente que veio aqui prá acabar com tudo isso. Uma fogueira na cara desses pirocudos, queimando até os sonhos, até os saco de todos eles, fritando sua fome, nossas mulheres, acabando com homens que tem a nossa grana. E daí todos vão ouvir falar de Jonny Baron, que veio tomar o lugar de Franco Star, aquele branquelo que fez nove cirurgias plásticas e dorme com garotos, pregando a paz e a alegria de viver sentado

com sua grande bunda em sacos e sacos de grana , muita grana. Jonny Baron veio acabar com a festa, a festa de Franco Star, o Shopping de Franco Star, o programa de tv de Franco Star.

Namorado

Você não sabe de nada. Já acabou esse tempo de pegar as coisas dos outros. Quer algo daqui, pode levar. Leve a mulher, pode levar qualquer coisa. Não precisa destruir nada. Franco Star disse que todas as coisas nos são lícitas, basta ter dinheiro para comprar. Você conseguiu impressionar, leve o que as mãos conseguir. Saíam daqui, negros, saíam. Vocês nunca vão ser como Franco Star, o que tem a palavra e sabe os caminhos. Deixem como tudo está, suas mulheres voltam prá casa após uma bela noite. Pelo menos comeram melhor. (Jonny Baron vai para os negros ajudá-los a montar a bomba. O pai se arrasta para o namorado da filha. Falam mais íntimos, a filha em sua dor de parto que a exclui:

Pai

E agora, cara ?

Namorado

Vamos ter que deixar as coisas rolarem.

Pai

Essa gente é louca: ainda luta pelo sexo e pela grana. Ainda essas coisas incomodam eles, como uma honra. Suas mulheres, como se fossem suas, seu povo, como se fossem um povo, sua grana como se fosse deles.

Namorado

Dói mais neles a perda que a falta. É como se perdessem o que nunca tiveram.

Pai

Mulheres, grana - o que é isso para quererem tanto ?

Namorado

Uma xoxota e um cartão de crédito...(riem)

Pai

Quando eu tinha 15 anos meu pai me levou para um bordel desses bem vagabundos, com negras rebolando gostoso em roupas vermelhas e luzes das cores das negras e me mandou - "mete". E eu meti gostoso, lá dentro dessas negras quentes, que rebolam como se estivessem ouvindo música, música que botei no meio de suas pernas.(Riem, e tosem, os ferimentos e o sangue)

Namorado

De vez em quando é bom pegar umas negras aí, só prá fazer algo diferente, na noite. A gente bebe umas e sai bem chapado, fuma todas e vai prá fim de festa, conversa, dá um beijos bem molhados e vai prá cama. Acho que faz bem prá elas(riem), é como se estivessem com alguém que queriam, nada desses sujos fedorentos que vêm ali todas as noites querer trepar de graça, à força.

Pai

É verdade, nada de violência, deixamos o dinheiro e nunca mais. Essas putas negras, boas , grandes e que sabem fazer as coisas. Nasceram prá isso, vão morrer disso, mães, mulheres e filhas desses aí (Jonny Baron vai na direção deles, chutando o que no chão existe, e pergunta:

Jonny Baron

Alguém vai aparecer aqui hoje ?

Pai

Só uns amigos de minha filha.(os ajudantes de Jonny Baron reclamam "que merda, que merda, eu não disse que era complicado"

Jonny Baron

Cala boca seus merdas. A que horas eles vem?

Pai

Não sei, cara, não sei. Que merda é essa, pô ? Vai embora, porra, vai embora.

Jonny Baron

A gente vai logo depois de matar todo mundo. A bomba vai explodir com todo mundo aqui, o bairro inteiro vai pelos ares. E a galera de Franco Star vai ver na tv o fogo tomando conta de tudo, caindo sobre as cabeças de todos, as pessoas se jogando de seus apartamentos, o asfalto cheio de corpos. Jonny Baron vencendo Franco Star (corte para a tv, som, de telejornal narrando:)

a nossa cidade vive seus melhores dias com a passagem de Franco Star carismático empresário que, bem sucedido no mundo das finanças, vem representando uma série serviços a esta comunidade. Mostrando como sucesso e humanismo podem viver de mãos dadas, Jonny Star vem a nosso bairro inaugurar um novo Shopping, um asilo para velhinhos com câncer, um reformatório para menores infratores, uma igreja para qualquer credo e uma farmácia com remédios importados. Franco Star vai passar pelo Largo das misérias às cinco da tarde, distribuindo autógrafos, posando para fotos. Levem seus filhos e mulheres. E não esqueçam: as eleições estão marcadas para daqui um mês. Contamos com a compreensão de todos. Afinal, muita paz e muito dinheiro no bolso.

149

(Ao fim da transmissão, pai e filha e namorado sorriem e começam a cantar um jingle de Franco Star. Os bandidos companheiros de Jonny Baron se entretêm curiosos, assistem o jingle que é encenado pelos membros desta casa, e participam dele, até que Jonny Baron, que ficara inerte e com raiva empedrada dentro de si, explode:

Jonny Baron

Chega! (dirige-se aos seus colegas, espancando-os) Chega, seus imbecis! Daqui há pouco estão dando o rabo para Franco Star, chupando suas bolas e fazendo amor com os homens dele. Vieram aqui prá que? Prá se aviadarem como Franco

Star ? (olhando alternadamente para seus comparsas) Onde tua irmã vai madrugada adentro, voltando com roupas novas e um olhar cansado? onde seus amigos ganham carro do ano e dificuldade prá sentar ? Uma bomba vai acabar com tudo isso. Daí podemos voltar prá casar e saber que todos estão dormindo dentro dela.

Pai

O que você tem, meu amigo. O que você quer ? se mata um Franco Star, outro surge do nada. Se explode com todos os Franco Star, o que resta fazer no mundo ? Qual é a culpa de quem nos traz paz e prazer ? Você dormiu com quem ontem ? (A Filha tossindo pela dor:)

Filha

Vai ver que foi só com sua mulher, aquela mesma há tanto tempo. Deixe ela uma noite com Franco Star, prá ver como tudo muda. Uma noite só, não é papai ? (dá um beijo na boca, sangue e batom) Uma noite só...

Namorado

Até quando se preocupar com essas coisas? Alguém vai fazer algo por nós. Tu mesmo, mesmo um imbecil com uma arma como tu pode ter dinheiro e mulheres.

150

Filha

É o que você quer, não é ? Mulheres, outras mulheres, tua mulher com outras mulheres, as mulheres todas da rua, tuas filhas nuas com os seios em volta das mulheres todas, dançando para seu rei, os peitos de fora como se tudo fosse bom e à mão, assim, de se pegar.

Pai

Vai dizer que não tá excitado, as coisas assim desse jeito, tudo tão fácil (pega uma latinha de cerveja do chão, abre e toma) escorrendo pela garganta ?

Filha

É bom, é o que tu quer todas as noites quando chega em casa. Acabar com tudo isso, ter todas em volta da cama, sujo mesmo, sem tomar banho, com o suor de cada dia respingado nos pêlos da mulher que pegar.

Namorado

Eu também tô excitado, cara, me chama também, eu quero ir, eu quero essa coisa também.

Ajudantes

Pô cara, tu nunca me falou disso, deixa a gente ir prá festinha. Eu quero também dessa bocada, uma noite só, uma noite, porra, o barraco tremendo a noite inteira. É só apagar as luzes. (Jonny Baron triste e mudo levanta-se e vai arrumar a bomba. Enquanto isso, o já excitado trio começa a trocar carícias, sendo assistidos pelos ajudantes de Jonny Baron. Após montar a bomba , Jonny Baron chama seus colegas.

Jonny Baron

Vamos acabar com tudo logo.

Ajudante Negro Gordo

Antes da hora ?

Jonny Baron

Eu não sei, tô meio confuso. Mas vamos acabar com tudo logo. Vai lá fora e não faz nada de errado. Vê como tudo tá acontecendo. Vê se a gente já pode mandar tudo pro inferno.

Pai

O que há de errado?

Filha

Deixa pai, está doendo tanto, me toca mais, quero morrer

sem dor, ou com uma dor que eu possa suportar. Toque bem em minhas partes, o caminho você sabe de cor.

Pai

Filha, não é isso, espera um pouco, deixa eu pensar.

Namorado

Pensar o quê ? tá vendo essa malucos ? eles vão acabar com tudo.

Pai

Morrer não é o problema, tanto faz. Mas eles vão morrer com a gente? por que vieram até aqui ?

Filha

Eu vou morrer, pai, não me deixa aqui só, não me deixa aqui com essa dor.

Pai

A gente nunca sabe como é isso, como dói quando os olhos vão fechar de um sonho que não se pode sonhar mais.

Namorado

A boca treme e engole as palavras. Só os rostos, as imagens de todos vêm na cara.

Filha

Desse jeito, como de uma festa que estala nos ouvidos depois que a gente saiu dela. E não pára, e não pára, os outros fugindo de nós, por mais que se abra os olhos e erga as mãos.

Pai

Quando a festa acaba, só os rostos da multidão te pisam como uma música sem fim. Por isso a gente entende porque volta prá festa, porque nunca mais vamos sair dela.

Filha

Eu tô morrendo pai, isso dói muito, aqui. Eu quero tua mão, põe aqui dentro de mim, esfrega ela, faz aquilo de novo. Faz muito, pai, não me deixa assim com dor.

Namorado

Então morrer é assim e tu quer mais, mais, mesmo morrendo, mesmo com tanta dor ?

Pai

Que ninguém te veja, minha filha, que ninguém te veja, os rostos passando em frente de tuas mãos vazias. Não adianta falar mais nada, descansa, já vai acabar tudo, tudo mesmo. (Entram três, um homem com roupas cintilantes de pista de dança, duas mulheres parecendo drag queens, perucas e babados coloridos, amigos dessa estranha família que se alegra em vê-los mas logo se entristece ao ver que o negro gordo aparece atrás, ferido. Os dois bandidos correm para ajudar o amigo , "o que foi, o que aconteceu, como foi isso". O trio de amigos vai em direção da família e os abraça, beijando-os promiscuamente, mais querendo prazer que ver se estão vem. Jonny Baron traz o gordo negro para a cadeira de papai, arrastando-a mais para o lado oposto ao da família com seus amigos.)

Jonny Baron

153

Só faltava essa, agora a gente se encrencou. Os caras vão saber que a gente tá aqui.

Negro Gordo

Mas a gente sabia que não adiantava nada. Por que a gente veio ?

Outro Negro

É o Franco Star, ele está em tudo. Suas palavras em todos. Lá em casa a gente vê programa dele sempre.

Jonny Baron

E como é ?

Outro Negro

Muitas luzes, caras, muitas luzes A conta de luz dele deve ser enorme (riem). Minha irmanzinha mais nova é a que mais gosta, dança igual às mulheres que abrem o programa e ficam nuas até o fim . Aprendi como dar um soco em alguém vendo Franco Star brigando com os convidados de cada programa, alguém que eles pagam para ir lá e cantar. Sempre há duas mulheres ao lado de Franco Star, com os peitos de fora, loiras como a gente gosta, com uma bunda de negra (riem). Se a gente tivesse dinheiro, tinha umas quatro delas prá nós. Se Franco Star morresse sobravam umas dessas prá gente.

Negro Gordo

Um dia eu vi no programa essas duas tirarem a roupa de um homem. A câmera mostrava a bunda do animal, daí troquei de canal e nunca mais vi o programa de Franco Star (riem).

Outro Negro

O ruim é que ele fala muito, o tempo inteiro, fala com as mulheres nuas, fala com o público, fala com os convidados, fala com deus, fala com a porra do mundo inteiro. A voz dele está em qualquer coisa que você vê, mesmo depois que o programa terminou. Cara, é difícil esquecer a voz de Franco Baron dentro de sua cabeça. Você pode fechar os olhos e Franco Star fica zumbindo dentro.

Negro Gordo

Foi aí que eu me dei mal.

Jonny Baron

Quem mandou passar a mão na bunda das mulheres do Franco Star lá em baixo. Vai ver nem eram elas. São tão iguais que pode ser qualquer uma. É só tingir o cabelo e ficar pelada e não abrir a boca que já está lá mais uma mulher de Franco Star, mais uma puta.

Outro Negro

Mas você já viu o programa dele ?

Jonny Baron

Não perdia um, até que minha mulher começou a pintar o cabelo de loiro, minhas filhas já nasceram loiras, eu acho, todo mundo lá em casa igual ao programa da tv. Um dia todo mundo estava lá em casa para ver o programa, todas loiras e nuas como as mulheres de Franco Star (riem)

Outro Negro

E os "convidados"...

Jonny Baron

Bati em todos eles, como no programa. (riem)

Negro Gordo

Eu morro com essa negrada virando branco, é bom mesmo (Riem. Ele ri e tosse) A vantagem é o melhor dos branco com o melhor dos negro. Uma negra loira é tudo o que se quer. Uma negra loira é satisfação garantida prá todo mundo.(riem)

Jonny Baron

Não fala assim, parece que tá morrendo...

Negro Gordo

Cheguei lá em baixo e vi, Jonny, vi que não adianta mais nada, essa coisa de destruir, de jogar bomba. Tem muita gente. Gente que nem sabe que é do lado de Franco Star. Aonde eu punha os olhos via alguém falando como Franco Star, que nem na tv. E a tv em todos os rostos, em todas as bocas. As mulheres todas loiras, os golpes de Franco Star em todas as mãos. Uma festa, dessas que a gente não sabe onde fica a saída.

Outro Negro

Calma, cara, fala menos.

Jonny Baron

Daí te pegaram, como vão pegar a gente...

Negro Gordo

Ainda não foi assim, mas eu não disse nada depois. Eu não disse nada...

Outro Negro

Menos cara, menos.

(Enquanto isso, o outro grupo após as carícias e observar a destruição da casa, e os cuidados com o negro gordo, tomam algumas latinhas do chão e começam a beber e a fumar.

Mulher Puta 1

Demais este apê agora, dá uma festa, como daquelas de aniversário ou fim de ano na casa de Franco Star.

Mulher Puta 2

Você já foi numa delas?

Mulher Puta 1

Em todas, minha filha, em todas. Eu não sou de perder festas ? Eu quero ver, ver e fumar.

Escroto Companheiro

A gente sempre vai em todas elas, meus amores, a gente sempre está junto. A gente tá em todas.

Mulher Puta 1

A gente podia dar uma festa aqui, com esses negros, todo mundo ficar numa boa, dançar, ver e fumar.

Escroto Companheiro

Eu escolho as músicas. Nem precisa arredar os móveis: essa ruína dá o maior barato. Perigo prá dançar, cuidado, uns ferimentos.

Filha

Pena que não posso dançar...

Pai

Problema seu, minha querida, problema seu.

Namorado

Quem mandou provocar a negrada? (dá um tabefe na Filha, sendo apoiado pela família e pelos amigos dessa "família")

Escroto Companheiro

Isso me deixa mais excitado. Enquanto ela morre, a gente chama a galera, chama mais gente. Vamo pôr todo mundo aqui. Deixa os negros com sua bomba escrota enfiada no rabo. Eles não vão explodir nada enquanto houver festa. Depois vão dançar com a gente. Depois, se explodirem, vai ser a maior festa que eu fui (riem). A gente pode se equilibrar aqui do alto fingindo que cai, brincando com quem tá lá em baixo. A gente pode jogar nossa cara no mundo enquanto tudo pega fogo. O último rosto sorrindo lançado prá sempre prá longe, longe, muito longe.

157

MULHERPUTA2

Mais, mais: eu adoro fazer planos prá festinhas. Mais festinhas, mais tempo prá festinhas. Quanto mais tempo prá festinhas, mais tempo prá festinhas.

Mulher Puta 1

Dáí todo mundo tira a roupa e se toca e se enfia uns nos outros, ninguém sabendo quem lhe meteu um ferro dentro. Ninguém vai saber de cor a cara de quem te deu um novo rosto dentro da carne.

Escroto Companheiro

(subindo na cadeira de papai, expulsando o grupo que ali estava) Daí tudo vai ser mais que festa, vai ser um prazer que não pára, até que o dia nos traga o cansaço e a luz.

Pai

Eu vou falar com os negros, dizer para eles pararem com esse negócio que já me incomoda. Bobeando, Franco Star pode vir prá nossa festa.

Namorado

Ou eu posso ser Franco Star.

Escroto Companheiro

Ou eu , por que não?

As mulheres, menos a filha

E nós, é claro (riem).

Filha

Quando eu era de todos, tudo era possível. Aí a faca entrou certo e me tirou tudo o que tenho. Quando saiu, algo ficou, que não vai embora. Eu estou aqui, mas é diferente. Minhas mãos seguram o que ainda pôde ficar, mesmo sendo pouco o que resta. Não fechem as portas, me deixem aqui, não apaguem as luzes, façam uma festa com muita luz, como se fosse de dia, por mim, pai, por mim, namorado, por mim, meus amigos.

(avançam para ela, matando-a como um coral que repete suas falas-golpes

- nos dias com sol é melhor não haver festa
- quem te trouxe que te esqueça
- vale muito pouco a vida que morre
- os teus cabelos loiros a terra pintará com o barro imundo
- um rosto não é nada sem os olhos
- agora pode pensar para sempre como seria de outro modo

- nem sempre o caminho mais curto é o melhor
- caímos sobre ti como as chuvas tão desejadas
- roda, roda, roda a dança louca dos que se perdem no
caminho
- um peso enorme cai sobre tua cabeça e te devora.

(Vão em direção dos negros acuados com sua bomba, tendo o Pai na frente, como se fosse Franco Star, em gestos que lembram um programa televisivo com dois ajudantes homens animando o público e as duas mulheres dançando seu estúpido acompanhamento sedutor, todos chutando e empurrando as ruínas do apartamento. Jonny Baron, após ficar intimidado, levanta-se, cruza os braços e espera. Fala o Pai:

Pai

Chega dessa merda, de uma vez por todas. Com vocês ou não, Franco Star merece seu Dia. Hoje é domingo, caras, hoje é domingo, porra. Vocês não sabem o que significa isso, um Domingo? Eu repito: do-min-go, porra, com todas as letras, o dia porra nenhuma prá se fazer, a vida parada lá fora e aqui dentro. Do-min-go; merda prá escovar os dentes, acordar tarde, coçar o saco, encher a cara, ver tv até ficar com dor de cabeça, comer mal, vestir-se pior, furar com convites, não sair de casa, cagar e não se limpar. Domingo, seus prego, dia de ver o que os olhos podem, o que Franco Star fez, ficar no centro do campo de visão e fazer merda com os outros, com todos que os olhos podem ver. Não era assim prá ser as coisas (dá um tapa no namorado que cai e ri, sendo chutado pelas mulheres em sua dança mimética de serviços pagos sem fatura.). Quem mandou vocês chegarem aqui em um Domingo? (Chuta o Escrotocompanheiro que cai e se machuca, ri e apanha das mulheres) O que você queriam, mulheres, gozar, com a porra dessa bomba (pega as mulheres e as beija todas, os que estão no chão fazendo papel de animadores de auditório machucados, o olhar distante e inútil) Hoje é domingo, porra, e só quem goza é Franco Star. (Rindo. Nesse instante as duas realidades que não interagem confluem. O negro machucado começa a repetir suas memórias, enquanto Franco Star faz o espetáculo de domingo

Negro Gordo

Aí, Frank Baron, eu no meio de todo mundo vi que era um deles também.

Jonny Baron

Como, cara, tu tá maluco ?

Outro Negro

Fala, não entendo porra nenhuma...

Negro Gordo

Daí eu vi que não adianta lutar. Contra quem lutar, quem é contra quem aqui ? Todos em volta de mim, dançando e rindo para Franco Star, eu mesmo achando tudo muito bom. Em meus olhos rodando a vontade de dançar, de ser Franco Star. As vozes de todos em meus ouvidos, as imagens de todos os lugares em meus olhos. Muito só prá alguém. Eu queria que vocês estivessem lá, cara, lá comigo. Por que me deixaram ir sozinho, por que me deixaram ficar sozinho com a multidão de Franco Star, a tv, as palavras, os sorrisos, as mulheres.

Jonny Baron

Mas cara, era só prá ver como tava a barra, se a gente podia explodir tudo e ir embora daqui.

Outro Negro

Eu te entendo, cara, eu te entendo. Dá prá sentir na carne um medo que é bom, uma coisa nova que a gente queria tomando conta da gente de uma vez só, as portas e as janelas abertas.

Jonny Baron

O que é isso, seus bichas, abrindo o que prá quem ? Seus viados, vejam o que está em volta, olhem, caras, olhem o rebolado dessas putas, olhem os movimentos e as pancadas de Franco Star e suas bichas, moscas satélites em um mundo de merda que se esparrama por todos os lados.

Outro Negro

Mas é o que você quer, Jonny Baron, é o que você quer ser...(é cumprimentado com um tapa nas mãos pelo Pai, seguido por pantomima show de auditório do outros. Eles cantam enquanto duram a agonia do gordo e as provocações do outro negro: icha, icha, icha, o Jonny é gente boa; ado, ado, ado, o Jonny é um cara legal...)

Negro Gordo

Daí eu vi todas as mulheres do mundo loiras, todas negras e loiras, em minha direção, suas bocas e mãos em todas as partes de meu corpo.

Outro Negro

(Para Jonny Baron)Tu quer é ser parte do domingo de Franco Star, levar na bunda por ele, sentir na pele para estar mais perto de suas luzes, para quem ninguém escute nada senão teus gemidos por Franco Star, tua boca presa, teu corpo retesado. Franco Star é a tesoura que te apara, abrindo o corpo de Jonny Baron para que seu sangue se troque em batom. Medo de ser a louca da rua, foi o que te trouxe aqui.

Negro Gordo

E eu fodia com todas, enquanto uma dor aqui, perto do peito, se seguia após o cheiro da carne queimando que um tiro carregava. Deixei cair no chão as mulheres que me trouxeram a morte. Gotejava meu sangue na cara delas.

Jonny Baron

Caras, nós viemos acabar com tudo isso, com esse domingo áspero que não passa. De tanto ver as mesmas coisas já somos as mesmas coisas que vemos. Somente uma bomba é mais forte que o show de Franco Star. (O negro gordo tira o comando da mão de Jonny Baron, o comando de tv que serve e servia de denotador)

Negro Gordo

Deixe a tv ligada, para que as negras loiras rebolem em volta de mim. Eu tô vendo, eu tô vendo. (Jonny Baron vai pegar o controle e é derrubado pelo outro negro. Cai feio e se machuca, entre o lixo da casa.

Negro Gordo

E eu fodia com todas, as sirenes em meus ouvidos, as palmas, todos batendo palmas enquanto subia o elevador para dizer que não há mais tempo. É preciso explodir essa merda, é preciso... (O pai chuta a cara do negro gordo que se contorce em horrível morte. E toma o comando da tv do falecido)

Pai

Como eu adoro fazer este programa! Minhas amigas, venham e mostrem seus peitos, que todos já viram e querem ver. Quando mais perto, mais pessoas cravam suas bocas na piroca enorme de Franco Star, que fode todos por todos os lados. Todos os merdas têm um Franco Star em suas costas, enrrabando o mundo que se despedaça em volta. Foda-se (todos riem, até o ajudante negro que prende Jonny Baron) De novo, repitam comigo nosso credo: foda-se (Todos repetem, rindo espancando-se , batendo um nos outros, beijando-se. Começa a liturgia de domingo. O pai fala e em coro todos respondem, com Jonny Star desconsolado, caindo no chão, inválido para a guerra e chorando como uma criança, volta e meia levando alguns chutes e pisões do coro violento e promíscuo, como se promíscuo e violento não fossem, excitados com a festa.)

Pai

Celebrado seja nosso Domingo !

Todos

Foda-se.

Pai

Que Franco Star humilhe quem quiser tirar o lugar de Franco Star !

Todos

Foda-se.

Pai

Que as bocas sejam de todos e as mãos não se aquietem !

Todos

Foda-se.

Pai

Que a dor seja uma lembrança que um porre faz esquecer !

Todos

Foda-se.

Pai

Que cada amanhã não sirva prá nada enquanto não chegue o domingo de Franco Star !

Todos

Foda-se.

Pai

Foda-se , foda-se, foda-se todo aquele que não aceitar que não adianta mais nada, que todos querem o que Franco Star tem, mulheres e grana, mulheres e grana, mulheres e grana. Foda-se, foda-se, foda-se quem não agüentar que tudo é assim e só desse jeito e de nenhum outro jeito é, que tudo sempre foi assim desde o começo e este é o verdadeiro Gênesis: No princípio foda-se, e Franco Star enrrabou tua mãe, teu pai e tua irmã e te deu esse mundo que é preciso festejar

pois não há nenhum outro nem aqui nem em outro lugar, nem no céu nem na porra da terra. Foda-se, foda-se. Foda-se. Uma filha é pouco para quem quer mais que o mundo se foda (Na descontrolada fala-grito do pai, Jonny Baron corre, luta com o Pai e espanca-o e tira o comando da bomba tv da mão. Os outros sem medo olham receosos e viram as costas para Jonny Baron, que fala cansado, a última batalha, a despedida. Ao falar, manipula o comando que tem nas mãos, brinca com ele, lançando-o para cima, aparando-o, vendo seus contornos, até apertá-lo com ódio após dizer)

Jonny Baron

É como se eu já tivesse visto isso tudo. Todos os dias meus olhos cheios disso, minhas mãos cansadas querendo mudar as coisas. Eu nunca achava que ia ter tudo isso diante de mim. Mas agora é tarde, sempre foi tarde, cheguei atrasado e vou morrer com quem não queria morrer. Não há mais luta, não é mesmo? Não há mais luta... Então de nada serve eu explodir essa merda e queimar tudo, não é mesmo ? Isso é verdade, Franco Star, é a única verdade mesmo. Vamos ver se em um céu de estrelas Satanás sabe gozar... (Ri, gargalha, dá as costas para os outros, todos correm lentos para ele que se vira e seria e compenetradamente fecha os olhos e aperta o botão. Apaga-se a luz. Um médio ruído de tv fora do ar. Silêncio. Após entra a canção:

Um silêncio em seu coração
Vou pisar em algo mais
Um silêncio nas sobras da cama
Um presente pô meus pés

A noite inteira escutei meu nome
A chuva forte que afoga os gritos
Casa vazia se torturando
Alguém não veio me deixou aqui

A noite inteira um silêncio na casa
A chuva forte, o coração aqui
Casa vazia, na cama os nomes
Alguém não veio, pisaram seus gritos

Um silêncio em seu coração
Vou pisar em algo mais
Casa vazia se torturando
Alguém não veio me deixou aqui
Casa vazia se torturando
Alguém não veio me deixou aqui

Um presente prô seus pés
O doce beijo dessas mãos
A chuva forte estilhaça os gritos
Ninguém ouviu sussurrar meu nome

A noite inteira se aproximando
A vida inteira na cama estreita
Alguém não veio e me deixou aqui
A vida inteira na cama estreita
Alguém não veio e me deixou aqui

Se eu soubesse do silêncio do coração
Maior que a chuva que agride a casa
Maior que a casa que pisa os gritos
Maior que os gritos que sabem os nomes

Se eu soubesse do silêncio do coração
Ninguém viria nunca mais
Ninguém viria nunca mais
Ninguém viria nunca mais

Ao silêncio de meu coração
Casa vazia se torturando
Vou pisar em algo mais
A chuva forte que afoga os gritos
Um presente pro meus pés.
Já vem de longe o que me traz agora
Já vem de longe o que se perdeu
(estes dois últimos versos são repetidos indefinidamente)

Diógenes

Cidade, a Grande Cidade como todas as outras, com seus homens pelas ruas, as ruas cheias desses homens os quais o coração das cidades vela para escutar o que os homens têm para dizer. Não pode haver sol mais claro e quente que desce sobre eles que agora. É quando se tem fome que precisam das palavras. O calor se abate por sobre todos e não há como se esconder senão estando na cidade, para esperar que os céus se recolham e fujam de nossa vista. Qual será a estrela que marcou nosso destino, aqui, para que se viva sempre sob o céu que nos une, para que destruídos não fôssemos pela solidão que nos consome. Somente a grande cidade extensa aos homens pode nos ajudar. Somente a grande cidade vive, e nada temos senão o tempo dentro dela, como a fome em nós, a que não cessa, a voz que pede e nunca é atendida. Qual estrela marcou amargo destino ? Vamos, ainda é dia, vejamos o que as ruas cospem além da poeira quente que abafa a garganta...

167

A grande feira, desfile de quem dela participa, a cidade por dentro, seu estômago ulcerado, repleta do que devorou, pronta para vomitar. Indigestão e morte. Pessoas cruzam. Glutões, efeminados, todos de cabelos longos e cheios de ornamentos. Estátuas na praça. Um filósofo pensador, cuspidor suas verdades, suas teorias niilistas sobre a inexistência do movimento, das coisas e do próprio mundo. O anúncio de uma performista que em seu show ateia fogo em si mesmo e morre explodindo como um rojão de festa. Um astrólogo, predizendo o fim do mundo por meio de um planeta que chupará tudo que em cima da terra existe. Por isso anda equilibrando-se em tamancos altos. Um escritor

que se gaba de seus milhões de livros vendidos, com um globo na cabeça, livros sobre os vários mundos paralelos a este. Um músico triste que toca distanciado de seu instrumento de cordas olhando para o infinito cantando "e se pudesse estar perto do que perto está". Um advogado dizendo suas defesas e contando seu dinheiro. Mancos e coxos e cegos falando dos defeitos dos outros. Adivinhos e leitores de sonhos com medo de dormir. Uma artista velha e decrépita contando sua vida, vestida de artista. Um religioso dizendo, com muitos erros de linguagem, que deus está aqui, e não consegue encontrar as chaves de casa. Estas são suas falas, este é o mundo da grande cidade:

Filósofo Pensador

Permitam-me, meus caros amigos, permissão que já me deram, permitam-me que diga, e já estou dizendo, qual é o fundamento de tudo, de todas as coisas: O QUE É, NÃO É. Por mais incrível que seja, sempre foi assim, desde agora, desde sempre. O que não é, é e nada existe senão para não existir (O público em polvorosa. Depois "fala pensador" dizem, pontuando o discurso). Se assim não fosse, não poderia ser de outro jeito. Por isso, eu repito e não preciso comprovar que tudo o que nesse mundo e nessa vida é ou foi ou será ou nunca foi, nem muito menos haverá de ser. Porque se fosse, não o seria, se é, ainda não foi e se for, não poderá acontecer. Prestem bem atenção eu insisto, prestem bem atenção. O movimento não pode ser porque não é e nada pode se movimentar, tudo por pura ilusão de nossos sentidos que vêem e acreditam no quem vêem. Cegos são os olhos e mais ainda o coração. (o público amolece, se adoça. "fala pensador" desse modo). Nos enganamos com facilidade e vivemos acreditando neste engano. Mesmo morrendo acreditamos que mortos o engano passou. Novo engano dessa vida e dessa morte, de nós mesmos. MENTIRA, eis aí, tudo é MENTIRA, e assim foi, desde o princípio. Quem pode negar o que digo, quem pode me dizer outra coisa que já não contenha MENTIRA, MENTIRA as muitas e muito mais MENTIRA que pode calcular o cérebro humano? E assim tudo é nessa vida e além dela. Se algo é digno de se crer é a inacreditável porção que cá restou para nós humanos, a ilusão da ilusão, a ilusão de que nada existe além das transparentes ilusões. (o público chora, "fala pensador" entristecido). Mas não é isso que somos, acorrentados pelas fraquezas, criaturas sublimes decaídas

em busca de pátria, desterrados em sua própria terra aguardando o novo céu e a nova terra?(público começa a se tranquilizar, olhando uns para os outros, como irmãos que se reencontram, dando as mãos e se abraçando, irrompendo em júbilo, salvos sem ter perdido nem um fio de cabelo. Fala pensador jubiloso. Por isso estou aqui, concidadãos, para ensinar o caminho de volta para o além da mentira, para onde a ilusão pode ser pisada sob nossos pés (O público está agora em uma comemoração, e comentários de alívio. O sábio é carregado em meio ao povo. Entram três bailarinos que mimetizarão as palavras deste que fala, uma baixinho bigodudo)

Anunciador da Artista Performista

Habitantes da Grande cidade, após anos de peregrinação em centros religiosos os mais desconhecidos e distantes neste planeta, volta para nós a grande IRRA, rainha da dança, o corpo oferenda para os deuses. Estudando os mais remotos cultos da mais antiquíssimas religiões, ela sintetizou em uma dança performance o sentido oculto de nossa humanidade cifrado há milhares de anos, secretamente guardado apenas para iniciados. De seu corpo, vereis, a terra vomitará a verdade que recolheu, como tesouro inextinguível e indistinguível, para que consumidos não fôssemos pelas chamas do mistério. Amigos e amigos, hoje, ao fim da tarde, no encontro do dia com a noite, IRRA se apresentará diante de nós e revelará os segredos imemoriais. A chama da verdade brilhará diante de nós e desde esse dia e desde essa noite seremos abençoados. Não há ninguém como IRRA, a dança viva em seu corpo estrela, que docemente cai sobre nós. A face dos mundos brilha em seu rosto e o homem se faz maior no corpo que irrompe antes da manhã. Habitantes da grande cidade, eu peço, vinde todos para o maior espetáculo da terra, as portas do inferno e do céu se abrindo diante de nós, a chama viva dos mistérios se arrastando em nosso frente. Pelo corpo de IRRA as estradas do além e do aquém se abrirão e por ela caminharemos para encontro com nosso bem maior. O que nunca se pode outrora, agora se faz acessível. Todas as torturas da alma, os sacrifícios dos santos, as bestialidades dos impuros, a sagração do divino e a volúpia do carnal - tudo se desfaz, rasgada a cortina que entre nós e a realidade primordial havia, rasgados os véus pela dança performance de Irra, a mulher que dá seu corpo para que as

sendas do caminho novo se abram diante de nós. Hoje, ao fim do dia e início da noite a dança performance de Irra nos fará ver e nossos olhos nunca mais se fecharão.(Misto de entusiasmo e temor no público. entra esbarrando em todos um bruxo-mago, com imensos óculos, pele branca, roupas sujas e uma saco de moedas a tiracolo. entra amaldiçoando)

Astrólogo

Estúpidos ! raça de estúpidos !, ignorantemente estúpidos ! podridão das trevas ! miseráveis estúpidos ! para sempre banidos do Reino !. enlameados em suas verdadeiras ilusões comprem dos esgotos a merda que sobra da boca dos homens. Até quando, senhor, até quando poderão existir, viver, estar nessa terra, criaturas tão mesquinhas de alma e espírito ? Olhe para ele, senhor, olhe e tenha pena, desses que em tão pouco acreditam. Se dissessem "ei, coloquem merda no ouvido, é bom prá surdez " colocavam. Se dissessem, " ponham a bunda na janela prá acabar com a dor de cabeça" colocavam. Merda e traseiro quentes na tristeza de ser o que são ! Raça de miseráveis estúpidos ! Hoje aqui desfilarão os mais ignóbeis tipos, retratos inadiáveis do que sois vós, nesta terra de lama e alma imunda. Senhor, deixai que comam o que o chão vomitou fora, deixai que se lambuzem com os dejetos dos animais. Hoje aqui vieram filósofos, artistas, escritores, músicos, entre tantos outros, para roubar o que já tem estes estúpidos seres trevosos. A luz deixou de ser bem comum há muito tempo para virar doença e praga entre os corações. Quanto mais os dias passam ,ergue-se um novo culto e uma nova miragem. E esta raça de estúpidos esfomeada pela novidade de agora, se empanturra com a notícia nova borrifada nas ruas. Suas bocas enormes se escancaram ao pé dos que lhe dão o que necessitam. Viciados na última salvação, adormecem o sono pesado da estupidez, repletos dessa comida para porcos. AH, deus bondoso, deus que me deste a verdade e a luz para não consentir que este povo morra assim, orfão, sem um guia ! Pois eis que me ergo diante de vós e falo, eu, Macarenas Sorambona, a voz que clama entre as vozes que vendem, eu Macarenas Sorambona me ergo e digo: "cuidado povo da grande cidade, cuidado ! Eis que o chupão vem pegar todos vocês. Não há quem possa fugir de chupão, a treva oculta deslizando pelos cantos do mundo até tragar a terra inteira(mímica

com lábios de um chupão sugando a terra, estalando os lábios ao fim). Nas esquinas, nas quinas da mesa, nos bairros, nas gavetas, nas paredes ocas - em tudo está chupão, desde sempre, aguardando sua hora. Chupão vai comer vocês, engolindo tudo que vive e anda sobre a terra. Chupão vai pegar vocês, chupão, eu disse, eu Macarenas Sorambona. Arredem o traseiro das janelas, parem de comer a merda das ruas, tranquem-se nos quartos, apaguem as luzes, não saiam de casa. Chupão se aproxima de todos, vindo do mais longínquo espaço para devorar quem próximo esteja das ruas. Ah, Deus eis tua profecia, eis o que eu tinha de dizer. Se há coração, é preciso haver o medo. Se há fé, é preciso que fujam. Corram para onde seja melhor, mas não aqui. Saiam dos morros quem estiverem perto do céu, corram da águas quem estiver no olho tranqüilo do mundo As águas vão ferver e os ventos vão sacudir tudo que puderem sacudir. Chupão vem, ora vem, finalmente, por sobre nossas cabeças. O horror, enfim, que olhos verão enfumaçando o que a terra construiu. Eu, Macarenas Sorambona avisei, e nada se pode fazer. O mercado da praça cessará seu movimento, os pensadores filosofantes perderão sua voz. As cores dos artistas empalidecerão, todos antes e após mim serão aniquilados de uma vez por todas. Venham para debaixo de minhas asas, seguros, em paz por Macarenas Sorambona. Venham, antes que o planeta-chupão pegue vocês todos. (Antes, o vento faz com que ele erga seus braços como um místico santo no deserto, mas acaba por receber pedradas e tomates podres. Enquanto o espancam, ironizando com o chupão, passa um escritor vendendo seus livros)

Escritor

171

Eu sabia (ri), eu bem sabia antes de todos como as coisas são, desse jeito e de nenhum outro. (ri) Estava aqui, diante de mim, tão perto como a sede e o desespero da sede. Eu sabia há muito que era só esperar minha vez e assim foi. (todos deixam o mago e se dirigem para o escritor). Compre aqui, habitantes da grande cidade, venham ver comigo as realidades sem números, os passos no céu, a dança das estrelas em minhas mãos, antes que caiam e se espatifem na terra vermelha. Eu sabia que era uma questão de tempo, uma atenção redobrada, a vigília contínua até o saber tomar posse de mim e de minha vida inteira. (Forma-se a roda novamente, o círculo em torno deste).

Pois foi de repente que soube, a verdade vindo para mim em uma viagem fora da cidade, quando a noite toma conta dos olhos e não se pode ver mais que a escuridão. Foi aí que eu vi, meus concidadãos, olhando para o céu, atrás da triste estrela de nossos destinos, eu vi os céus se abrirem em várias partes, como os gomos de uma fruta, um após outros, rasgando-se a partir de si mesmo, pele ferida e sangrando, exposta até os ossos brancos, um leite que grita e cega, escorrendo entre as fraturas do céu. Enfileram-se, daí, globos, sete globos das mais variadas cores e dimensões, um após outro defronte de meus olhos, de se pegar e nem tanto. Da estrela brilhante que se derreteu e explodiu em mil arranhões, o céu partejou sete mundos que ordenadamente me olhavam. Minha garganta secou em sua fonte e o ar ficou raro. Sentia- dando voltas em torno de mim, os olhos fora da órbita, vagando fora de meu corpo, procuram abarcam o que a frente e atrás de tudo aquilo havia, girando e retornando em torno de meu próprio eixo, vi o que ultrapassa o horizonte extremo da circulatura em volta de nós, elevando-se para frente e para trás ao mesmo tempo que o chão por mim pisado me dava adeus. Não sabia mais o que estava em movimento, se era o céu ou o chão de onde pensava não haver saído. Então eu era enorme, do tamanho da escuridão, o vazio engolido pela minha boca, as luzes inteiras como reflexos de meu corpo. Em minha cabeça estavam os imenso planetas, a coroa feroz que me perfura a pele e me rouba as carnes. Eu era maior que o mundo e não havia mundo senão os outros, as vozes vinda de cada planeta em minha cabeça, eu constelação, galáxia, chuva de estrelas enlameadas de placenta. Os infinitos mundos, amigos, os infinitos mundos, um homem por cima de sua cabeça, o além lugar como nenhum outro. Habitantes da grande cidade, aqui estão as viagens para os sete planetas, nestes sete livros de sete cores. As sete viagens aos sete mundos que escutei e vi de dentro de minha cabeça. Os sete sabores de suas terras, os animais de sete cabeças nos sete caminhos que cruzam os sete mundos. Sete avisos, sete pessoas escolhidas para viverem sete vidas no sete paraísos dos sete planetas. Ai, meus amigos, a hora é essa e o tempo chegou ao fim. Nada há mais para se fazer senão o que os livros pedem, o que as vozes dos sete mundos infundem ao coração. Ainda posso ver agora, aqui mesmo, eu girando em torno do espaço obscuro da matéria sem forma, sob as ordens dos sete mundos girando em

volta dos meus olhos. Eu era leve, do peso da bofetada do vento que te arranha a cara, nu para sempre, com medo de voltar para essa cidade. A grande cidade nos faz pesados, a grande cidade sabe de cor nossos nomes. Compre os livros, irmãos, compre os livros. Os novos mundos esperam por nós. (A multidão se avoluma para comprar os livros, gritando alto, disputando e rasgando exemplares dos livros. Entra um músico triste, cantando seus improvisos, solos agudos de violão, marcados por graves e dissonantes acordes. Em alguns momentos murmura algumas palavras - medo, medo, medo; confusão, confusão; medo, medo, medo; espera sem fim - Música sem emoção. Entra uma travesti com roupa preta colada no corpo gasto, cheio de adornos cintilantes, as costas aparecendo, brancas e arranhadas, óculos enormes na cara, voz metálica, agilidade em hipercorreção, bailarina da noite já com seus cinquenta anos, cheia de refletores e fotógrafos em volta dela, maquiagem exagerada.)

Artista Performista

Eu sei a minha idade. Por que você pergunta qual minha idade ? eu sei minha idade, eu sei a idade de todos vocês. De nada adianta saber a minha idade, nada vai mudar. Eu sou a mesma menina que saiu de casa há tanto tempo e viajou pelo mundo inteiro até voltar rica. Participei de tantos filmes, tive tantos amores, e minhas biografias não autorizadas só resumem um pouco do que fui. A minha idade ? Um pouco mais do que vocês imaginam, um pouco menos do que tenho na verdade. Os tantos homens que amei e traí, as muitas casas que tive e deixei, os palcos das cidades que viram Vera Goulart balançar seu esplêndido corpo nu, nada disso tira a curiosidade enfadonha de saber qual a minha idade ? O que vocês tem a ver com isso ? Não sou velha, não vii, não sou velha, estou fora do tempo, fora da vida que vocês levam. Eu sou alguém, mais que do que vocês pensam, essa multidão de miseráveis. Lembra como estava em "Uma noite atrás das outras" ou "A queda da lua" ou "Cama estreita para dois" ? vocês não sabem de nada, mesmo, de nada. E por que querem minha idade ? Tiveram meu corpo, meus amores, minhas desgraças, minha luz, minha decadência. O que mais, hein, cidadãos ? O que mais ? Deixem sozinha uma velha que não tem mais as cores de antes, deixem uma velha viver seu último papel. Uma velha uma ova, eu não sou vovozinha de ninguém,

ainda estou muito bem, ainda posso ter quem eu quiser debaixo dos lençóis. A minha cama ainda range, se eu quiser. A minha idade pois tenho só muitos anos na frente de toso para ver como oitenta anos ou noventa , ou cem não fazem muita diferença agora, eu que estive aqui todos esses anos com vocês. Vera Goulart faz anos, lembram-se daquele especial de fim de ano, a verdade viva dentro das carnes tão novas com antes ? Vera Goulart posa nua, lembram que escândalo?. Ah, se eu tivesse filhos, netos, mas eu não tenho ninguém além de mim, eu tenho vocês, debaixo das mesmas luzes que me fazem brilhar. Vera Goulart em férias ! Lembrem a minha vida na vida de todos, os sonhos de todos em minhas entranhas, eu fazendo sonhar com minhas pernas nuas, e meu eterno sorriso. Vera Goulart não tem idade, tem disposição. Vera Goulart não tem filhos, tem fãs. Vera Goulart não morre, é estrela maior nesse céu sem estrelas, nessa vida mesquinha de multidão que leva nos pés a terra podre do dia a dia. Eu sou o sonho nos maus dias, a certeza que bons dias virão, jovem, eternamente jovem sob a nudez de meus vestidos. Qual a minha idade ? Ah não enche o saco, merda.(O cantor novamente solta seus tristes versos "Dor eu sei, dor em cada um de nós, dor em cada um , a dor de cada um. Só é preciso alguma coisa, uma única coisa, e somente ela, só uma coisa e nada mais. Se eu pudesse , se eu pudesse, cara, se eu pudesse mesmo tudo seria diferente, muito diferente, bem mais diferente do que as coisas são. Dor, eu sei, dor de cada um, uma coisa só, se eu pudesse, se eu pudesse". Entram os mendigos

174

- a- Eeu sou surdo.
- b- Eu não vejo muito bem.
- c- E eu manco com os dois pés.
- a- E as duas mãos. (riem todos)
- c- Você não era surdo ?
- a- E como você como chegou a té aqui ? (riem)
- c- Eu não queria ficar em casa .
- b- Ah, ele têm casa , ele tem casa.
- c- Porque, há algo de errado ?
- a- Não, mas nada de certo também. (riem)
- b- Mas nós viemos aqui prá o quê ?
- a- Eu sou surdo.

- b- Eu não vejo muito bem.
c- Eu tenho fome. (a e b se entreolham)
a- Mas você não era manco ?
c- E daí ? Mancando passa a fome ?
b - (ri) Ah, essa foi boa, ele te pegou, cara.
a- O que ? como ? não estou te ouvindo, não estou entendendo nada.
b- (sem graça) Mas que cara mais escroto, não ?
c- Eu você: pare de se fingir de surdo.
a- Você fala ? não era mudo ?
b- É mesmo você não era mudo ?
c- Semana passada, semana passada.
a- Desse jeito não dá, desse jeito a gente se desmoraliza.
b- Vamos estabelecer algumas regras.
a- Isso mesmo. Vamos estabelecer regras para todos.
c- Mas você não é surdo ?
a- Como ? O que foi que você disse ?
c- Viu ? desse jeito não dá.
b- Vamos parar com isso. Estou com fome.
c- Ei, mais sou eu que tenho fome, a vez é minha.
a- Viu, eu não disse (para o b) ? quem mandou chamar esse cara.
b- Ele só atrapalha, atrapalha todos que estão aqui.
c- Ei, quem são vocês, seus miseráveis e humilhados pedistes. Eu tenho casa.
a- Ah, então dá ela prá mim, vai, dá ela prá mim. (avança para c) 175
c- Mas você não é surdo ?
a- Eu não tô te entendendo, não tô te entendendo.
b- Fome, fome, fome muita fome, eu tô com fome. Será que vocês não me ajudam, eu não vejo muito bem.
a- E eu sou surdo, muito surdo, quase não escuto nada, um pouquinho de cada coisa vez por vez, algumas vezes.
c- Ai eu sou manco de verdade, não consigo correr, o que você tá fazendo ?
a- (olhando para uma voz imaginada em sua volta, apalpando para pegar o amigo, que se arrasta) Ah ? eu ? sim eu já vou,

deixa eu matar um manquinho, coitadinho tá morrendo de fome, Vou levar ele pra casa, a nossa casa.

c- Mas você tá escutando, você não pode escutar, todos os dias aqui sentados nessa praça, você não pode escutar.

b- A gente te enganou, a gente te enganou direitinho. Cara, cuidado: ele fica muito irritado quando não encontra o que quer.

a- É porque sou cego, e não sou surdo. Mas tenho um força os braços

b- E uma fome na barriga que esmigalha qualquer ossinho de galinha que me derem. Vai, mata ele, mata vamos comer gente com casinha hoje, no jantar, por favor, vai pega ele.

c- Você são loucos, cara, você são loucos.

a- Eu não escuto muito bem e vejo pior, mas sei onde alguém pode se esconder.

b- Eu acho que vi um manquinho, se arrastando prá ali, ó, sua esquerda.

c- Caras, o que tá acontecendo, deixem disso (pegam e batem o em c)

a- Eu sou surdo.

b- Eu não vejo muito bem.

a- Afinal, que horas são ?

b- Como ? diz de novo, baixinho ?

a- Que horas são, que horas são, meu amigo, que horas são ?

(Riem. O músico toca novamente, um grande amor que partiu: "quando chega o fim do dia, nada deixa de ser como antes, as mesmas coisas em volta de mim, as mesmas coisas que já se foram. Um pouco mais e eu posso ouvir como era grande o nosso amor, do tamanho de um fim de tarde onde todos vem esperar estrelas. Um grande amor do tamanho de um céu que vai embora, sem dizer porque partiu. Quando chega o fim do dia, nada deixa de ser como antes, todos antes com pressa sozinhos esperando o céu com estrelas." Os mendigos riem, abraçados ao "c" desmaiado, escutando essa melancolia de fim de tarde. Ouve-se de repente um grito, um chamado: "homens". A multidão volteia seu olhar para um ponto fixo. Logo em seguida novo grito se escuta "homens", a multidão vira-se para o contrário. Vem rolando do

primeiro lugar um barril que para no canto lateral esquerdo de quem vê. Um rosto de alguém com cabelos curtos e camisa básica se ergue. Está fazendo sua refeição, com um prato nas mãos. É Diógenes que diz:

Diógenes

Eu chamei homens, e não canalhas.

Filósofo

O cão voltou, pronto para morder.

Diógenes

É verdade, é verdade: sempre volto para quem me vendeu.

Astrólogo

Continua pior, não aprendeu com as pancadas.

Escritor

Cão e porco, comendo em praça pública.

Diógenes

Cão são vocês que estão em volta de mim enquanto faço minha refeição. Saiam do meu sol (Todos avançam para cima dele ele retorna para dentro do tonel. Batem no tonel. Saem. Ele volta, lambendo os beijos e esfregando o braço na barba suja.

177

Diógenes

Deixem o meu sol. Para o nosso bem , é preciso que isso tudo seja verdade.

Volta o movimento da praça. O filósofo fala seguido pelo contraponto de Diógenes:

Filósofo

Cidadãos da grande cidade...

Diógenes

...e eu, cidadão do mundo...

Filósofo

...como ia dizendo, nada é o que é, senão não seria de outra forma. Pois a mesidade da mesa, e a tacidade da taça (Diógenes diverte-se rindo do orador e da audiência, coçando-se interminavelmente.) nos faculta um outro modo de ver a realidade. O homem é um bípede sem asas (a multidão aplaude e discute as idéias, concordando com elas. Diógenes fica por alguns instantes interrogando-se. Até que tira de seu tonel uma galinha morta

Diógenes

Eis seu homem, caro filósofo pensador, o único que não sendo, é, em suas asas ao que o vento pode soprar. (O filósofo se irrita e sai do lugar de orador.

Astrólogo

Pare de pegar as migalhas de nosso banquete, cão.

Diógenes

Eu mijaria nas sobras, meus amigo.

Escritor

Muita gente ri de ti.

Diógenes

Mas eu não ... ao menos de mim. (Avançam de novo contra ele. Batem no tonel. Os únicos que se divertem são os mendigos, com o desmaiado mendigo concordando à força com o que acontece ali.

Escritor

E se te prendessem, o que diria, cão: qual é tua profissão? O que sabe fazer?

Diógenes

Comandar os homens. (Irritam-se todos e derrubam o tonel que rola para perto de umas estátuas. Os mendigos riem. Cai da bolsa de alguém da multidão um choriço. Os mendigos ficam com vergonha de comer. Diógenes começa assobiar. A multidão que estava de pé do lado oposto ouvindo algum discurso começa a prestar atenção no que Diógenes assobia.

Diógenes

Gente estranha: presta atenção em minhas tolices e não escuta a seriedade de alguns homens.

A multidão se dispersa, para passear. Os mendigos ainda com vergonha da comida. O cantor triste suspirando estático suas canções de dor e desprazer.

Alguém chega para Diógenes e pede para ser seu discípulo. Diógenes lhe dá um atum e fala para ele passear com o peixe. Desnortado, o iniciante não entende nada, simula fazer o que Diógenes lhe pede, mas sai revoltado, pensando estar sendo enganado.

Diógenes

Um atum acabou com nossa curta amizade.

Em grita a multidão se reúne para o astrólogo que fala dos sonhos e das maneiras de interpretá-los, dos sonhos ruins que tomam conta dos que dormem, dos presságios que eles contém, a vida que pode se extinguir a cada momento, o perigo de algo acontecer, o medo e a incerteza contra o qual devemos lutar, sempre vigilantes.

179

Astrólogo

Sempre é noite na alma, dia e noite, noite sempre no coração. De olhos acordados vemos o que queríamos. Dormindo sonhamos com o que nos perseguia à luz do sol. Em todos os instantes algo brame e se aproxima, o calor da fera já podemos sentir. Em volta de nós urra e espera, nossa boca em sua boca gritando as palavras, os pés se movendo, a fuga impossível para outro lugar. Sempre é noite na alma, da qual não se pode fugir. Os monstros que rugem nos sonhos são as faces apavoradas de quem não acredita. O monstro no fundo do

quarto é o rosto aterrorizado de quem não conseguiu se evadir. Por isso deixem os olhos e calem as bocas. Parem de gritar e baixem as mãos. Agora, face a face com a escuridão, bebam deste unguento divino, tirado do sangue do próprio chupão, a terrível noite que se passa em nós. Ferido nas costas por mim, Macarenas Sorambona, chupão verteu sua espessa vida que recipiente algum conseguiu reter. Com minhas mãos recolhi a dor do planeta chupão em sua agonia e prazer. O corpo estremecendo, lançando para os quatro cantos do mundo, a ventania que me roubou para fora da vida, tudo foi em vão. No meio da noite eu não fugi. De pé fiquei contra a morte nos olhos. Na luta contra o inimigo, venci o medo e a escuridão. No chão retorce-se aquele que ousou me vencer. Pois isso eu peço: comprem esse unguento, cidadãos, comprem esse unguento, duas gotas somente, duas gotas, duas gotas e nada mais, somente duas gotas. Se alguém te disse outra coisa, eu sei que somente são duas gotas e nada mais, duas gotas, duas gotas eu peço, acreditem.

Diógenes

Duas gotas são tão pouco, porque não pede suas bolsas, cidadãos, suas bolsas, o planeta chupão sobre suas cabeças, e eu em vossos calcanhares, duas bolsas na escuridão, que ninguém veja duas bolsas, duas bolsas.

Astrólogo

O perigo é que alguém como tu exista.

Diógenes

O perigo é que eu deixe de existir, como estas estátuas.

Artista Performista

Não aponte para a arte. Hoje eu mesma voltarei triunfante para meu público. Ao invés do fogo do céu cair sobre mim, vou atear fogo em meu corpo e virar luz, para que os olhos vejam o que devem ver - eu, Vera Goulart. Eu nasci estrela, ninguém vai roubar minha luz. Minha luz, estão entendendo, minha luz.

Diógenes

Muitas palavras e pouca luz. Uma fogueira não dura mais que suas chamas, e assim posso dormir em paz sem os pesadelos dos magos ou as roupas de uma dama. Apareçam estátuas, apareçam, e digam alô. Se aqui todos podem estar, vocês tem guarida nessa cidade.

Artista

Cão imundo e transtornado: fora de minha luz, fora de minhas vistas, deixem que outros me vejam antes que o fogo me tome por inteira.

Diógenes

(Para as estátuas)Por tudo que fazem quando estão des-
pertos se atormentam mas se aplicam com toda paixão para entender
o que nos sonhos sofrem. (Para a artista)Uma fogueira ainda não
acesa esquentar o desejo de comer. Se eu tivesse um fósforo seria o
primeiro a te aplaudir. Afinal, qual é tua idade ? (Artista sai irritada. O
músico canta enquanto isso multidão se movimenta e Diógenes vai pra
trás das estátuas: "Até que passe um dia novo, novo dia sem idade, e
quando mais chegar mais perto, mais ainda de se ver, dia novo eu vou
gritar com as forças dadas dessa hora e outra, um dia novo e sem
idade, em cada nota que o coração mandar. Até que passe um dia novo,
e novamente e mais ainda de se ver, e quando mais chegar mais perto,
eu vou gritar com minhas forças, com minhas forças sem idade, eu vou
gritar o dia novo, dia novo pouco e tanto, nessa hora e outra hora, até
que passe mais ainda, até que passe de uma vez")

181

Anunciador da Artista Performista

(Entra triste, com três bailarinos tristes, todos em roupas
rasgadas, queimadas, a fumaça ainda tingindo suas vestes, bailarinos
que mimetizarão o luto, estas palavras em honra da artista morta. Em
suas mãos os vestidos ardentes e carbonizados da artista) Ela, que
daqui não era, deu-nos uma prova de amor ao ir-se daqui. Não pertenc-
cia a este mundo. Nem nossa era. Levou-a quem nos deu, tomou-a
quem a trouxe. Que volte para seu lugar e de lá nos mande os sinais.
Pois ela nos fez. Sua dança durou menos que o suplício, envolta no

fogo que lhe devolvia para o céu. Uma mulher na dança da vida, as chamas saindo de si. Irra, a mulher-hemisfério, muda visão que se parte em nossa frente. Que mistério, que revelação, Irra, a mulher de muitos anos, a mulher de muitos homens, a mulher de muitas viagens! Que mistério, que revelação! Irra, dama com a fogueira em seu corpo, a dor sem boca que nos assusta. O que dizia em sua vertigem ? Porque se lançava assim contra a terra, o pó da terra erguendo-se na pele brasa imunda ? Ela que daqui não era nos deixou. Irra, monstro-fera na dança que assusta, o temor de ir, o desejo de ficar. Uma deusa, eu sei, uma deusa no meio das chamas, os cabelos com novas cores, o corpo sem saber como fugir do fogo. Diz, Irra, dança-imagem no calor de nossos olhos, diz o que fazer, como sarar essa ausência de Irra, mulher última na pele que se enrosca aos ossos? Diz, Irra, antes que seja noite, e nada mais nos reste senão dormir. Ainda quentes estão as brilhantes vestes, ainda o suor brilha em teus vestidos. Que mistério que revelação! A dança se prolonga além da morte. Os olhos só conseguem lembrar das formas em movimento. As luzes clamam por nossa volta. O que ficou, conserva sua força.(Bailarinos se lançam ao chão. O anunciador pisa sobre eles e sai. Os mendigos ficam perplexos com o que vêem e vão caçando sobras da mulher chamuscada, arrastando "c" que vai melhorando de sua surra.

a- eu tenho fome

b- eu me masturbo

c- eu não sei onde estou

a- uma mulher morreu

b- eu já sabia

c- eu tenho fome e me masturbo

b- eu já sabia que teu estômago ficava em outro lugar

a- seria bom se esfregando o estômago a fome passasse, como o desejo...

c- seria bom que você me masturbasse

b- e a mim também

a- um mulher morreu, e a gente tem fome

b- uma mulher se foi, e sobraram só as cinzas

c- com as cinzas a gente faz uma sopa quente

a- com teu estômago a gente faz uma refeição

c- se você nos masturbar, a gente come só a mulher morta
b- se você morrer, a gente se masturba
a- mas eu tô bem vivo, pode pegar aqui, ó, eu tô bem vivo
b- eu só vejo cinzas
c- eu já nem isso vejo
a- quando eu tenho fome tenho desejos
c- e eles passam, eles passam logo ?
b- e eles passam, eles passam como ?
c- quando eu como cinzas, cinzas de mulher morta
a- ela dançou muito para sua velha idade
b- o fogo demorou para queimar o que já era pouco
c- mas ela trouxe luz seus ossos estalando
a- eu posso ver sua carne voando em minha frente
b- eu posso ver suas cinzas debaixo de minha porta
c- uma mulher morta, e eu logo me masturbo
a- uma mulher morta, e eu esfrego minhas pernas
b- uma mulher morta e eu tenho desejos
c- se não fossem as cinzas, se não fossem as cinzas
a- onde estão as cinzas, amigos, onde estão ?
c- eu tenho fome, eu me masturbo, eu tenho fome
a- a mulher era velha, devia queimar mais rápido
b- a mulher era velha, o fogo amoleceu suas carnes
c- desde quando eu falo com vocês, amigos, desde

quando?

b- eu tenho fome, cara, eu quero as cinzas
a- mulher dançando e a gente com tanta fome
c- mulher faminta, rondando sua luz
b- a fome de luz fazendo com que se masturbe
a- até virar cinza, a fome da luz no fundo de seus ossos
b- é porque não se masturbou até acabar com a luz
a- era porque tinha mais luz em seus olhos
c- mas porque então não queima suas cinzas acabar com a

fome

a- porque então não come suas próprias cinzas
b- é porque ela dança, ouça, em seu show de brasas
c- até que caia no meio de seus olhos podres
a- carne que não presta nem prá se comer

- c- o céu que lhe esconde a luz e a águas
- b- dia-novo em sangue aquecido
- c- sopa-resto que se esconde na terra
- b- dia-monstro prá quem veio nesta praça
- a- fome que não passa
- b- eu que me masturbo
- c- seria bom se, esfregando o estômago, a fome passasse
- a- seria bom uma mulher morta, uma mulher morta
- b- a chuva negra no calor do dia
- c- seria bom morrer agora
- a- eu sou surdo
- b- eu não vejo muito bem
- c- e eu tenho fome, muita fome
- a- as cinzas são pouco para quem se masturba
- b- o fogo só faz arder os ossos
- a- uma mulher morreu, meus amigos, uma mulher morreu
- b- o que nos resta senão comer as cinzas ?

Um menino passa em frente de todos, vai para a fonte que está perto das estátuas e bebe água com as mãos. A água escorre por suas roupas. Ele tosse por ter engolido muita água. Ele brinca com a água da fonte até começar a jogar água para cima que cai em sua cabeça. Sai Diógenes de trás das estátuas, após contemplar o menino. Enquanto o menino repete seus atos, Diógenes entra com um lampião na mão, balançando-o, e vai andando em direção a nós que o vemos, falando, sua voz em nós, andando enquanto a luz do palco se abaixa até chegar perto de nós:

Diógenes

Pelo cão ! Um homem de verdade, meus amigos, uma homem de verdade – onde encontrar ? Dormindo ou acordado, sob a luz ou sob a escuridão, onde encontrar ? Para o nosso bem, é preciso que isso tudo seja verdade. Um homem, meus amigos, um homem apenas. Ainda há lugar nesta praça para um homem ? Eu saio dessa vida antes que me ateiem fogo no corpo. Os cães reconhecem seus donos. Eu saio dessa vida antes que dela me levem. Um homem reco-

nhece seu cão. Para nosso bem, é preciso que tudo isso acabe. Sob a luz ou a escuridão, o cão habita a rua. E a rua é de quem nela vive. Um homem de verdade, meus amigos, um homem, para o nosso bem. É preciso que o homem venha com seu cão antes do fogo, antes da luz que tudo consome, antes que a luz tudo apague. Um homem de verdade, meus amigos, de se ver.(Escuridão total. As gargalhadas do menino que brinca e bebe água ficam mais sonoras.)

Brutal

Sucessão de diálogos sem a mínima intenção de armar uma violência recíproca

A longa vida hoje em frente, a longa vida bem diante de nós. Quanto meu, amigo, por quanto eu fico com a mercadoria? Uma vez só, a única - não esqueça, meu amigo, não esqueça. A longa vida subindo em teu corpo, as pernas com o peso maior que da última vez. Quanto, meu amigo, por quanto eu fico com o pacote ? Eu não vou repetir, não vou mais voltar aqui. Essa foi a última vez, cara, de verdade. A longa vida bem diante de nós.

1

187

À porta de uma casa de onde se sai. Ele andando em frente, ela atrás, olhando a partida.

Esposa

Você sai de casa e não me vê. O beijo é pouco quando se acorda. Você pode olhar para trás mas já dobrou a cerca, agora dentro de seu carro. Alguém te espera no escritório e eu vou almoçar sozinha. Eu sei de tudo, meu amor, eu sei de tudo e espero da tua boca as palavras. A noite conversaremos, mesmo cansados, as palavras em tua boca, quase a dizer o que eu já sei. Os vários anos me derem um olhar

que escuta a demora muda. Um homem anda para fora de casa, vai ao trabalho e retorna. Mas nunca é o mesmo. As fases, os tempos do mundo. Eu espero que não haja nada de errado.(Entra para dentro casa. Três tipos passam vigiando a casa. Param. Um loiro rindo, com uma câmara na mãos, um negro com óculos escuros e barba, encapuçado, com frio e um gordinho careca rindo como se chorasse, chorando porque não pode rir.

Loiro

Bonita casa para só duas pessoas apenas...

Negro

É muita bandeira ficar aqui por perto.

Gordinho

Vamos embora, caras, vamos embora. Eu disse que a gente tava errado. (leva um tapa do loiro)

Loiro

Tu parece uma galinha, uma galinha gordinha, branquinha, deixando as penas e a cabeça em cada canto.

Negro

Uma galinha bicha, bicha de toda, fresco. Dá vontade de te dar um tiro bem no meio da testa, bicha gorda sangrando até morrer (riem todos)

Loiro

(filmando)Uma bela casa , com uma bela mulher dentro. Mas é muito grande para dois, muito grande. Deve caber mais gente, nem que a gente empilhe os corpos, esconda os corpos dentro dos armários.

Negro

A gente tá dando bandeira, a gente não devia ter vindo aqui.

Gordinho

Mas é uma bela casa mesmo.

Negro

(espatifa a cara do gordo) Bicha gorda, bicha. Tá olhando muito! Tá olhando o quê? O cara já foi...

Gordinho

Ele não me viu ... Mas eu sei como o cara é longe de casa. Não adianta sair de manhã e beijar sua mulherzinha. O caminho para o carro e do carro para o trabalho. Mas ele não consegue esquecer. Pode beijar todos os dias sua mulher mas ele não esquece a loira.

Loiro

Também : a porra da vabagunda loira é demais. (Para o Negro) Tu tá com ela presa, não é?

Negro

Vamos embora, caras, ainda vamos matar alguém desse jeito. A loira tá numa boa, goza feito vaca, esguincha prá tudo quanto é lado. Aquela mulher merece umas porrada. É muito mulher prá um só homem. Tá tendo sua carreira de artista bem rápido. Uma loira muita boa prum homem só. Ela merece muito mais.(riem)

Gordinho

189

Ela merece apanhar prá cassete. Vaca, loira que chegou querendo mandar, mas é mais uma loira, sempre chegam loiras melhores todo dia lá no bar. A vida delas vale menos que uma punheta em pé num banheiro sujo, cheirando a merda da porra de um vômito. Vaca loira porca e imunda.

Loiro

(segura firme e forte o gordinho) Cara, é melhor parar com isso, viu ? Se não gosta de mulher, é problema teu. Vamos atrás do otário, o namorado da vaca loira.

Negro

Piranha filha da puta, queria montar numa grana namorando esses caras de convenção. O otário apareceu lá e não sabia de nada. O bar até mais tarde, a noite prá se fazer algo quando não se está em casa, quando não há nada prá fazer.

Gordinho

Será que a mulher dele sabe de alguma coisa? O cheiro da loira nas roupas, a boca com o gosto da outra, a impossível voz de gozo da loira nos ouvidos do marido ?

Negro

Deve ter gozado bem, pelo menos uma vez na vida, esse cara. Ele partiu prá cima da loira como se corresse atrás do tempo que se foi. Não havia nada em sua frente. E logo estavam os dois nos quatinhos do fundo do bar.

Loiro

O filha da puta trepou com ela até de manhã cedo. Tivemos que ver toda essa merda, um coroa escroto bancando garotão, enfiando fundo noite inteira, a cara de amante em seu rosto enrugado. Amante como nunca, esse. Empresário de merda, dono de franquia, que nunca fez porra nenhuma na vida, comendo nossas mulheres, a loira filha duma puta escrota.

190

Gordinho

Daí tu ficou puto, não é ? Mas gravou tudo, tudinho dentro da câmera. Aquele escroto nos deve, vai pagar uma grana alta.

Negro

Eu quero ele aqui, ó, todo fodido em minha mão. Eu quero ver a cara dele quando a gente mostrar a fita.

Loiro

Daí o amante se transforma em bichinha, bichicha gorda e feia como tu(para o gordo rindo). Volta pô seu lugar, empresário de

franquia, merdinha que não vale nada, cheio de funcionários escrotos, patrão putanheiro de merda, deixando sua casa todos os dias, o beijo seco na mulher que ama, o portão atrás dele, o caminho prô escritório de volta prá casa. Daí entrou a loira em sua vida prá nunca mais sair...

Negro

Só morta

Gordinho

Vagabunda, vagabunda.

2

No escritório. O telefone fora do gancho. Noite. Sinal de ocupado. O marido pensativo. O tempo de pensar, de ver o antes e o depois e o fim do futuro. A mulher em suas mãos, linda e nova, como se fosse a primeira que amou, como se amasse pela primeira vez. Voltar prá casa e esconder que ama outra mulher. Que agora não está mais ali. Que ama uma nova mulher. Sua mulher chorando dormindo ao seu lado, na mesma cama. O corpo longe na cama estreita. Não há lugar para fugir. Uma única vida num único quarto ali. A longa vida bem diante de nós. Batidas porta, o telefone escorrega de sua mão ao tentar se levantar. Pega no chão, ergue-se e dá de frente com um vulto. Assusta-se.

Marido

Eu ia contar, Clara, cedo tarde eu ia contar. Mas eu queria mais, um pouco mais dela comigo. Um pouco mais prá mim, uma coisa só minha, de mais ninguém. A noite é mais leve quando fecho os olhos e dou as costas prá você, Clara. A noite pode passar bem sem mim. (Toca o telefone. Atende)

-Alô?

-Que porra de alô, seu merda, que porra é essa ?

- Como? Não tô entendendo?

- O bar, cara, o bar: tá me entendendo ?

- O quê ?

- Você, a loira no bar. Sentados juntos. Depois, ferro nela.(risadas com ses colegas)

- Me desculpa, mas se isso é trote eu vou desligar

- A tua mulher já sabe disso,cara? Já sabe onde o seu homem goza de verdade?

- Não mete minha mulher no meio!

- Eu vou é meter no meio dela , seu porra. Uma coroa boa, viu, não é de se jogar fora. Dá por gasto(risadas)

- Seu canalha!

-Ei, calma ai: você está me ofendendo! Nem saabe quem eu sou. Nem sabe que eu trabalho e bem à noite, vigiando quem se perdeu, quem não sabe como voltar prá casa...

- Você e a garota estão nisso, não é ?

-Que garota?Tem garota na jogada? Me apresenta. Mas...quem é você mesmo? Do que estamos falando? Desculpe, cara, desculpe.Vou desligar: acho que foi engano(risadas).

- Calma, calma agora, porra, calma que eu quero saber como a gente conversa melhor...

- Tá pensando o quê seu viado ? Tá pensado que eu quero te ver? Sua bicha. Você tem uma bela casa, uma bela dona. É muito prá um empresário de merda como tu.

- O que você quer, hein ? Dinheiro ? Não é todos querem ? É dinheiro sim ! Mas não sabem de onde ele vem! Pensa que eu não sei que você tá me chantageando?

192

- Eu sei cara, sei de tudo, sei fazer dinheiro com um otário como tu fazendo dinheiro prá mim. Sua mulher a essa hora tá em casa te esperando mas a gente vai chegar primeiro, a gente já tá aqui. Seu merda, bunda branca balançando sem ser vista. Um rabo em festa como sua loirinha puta de merda. A vagaba que a gente te deu.

- Ela não é nada disso, entendeu? Deixa as duas fora disso, deixa que eu resolvo. O negócio é comigo. Quanto é ?

- O quê ? Que é isso, cara ? Tá me ofendendo de novo (ridadas) ?

- Desenbucha,porra! Fala, seu merda: quanto você quer prá calar a boca?

- Calminha aí, cara: tá pensando que isso é um negócio desses ds teus, aquelas sujeiras, falcatruas. Você não sabe de nada. Eu

não faço negócios com quem não conheço. Eu só te vi uma vez, comendo aquela piranha. Esse é o mal de gente como você: pensa que o dinheiro pode tudo, pensa que a gente é igual a você, babaca. Paga a noite de uma mulher pensando que tá saindo com uma gatinha. Conversa com alguém pensando que já vai ser roubado. O tempo inteiro você pensa assim, não é seu otário? Pensa que as pessoas estão atrás de você, de seu melhor.

- Por favor, cara, eu não quero mais saber disso já chega ter de pensar na vida, na merda da vida e ainda chega um filho da puta querendo se dar bem. Eu pago tudo, só pra me livrar (projeção das fotos e do vídeo das aventuras amorosas de nosso herói)

- De quem você quer se livrar, hein cara? Quer matar alguém? Sabe qual é o preço de se livrar de quem se ama ? Você quer matar a garota em troca do silêncio? A gente faz isso , cara, a gente faz, mas é mais caro que as fotos e o vídeo. Você é um bom ator, cara, pena que tá velho, velho demais pra ser esperto. A gente sabe de tudo, viu? A gente viu tudinho, velho pelancudo pinto mole.(risadas)

- Tem mais gente niss, não é? Tem mais gente nisso... Aquela piranha tá aí com vocês? A gente não pode fazer nada que sempre tem alguém em cima. Um bando de merdas como vocês nos vigiando sempre...

- Que é isso, empresário? Que é isso ? Falando assim do amor de usa vida(risadas).Pensa que é alguém. um cara que tem só uma franquia, que não inventou nada, só taca pra frente uma marca, um rótulo de plástico pregado em bostas de coisas e pensa que é alguém. Tá pensando o quê ?

- Eu só quero saber quanto vocês qurrem, se a gente pode conversar e o caralho. Não vou ser assim tão fácil com vocês. Estou no calcanhar de qualquer um que me chantagiar. Eu pago mas as coisas não vão ficar só nisso.

- É a garota, caras, é a garota. Ela deve ter um rabo de ouro pra te deixar assim tão doidão. Um cara todo cheio de onda, que até vira macho e diz coisa e tal, parecendo um homem de verdade, a porra de um atravessaador, ladrão, que come meio mundo e fode com a vida de outros mais. Agora grita como macho, macho escroto, macho que dá adeuzinho pra mulher quando vai pra porra do trabalho receber dinheiro e mais dinheiro sem fazer porra nenhuma. Pois aí, garotão,

fodedor de primeira, bunda branca: aí a gente te pegou e inventou algo melhor que tua empresa de franquia, essa merda de rótulos. A gente inventou uma maneira de cagar em tudo e ter teu dinheiro, de você trabalhar prá gente. A gente vai foder com tua vida, seu bosta, pensando que é alguma coisa. Seu porra, escroto filho da puta. Cala boca. Enquanto eu falo, cala boca. Senão a gente fode com tudo e tua mulher vai virar putinha lá no bar junto com a loira. Cala boca, seu merda e escuta: a partir de amanhã toda quinta feira, você deixa oitentinha prá nós. Toda semana oitenta mil. Alguém te liga e você dá a grana, como e quando a gente marcar. A gente sabe como fazer as coisas. Vamos ver se tu também. Vai como é bom fazer gozar uma puta loira. Vai ver como o prazer vai além da cama e invade tudo que se tem. Vai aprender que nada termina e que os quatinhos se abrem quando a coisa fica grande(riem Desliga. Terminam as cenas de vídeo)

3

Em casa. Na sala. A mulher sentada em sua frente lendo. Ele enfiado no sofá até onde mais não puder.

Esposa

Gê, amor, o Somers, seu amigo, vai se candidatar. Prá deputado! Você sabia?

Marido

194 Sabia, amor, sabia. É um homem bom, decente. Tomara que ganhe.

Esposa

Por que você nunca se candidatou ?

Marido

(...)

Esposa

Seria tão bom. Já conseguimos tudo na vida. Agora falta o quê? O que falta em nossa vida? Uma carreira política, algo prá pessoas, prá sociedade...

Marido

(...)

Esposa

Gê, você está me escutando? Você sai de casa (ele fica de pé, absorto e perdido em sua confusão) e nem me vê. Um beijo é pouco, meu bem, um beijo é quase nada. (Ele começa a andar pela sala, de um lado para outro) Eu não quero que você me diga nada. Eu sei de tudo, sempre soube que tudo era menos (Ele esfrega as mãos, abraça a si mesmo, quase a chorar) Chega um tempo que tudo se perdeu, como se antes isso não fosse possível. (Ela fica de pé, pega nas mãos dele e diz:) Mas fala comigo, apenas isso, fala.

Marido

Você não entende, amor, você não entende. (Ela pega o comando da tv e solta a fita de vídeo e sai da sala. Ele se choca com o que vê, e se afunda no sofá. Ela volta com uma roupa de noite, parecida com as roupas da prostituta loira da foto. Eles tentam se abraçar. Ele chora. Ela olha para o infinito, acariciando seu menino que não quer gozar agora. Uma voz de mulher gemendo e sofrendo vai surgindo e se sobrepõe ao choro do marido. Entra se arrastando a prostituta da fita, implorando que não batam mais nela, o sangue escorrendo em sua boca e vestes rasgadas. Os três bandidos vêm logo atrás, rindo, filmando e espancando a mulher, xingando-a e simulando fazer sexo com ela. O mais terrível é o gordinho. Quando se vê sendo filmada, ela, mesmo em sangue e dor, tenta representar, tenta fazer trejeitos de atriz de filme pornô, lutando contra a carne sofrida. Eis o monólogo que ela diz, em meio a seu espancamento:

PROSTITUTA

Eu sou linda, linda, linda de morrer. Tenho dez dedinhos nos pés e nas mãos. Todos Me querem, porque sou linda, linda, linda de verdade. Todos querem o que eu posso dar, todos vêm e me pedem. Eu sou linda, linda, linda de morrer. Tenho dez dedinhos nos pés e nas mãos. Eu sempre vou estar aqui, uma loira é tudo o que vocês poder conseguir. Eu gosto dos homens gostando de mim. Minha boca verme-

lha é luz que não se apaga. Porque sou linda, linda, linda. (Manda um beijo. Passas as mãos em seus seios, passa as mãos nas curvas do corpo, agachando-se) Eu sou uma mulher linda, linda, linda de morrer. (Leva uma pancada da filmadora em sua cabeça e cai, os olhos como um holofote em curto, o céu girando para não mais volta. Eles arrastam rindo a mulher morta.

4

Um depósito cheio de caixas, um estranho lugar para se morar. Uma cama presa na parede. Janelas em formas diagonais. Móveis com enormes estrelas caindo do teto. Fotos de personalidades sem cabeça pregadas nas paredes. O marido olha tudo em volta, esperando que cheguem os bandidos. Na tv passa a morte da prostituta loira. Entram: o loito alto de robe prateado aberto e cueca amarela; o negro de short vermelho e sem camisa e o gordinho de jeans e boné cinza, todos com armas. O gordinho filma.

Marido

196 Por que vocês me trouxeram aqui? Seus merdas. Eu não vou pagar mais nada. Como vocês puderam fazer isso, mostrar a fita prá minha mulher? E a coitadinha da loira? Mataram a coitadinha. (A fita passa de novo.) O que vocês querem? Eu não sei o que vocês querem, senão eu fazia, eu fazia, mas eu não sei, eu não entendo. Como a gente pode chegar até esse estado, como isso tudo pode acontecer? Eu não fiz nada prá isso ser assim. Eu não queria nada idisso. Eu não quero entender. Só sei que isso está acabando comigo. Um amigo meu vai se candidatar e precisa de meu apoio. Minha mulher precisa de mim. Eu não sei de mais nada. Eu queria que vocês morressem, que vocês saíssem da minha vida como aquela vagabunda. A culpa não é dela, é minha mesmo, mas eu não sabia que ia ser assim. Eu não sabia de nada. A culpa não pode ser só minha. Eu não matei ninguém. Vocês mataram a mulher.

Loiro

Você já foi currado? Fala cara. Você já sentiu o peso de um homem em suas costas? Como é que é, hein? Fala prá gente. A gente

quer saber. Ninguém vai contar como sua vida mudou depois da curra. Nem você vai querer contar. Nos primeiros dias a vontade de fugir, de morrer. Todo mundo sabe disso quando te vê se escondendo. Agora é tarde, depois do que houve. Você já foi currado, alguém te invadiu, jogando tudo prá fora, prôs lados ?. Seu merda. Então fica quieto e escuta: você matou aquela pobrezinha que saiu de casa com a vida no corpo, fugindo do pai que a estropava e batia nela. Você pagou e foi pai dela, enganou ela como o pai sempre fez. Ela se vendeu prá comprar o direito de ver bem a cara de quem a estupra. Ela olha bem prá dentro de teu olhos e engole tudo, a raiva e o suor do homem que goza dentro dela. A puta sabe que prá onde quer que for carrega em si o corpo pesado de quem a machucou. Ela espera que um dia tudo acabe. Por isso ela se vende e paga o preço. Você agora é mais um, e vai ter de pagar o preço também. A gente entende as vagabundas. A gente espia o mundo. Alguém sempre tem que pagar e outro que receber. Assim é a vida. Você foi sorteado pelo que você fez. Cala a boca e vê o show. Cara, se você não fosse tão velho, tu dava prá coisa (Riem). Você é um merda, mas a gente gosta de gente assim, que esconde suas coisas. E é tudo nosso segredo. A gente tem um segredo junto que ninguém vai saber. Por isso escuta e cala a boca. A gente não quer só mais dinheiro. A gente quer tua vida. O corpo da loira tem tua porra. Você está dentro dela, sujo como o sangue que se mistura com a pele podre. Por que você não quer mais a loira? Que péssimo amante, esquece fácil quem amou! Mas ela quer ficar com um pouco de seu homem. Tuas roupas também estão com ela. Você está no cadáver, cara, lá dentro. E a gente decidiu se divertir. Tua mulher tá em casa? Então fica clamo. A gente vai fazer uma visita. Fica aqui com a loira morta que a gente vai com a dona viva. Assim a gente pode ganhar o que ainda não ganhou. (Amarra a boca dele que se remexe asustado e chora) Agora é a tua hora, otário, o teu momento, o segredo muito prá ficar preso com a gente. A gente quer mais, seu empresário de merda. A gente quer tua mulher, conhecer melhor nosso amigo. (Saem)

5

Quarto do casal. A mulher olha as fotos do casamento e outras fotos de álbuns. Revezamento de alegria e tristeza pelo que vê.

As portas dos armários estão todas abertas. O rádio-relógio está piscando o horário errado e toca as estações fora do ar, volume alto. Roupas estão jogadas no chão. Malas desarrumadas e abertas. A mulher olha para as fotos. Após alguns instantes, vira-se e as costas estão marcadas de arranhões, marcas fundas de chicote em suas costas. Ruídos de destruição e luta entre os bandidos. Passos e correria nas escadas, xingamentos, paredes que caem, vidros que se estilhaçam, poltronas que se rasgam, madeiras que se partem, objetos arremessados que se dilaceram contra as paredes. Uma porta abre-se escancaradamente e pessoas fogem cambaleando rindo ou gritando de dor. Na porta surge o marido que abraça a mulher. Ela olha raivosamente para ele. O marido ergue a cabeça e passa as mãos nas costas dela, vestindo em si as costas ensangüentadas da mulher.

6

O mesmo depósito agora sem o marido. Discutem os três bandidos. As cordas que prendiam o marido estão no chão. Alguns objetos roubados da casa também, mas quebrados. O negro segura uma arma. O gordinho, a câmera. Todos afastados do Loiro.

Loiro

O que deu em vocês hoje, hein?

Negro

198

Eu não quero mais conversa, eu quero minhas coisas. Eu falei que a gente tava errado. Dese jeito não, cara, desse jeito não.

Loiro

Ah, então agora é assim, não é?

Negro

Você tá me entendendo, você sabe do que eu tô falando. Assim não dá mais. Tô fora.

Loiro

Mas não dá mais prá ser.

Negro

Quem me garante que não?

Loiro

Você tá dentro, cara, dentro mesmo. Tá com pena daquele merda? Ele tomou tua mulher, a loira vagabunda.

Negro

Não fala assim dela. Eu não queria que ela morresse. Mas tudo ficou desse jeito. Como tu queria. Eu não acreditava, de verdade, que as coisas iam ficar assim sem controle.

Loiro

É como tu pensa? Que tudo é brincadeira?

Negro

Se segura, cara. Se segura. Mas me esquece. Tô fora. Eu não quero mais fazer isso. A vida já é louca sem você. (*Sai de cena falando, e entra na escuridão de um lugar, de um beco até que se sente perseguido e começa a correr. É alvejado nas pernas. Cai e rola, arrastando-se para fugir, o pânico de quem vai morrer logo em seguida. O olhar para qualquer lugar. Novos tiros. Nos olhos o último pedido: Perdão?*

Porta da casa do início. O gordinho vê a mulher na cerca como antes. O marido já foi embora para seu trabalho. O gordinho traz a câmera e desejos antigos e novos. Ela só o vê quando ele se aproxima. A mulher continua imóvel, impassível, olhando por cima dele que pouco a pouco se dirige a ela. Parece que a mulher vê seu marido indo embora, deixando-a. Enquanto o gordinho se aproxima, ela relembra o beijo de despedida, a vida possível no ar. Sabe que nada vai acontecer. Sabe que o gordo vai morrer como um animal atropelado por toda a ira que se pode ter contra uma pessoa. Ele vem na direção dela, rindo, a câmera em suas mãos filmando tudo. Chega e abraça a mulher. O

tempo suspende seu curso nesse momento. Todos os roubos que ele fez, todas as entradas festivas nas casas e nos corpos que realizou. Tudo agora brilha em sua frente. No auge de sua felicidade, um estrondoso golpe nas costas o lança para o chão, vengando-o, fazendo com que se ajoelhe, como se estivesse sendo partido ao meio. Tenta alcançar o que lhe atingiu, a mão direita buscando o que não consegue alcançar. Então virá o rosto para ver o que lhe atingiu e sabe que atrás do machado há um rosto e sabe muito bem de quem é. Vê a fúria que passou para a mão que o abriu ao meio. A surpresa do que vê nem pode durar muito, frente ao desespero, o fraco fazendo-se mais fraco ainda. Nem pode pensar nas razões de tudo que sempre fez, na prática habitual de fazer o que lhe mandam, de multiplicar vítimas. Nem pode se perguntar o porquê de tudo isso, porque chegou até ali e porque morreu. Não há razão suficiente que explique um golpe de machado nas costas e que te parte ao meio. O ar preso dentro do corpo que se divide e não existe mais. Os joelhos são o anteparo de um futuro plano horizontal. Face a face com o chão, ele vai esquecer tudo o que trouxe e o levou a tão miserável estado. Ela sabe que há alguém. E não vai mais precisar lembrar disso.

8

200

O depósito outra vez. O loiro espera aflito por seus amigos. Passa as fitas de vídeo. Desliga. Ergue os olhos e vê o casal entrando de mãos dadas. Ela novamente impassível observa tudo em sua volta, a casa dos bandidos. Chuta uma caixa de papelão que está em sua frente. O casal se separa e continua andando. Ela vai apalpando as paredes em busca dos rostos das fotografias. Ele vai perseguindo o loiro, com uma filmadora na mão e uma arma na outra. O marido troca a fita que está no vídeo por uma que mostra os rostos agonizantes dos dois outros bandidos que, enquanto morrem, recebem lixo que o casal joga em cima deles. Ela começa a rasgar as fotos das paredes. Acuado, o loiro se senta e fala:

Loiro

Agora eu é que sou o bandido? Eu é que sou mau?

Marido

(agressivo e perturbado) Não importa nada agora. A coisa tá louca. A gente pode tudo. Tá vendo isso(A arma. Ele engatilha e aponta para o loiro que se surpreende mas não tem medo. Ele aponta para o loiro mas volta e atira em si, no peito que sangra. Agora o loiro se assusta.) Tá vendo isso, cara? Vê bem direitinho, não esquece. Não é aviso: é verdade mesmo. Eu tô fazendo as coisas. Eu tô fazendo tudo.

Loiro

(com medo) Agora tu me pegou , cara, me pegou de verdade. Tu tá sangrando e vai morrer. Eu nunca vi isso. Sério, nunca vi alguém desse jeito.(A mulher tira a roupa. Fica de calcinha e mostra as costas) Eu nunca tinha visto gente assim antes. As coisas não são desse jeito: se cuidem, vão embora, me deixem aqui. Olha o que vocês fizeram com meus amigos. Olha o que sobrou deles. Não era prá ser desse jeito.

Marido

A gente tá te contratando prum serviço. A gente pode pagar. A gente quer que tu faça tudo bem direitinho. A gente paga muito, muito mesmo.

Esposa

A gente sabe que como tu faz as coisas bem, como tu é o melhor. A gente te dá tudo, tudo que pedir, tudo que quiser. Tu não quer tudo, não quer?

Loiro

Eu não sei, eu queria entender como são as coisas. Um cara de merda assim como tu de repente... O que aconteceu? E a bosta de vida das franquias? E as amantes?

Marido

Continua, vai, isso mesmo, tá chegando onde a gente quer.

Loiro

O quê?

Esposa

Isso. Sente o que a gente propõe.

Loiro

Não tô entendendo. É na paz? Tô safo?

Marido

Claro.(Olha para ela e volta-se para o Loiro) A gente é igual, não é?

Esposa

(Pega a câmera e a destrói na cabeça do loiro que cai no chão agonizando e sangrando) A gente quer saber como é, hein? Diz prá gente: como é a dor, como é isso na cara?...

Marido

A gente quer roubar isso, a gente quer isso prá nós, nosso segredo. A gente não conta prá ninguém.(O Loiro não tem mais palavras e a dor é surda em seu corpo que não tem mais força para gritar. Só os movimentos de dor tomam conta dele. Os dois se sentam sem cima do quase morto que geme. Falam alternadamente:

202

Até onde se vai, meu amor, quando tudo isso acaba? Se dá prá sair, me avisa, me avisa. Eu não queria que as coisas fossem assim, eu não queria desse jeito. Mas e agora? Me dá mais, que eu gosto, eu quero mais e desse jeito e melhor. Não me esconda nada, em frente, bem aqui em frente, eu fico com isso tudo. A longa vida hoje, a longa vida bem diante de nós. Quanto meu amigo, por quanto eu fico com a mercadoria? Uma vez só, a única, não esqueça, meu amigo não esqueça. A longa vida subindo em teu corpo, as pernas com o peso maior que da última vez. Quanto, meu amigo, por quanto eu fico com o pacote? Eu não vou repetir, não vou mais voltar aqui. Essa foi a última vez, cara, de verdade. A longa vida bem diante de nós.

Idades. Lola.

A mulher fez o mundo e pode destruí-lo. A mulher beijou o homem e ele se enforcou. A mulher agora sabe que sempre vai existir e tem medo.

Parte um

Fim dos anos 50. Sala de uma casa. O corpo de um enforcado pende em uma corda. O corpo paira sobre todos e pode cair a qualquer momento. O corpo de um homem que se matou. O som da pendência invade a cena e pulsa com os acontecimentos. Revez-se o ranger das cordas com a gravação antiga da música Aurora. Lola entra apressada e espalhafatosa, com sacolinhas de compra e com sua mãe que a segue.

Lola

203

Eu disse que queria uma casa maior, mãe, móveis novos. E o que esse traste me dá, hein ? Esse lixo, esse miserê.

Mãe de Lola

Calma, Lola, calma. Ó que teu marido te escuta. (Lola olha indiferente para a mãe , como se esta não soubesse quem manda na casa)

Lola

Ah, mãe, deixa de ser boba. O Valdo sempre faz o que eu

quero. Acha que eu ia ter medo do Valdo, um morto vivo que é incapaz de fazer qualquer coisa sozinho ? Eu disse "vamos prá Curitiba, vamos lá prá capital, vamos deixar essa cidadezinha esquecida por todos". Ah, eu disse. E o que ele me respondeu: "Lola, Lola meu bem, a gente tá bem aqui. Sempre vendo uma sorte grande, os bilhetes me procuram e os fregueses também. Lola, Lola meu amor, eu vendo sorte grande, o bilhete premiado, sempre vai ter um dinheirinho prá nós aqui, nosso lugar, nossa casinha". Ô vidinha remediada!

Mãe

Olha, filha: teu marido é um bom homem. Deixa dessas coisas...

Lola

Bom homem ? Ah, minha mãe, que bom homem coisa nenhuma. Homem é tudo igual, não presta, não vale nada. Homem bom nasceu morto. É tudo filho da mesma mãe que pariu o mal na terra. E o Valdo não fica atrás. Eu bem sei, eu vejo detrás daqueles modos de me agradar. Aí tem coisa, e das grandes. Eu detesto aquele jeito pegajoso dele. Amassando minhas roupas, desarrumando meus cabelos, as mãos escorrendo por meu corpo, o rosto sempre me pedindo... Bom homem !... A senhora que perdeu o seu que é feliz. Pois eu consegui, mãe, consegui vir prá Curitiba. Isso é que é cidade, com cinema e lanchonete. Curitiba, uma cidade grande. Mas numa casa dessas...

Mãe

Me escute, isso já está indo longe demais. Valdo é um bom homem, trabalhador. Passa o dia inteiro vendendo bilhetes de loteria e tem uma sorte enorme. Não falta nada em casa. As crianças na escola, mesa farta, lar feliz.

Lola

Mas eu não queria, mãe, a senhora sabe, eu não queria casar com o Valdo nem com ninguém. Aquilo é gatinha, vindo lá dos cafundós da Bahia. Os Prestes sim é que são gente rico, gente fino,

foram prá América, gente muito fino mesmo. Educados.

Mãe

Lola ! Os Prestes não tem filhos.

Lola

Eu sei, mãe, uma pena, gente tão rico, foram prá América. Conhecem o mundo, mãe, o mundo. E Valdo querendo ficar a vida inteira em Guaragi. Isso me dá nos nervos, a moleza desse homem. Me pegando e fazendo planos de uma casinha em Guaragi !Ô homem de mente estreita ! Mãe, eu não nasci prá ficar presa em Guaragi, vendo o mundo se acabar. Eu rezo muito, peço a Deus todos os dias prá tudo ficar melhor. Valdo que trabalhe e consiga isso. Por enquanto, basta Curitiba. Mas uma casinha melhor...

Mãe

Lola ! Bata na boca, Lola, Deus pode estar ouvindo. Valdo pode chegar. Veja como são bonitas essas colchas , olha que sofá mais bem feito.

Lola

Mas é usado, mãe, usado. O suor dos outros nessa casa. Aonde eu vou sinto o fedor. Não são coisas novas, mãe, coisas novas, dessas de a gente ficar com o cheiro o dia inteiro, os plásticos estalando as cores novas. Valdo vai ficar sem mulher essa semana até aprender. Vou sair e chegar tarde todos os dias até ele se dar conta que eu sou uma mulher muito fino, dessas da América. Os Prestes gostam tanto de mim. Eles sempre dizem "mas como a Lola se veste bem, como ela é educada, uma dama, uma dama de verdade. Se a gente tivesse um filho..."

Mãe

Mas que pessoalzinho desavergonhado! Uma mulher casada !. Eu te proíbo de visitar os Prestes. Essa é a tua casa, entendeu, minha filha. Essa é tua casa. Nem outra nem nenhuma mais. Essa é a tua casa e teu marido é o Valdo. Tuas filhas precisam de uma mãe em

casa ao invés de uma fêmea que passeia o dia inteiro. Eu vim dizer que elas estão com saudades. Elas querem Curitiba tanto como tu.

Lola

Não me fala dessas crianças, não me lembra. Arre !. Eu tenho remorsos toda vez que lembro das noites que Valdo... Três mulheres, três filhas, na minha idade. Isso acabou com minha vida.

Mãe

Eu não te entendo, filha. Você é uma mulher, tem um homem, casa, lindas filhas.

Lola

Filhas... mais mulheres para os braços suados e imundos dos homens. Por que mãe, por que tudo tem que ser assim ? Eu não quero desse jeito, eu não quero. Não posso ir pra onde eu quiser, não posso estar sempre bem vestida. Essas crianças, esse homem. Eu odeio tudo isso, eu odeio essa casa. Eu quero é a cidade, Curitiba e suas ruas, andar, andar, um sorriso em cada rosto que me vê.

Mãe

206

Minha filha, escute: isso vai te enlouquecer, de verdade. Eu não quero uma filha louca, todos rindo de você. Me escute bem, mais uma vez. Valdo é um bom homem, ele te dá a casa. E as crianças precisam da mãe. Eu vou trazer suas filhas. Você é nova: mulher, esposa e mãe. Tente entender isso, Lola, tente entender isso, minha filha.

Lola

Eu vou me arrumar, vou pôr uma roupa nova e sair. Já começo a odiar essa casa. Me sinto presa. Não consigo me sentir viva aqui. Parece que nada mudou, Guaragi ainda. As ruazinhas sem asfalto, as casas encostadas umas nas outras, prestes a cair. O mundo tem que ser mais que isso, minha mãe, o mundo tem que ser melhor. Eu

quero ser gente rico, como os Prestes, mesmo com Valdo e as crianças, ser gente rico e fino, como na América, como na América. E eu não vou morrer nessa casa, eu não vou me acabar aqui.

Mãe

Tudo bem, minha filha, tudo bem mas depois. Vamos arrumar a casa primeiro. Valdo já vai chegar.

Lola

Eu quero que ele morra, viu mãe, que ele morra. Vamos pô cinema, ver o mundo, ver a América. Em Curitiba tem muito cinema. Isso é que é cidade. Depois a gente come numa lanchonete, e vê tantas pessoas, gente diferente, gente que não é como Valdo, vendendo seus bilhetes de loteria. As roupas sujas do sol do dia, as roupas e as mãos sujas, minha mãe, imundas, jogando-se sobre mim. A vida pouca, o sonho menos.

Mãe

Deixe disso, deixe disso Lola. Não faz nem uma semana que estamos aqui. Uma semana em Curitiba. Não fique doente, Lola, veja a mudança, tanta coisa prá arrumar ainda. Não fique doente, minha filha, é só o que eu te peço. Teu marido vai chegar, as crianças vêm depois. A casa, todos aqui. É do que você sente falta. Escuta, eu sempre te disse desde pequena :”Olhe, Lola, um bom homem, um homem de verdade, trabalhador. Os filhos e a casa. O mundo não vale nada sem isso”. Deixe dessas manias. Você sempre quis Curitiba, a capital, uma cidade grande. Vamos arrumar as coisas. Lavar as paredes, tirar as coisas das caixas. Lola, minha filha, sua nova vida começa agora.

Lola

(Joga-se no sofá, rindo e brincando com as almofadas) Mãe, você ainda não entendeu, não é mesmo, não entendeu? Eu tô livre agora, eu tô no mundo. Eu quero roupas mais novas, mais e mais roupas da vitrine. Meus cabelos brilhando em pleno dia. Pintar as unhas, batom na boca. Sapatos altos e ruído-

sos, deixar um caminho por entre as ruas. Todos sabendo que Lola chegou. Eu sou uma mulher fino, mãe, fino como as da América, como as que os Prestes falam. Ninguém vai me ver com marido e crianças. A sujeira ficando dentro das portas e dos quartos. Como no cinema, mãe, as muitas luzes na escuridão da sala. Muitas luzes para que todos vejam quem brilha, quem se faz luz na frente de todos.

Mãe

Minha filha, o que é isso? Deus me livre e guarde de ter uma filha louca, doente, muito doente. Deus me guarde disso prá todo o sempre. Eu rezo prá que você fique sempre boa, que dê conta da casa.

Lola

Que louca, mãe, que louca o quê? Eu quero a rua, as casas com muitas janelas, o lugar bom prá ser vista. O outro mundo bem aqui, por cima desse miserê, dessa vidinha pobre, mãe. Não quero o que você teve, o pouco, o que faz falta em ser menos. Pouco, muito pouco mesmo, um nada de nada. Essa vida de Valdo e seus loterias, a sujeira se embrenhando pelas portas, as caras mal lavadas das meninas que vem subindo em minhas pernas. Tudo isso é muito pouco. É de outras coisas que falo e gosto, o mundo novo sobre o cheiro da carne podre.

208

Mãe

Vamos ao cinema ! Pois bem, que seja assim, Lola,. Como você é impossível! Desde criança, o olhar contra nós, a que não parece nossa filha. Opiniática, crítica ! Deixe a casa, mas eu vou contigo. Sob minhas asas passeia a mulher.(Pega filha pelo braço, saindo)

Lola

Valdo não é vivo mãe, a sua boca rosnando bilhetes até dentro de casa. A boca sem saliva e rouca ruivando em meus ouvidos. Valdo não é vivo, de se querer muito, como os homens nos filmes. Alguém se mataria por Valdo ? Ele trabalha e todos sabem onde e

como. O mesmo lugar de se ver a qualquer momento. Valdo ali pendendo espantalho. A boca sem modos chamando a multidão. A voz, a mesma fora dele: "a sorte, a sorte grande pessoal, é prá hoje. Quem vai tirar a sorte grande ? "

Mãe

Vamos ao cinema.É melhor, Lola, é melhor. O tempo passa dentro dos olhos e a vida volta igual. A gente traz comida pronta. Valdo é um bom homem, merece alguém que cuide dele. (Saem. Logo em seguida escuta-se os gritos de quem viu um suicida balançando sobre a cabeça nossa)

Parte dois

Mesma sala trinta anos depois. Aspecto velho ainda presente nas coisas. A novidade que luta para viver mas se vê engulida pela crosta grossa e negra do passado. A filha do meio de Lola, Zilá, sentada diante de uma mesa de jantar posta. Ela, sem a mínima vida em seus gestos, de não conseguir nem mexer os dedos na tolha, os cotovelos cravados na toalha. Sua falta de vontade mostra o tempo que passa, ela esperando pelos que vão chegar, presa sempre aquela casa. Após alguns instantes, chega correndo a sobrinha, filha da filha de Lola, que morreu após a morte de Valdo. Cabelos pintados de vermelho e limão. Maquilagem negra exagerada. Jovem pálida, mulher da noite que não dura até a madrugada. Mas é uma menina, ainda se pode ver.

209

Zilá

Olha as coisas, menina, olha prá onde vai.

Neta

Tô vendo, tia Zilá, e muito. Só porque a tia Ruth chegou essa casa vira um festeiro.

Zilá

Menina danada, menina má. Nem espera os outros. Já quer voltar prá rua, pro inferno da noite.

Neta

Ê tia, que é isso agora ?(vai colocar a mão em um dos pratos sobre a mesa)

Zilá

Tira aí mão daí, diaba. Porque você veio prá cá quando sua mãe morreu? ...

Neta

Parece que é verdade, dizendo desse jeito.

Zilá

Nem parece dos nossos, de nossa família, toda maquilada, assim, feito mulher sem família. Essa cores no rosto chamando homem.

Neta

E a vó Lola, velha e querendo ainda casar, hein ?

Zilá

Deixa disso menina, deixa disso.

Neta

210

(imitando Lola se maquilando) "Estou bonita ? Estou bonita? Quando eu era da sua idade os homens me queriam sempre. Eu fazia o Valdo ficar todo envergonhado. Andava pelos lugares com os olhos atrás de mim. Ainda hoje os homens riem quando eu passo. Ainda eu rasgo as ruas com meu andar. Estou bonita ? Estou Bonita ?"

Zilá

Ah, marvada, ah menina atentada. Quem te viu que te compre. Tonga, se desfazendo de tua vó que te deu casa quando ficou sem mãe. E quase nem apanhou muito essa tonga. É assim que paga a comida...

Neta

Se lembra aquela vez quando a vó Lola se maquilava no espelho e eu olhando, esperando no que ia dar ? Daí perguntei " vó, o que a senhora tá fazendo ?". E ela me respondeu "tô me arrumando." E eu quis saber "prá quê ? " Então ela falou "prá ficar mais bonita." Daí eu olhava , olhava esperando e depois ela me virou os olhos braba falando "porque tá me olhando desse jeito ?" e eu fui respondendo e correndo "não adiantou não, né, vó? não adiantou nada, não é mesmo ?."(ri)

Zilá

Menina atentada, dos demônios. Porque fica nessa casa e não vai prá rua com essas cores na cara ? Marvada, nem sabe o que diz, mas eu te cuido: aqui dentro eu sei de tudo, eu vejo tudo. Você vai se perder, vai se perder com os homens. Vagabunda. (A neta sai com a ira calada) Maldita essa menina. Miserável vida de repartir o pouco que se têm com os outros e não ficar com nada. Sempre assim. Foi assim com Ruth. Mas Ruth, era a mais velha. Então tem essa garota vadia aqui em casa. Eu gosto da casa sem gente, as horas dentro da casa, enquanto eu lembro de coisas lá fora que nunca vi. Eu gosto é da casa, sozinha, eu aqui dentro . Mamãe, deus me perdoe, é muito rueira. Passa o dia fora visitando e falando alto, as mãos nos outros. Eu tenho medo que ela bata nos outros, zangada , muito, quando não concorda com suas estórias. Mamãe bate forte, sem parar de falar. Daí ela fala mais e mais, parece que chora enquanto arranca nossos cabelos, parece que ela mesma leva uma surra dessas bem dadas, que demora. Maldita essa menina, vadiazinha, cobra criada fedendo homem pela casa. Mas eu sei das coisas. Marvada, marvada mulher demônio, bicho-coisa. Eu vou bater nela um dia, como mamãe faz, logo depois de se arrumar, antes dela sair prá rua. Eu vou bater muito e vou ficar em casa, batendo e falando alto, batendo nela até que o sangue escorra para lavar sua alma, ver o sangue pelo corpo aberto para entrar o céu. Só o céu pode vencer a noite dos homens. A comida é muita. Demais para nós. (Arruma-rearruma a mesa e vai falando enquanto isso). Ruth não precisava ter voltado. Podia ficar lá longe com mamãe que foi buscá-la na América. A vida aqui dentro, apertada, sem as vozes delas.

Uma casa prá mim. A comida em cima da mesa esfriando. Os olhos vendo a luz do dia derreter nas frestas da casa que envelhece. As rugas na madeira, lindas, lindas, uma lindeza só...(Barulho na porta Entram Ruth e Lola com sacolinhas de compra. Contraste entre a vivacidade das duas e de Zilá. Como se fossem irmãs, Ruth e Lola)

Ruth

Olha, Aurora, sua casa até que está bem.

Lola

Só você, Ruth, só você eu deixo chamar por meu nome.

Ruth

Aurora, mãe, a vida entrando no mundo. E luz.

Lola

(Estupidamente para Zilá) O jantar está pronto ? Eu quero tudo fino prá minha filha. Ela veio da América. Olhe como está bonita, uma moçona, os homens olhando suas roupas, esses homens de Curitiba que nunca viram uma mulher fino, muito fino, da América.

Ruth

Como você está horrível, minha irmã, parece mais velha que nós duas juntas.

212

Lola

Vá se vestir direito, tomar banho. Jogue uma água no corpo, depois na cara...

Ruth

Deixe ela, mãe, deixe a coruja. Sempre foi assim. Vamos ver os presentes que eu trouxe.

Lola

Eu gosto de presente, de coisas novas. Ainda ontem seu Valdemar, o das lojas Branson, lembra? Tudo gente rico, endinheira-

do, que viaja muito, me deu umas roupas que foram de sua falecida esposa. Um brinco de roupa, umas cores tão vivas, de se pegar e amar. Um céu, minha filha, um céu. Sabe, a mulher dele estava tão boa, bonita, elegante, gente fino mesmo. De repente, começou a dar umas feridas, que pegavam a coçar sem parar, pelo corpo inteiro, coçar, coçar até a pele grudar nas unhas. Um cheiro horrível saía de sua boca e os pés incharam. Ninguém dava de saber o que acontecia. Levaram em tudo quanto é médico e a casa não perdia o fedor. Até que ela começou a tossir, tossir forte, arranhando e removendo o resto de sua garganta em uma gosma que custava a sair. E quando saía, a tosse aumentava e os gritos e a dor e a vida se foram num estaque tão forte que pareceu que foi arrancada daqui. Coisa, ruim, minha filha, coisa muito ruim lá prôs lados dos Branson. Mas essas roupas caíram tão bem em mim e tão novas que não pude recusar.

Ruth

Ah mãe, que coisa horrível. As roupas são boas mesmo. Estão como novas, mas a senhora Branson, sofreu tanto... Parece a Zilá, assim, desse jeito. Lá na América eu soube de um caso, pela minha empregada, de um casal recém ajuntado, conhecidos dela, que se mudaram para um enorme casarão. No fim da primeira semana um grupo de negros drogados entraram e estupraram a mulher escutando música e mascando chiclete. O marido, chegando do trabalho, foi rasgado pelas facas que jogaram escada abaixo uma baba grossa de carne e sangue, difícil de se pegar ou esquecer. Os gritos da mulher, entre a dor e o medo, buscavam reter um pouco do que restava do marido, antes que ela mesma rolasse a escada a golpes de facas e pés . Igual e piorada miséria, mãe, tudo horrível.

213

Lola

Credo, minha filha, credo. Este mundo virado, sem trégua prá ninguém. As coisas loucas. Como no cinema, como no cinema. A gente quase que perde a fome desse jeito.

Ruth

E a senhora, já arranhou um partidão ?

Lola

Homem é o que não falta. Mas é preciso escolher, se arrumar muito até ver quem me merece e esperou. Um coronel aposentado, rico, muito rico, viajado também, vinha aqui em casa de vez em quando.

Zilá

Eu não gosto dele, mãe, eu não gosto de homens aqui.

Lola

Cala boca, sua mosca morta, praga dos céus. Filhas, não sei porque tive...

Ruth

Continua mãe, deixa essa tonga sem alegria prá lá.

Lola

Ele me trazia fotos de suas viagens, perfumes caros e presentes, muitos presentes.

Zilá

214 Ele tem a boca suja, cheia de indecência e fuma, Ruth, fuma muito. Eu que tenho de limpar tudo depois.

Ruth

Essa é sua vida, minha irmã, limpar, limpar, limpar enquanto a gente sai por aí.

Lola

Daí um dia ele teve um derrame, desses que a gente não quer nem prá criatura mais miserável desse mundo. Ficou preso à cama. Eu nunca mais o vi, que não vou em casa de homem sozinho, viúvo. Sinto falta dos presentes, mas homem é que não falta em frente de minha porta.

Ruth

Que romântico ! Vamos ver a janta, vamos ver se a Zilá presta prá alguma coisa. (Escurece. Tempo. Entra a sobrinha. Jantar em família. Zilá serve todos falando. Luz pouco a pouco.

Zilá

A atentada dessa menina vive na rua, Mãe. É preciso que a senhora faça alguma coisa. Depois engravida de qualquer um e a gente tem que cuidar de mais uma peste. Olhe essas roupas, esse cheiro de álcool sempre. Nessa casa...

Lola

Cala a boca, mulher, cala a boca, zanzando em nossa frente chamando o inferno prá mesa. Parece minha mãe, que deus a tenha, com sua mania de doença e de morte. Ela era louca, muito louca . Ficou assim de tanto chamar o demônio para dentro de casa. Deixa a garota que eu trato dela, como eu trato de cada uma aqui. Como foi a viagem, Ruth, o dinheiro chegava direitinho ?

Ruth

Tudo certo, mãe, melhor impossível. Eu vi tudo o que a senhora pediu prá ver, fiz tudo o que a senhora queria que eu fizesse. Os belos espaços abertos tomados de luzes onde uma mulher pode ser a vida do lugar. Ninguém, dona Aurora, ninguém vai me esquecer.

Zilá

E choveu ?

Lola

(empurrando Zilá) Que coisa de tonga, sua marvada, prá que perguntar essas coisas ? Já basta ter de te agüentar se arrastando pelas sombras dessa casa, agora me faz uma dessas? (prega um beliscão no braço de Zilá, puxa a orelha e vai batendo nela, batendo e medindo a dor e admirando um lugar longe dali) Eu sempre disse prá minha mãe que Valdo não estava morto, que tinha me deixado essa pragas prá me atormentar. Maldita a noite

naquelas casinhas de aluguel. Seu corpo que não parava de rir me agradecendo e pendendo sobre mim. Eu disse prá mãe que não queria uma casa, mas aquela louca não me escutou. Eu estava bêbada , trouxe o mundo prá dentro de mim e olha só o que eu ganhei em troca. Eu nunca queria ter vindo prá essa cidade, prá essa casinha pobre. Por causa de um homem! Eu disse "mãe, eu sou nova, as gentes em volta de mim, os olhos quando eu ando. Tudo sem fim. Não acaba nunca se eu deixar, não acaba nunca ". E ela me respondeu: "o demônio em você, o demônio em todas as coisas. Vamos ver se você agüenta o peso de minhas mãos" (Ergue-se furiosa para todas as outras, largando Zilá que chora no chão. Pula em Ruth.) E você, sua vagabunda, chupando, às minhas custas, os prazeres que eu não tive. (Puxa os cabelos dela. Fala em tom choroso mas com a ira explícita) Eu quero ver do que você é feita, até quanto se pode sentir o corpo na festa. Cadelona , vadia, egoísta. Ninguém gosta de mim. Todos esperam minha morte, que eu me mate como Valdo. Mas eu sou muito viva prá vocês todas. Ninguém vai me ver presa a uma cama, rodeada pelos que zombam do mal hálito da velha que morre. A velha maluca que fala besteiras e se arruma feito mulher da rua. É o que vocês querem, não é? É o que vocês querem prá sua mãe, uma velha porca e suja cheirando mal até apodrecer de vez no lixo.(Joga Ruth para perto de Zilá. As filhas contestam a mãe, erguendo os braços e meneando a cabeça) Vocês me odeiam, não é? Pela morte do cachorro do pai de vocês. Cachorro, sim, cachorro. Vendedor de bilhetes de loteria no ponto azul, a rua cheia de prostitutas. E o que vocês queriam que eu fizesse ? Que eu amasse um monstro daqueles, cercado de gentinha, de gente pobre e suja ? Eu quero a América, eu quero é mais, suas vadias. (Corre para a neta que parece fugir. Fala espancando a menina) E tu, demônio, vem te saindo como tuas tias. Filha de minha filha, morta por fome de pão e carinho. É praga do Valdo essas mulheres, é praga do morto essa casa. Minha vida feita nos lençóis de um quatinho de aluguel. Mas enquanto eu viver essa casa não vira bordel. É o que eu tenho prá janta de vocês. Isso é o que vocês vão engolir, suas vadias. Eu vou sair. Vou pro cinema e volto depois. Quero tudo brilhando, tudo limpo, mui-

to limpo. Vem, Ruth, comigo. Vem também, minha neta. Lava a cara e vamos ver o mundo. Zilá, arrume a casa. Cuide para que os mortos não comam as sobras.(Enquanto o trio sai conversando e aos poucos rindo, animados para o cinema, Zilá recolhe o que caiu no chão durante a briga, senta-se e começa a comer olhando para o infinito, como se lembrasse de algo.)

Parte Três

Uma cama. Bidê com remédios. As pessoas chorando em volta. Deitado, um monstro fantástico composto pela Lola do primeiro e do segundo atos, atadas à cama grunhindo e rangendo como uma fera de duas cabeças. Monstro vestido de roupas bonitas rasgadas. Iluminação que realça a distorção. Em volta, Ruth, a neta e um homem com roupas velhas, sujas e um laço de corda no pescoço, fumando e observando, rindo às vezes. Ele anda pelo quarto, como se vendesse loterias e paquerasse mulheres. Ruth ergue-se e vai à janela para passar o tempo. A neta brinca com as mãos sentada que está em uma cadeira maior que todas as outras. Ruth fica entre o vai e vem de olhar a janela e a neta que agora brinca com sua vovó.

Neta

Tá vendo, vovó, tá me vendo, sua bruxa morta. "Estou bonita ? Estou bonita ?" (Ri. Balança as pernas e começa a cantar trechos de Aurora, rindo da música. Depois fala) Minha mãe não gostava da senhora, velha louca. Preferiu morrer que se tornar uma mulher sem homem , mulher que odeia mulheres. "Estou bonita ? Estou bonita ?" Minha mãe órfã desde nasceu, órfã de mãe. Estou aqui prá lembrar isso, dona Aurora (Soa a música *Aurora*. A neta começa a maquilar o monstro que luta raivosamente, babando). Daí ela virou nas doenças que a senhora espalhava pela casa : "Ah, seu Totonho morreu tão novo... Dona Duza ficou doente prá sempre... Vadinha foi abandonada pelo marido". Daí minha mãe bebeu toda essas desgraças-veneno, o corpo se apertando todo, a pele não dando conta dos ossos que estouravam prá fora. O corpo, vó Lola, o corpo manchando-se entre vermelho e azul, calado em sua falta de ar, as manchas se espalhando até que os olhos virem pedra sem luz. "Estou bonita ? Estou Bonita ? "(infantil)

Agora vovó é minha boneca, algo prá brincar em minhas mãos. Vó criança-menina, porca e suja prá eu quebrar. (Surra delicada no monstro). Bate, bate na cabeça: o que sai? Bate, bate nas perninhas: o que fica ? De novo, de novo até ficar bom, até boneca falar. Fala boneca, fala. Fala não que tu não é gente. Tá me enganando hein ? Boneca marvada, que faz mal prá pessoas. Eu vou te pegar e cortar em pedacinhos. Toma, toma, toma. Vai ficar sem papá. Vai morrer de frio (música *Aurora*). Agora eu te digo tudo, digo de verdade que tu não é minha filha, nem eu tua mãe. Uma mulher da vida te deixou aqui na porta de casa numa cestinha de pão. Vó Lola veio numa cestinha de pão. Toma, toma, toma. Não vai acabar com a casa, não vai mais fazer mal prá ninguém.

Ruth

Já chega, já chega. Deixa mamãe descansar. Ela vai morrer logo, não agora. Depois brinca mais. A gente pode brincar mais , sempre mais. Toda vez que a gente vier aqui no quarto dela a gente se diverte, se diverte muito até cansar. Mas agora deixa ela descansar. Se ela morre, a gente não tem mais brinquedo. Depois a gente volta prá brincar e traz mais gente. Daí veste roupa nova, põe som alto e come uns docinhos. Quando ela começar a morrer , a gente pára e vai embora. Fecha o quarto, o escuro grande e pesado maior que nossas vozes. Fica na porta escutando a velha com medo. Daí a gente entra correndo dando o maior susto. Tudo de novo. Homens e mulheres correndo pelo quarto atrás de que não sei. Pulando em cima da cama, pisando os pés de mamãe que não consegue mais se levantar prá ir ao cinema com a gente. Seus homens esperando ela, no ponto azul fumando, mascando chicletes, chamado as mulheres, vendendo loteria. "A sorte grande, pessoal, a sorte grande gente. Vai correr hoje. Quem quer ficar rico, ir prá América, gente fino, gente rico, muito rico mesmo, de verdade"

Neta

Boneca não se machuca, não é tia ? Boneca não sente dor, não é ?

Ruth

Antes a gente não podia brincar, tinha que se arrumar pros homens. Agora é diferente, é mais legal. Mamãe deixa tudo. Viva ou morta, a gente pode brincar até mais tarde. É só fechar a porta do quarto toda vez que for preciso. Mamãe não vai morrer, vai sempre ficar bonita, arrumada, os homens em volta dela. Só que agora é de brincadeira, a gente brinca, brinca e ela deixa. A gente já é grande mais é menina. Não importa os homens. A gente quer é brincar. Se põe roupa bonita, é brincadeira. Se beija homem, é de mentirinha. Se vai prá América, é divertimento. Tudo como criança. Agora a gente é criança de verdade, sério mesmo, criança. Eu sou uma menina. Ninguém pode dizer que não.

Neta

(vendo o monstro de duas cabeças que se debate para pegar as duas) A vovó tá ficando mal. Tá morrendo.

Ruth

Eu sou uma menina. Eu quero brincar muito, muito , muito.

Neta

Tia Ruth, vovó morreu ?

Ruth

Tá bem, tá bem. Vamos sair. Depois a gente volta.(Escurece. Saem todos. Fica somente o fantástico monstro que silencia. Após alguns instantes ergue-se e fica sentada na cama. Movimento de nascer. As falas alternadas como em um poema que faz nascer o que tem dentro do monstro. As falas e os gestos em *stop motion*, o monstro rasgando a roupa-carcça que a prende até fazer nascer a Lola do primeiro ato, enlameado de placenta, viscosa, enrugada, movimentos de um bebê-monstro.

Quando uma fala, a outra cala
a mesma voz de boca em boca

dizendo mais que uma voz.

Quando uma fala, a outra geme
a mesma dor de corpo em corpo
gemendo mais que a própria dor.

Os dias muitos, os dias todos
desde que o ontem se fez breve
torturando quem se fez fêmea
deixando atrás suas bonecas.

O homem todo, ele somente
o homem que se quer, o homem inteiro,
o homem acima de todas as coisas,
o homem não ficou nem trouxe prazer.

Agora deixa tudo dentro da memória
e busca as coisas que se perderam
um pouco mais em cada canto
os restos de uma paz que não se tem.

Onde está a menina em sua casa
rodando a vida de se encontrar ?
onde está a menina, eu quero,
eu quero a menina desta casa.

Em toda casa a menina anda pelos quartos,
o pouco peso de nunca se esquecer
a leve alma que reboca as paredes
e nos arremessa acima dessa voz.

Onde está a menina? Presa em alguma cama?
onde está a menina que alguém deixou aqui ?
onde está a menina que a pressa da mulher destrói e pisa ?
onde está a menina que homem algum amou ?

Agora sofre nessa pele a grave perda
o mar azul que prá trás ficou
a chuva ácida de um dia sem sol
o fôlego da corrida de se pegar.

Agora morde esta vida que te trouxe
prá uma casa sem a menina seu revés
agora cospe a saliva de um beijo que te deram
quando a menina com a outra se perdeu.

As carnes todas se fecham por dentro
o corpo quebra na angústia de ser pouco e menos
a dor maior te cala o riso na garganta
os olhos bóiam na imensidão da noite sem pessoa.

Onde está a menina a correr inteira ?
a menina toda ela assim somente ela ?
onde se acabou a criança em suas saias e sorrisos
onde se acabou a história bonita de se contar ?

Agora geme pelos cantos escondida
a velha louca que comeu a luz
e engravidou de um defunto tolo
e se soltou entre os cacos da janela.

221

Agora olha essa pele maquilada
sobre um corpo que já não é mais teu
a branca baba que te escorre é vitrine
de uma menina que te diz adeus.

*Volta a neta. Fumando, de braços dados com o espectro de
Valdo que passa a mão no corpo dela e vem com bilhetes de loteria.*

Neta

Vó, a gente voltou. A senhora morreu ? Tia Ruth, tia Ruth
vem ver, olha: a vó Lola virou boneca (ri. Música *Aurora*. Todos valsam
a música, uma roda, mãos dadas.)

Vigilantes

Ilha do mel
janeiro de 1998

Um obra com outra se paga ou se apaga

Farol. Dois vigilantes revezam-se, dia e noite confundidos, os tempos. A espera já é longa, não sabendo mais porque estão ali, quando chegaram ou devem partir. Eles estão antes de nós, aguardando. O capitão e o soldado que um barco deixou faz tempo. É noite. Pequenos quadros recolhidos enquanto a luz faz sua ronda.

1

- Apareça, soldado. Onde você se esconde ?
- Medo, muito medo, muito.
- Mas você é um soldado!
- Medo, mais medo, maior ainda.
- Volte lá e veja o que existe.
- Todas as coisas me pedem isso.
- (...)

2

- Soldado !
- Sim, capitão.
- O que você vê ?

- Nada, senhor.
- Agora, abra esses olhos...
- Não consigo, não consigo mesmo, capitão...
- (...)

3

(O capitão, após andar de um lado para o outro, acerta um tapa na cabeça do soldado. Depois mais um e outro e continuamente. O soldado inicialmente vai acordando de sua hipnótica vigília, até começar a fugir e usar os braços como escudo. O capitão pára, vendo o que fazia, seu descontrole e diz:

- Sempre alerta, soldado, sempre alerta.
- (...)

4

- Você bebeu, soldado ?
- Não, mas tenho sede.
- Jogue-se ao mar, então.
- Um soldado cruza o oceano até chegar a uma praia deserta com um farol abandonado, trazendo os restos de um corpo salgado.
- (...)

5

224

(O capitão, após andar de um lado para o outro, vigia o soldado que adormece em seu posto. As sombras das ruínas das muralhas seguram o soldado. O capitão acorda o soldado:

- Soldado !
- Sim, capitão. O que é ?
- Estava dormindo, hein, me diga, estava dormindo ? Não sabe que o perigo é iminente. Hein, soldado, deixando seu posto ?
- Só dormi um pouco.
- Só dormiu ? Não sabe agora a gravidade da situação, da sua situação. Eu posso prendê-lo, soldado, eu posso levá-lo á corte marcial. Só dormiu... Sonhou?...
- (...)

6

(O soldado chama o capitão que se faz de morto)

-Capitão, capitão!

-(...)

-Capitão, acorde !

-(...)

-Por favor, capitão, me escuta, fala alguma coisa !

-(...)

-Eu não quero ficar sozinho neste forte. Pode ser que exista mais alguém. Acorde, Capitão.

(o CAPITÃO Sussurrando," eu não estou dormindo, seu burro. Estou me fingindo de morto. Treinamento")

- (Sussurrando também) Certo, capitão, e agora o que a gente faz ?

-(...)

-O que a gente faz ,capitão ?

-Seu burro, eu não estou morto, eu não posso é falar.

(...)

7

-Tiros, porque os tiros, capitão. O que a gente faz agora?

-Onde ? De onde vieram os tiros ?

-Eu não vi nenhum.

-(maliciosamente) Pois então espere: quando chegar perto, me avise.

(...)

8

(O soldado canta, sem letra, algo melodioso, uma valsa enquanto lustra as suas botas e as do capitão. De meias, o capitão faz a ronda, respirando o ar, esticando o corpo, como se fizesse ginástica. Começam a se olhar após alguns instantes e riem um para o outro, como camaradas e depois amigos, mas tem de esconder esses comportamento por causa da diferença de patentes entre si. Em após, o soldado volta a cantar, com os olhos mais enfiados no que faz, levando

algumas vezes a cabeça para o capitão que se demonstra indiferente sem conseguir ser. Após alguns instantes, começa a trabalhar e a cantar ritmicamente, assim como ritmicamente vai o passeio o capitão. Num ponto da música se encontram os dois. Param e voltam para seus lugares. O soldado trabalha e canta agora mecanicamente, enquanto o capitão ajeita sua farda, dá um polimento nas medalhas e vai para mais longe. Vendo isso, o soldado canta com raiva a música, quase a destruir as botas que lustra. Até suspirar ao fim quando o capitão sumiu de seu horizonte de vista. Ele joga as botas no chão e começa a choramingar a canção. O capitão reaparece pelo lado contrário, atrás do soldado, indiferente a tudo mas mais rápido em sua marcha. O soldado se assusta com a aparição, consola-se e recolhe envergonhado as botas. O capitão vê e lhe solta uma descompustura. Ele escuta os xingamentos mudos do capitão e trabalha para corrigir o tempo perdido. O capitão passeia como antes, mais confiante em si e em sua posição. O soldado vai fazendo seu trabalho, olhando com desdém e menosprezo para o capitão. Pára de cantar. De vez em quando solta algumas frases musicais que logo engole, seguido pelo olhar do capitão.)

(...)

9

-Um navio capitão, um navio se aproxima de nós.

-Eles vão chegar, eu sei: esperamos tanto por isso. Vieram nos buscar.

-Mas capitão é um navio inimigo...

-Mas é um navio, soldado, um navio que chega nesta ilha abandonada.

-Os inimigos, capitão, inimigos. Precisamos reagir, senão nos matam.

-Quem vai morrer, soldado, quem vai morrer ?

-Eles nos matam, senhor, juro que nos matam, senhor.

-Quando ?

(...)

10

-Mais pedras, soldado, mais pedras. Não está me escutando ?

-Senhor, creio que não posso fazer.

-Como não pode fazer, soldado, como não pode ? Escute, eu repito, mais pedras, traga mais pedras.

-Senhor, já trouxemos todas as pedras. A fortaleza está toda construída. É noite e alguém precisa vigiar.

-E eu não sei disso, soldado ? Não haveria de saber uma coisa tão banal ? Como se eu não soubesse que os outros esperam um momento de fraqueza para invadir a ilha ?

-Desculpe, senhor: os outros quem ?

-Os outros ? Ora, soldado, os inimigos que vem do mar.

-Mas capitão, aqui só estão o senhor e eu.

-Eu sei disso, soldado, como eu sei, se não soubesse de uma fortaleza vazia e o mar só para nós. Levante-se e vá vigiar.

-E as pedras ?

-Os outros vão trazer, eles vão chegar, eu sei, eu tenho certeza, soldado... Eles vão chegar, e vão trazer as pedras...

(...)

11

-Soldado !

-Sim, capitão

-Uma festa, vamos fazer uma festa de verdade, aqui, sobre as águas, tendo o céu como abrigo e os ventos por companhia.

-Convidou alguém, capitão ?

-Cante, soldado, apenas cante. Cante bem alto e não me pergunte mais nada. Não quero enlouquecer.

(O soldado canta melancolicamente a valsa sem palavras. O capitão dança, os ventos em seus cabelos. Uma idade de ouro que nunca existiu mas desejada como nunca.)

(...)

12

(O soldado entra arrastando um tronco de árvore todo destruído, molhado e negro, dias arremessado à praia, dentro de um saco de plástico negro. O caminho de água no chão. O soldado feliz e assustado.)

- Capitão, achei um inimigo !
 - Prenda-o na casa de armas!
 - Sim, senhor. Amarro as mãos dele ?
 - Não!!! Dá uma arma prá ele e atira.
 - Nas costas ?
 - Isso. E dois tiros na cabeça.
 - Sim senhor !
 - E feche a porta devagarinho, bem devagarinho...
- (...)

13

-Capitão, capitão: as ondas ameaçam as pedras. Daqui dá prá ver como ameaçam nos engolir .

-Calma, soldado, calma, por favor, não me interrompa. Eu olho o céu, cuidando para que não caia sobre nós.

-O céu está longe, capitão, longe mesmo. As águas do mar é que podem nos alcançar, nos fazer mal .

-Cale a boca, soldado. E me acorde amanhã. Agora não tenho sono: vi tantas coisas que só a luz do sol pode me fazer esquecer.

-E as águas, senhor ?

-E o céu, soldado...

(...)

14

-Soldado ! Ouvi algo: vá lá fora ver.

-Mas lá fora é o mar, capitão.

-Eu sei, soldado, como se eu não soubesse. Ande, rápido: vai ver o que é.

-(Com desânimo e hipnotizado) Sempre, dia e noite eu escuto coisas. Com

-Então é verdade e são muitos. Às armas ! Prepare o canhão!

-As águas não param de se abater contra as pedras.

-Qual o lad? onde? prá qual lado eu atiro, soldado?

-E tudo cai de novo sobre o mar, eu sinto.

-Todos vão morrer, todos vão morrer eu tô avisando!!!
(...)

15

-Soldado, está frio ou calor?

-Depende, capitão como o senhor quer ?

-Ainda é noite.

-A noite longa, o mar inquieto, o corpo de alguém nas pedras, o céu sobre nós, nenhuma escapatória, a escuridão nos veste e arrasta.

-Soldado, está quente, muito quente, calor. Agora cale a boca. Eu preciso dormir, vou conseguir dormir hoje ainda, nessa noite...

(...)

16

-(Sentados rindo, como amigos. O capitão tira sua farda no chão bem como sua espada. Riem e batem um no outro como amigos. Falam rindo, apesar de tudo)

-Eu era jovem e queria o mundo. O primeiro barco que vi me levou para o mar mais frio e distante. Eu perseguia nunca mais voltar, para sempre. As águas me fazendo correr atrás delas. Eu rindo com o mar que fugia de mim, sem olhar para trás. Daí eu tinha 50 anos e só podia ter medo, muito medo, soldado.

-Foi quando eu cheguei nas areias dessa ilha, com fome. As pedras para uma fortaleza, minhas costas pesando com o sol. Agora é noite, e eu só posso ver. Tenho o sal dentro da pele e preciso cantar.

-Eles virão quando a gente menos esperar. Inimigo ou amigo a gente atira, fogo neles.

(O soldado canta, enquanto o capitão veste sua farda, arruma a espada e canta também. Agora a valsa se torna um hino à guerra, uma marcha triunfal, uma recordação de uma vida que se acabou. Tiros de canhão. As ruínas caem sobre o chão. Gritos de invasores e de mortos. A batalha final.

Docenovembro

Para Gisele Santos

*Exposição fotos estilizadas sobre tipos urbanos solitários flagrados em seu desespero e contida desistência. A vida roubada e distante. As multidões que procuram algo mas não sabem onde encontrar, tudo isso impresso no rosto de cada foto. A exposição está aberta para todos. Palco e platéia se aproximam. O público vê a exposição antes do espetáculo. Duas amigas andam juntas, de braços dados, comentando o que vêem, o andar mais lento, o olhar no vazio, mas confiantes no que olham, para marcar sua diferença de personagens. Ao fundo um piano. Sentado, o jovem que toca improviso em torno da música tema da peça. Após alguns instantes, sem dizer uma palavra, as moças convidam o público a se dirigirem para seus assentos. As fotos são: **1** - de um homem sozinho em um cinema, os olhos esbugalhados, a pele enegrecida pelas rugas; **2** - de um empresário calvo, de terno, em um prostíbulo, a mala aberta em cima da mesinha com babados e abajur pequeno parecido com a mesa, de frente para show de striptease que ele não vê pois está folheando uma revista pornográfica muito burocraticamente tomando seu café; **3** - de uma velha com as pernas cheias de varizes oferecendo panos de prato bordados com frutas, panos retirados de uma sacola suja, os dedos imundos dela; **4** - de uma jovem mãe solteira vestida com uma bata, sem nada por baixo, os seios enormes, deixando transparecer o corpo de quem recém ganhou um filho, ela com um lenço, gripe e choro, chorando desesperada em um telefone público contando para sua mãe a miséria da vida que*

leva, sem comida e doente; 5 - uma mulher sentada na cama, em um kitinete alugado, fumando, as luzes da rua e da madrugada entrando pela janela, os cotovelos no joelho, ela, aflita esperando eu a noite vá embora e que o dia não chegue, na mesinha de cabeceira um copo d'água e na cama roupas de um homem que se foi; 6 - um guardador de carros, bêbado e trôpego, shorts sujos, de chinelos, copo de cerveja nas mãos, atravessando a rua para pegar o dinheiro de um cliente que arranca seu carro; 7 - um homem se levantando do bar, indo em direção de outro que passa: ergue-se com a vingança de não ter sido reconhecido por aquele que passa, este fixamente atento ao lugar onde precisa chegar, sua casa, sua mulher; 8 - uma mulher conversando com outra, sentada em um banco de praça onde seus filhos correm e em deles cai; 9 - grupo de mulheres fumando e bebendo e rindo como homens em cima de um carro em frente de uma boate, os lindos dentes, brincos, piercings, maquiagem exagerada, cabelos e roupas das mais variadas cores e tipos, estilo mal vestidas elegantes; 10 - uma mulher, com vestido de trabalho, sentada no chão do lado de um vaso em um banheiro em repartição pública, ela, encostada no vaso e na parede, analgésicos e o sangue no chão, um aborto, foi um aborto; 11 - mãe e filhas se abraçam chorando pelo filho morto assassinado na rua quando voltava para casa de noite, após uma festa, os jornalistas e seus flashes, os ávidos homens da notícia disputando sua carniça; 12 - leveza de uma colegial que toma sorvete andando na praça de alimentação do shopping, a boca molhada com o sorvete que derrete, ela, andando sob os olhos de homens maduros chope e traçando comentários; 13 - uma criança, uma menininha, em sua festa de aniversário, bem vestida, a mesa farta, todos cheios de álcool na cabeça, a mãe, tão elegante, ergue a filha que quase bate com a cabeça no teto ou na lâmpada, ergue a filha como que girando, para que todo mundo a veja, todos os olhos em frente dela que nada sabe; 14 - uma mãe na sala de sua casa, com um álbum de fotos, como se mostrasse para as visitas as fotos de seus filhos que não a visitam, atrás dela uma foto sua quando nova, olhando para o infinito, o ideal de mostrar sua tristeza; 15 - uma jovem correndo de três estupradores que estão em seu encalço, corre para quem tira foto dela, como se a câmara fotográfica se afastasse, como se quem tirasse fotos também fugisse, as roupas voando, o rosto pedindo e perdendo forças.

As fotos estão em retângulos de acrílico, apoiadas em cubos enormes de pedra. Ao fim do improviso, quando todos se sentarem, as duas voltam a olhar as fotos. Após o longo diálogo, o pianista sai de seu lugar e também vai ver a exposição até que os olhares dele e de Sara se encontram e a sedução tem seu início.

Parte Um

Sara

Parabéns pelas fotos. Não sei como você conseguiu. Deve ter sido difícil ver tudo isso.

Fotógrafa

Não, Sara, as coisas não são assim. É minha vida, é o que me faz viver.

Sara

Mas viver assim, bisbilhotando a vida dos outros...

Fotógrafa

Você não entendeu nada. Tudo são histórias, morrendo a cada segundo. Histórias para se contar. Eu visito as pessoas e elas me contam tudo. Eu só fotografo. Eu apenas aperto o botão, Sara.

Sara

Um botão só fez tudo isso? (riem) Eu vejo mais, minha amiga, eu vejo mais. Muitas histórias, elas aqui, em frente de nós. Há mais coisa aqui. Como as pessoas aparecem desse jeito nas fotos?

Fotógrafa

São só fotos, Sara, só umas fotos. Não se preocupe. Toque nelas.

Sara

Não sei porque tenho medo. Parece que continuam além do clique, como se estivessem aqui agora.

Fotógrafa

Mas estão, todos aqui, esses homens e essas mulheres que eu trouxe. Presos agora no acrílico, dentro da pedra, dentro do papel.

Sara

Tá brincando comigo?...

Fotógrafa

Não, Sara, de jeito nenhum. Essas coisas são muito sérias prá gente brincar. Ainda mais com o trabalho e com o perigo que dá...

Sara

(interrompendo) Perigo? Você não tinha me falado de perigo. Viu, eu sabia: a coisa é diferente, é de outro jeito: não é só um botão que se aperta. Tem algo mais. Como você pôde me esconder isso, andando pelas ruas, entrando em casas, ficando frente a frente com pessoas que poderiam te fazer mal?

Fotógrafa

Calma, calma Sara. Olha só como você fica apenas com umas fotos. Eu sei o que eu faço. Eu só sei fazer isso. Todas essas pessoas me agradeceram e permitiram.

Sara

234

Você não entende. Eu não posso te perder, eu não posso ficar sem você.

Fotógrafa

Bobagem. É o medo que faz você se sentir assim. Sara, eu não vou te abandonar. Nunca mais você vai ficar só. Uma mulher como você merece o melhor.

Sara

Não sei a quem agradecer por você ter entrado em minha vida. Eu precisava de alguém, eu precisava de você. Mesmo com esse trabalho esquisito, mesmo com seu dia a dia estranho e anônimo, eu

precisava que você viesse. (abraçam-se) ainda mais que as manchas começaram a aparecer.

Fotógrafa

Já?

Sara

Só em algumas partes do corpo. Eu não acredito que tenho essa doença, não acreditando. (chora)

Fotógrafa

(abraça a amiga, e a coloca em seu colo, acariciando seus cabelos) Eu fui ao hospital atrás de fotos, atrás de mais histórias naquele dia. Daí te encontrei. Eu não conseguia te fotografar, mesmo depois de escutar tudo o que você dizia. É muito bonita sua história, os seus homens, o exame, o seu louco modo de permanecer viva (riem)

Sara

(eloqüente) "Projeto Minha Vida". (riem)

Fotógrafa

De onde você tirou isso? namorar um homem por mês, fazendo com que ele se apaixone e depois abandonar o cara quando o mês terminar?

235

Sara

Um mês, de cada um dos doze que me restam. Um mês, um homem, uma vida inteira em um mês. Nascer e morrer em trinta dias. Amor, amor e fim. (riem com menos intensidade) É como se eu me despedisse aos pouquinhos de tudo. E como o melhor da minha história foi tentar amar alguém, amo um homem a cada mês.

Fotógrafa

Que projeto louco. E você, Sara, achando que a minha vida é que é estranha... (riem)

Sara

Foi um filme antigo que me deu a idéia, um melodrama romântico tipo água com açúcar. Acho que o nome dele era DOCENOVEMBRO.

Fotógrafa

(com atenção) Conta o filme, vai, conta.

Sara

A mulher tem uma doença incurável e todo mês troca de namorado. Até que se apaixona por um deles. Mas chega o fim do mês e ela o despede. O homem, louco de amor, procura a mulher até que a encontra já com o namorado do mês. Ele não desiste e a traz de novo para si.

Fotógrafa

(interessada na história) E ela morre?

Sara

Quem?

Fotógrafa

(pouco irritada) Ora quem... a mulher do filme, Sara, a mulher do filme.

236

Sara

(riem) Você não vai acreditar, mas eu não me lembro.

Fotógrafa

(levemente brava) Mas que história mais sem pé nem cabeça. (Sara fica triste). E eu aqui perdendo meu tempo... Mas a sua história é bela. Eu queria fotografar...

Sara

(interrompendo) Mas eu não quero, eu não quero fotos, amiga, eu não quero fotos. Eu quero é viver, eu não quero esse bloco

de pedra em cima de mim, as pessoas me olhando e eu sem poder tocar nelas, sem poder sentir, sem poder ficar nua e tomar um banho de mar. Eu queria mais que isso, amiga, eu queria mais. (chora, novamente a amiga toma Sara nos braços)

Fotógrafa

Mas olhe as fotos, Sara, as fotos somente. Eu vou te contar tudo, vou te contar cada história. Fica de pé. Vamos, eu te ajudo. Olha. (de repente para a foto 1)

Sara

Essa eu ache uma das piores. Me conta.

Fotógrafa

Eu estava cansada. Quando fico assim, saio de casa e vou ver um filme, qualquer um que não seja com a Meg Ryan (as duas com caras e bocas de nojo. Riem.) Cheguei mais cedo, paguei o ingresso e fui entrando. Dei de cara, lá na terceira fileira, com esse senhor gordo, as mãos pesadas na cadeira, olhando para a brancura da tela, esperando um filme, ou algum movimento maior que o das cadeiras presas no chão. Seus olhos pesavam sobre o rosto, como se as lágrimas tivessem sido trocadas por gesso, seu rosto na tela do cinema aguardando que as coisas comesçassem. Ele era uma véspera, alguém que espera as coisas acontecer. Não dependia dele, mas ele precisava que as coisas acontecessem para começar a viver. O enorme homem de pedra no vazio de cinema, gigante em sua inércia, aguardando as vozes e o alento do mundo. O filme começou e ele nem se moveu. Era a penúltima sessão. Não sei desce quando ele estava ali, mas parecia eterno, como se já tivesse comido todas as pipocas possíveis (riem) Acho que em seus olhos passava o mesmo filme, a mesma história que um dia viveu. Não sei mais nada. Mas acho que é assim. Agora tudo é uma foto, uma bela foto, o escuro do cinema mais claro que o vazio dos olhos dele. Agora esse homem é uma foto.

Sara

Mas isso é horrível, amiga, horrível. Não sei o que é pior: uma foto ou um cadáver.

Fotógrafa

Mesma coisa, Sara, mesma coisa.

Sara

Não sei como você consegue, não sei mesmo. E essa aqui. (foto 2) Isso aqui é na zona, é uma boate na zona! (riem) (agora séria) Tá vendo como você perdeu o controle, tendo que ir até na zona para conseguir ver essa gente louca?

Fotógrafa

Sara, olhe melhor, olhe mais: veja. Está tudo aí, as razões e as denúncias. Um homem se rodeia de danças, sons e sussurros enquanto lê uma revista de mulheres nuas em um prostíbulo. Onde ele está? Onde estão as mulheres? Dentro da zona? Fora da revista? Em qual mundo vive? Onde se tem prazer? Falta algo, Sara. Falta alguma coisa. Jogo de sete erros: Quem tá dentro? Quem tá fora? Quem chegou? Quem já foi? As mulheres cruzam nuas em sua frente, se oferecem, sentam em seu colo, beijam seu pescoço e ele apenas folheia as páginas da revista. Os shows de striptease se alternam e ele passa a noite inteira em sua mesa sob a luz do abajur vermelho com rendas douradas, cabana no pequeno mundo que se movimenta dentro da sua cabeça. Após alguns momentos, todos olham receosos para ele, o único que não veio atrás de alguém ali. Ou veio. Sara, você não entendeu ainda? Você tá me ouvindo? Você tá vendo o que eu te conto? Como aquele homem parou a zona inteira? (riem mas pensam)

Sara

Mas alguém assim como vive? Como consegue estar vivo? Eu não gosto de saber que existem pessoas desse jeito. Essas fotos escavam e reviram um lixo que eu não sabia ser real. Por que você fez isso, amiga? Por que? Já não bastava a doença, já não bastava ter a morte nos olhos, esperando que tudo o mais se desfaça? Eu trago a morte comigo, como uma companheira com nome e rosto. Eu sinto isso quando estou mal, e minha dor é física, um peso, uma verdade.

Não são fotos, amiga, não são fotos. Não é alguém olhando um filme, nem fotos de mulheres nuas. (pausa) E essa daqui, é a foto de uma velha. Eu nunca vou ser velha...

Fotógrafa

Sara, Sara um belo nome para alguém doente. Mas olhe, Sara olhando para minhas estátuas, para aquilo que vive e cruza nosso caminho. Eu estava num self- service comendo. Todos sozinhos com sua comida. Vindo de não sei onde, entrou essa senhora de ontem, muito antiga, a mulher mais velha que eu já vi. Sua pele trazia prá fora os órgãos do corpo, sua pele emaranhado de veias azuis pedindo ar, pele sufocada dentro dos ossos quebradiços e da carne pouca.

Sara

Ela falou contigo?

Fotógrafa

Falou. Me ofereceu uns panos de prato, mal pintados e sujos, principalmente sujos que ela ia tirando de uma sacolinha mais suja ainda, o pó dos caminhos em seu corpo. Comprei três panos, esperando que ela fosse embora. Mas ficou tão agradecida e surpresa com a venda que não parava de agradecer e rezar. Os outros que comiam me censuravam com os olhos por eu ter deixado que a velha se demorasse, atrapalhando o almoço. Ninguém comeu no tempo que a senhora de muitos anos esteve ali. E foi uma eternidade. Ela parada em minha frente, as veias de seu corpo explodindo entre a pele, um corpo todo marcado, como se a qualquer momento deixasse de ser o que quase é.

Sara

Mas ela chegou até essa idade. Pena ter de vender algo que ninguém compra. Quem come fora não precisa desses trapos. Não servem nem como guardanapo. O que oferecer e trocar prá que continue viva, prá que ainda haja vida dentro dela? Ela não tem mais o que vender e ninguém quer mais comprar o que ela oferece. Suas veias poderiam saltar e tudo terminaria. A todo momento tudo isso pode terminar. Não há mais o tempo, tudo se acabou. Não é preciso andar

pelas ruas, ir onde as pessoas estão. A voz já não consegue dizer tudo o que se pode dizer, contar as coisas que viveu, tudo que viu e foi bom. Não vão te escutar, não vão mesmo. Nem olham para as figuras nos panos de prato. Olham só para o prato de comida, que pesaram e vão pagar prá ir embora logo, para nunca Ter de ver quem é a memória viva do fim. (pausa) E os panos você guardou? Deu de presente?

Fotógrafa

Não. Comprei e devolvi, prá que ela vendesse para alguém que realmente fosse usar. Eu não guardo coisas. Tiro fotos e exponho. Não fico com nada. Deixo tudo prá ser visto, prá que vejam. Eu não guardo nada, que nada é meu. Não fico com nada.

Sara

240

Por isso precisa das fotos, não das fotos mas de tirar fotos. Você é assim, amiga. Mas também é de outro jeito. Na-quele hospital, quando nos encontramos, eu estava lá porque tinha tentado me matar. Eu amei e fui amada. Um homem e uma mulher, o que no mundo não há igual. Porque era meu, era nosso, e não havia em lojas. (riem) Um homem e uma mulher, nus como antes, fazendo o que um homem e uma mulher podem e sabem fazer quando amam. O que não se explica, o que é inteiramente nosso. Ma dos nossos antigos homens e mulheres, sem saber, herdamos o que não se entende, o que não deveria existir mas existe. A doença. Ele morreu há dois anos e eu estou na fila de espera. Quando ele se foi, perdi a vontade de lutar. Então veio o projeto "Minha Vida", DOCENOVEMBRO.

Fotógrafa

Mas tudo isso é loucura, Sara, uma imensa loucura. Você está viva, mais viva do que nunca. Não precisa desse enredo de filme tipo Meg Ryan. Você precisa viver sem o fim, viver de verdade. Sara, Sara, viver sem o sal, sem as esculturas de sonhos que não existem.

Sara

Como as fotos, amiga? Como as fotos? Ah, isso nunca, nunca. Não vou me esticar no pó de um álbum. Eu quero viver no coração partido de alguém, no coração de doze homens neste ano. Sete já foram, sete corações despedidos. O mesmo movimento de se encontrar por acaso, conversar, marcar um encontro, sair, se divertir. E, quando a música soa, eu saio de cena para sempre. Ele me procura pelos lugares como se isso fosse a coisa mais importante de sua vida. Mas eu não estou mais lá. Ele vai embora, conhece alguém, se casa, mas nunca vai me esquecer. O que eu fiz, chegar a tão perto daquilo que ele sempre buscou, ah, isso ele nunca mais vai encontrar.

Fotógrafa

Não vê que você faz mal, que você machuca as pessoas? Isso é vingança. É pior que uma doença. Você vive por causa da vingança? Porque você não vive pela vida, por ela mesma. Quem um dia amou, quem conseguiu, entre os poucos que conseguiram, deveria mostrar o amor na vida e não o ódio. Hoje já não existe mais isso. Você, Sara, é uma das últimas que eu conheço que amou.

Sara

E de que adianta? Tenho a doença e vou morrer. Em breve vou ficar tão frágil que o vento pode roubar até minha respiração. Eu, que senti o cheiro de meu homem limpo prá mim, que vi seu rosto desfigurado no prazer, que escutei suas fraquezas, que toquei em suas partes e abri seu corpo, prá que a gente junto sentisse o doce cansaço de não querer sair mais das cobertas. E de que adianta? Agora ele morreu e eu ainda estou viva. Doze homens, minha amiga, doze homens. Faltam cinco e tudo acaba. Não durmo com eles: saio, me divirto e, quando tudo está pronto, desapareço. Desaparecer é algo que tenho em mim.

Fotógrafa

Isso era um filme, Sara. Você viu um filme mas viver é diferente. Veja só, veja essa foto. Olhe: é uma mulher que chora, a dor imensa que não deixa falar direito. Todos em volta já foram embo-

ra, ninguém quer ficar perto dela, agora que tanto precisa. Ela diante de um telefone público, em frente de uma padaria. Seu homem a deixou há poucos instantes. Ele a deixou com um filho recém nascido. Ela liga para sua mãe para contar tudo, diz como está com fome, como as cicatrizes da cesariana doem, ali em pé, a rua cheia de carros, as pessoas passando por ela e virando o rosto para não ver nada. Eu não sei o que ela fala mas isso não é o mais importante. O que vale é seu esforço de ter chegado até ali, tudo sangrando dentro dela, o peso das roupas entre suor e sangue. Ela não tem nada: chegou ao profundo vazio de todas as coisas. Em pé, em um telefone público, dentro de uma bata na qual cabe seu enorme corpo prestes a se abater sobre o chão. Mesmo assim, nessa situação, ela busca algo, ela liga só para dizer e pedir ma não pede. Ela chora no telefone procurando dizer o quanto está sofrendo, alheia ao mundo que em volta dela foge. No seu cantinho ela se encolhe, a imensa mulher gorda se encolhe chorando até que em os carros passem e as pessoas não deixem de comprar seus pães. Ela não vai sair dali, ela não tem mais prá onde ir. E ela continua abraçada ao telefone até cair. O que a mantém assim viva? O que a faz continuar? Por que continua se não há mais chance para ela? Nada vai mudar, seu sofrimento não move uma pedra do chão. Ela é só a imagem que eu trouxe aqui para que todos vejam. Uma história, Sara, uma história sem começo, meio e fim, um conto sem narrador. Mas é uma história de verdade, Sara, Minha história, você pode ver isso? Você pode ver o que isso? Você pode ver o que eu te digo?

242

Sara

Eu vejo e nada muda o que eu penso. Nada vai mudar.

Fotógrafa

Mas eu não queria que você mudasse. Eu só queria que você prestasse bem atenção, não no que eu digo, mas no que eu mostro.

Sara

Como você consegue tirar essas fotos e não se sentir algo?

Fotógrafa

Quem disse que eu não sinto?

Sara

Mas você continua a tirar as fotos.

Fotógrafa

Alguém precisa tirar as fotos e alguém precisa ser a foto.

Sara

Então, se sente alguma coisa, por que não ajuda essas pessoas?

Fotógrafa

Eu ajudo, Sara, e muito. Eu tiro as fotos. (riem)

Sara

Deixa ver se eu já entendo. Deixa ver se explico também. Vejamos... essa aqui, posso?

Fotógrafa

Claro, Sara, claro. E logo essa... Você escolheu bem. Uma boa foto. Agora é por sua conta.

Sara

Então me ouve, olha como são as coisas. Bem, temos uma mulher sozinha em casa... É noite... E ela... tá esperando... alguém que se foi, que sempre a deixa esperando... Ela não basta a si mesma... A janela aberta... no fundo da foto... deixa entrar o vento escasso que nem movimenta a cortina... E a escuridão da vida lá fora permanece distante e desatenta a tudo que ali acontece.

Fotógrafa

Isso mesmo, Sara, isso mesmo. Você está vendo.

Sara

Apenas o aspiralado fumo do cigarro é vivo, em voltas pelo céu do quarto, sem fazer figura nenhuma. Em vão algo pode ter forma e rosto quando tudo cessou. Há tanto tempo ela está assim que já não importa mais que ele venha ou deixe de vir. Apenas o quarto existe com seu inventário de objetos e nenhuma pessoa... A coisa mais viva ali é a água parada dentro do copo em cima da mesinha de cabeceira, como se fosse um olhar diluído em si mesmo, olhar-coisa, olhar-menos, olhar-não-mais-aqui. Daí ela olha as roupas de seu homem em cima da cama, quando da última vez que a deixou vendo o teto rodar. (mais nervosa) Ela teme que as roupas apodreçam e virem pó, resto de comida dos invisíveis microorganismos que devoram tudo o que deixou de viver mesmo estando vivo, as traças e os vermes do fim.

Fotógrafa

Mas quem virá, Sara? A mulher espera por quem? Por quem podemos esperar?

Sara

244 Eu não sei, eu não vejo mais nada... Não quero mais saber disso. Vou tomar meus remédios e seduzir e trair. O copo d'água que ninguém bebe. Um quarto a mais na cidade, que não suporta nem mais uma pessoa... Até que ponto chegamos! Até que ponto, amiga! Você e suas fotos! Eu não queria ter visto essas pessoas porque agora me vejo, vejo parte de mim!

Fotógrafa

Sara, Sara olhe bem, abra seus olhos: eu nunca te fotografei. Mas não precisava. Eu nunca tirei uma foto sua. Mas tirei dos outros. Você entende?

Sara

Como eu posso entender isso agora? Por que você me pergunta essas coisas?

Fotógrafa

Porque você vai ver, Sara, vai ver de verdade o que é impossível, você vai ver a foto impossível. E quando chegar nesse ponto será tarde. Eu não quero que isso te aconteça. Eu quero que você veja antes, que você escute tudo antes da foto impossível, antes que você não possa mais ver vendo tudo, vendo sem parar.

Sara

Mas eu já estou perto disso, de ver e não mais sentir nada. Essa impossível coisa de ver e não mais se importar. A vida me deve, desde o momento que eu comecei a perder a vida, a vida me deve. O projeto "minha vida" não é uma vingança: é a impossível foto, aquela que você não pode tirar, minha amiga, porque ela é minha, minha mesmo.

Fotógrafa

Pare com isso, Sara e me ouça agora, já que não consegue ver. Pare com toda essa história. Chegou o tempo de ouvir, pare de ver, que isso já não adianta. Você está doente dos olhos e mais nada.

Sara

Não, amiga, você não me vê direito. Eu quero os corações partidos, os homens de cada mês, a lembrança que não morre. Um homem ferido é algo que dura prá sempre. Estátuas racham com o sol, cidades são destruídas pelas águas, fotos se queimam e o ódio e a ignorância acabam com o mundo. Mas dentro de um homem pulsa um coração que não cede, o coração de um homem ferido. Lá no sem palavras ele se pergunta querendo explicar o que houve. Pensa ver solução para aquilo que viro dor. Seu muito pensar é falta de mim. Ele vai se debater com isso, contar para seus amigos, beber todo álcool do mundo, mas dormindo ou acordado seus olhos vão saber do meu toque, do meu sorriso que venceu minha morte. Doze homens, um ano e uma vida inteira. Eu vou ser Sara, uma mulher difícil de esquecer.

Fotógrafa

Pare com isso agora, Sara, antes que você não caiba em uma foto. Eu falo sério, eu falo agora pelas palavras, um apelo para seus ouvidos. Sara, Sara, a sua doença não é mais sua doença: você começa querer a contagiar o mundo. Não isso o que você teve com seu homem. Você quer viver para que o amor não morra no sofrimento desses homens mas você está fazendo com que o amor se acabe e no coração sem amor nasce o ódio, vivo e aflito por querer mais ódio. Seus homens se vingarão e serão malditos para nós. As cidades já me deram essas fotos e você vai me dar mais dessas pessoas. Até que não haja ninguém mais para ver essas vidas, que vidas não vão haver além das fotos. Quando houver mais que fotos, eu sei o que será de mim? Me ouve, Sara, me ouve.

Sara

Eu ouço, entendo mais quero. Veja essa foto. O guardador de carros atravessa a rua, bêbado, atrás do pagamento por Ter vigiado um carro que não vigiou. Ele grita desesperado pelos trocados que alguém em um carro que já arranca não vai lhe dar. A foto é pequena, não mostra que um outro carro pode estar vindo no fim da rua e vai se chocar contra o bêbado. Eu vejo o carro, eu desejo que o carro venha com toda a força e lance o homem prá longe dali. Eu já começo a ver mais que a foto! Porque estou fazendo mais que te escutar amiga, mais que isso... Preciso ir embora, preciso mesmo. (O pianista passa por elas e olha para Sara. Após um jogo de sedução, no qual a amiga puxa o braço de Sara, impedindo-a de ir – “não Sara, não” – Sara se vê livre da amiga e o homem e a mulher começam a andar se procurando entre as fotos-estátuas)

Pianista

Estranhas essas fotos.

Sara

É preciso ver melhor.

Pianista

Mas continuam estranhas.

Sara

Eu pensava assim também.

Pianista

E agora?

Sara

São estranhas mesmo. (riem) Mas eu gosto.

Pianista

Você conhece quem tirou as fotos?

Sara

(olha para a amiga que se conserva olhando o casal, fazendo sinais para que Sara vá embora) Mais ou menos. Ela é minha melhor amiga. (riem)

Pianista

Tomara que ela não nos veja.

Sara

Por que?

Pianista

Eu não gosto de ser interrompido quando estou com uma mulher. (Silêncio. Toca a música tema "Por mais vida quis, tão perto ir que pudesse, coração tocar, em paz ficar, se pudesse. Mas não soube ver se alcançou mais perto de quem tocou. Por mais vida, por mais vida, um corpo outro encontrar. Por mais vida, por mais vida, um coração outro encontrar". Continuam vendo a exposição apontando para as fotos e comentando tudo em voz baixa. A fotógrafa arruma-se como para tirar fotos. Eles já se aproximam.)

Sara

Você acredita que existe gente assim como essas?

Pianista

Como... como quem tira essas fotos? (riem)

Sara

se a gente estivesse dentro de uma foto, agora, nesse momento?

Pianista

Um olhar cabe dentro de uma foto?

Sara

Depende do olhar. (riem)

Pianista

248 Você pode ficar em frente de uma foto dessa e com o passar do tempo começar a ver mais e mais que poderia ver um simples olhar no dia a dia. Daí você pára, presta mais atenção e começa a se ver perto de quem está na foto, no mesmo lugar em que a pessoa estava quando posou para a máquina. Olhando mais e melhor você está na mesma situação dele, vendo o que está acontecendo, o conflito que ele têm, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas. Mais, mais ainda, um pouco mais ainda e você e o cara já são quase a mesma pessoa. Seu andar é o andar dele. Os pensamentos que tem são os pensamentos que você tem. Você sente o que ele sente. Mas quando começa a querer sair dali, é como se a foto se rasgasse, e os olhos estão tão vermelhos que não conseguem mais se fixar no que vêem.

Sara

Daí a exposição acabou. (riem) Tá na hora de sair e conversar em outro lugar. (riem e se entreolham)

Pianista

Isso tudo é o olhar?

Sara

Não sei, mas você estava me olhando.

Pianista

(como que surpreendido) como sabe?

Sara

Eu estava de olho em você.

Pianista

Gostei, gostei do seu jeito.

Sara

(hesita e nervosamente responde) Vamos sair daqui, vamos embora.

Pianista

(reticente) Eu nem sei qual é teu nome?

Sara

(divertindo-se ao empurrá-lo para fora dali) Sara, Sara, Sara a mulher do deserto, o sal em teus olhos e lábios. (Saem rindo)

249

(Volta a música tema, enquanto eles brincam de se procurar e se perder no labirinto das fotos, sugerindo o amor se formando, eles se apaixonando, o tempo que passa, fazendo a passagem para a Segunda Parte. A música diminuindo seu movimento e assim vozes e sorrisos pré-gravados se distorcendo)

Parte Dois

Atmosfera de escuridão. Vazio enorme. Após instantes entra o Pianista apavorado, os olhos perdidos de quem busca, a camisa aberta, os cabelos de quem não dorme há alguns dias. Acordes dissonantes como golpes no piano, como passos que prendem os pés de quem anda, as enormes fotos estão cobertas, como se ali fosse uma casa mal assombrada ou um hospital abandonado. O Pianista entra, movimenta-se entre o vazio, a escuridão e o peso dos acordes. Cai esmigalhado no chão, ao canto. Em seguida entra a Fotógrafa andando como se voasse, as enormes roupas gregas que se arrastam até o chão, uma pitonisa, Cassandra. Ela observa tudo, a máquina de fotografar em seu pescoço e mãos. De repente tropeça no homem no chão que a vê mas não a reconhece, ele, preso em seu mundo de sofrimento. Ela tem compaixão por ele. Agacha-se, passa as mãos nos cabelos do homem, pára e observa. Levanta-se e insensível, toma distância para tirar foto. Tira a foto e deixa o Pianista ali no chão, dando as costas para ele. Sai de cena. Soa um improvisado distorcido sobre a música tema. Escuridão. Ele entra novamente em cena e encontra-se com a Fotógrafa, agora vestida como antes. As fotos continuam encobertas.

Pianista

(Segurando a Fotógrafa, bem forte e sacudindo-a) Onde está sua amiga? Fala, onde está Sara? Por favor.

Fotógrafa

Calma, calma. Eu apenas tiro fotos, eu só aperto o botão.

Pianista

(joga a mulher no chão) Eu não entendo. Vocês são loucas.

Fotógrafa

E seu mês venceu. O longo tempo breve demais.

Pianista

O quê? O que você disse?

Sara

A essa hora ela já deve estar com outro.

Pianista

Você não sabe nada. Ela gosta de mim, gosta muito.

Fotógrafa

(Ri) Eu posso tirar uma foto disso, mas eu só fotografo o não se ri.

Pianista

(Irritado, avançando sobre ela) Ela me disse, ouviu, ela me disse.

Fotógrafa

(Irônica) Quando? Após o cinema, quando você a levou pra casa e ela não te deixou entrar? Ou foi quando passaram o dia conversando, andando no shopping, vendo como são tão parecidos? Ou depois do primeiro beijo? E mais tarde quando fizeram promessas?

Pianista

Ela te contou tudo? Ela disse essas coisas?

Fotógrafa

Não precisava. É sempre a mesma história. Você já viu 251
DOCENOVEMBRO?

Pianista

Deixa de besteira e me diz onde ela está. Diz agora.

Fotógrafa

Seu mês acabou, meu amigo. Ela tem um namorado a cada trinta dias. Sara desistiu de viver quando seu marido morreu. Ela tem a doença dele e quer viver um ano feliz até que o fim chegue. Ela viu isso num filme antigo e ruim. DOCENOVEMBRO. Mulher com um ano de

vida troca de amor a cada mês. (ri) É o que eu posso dizer. É só o que eu sei. É uma pena mas seu mês acabou.

Pianista

Que mundo estranho! Você passa a vida escondendo o melhor de si prá alguém e quando encontra não sabe de nada, não sabe nada do que está acontecendo.

Fotógrafa

(começa a preparar a câmera) Fale, fale mais, estou gostando. Conte tudo prá mim.

Pianista

Eu sabia que gostar de alguém era assim, quando você só quer isso, ver a pessoa que você gosta. Ela está doente? Deve ser por isso esse comportamento, deve ser por isso. Mas ela gosta de mim. É impossível que não goste. Eu vi isso. a doença não impede o amor. Com os cuidados o amor é a última coisa que nos resta.]

Fotógrafa

(desanima) Eu gosto de ouvir isso, mas já não há como fotografar. Se há a vitória sobre a dor, eu desapareço. Desista, que logo vamos nos encontrar em algum lugar. Quando tudo se acaba, eu chego.

252

Pianista

Por isso essas fotos, essa miséria para os olhos. Mas você não entendeu ainda. Comigo foi diferente. Por que não pode ser diferente?

Fotógrafa

Não pode.

Pianista

Ela fugiu, quando precisava mais de mim. A vida, a vida outra. Agora eu sou a vida prá ela. Ela pode ser linda apesar de tudo.

Eu não sabia da doença e ela conseguiu fazer com que sua dor não evitasse o sentimento. Uma pessoa pode mais que a dor. Pode, se quiser, não vencer a dor, mas pode mais que ela.

Fotógrafa

Chega, viu, chega. Sara foi embora. Outro vai se encontrar com Sara. Sara e os homens. Não é relação singular e única. Não sofra – ela só quer você pelo inesquecível sofrimento, a impossível foto. A vida dela é algo que se fechou. Deixe Sara em paz.

Pianista

De jeito algum! Não! Seu toque já não era um pedido, nem o olhar um desespero. Ela descansava em mim. Para Sara eu posso ser mais que uma noite, pois ela sabe que eu volto no dia seguinte.

Fotógrafa

Então por que ela se foi e espera agora outro homem? Eles vão jantar juntos. E ela vai ferir o coração dele como fez contigo. Durante doze meses ela prometeu um homem para si a cada mês. Você foi o sétimo, o DOCENOVEMBRO que chegou ao fim. Novembro, belo novembro, mas que passa, doce, doce, contra o sal de Sara.

Pianista

Onde eles estão? Fala. Onde eles estão?

Fotógrafa

Isso, sofra, sinta o coração apertado dentro da mão, algo vivo entre os dedos. A pele das mãos com o calor de algo que ainda respira. Espere, piore, que eu tiro uma foto e tudo se acaba. Daí você pode ir embora.

Pianista

Eu não sou uma foto, entendeu, eu não sou nada disso. Eu sou um homem para uma mulher. Ela está doente, mas não está morta. Está confusa. Tudo isso é medo, medo de viver assim. Todos vamos

morrer mas, sabendo da proximidade, a vida se transforma. É como andar sob a mira de um revólver, mas a gente se acostuma.

Fotógrafa

Ela carrega uma faca na cintura, esperando a hora de romper o que segura sua vida ao corpo. Quando precisar, ela se desfaz de tudo. Quando sua pele parar de suar e as mãos se cansarem, Sara diz adeus.

Pianista

Eu não sou a cura, eu sei, eu não curo. Sara tem em mim algo mais que a cura e a companhia. O amor sabe dar à dor seu peso e lugar. A doença vence apenas como doença. Mas o doente, não a pessoa.

Fotógrafa

(pensativa) como minhas fotos.

Pianista

Como suas fotos. Mas suas fotos não fazem viver.

Fotógrafa

(desperta e solícita) Então corra, vá depressa. Tome. (dá o endereço) Vá atrás dela. E que as coisas ainda possam acontecer.

Pianista

(feliz) Eu sei que podem, eu tenho certeza que podem.

(Toca o tema principal sem distorção. Enquanto isso, a Fotógrafa vai retirando o pano sobre as fotos. Nesse momento, tudo deve estar organizado de forma que apenas as fotos restantes, as que não foram ainda comentadas, fiquem em evidência. A Fotógrafa sai. Volta vestida como a pitonisa, com Sara também vestida do mesmo modo. Agora ambas vão narrar uma grande história. Elas retiram o pano e arrumam as fotos como em uma linha, uma série de monumentos / eventos. Uma narrativa. Falam

alternadamente o texto, saindo detrás das fotos, encenando as fotos, contracenando com as fotos de acordo com o que a rubrica inicial descreveu.)

(foto 8) Se eu por um momento apenas, um momento, esse mesmo. (...) Quando tudo pára e as coisas começam. (...) Já agora, não mais vendo, mas ali. Deixo atrás de mim corredor estreito de um quintal verde-negro-flores-terra, e corro de alguém que me levou prá lá. Corro para que um portão com tranca alta demais, para se alcançar. Mas antes caio devagarinho, o tempo meu de cair, sob o sorriso de uma máquina fotográfica, os olhos no chão se erguendo no pó da terra que engole meu rosto. As mães, calmas em suas conversas, sabem que, limpando a terra, posso me erguer de novo. Mas não sabem o que me fazia correr. Eu corria de alguém. Mas a queda fechou meus olhos.

(foto 9) Com minhas amigas, com minhas amigas, longe dali. O gosto amargo da noite que brilha. Quem me leva, quem me traz? Eu chego? Com minhas amigas, longe dali. Hoje eu, a risada na frente de todos. Copos que caem ainda cheios. O copo esparramado entre caco e gole: "Tudo bem, amigas? Tudo bem?" (rir) O copo estirado na rua. O brilho úmido em mil pedaços. "Amiga, por que você fez isso, amiga, por que? Mas faz de novo, faz." O agudo grito da embriaguez partindo-se. (rir)

(foto 10) Mas eu não quero que o dia venha. Amigas, amigas, ele já se foi? Vocês viram se foi embora? Ele vai ficar bem, agora. Ele vai ficar melhor sem mim. Eu fico esperando, que ele um dia entenda tudo, entenda mesmo. Amigas, amigas, será que ele vai entender? Um dia, será que ele vai entender? Me escutem, por favor, me escutem. Eu vou ficar, vou ficar aqui prá sempre. O corpo aberto ao meio esperando. o corpo em pedaços agora. Amigas, amigas, olhem e digam para ele. Eu vou ficar aqui, eu não vou correr. Eu vou ficar aqui no chão. O corpo em mil pedaços agora.

(foto 11) (luzes vermelhas e azuis e sirenes) o homem morto cavalga madrugada adentro, cruzando a rua em que teus pés pisaram. Abre todas as portas e cala todos os ouvintes. Os carros param para que passe o homem morto. O homem cavalga madrugada adentro, diante dos olhos de todas as cores que não podem mais se fechar.

Pisoteia todas as cabeças e revolve todos os órgãos. A noite expande-se em seu caminho. O homem morto rasga veloz o chão que se abre, em busca da mulher vestida de branco e amordaçada. Corre, morte, se apressa. Cavalga até que o vento se cubra de pedras. O homem morto cavalga madrugada adentro.

(foto 12) "Volta e lembra o que aconteceu, por um momento apenas, um momento e nada mais. Pára na frente de todos que eles podem dizer como as coisas são, garota, como as coisas são. Deixa que te abram, que descubram o escondido, o que te deram uma vez. Abre a camisa, abre. Deixa que toquem, deixa, só uma vez, só uma vez mais, garota. Fica aqui, e pára de correr garota, pára de correr. Por um momento em nossas mãos, deixa que tua boca sinta o calor da nossa boca, o peso de nossas mãos. Em muitos olhos teu corpo se vestiu, em muitos olhos chega a tua nudez. Vem saber como as coisas são, garota, vem agora enquanto ainda pode. Deixa que te toquem e que te abram. Mas pára, pára um momento apenas, um momento."

(foto 13. Música e ruídos de aniversário de criança) agora estou nas tuas mãos, rodando perto da luz que me cega os olhos. Agora tuas mãos me erguem e eu posso saber o peso do ar. Meus pés foram roubados e nada tenho atrás de mim. Tenho certeza que não vou alcançar o portão, tenho certeza. Fecho os olhos e sei que caio, parada presa ao ar. Meu corpo antecipa a queda e não se move. Escuto o abalo da terra e de minha cabeça partida escorre devagar sangue espesso e difícil de limpar. Agora estou em tuas mãos. Ergue o corpo em mil pedaços. Eu vejo muito até ficar doente.

256

(foto 14) "Não vão embora, ainda. Fique mais. Recém chegaram. Por que a pressa? Há mais coisa prá mostrar, entendem? Muito mais coisa. Eu guardei tudo, com muito cuidado. Passei anos organizando. Acho que passei minha vida toda juntando essas fotos. Olhe, peguem esse álbum. Viu? Como está vem organizado. Não, não parem de olhar, eu preciso que vocês vejam. Fiquem mais, não vão embora. Recém chegaram. Um momento só, me escutem, um momento. Não vai demorar. Eu só preciso disso, que olhem e vejam. Olhem, olhem sem pressa e me contem, digam o que vêem, o que está nas fotos. Vocês me entendem, não é? Então por que vieram? Não adianta dizer nada, nada além do que eu preciso ouvir. Digam uma vez por todas o que vocês vêem? O que essas fotos dizem? Qual é a história? Eu preci-

so ouvir a história. Existe uma história aqui e eu já não me lembro. Não me irrite, não me irrite. Eu trouxe vocês aqui prá isso, só prá isso. o que pensavam que era? Ah, uma coisa tão insignificante, um momento só, por um momento parar com a vida de vocês e nada! Um momento só, por favor, não me irrite. Eu quero a história agora. Agora. Olhem com mais atenção. Olhem firme. Falem: o que vêem? O que está acontecendo? Ninguém vai sair daqui enquanto não contar tudo, tudinho. É impossível que não consigam ver algo. Estão me escondendo, hein? Estão me escondendo. Podem dizer tudo, não se preocupem comigo. Digam o que está nas fotos. Sem medo. Podem dizer. Contem a história que todos dizem, contem tudo bem devagar. Digam tudo e podem ir embora. Contem a história que eu deixo vocês em paz.”

(foto 15) Sara, Sara, a bela história de Sara o que entrou dentro dela como um estuprador. Ela foge, ela tenta escapar, o corpo aberto, os braços pedindo, a rua deserta. Sara, eu te ouço, eu posso escutar quem grita no fim da noite. Corre, Sara, apesar dos pés e do corpo em queda. Corre, Sara prá mim, eu que apenas posso ver. Eu vejo, Sara, a bela história de Sara em minha direção e eu correndo mais a frente, uma exposição de fotos desde quando ela era menina até hoje. Sara, a doença entrou no teu corpo como um estuprador e ficou preso dentro. Um filho morto que te come as entranhas enquanto Sara se esforça por fugir. Eu queria parar também, eu queria parar por um momento e deixar de ver prá escutar. Eu quase faço isso, quase. Mas eu gosto de ver Sara, de ver tua bela história para uma exposição, prá que todos vejam somente, vejam as fotos, as fotos de Sara, uma mulher no deserto, entre o sal das pedras abatidas pelo sol. Sara com a doença, Sara sem cura, Sara com seus homens e sem nenhum. Eu te amo Sara, solitária estrela em céu escuro que abafa o calor da terra. Vem, Sara, vem depressa, foge, o corpo em pedaços. Algo te engole desde dentro, garganta fechada que devora tudo o que existe. E esses cacos que não sei o que fazer com eles, memória oculta das coisas, restos de mim... Só você Sara pode dar ordem nisso, só você pode ter uma história. Eu preciso das fotos, eu preciso delas mas eu não sei o que fazer com elas, Sara, não sei mesmo. Porque as fotos, elas, são minhas; mas a vida, a vida é outra coisa. (Saem para detrás das fotos. Toca tema inicial distorcido. Mexer as fotos como paredes de uma casa.

Ao centro uma cadeira na qual a fotógrafa está de vestido negro e longo e capuz, como a Morte. Sara conversa com ela como se a fotógrafa fosse o homem do mês. O Pianista vai a entrar e ver tudo isso.)

Parte Três

Sara conversa com a criatura de capuz. Sara com manchas pelo corpo, camisola rota, cabelos desgrenhados e uma faca na cintura.

Sara

Você gosta de ouvir, não é? Gosta mesmo. Do que eu gosto? Ah, não sei mais, acho que não sei. Mas a gente está aqui, o mês se inicia. Conta pra mim o que você quiser. Fala que a gente pode se entender.

Criatura

Você nem sabe quem sou eu.

Sara

O que importa é que você veio, está aqui.

Criatura

Nunca nego um pedido.

Sara

É estranho, mas é como se você sempre estivesse perto.

Criatura

Como algo dentro do corpo?]

Sara

Isso! Mas pior. Como uma doença.

Criatura

Tudo faz sentido. Deixa em paz, espera.

Sara

Eu não queria que as coisas fossem desse jeito.

Criatura

Não volte atrás. Continue. Vamos acabar logo com isso.

Sara

Mesmo assim eu queria que você viesse.

Criatura

Nada vai trazer o que era antes. Aceita. Esquece. Por isso eu vim.

Sara

De repente fiquei assim. O mal no corpo. Nunca se espera que isso aconteça.

Criatura

Mas aconteceu. Sara, por que você me trouxe prá cá? Tua casa, aqui dentro.

Sara

O novo mês, eu posso ser feliz. Eu posso te fazer feliz.

Criatura

Sara, escuta: eu não preciso mais disso. Não era eu quem devia ter vindo. Por que você me trouxe?

Sara

Mas era você e não o outro, na rua quando passava. O olhar que me convida. O próximo mês.

Criatura

Você precisava trazer um homem. A mulher e o Homem podem ainda. Sara, o homem e a mulher.

Sara

E o que você é? (ergue a faca)

Criatura

Não adianta me matar, não adianta mais a morte. Vê se me entende, não adianta mais a morte.

Sara

Você que não me entende. Você não sabe de nada. Não era prá ser assim.

Criatura

Largue a faca, Sara deixe a morte. A vida, Sara, a vida é sempre o que importa. Entenda isso.

Sara

Eu começo a te odiar muito, mesmo sem te conhecer. Por que você veio prá minha casa?

Criatura

Não é comigo que você tem de lutar. Eu vim porque você me trouxe. Agora preciso ficar e ouvir.

Sara

260

Até que eu morra, não é? Até que eu pare com tudo. Mas não vou parar. Eu preciso. Eu preciso fazer o que faço.

Criatura

Largue a faca. Ela não vai acabar com a doença. Você tem uma faca nas mãos, Sara.

Sara

Um dia alguém morreu em meus braços, agora nós com a mesma doença dentro. Depois encontrei alguém de quem eu fujo. Sempre a mesma coisa que aprendi a fazer igual.

Criatura

Então pára, Sara, pára neste momento e comece a contar. Fale bem devagar. Eu escuto. Conte sua história, Sara, conte prá que eu escute.

Sara

Não há tempo. Posso morrer contando. Que os outros contem, que os outros contem a história. DOCENOVEMBRO, minha vida, DOCENOVEMBRO.

Criatura

Ninguém pode contar a sua história senão você. É como roubar um álbum de retratos de outra pessoa e tentar imaginar o que aconteceu, tentar sentir o que não se viveu. Só podemos viver a vida, Sara, a vida que se viveu.

Sara

É porque ele não vive, é porque ele não vai voltar que eu sei que posso continuar fazendo o que faço. É porque nada me resta, nem eu mesma é que posso continuar assim. Você não sabe, nem pode entender o que é carregar seu homem dentro de si, calado, morto como algo que te arrasta para baixo e te aperta a boca e o nariz. As mãos em meu corpo eu sinto, as dele. Isso é a doença, a doença em mim.

Criatura

O que não entendo, Sara, é como o pior te sustenta. Você me trouxe para sua casa, mas não há lugar prá mim. Porque o pior te sustenta. (ela ergue a faca e vai em direção da Criatura que se levanta. Lutam. A luta pela vida ou pelo o que se pensar ser a vida. Sara dá mostras de cansaço e cai aos pés da Criatura. O Pianista passa olhando como se pusesse os olhos em uma janela. Vê Sara aos pés da Criatura encapuzada, chorando. A Criatura acaricia os cabelos de Sara. A Criatura com a faca de Sara nas mãos contempla a suplicante. A criatura está prestes a dar seu golpe de misericórdia. Desesperado, o Pianista começa a se movimentar procurando uma entrada e esmurra a porta.)

Pianista

Desculpe, você já tem alguém. Meu mês acabou.

Sara

Quem te contou essas coisas?

Pianista

Não importa agora. Vou embora. Continue sua loucura, esse medo de viver que te mata.

Sara

Você não entende. Ele...

Pianista

Por que você fugiu de mim, Sara, por que?

Sara

Eu precisava.

Pianista

Agora existe este aí. Agora é tarde.

Sara

Ele vai embora.

Pianista

Eu também, todos, ao fim de cada mês.

Sara

Meu projeto! Era como eu fazia para que existisse um lugar em mim que a doença não chegasse.

Pianista

Você tem uma doença, Sara, uma loucura que é fatal. Essa é uma das coisas que você tem. Mas está perdendo o resto. O corpo

estilhaçado como um copo cheio de cerveja jogado contra o chão.

Sara

E o que posso fazer. A dor é essa e nenhuma outra. A doença é assim.

Pianista

Você quer continuar sozinha, como essa doença que vai tomar conta de todo teu corpo até não sobrar mais nada. Você quer continuar como uma fotografia que ninguém conhece, perdida em algum álbum velho. Uma foto sem legenda.

Sara

Eu tenho medo, muito medo.

Pianista

É o que você tem. As pessoas do mês que acaba, o tempo da sua vida se acabando, Sara.

Sara

(amorosa) Mas quando termina, meu bem, quando tudo isso termina?

Pianista

Sara, pare de ver e ouve: eu vim por você.

263

Sara

Quando tudo isso termina? Eu não agüento mais.

Pianista

Fazendo o que você faz, não agüenta mesmo. Você é tão forte para a dor. Por que não seria mais forte para o melhor?

Sara

Eu só sei fazer desse jeito.

Pianista

E agora esse outro homem... Como você pode, Sara, viver assim, repetindo um filme ruim. A vida menos, pensar que tendo o pouco tem muito.

Sara

É meu momento, o único que me resta. Eu queria que vocês dois fossem embora e me deixassem só. (a Criatura deixa a faca na cadeira)

Criatura

Você me trouxe até aqui prá isso?

Pianista

Eu vim primeiro.

Criatura

Mas ela me quis. (pega a faca)

Sara

(para o Pianista) Meu bem, não se arrisque. Ele traz a morte.

Pianista

Só se você quiser, Sara. Querendo, tudo isso acaba.

Criatura

(tira o capuz e se revela. A Fotógrafa e sua máquina, como no início. Nenhum dos dois estranha a revelação, como se tudo continuasse na mesma) Eu já disse, ela me quer. Este é meu mês.

Sara

Um momento só, esperem um momento só, por favor. (Sara se interpõe entre o Pianista e a Criatura)

Pianista

Você não entende: você não pode entender o que não tem. Deixe Sara comigo. Vá embora.

Criatura

Ela me trouxe e gostei. Quero mais, quero ver seu corpo se desfazendo enquanto tiro fotos.

Sara

(para o Pianista) Me ajude, eu peço. Você me faz adormecer e ter sonhos. As mãos em meus cabelos fazem com que eu pare de fugir e ter medo. Interrompi a queda prá ser leve, amor que me traz de volta.

Criatura

Você me trouxe e eu vou ficar. Estou dentro de você como uma doença com a qual se conversa. Os dias passam em minha companhia, eu, vendo em teus olhos, comendo tua comida e apressando o dolorido fim. Por isso eu luto para viver, como você luta em sua agonia, pequeno mundo de mulher, a dor maior virando angústia, dor da própria dor, doendo onde já não existe mais onde possa doer mas encontra como. (Pianista beija Sara) Por quanto, Sara, por quanto tempo tenho que esperar, a inevitável queda? O chão não será leve para teu corpo. Mão alguma poderá segurar teu peso contra a terra. Essa demostra me irrita, eu, que apenas vejo e não posso sentir. Por quanto tempo, Sara, desde quando te vi no Hospital e trouxe tua vida nas fotos... (fecha-se a cortina atrás, ficando sozinha a Criatura em cena, abraçando-se na cortina como se tudo não passasse de seu imenso vestido. Ela fica maior e mais alta e fala) Como é bela a história de Sara, ela, a única história sua. O amor que ainda pode existir. (arfando. Descansa. Os olhos em ira. Para o público) Mas chega, vão embora, vão embora todos vocês. Levem as fotos, vejam as vidas todas. As vidas do tamanho de uma fotografia, vidas que vigio com meus olhos, acreditando que eu possa vencer com a dor e o desespero a própria vida. Sara, mulher de uma cidade cheia de pessoas atrás de histórias, procurando

lembrar quem são, entre as ruas de uma noite que se revira bêbada e distante. O sal de teu rosto é o suor de nossas pedras cansadas de erguer retratos de gente que, com medo de viver, foge, foge correndo de me ver frente a frente. Eu, aquele que ronda, que te vi andar e comemorar aniversários. O estuprador goza no silêncio de seus olhos fechados. A vida deve continuar mesmo assim (entra para dentro da cortina. Acordes no piano. Música tema. Abre-se a cortina. O Pianista tocando um improviso sobre o tema com Sara feliz e bem vestida a seu lado. As fotos estão como do início da peça. Após alguns instantes entra a Fotógrafa regendo os dois com a faca. Felicidade geral. Sara e o Pianista cantando a música tema. Leve estremecimento geral no fim do tema tocado com pequena distorção.)

Acid House

para Murilo Grossi

O primeiro homem foi teu irmão e ele te matou. O primeiro homem deixou que te matassem. Você morreu pelas mãos do primeiro homem. Não se pode esquecer que foi o primeiro homem que tirou tua vida. E agora, meu irmão? E agora? Como esquecer que teu irmão te matou? O primeiro homem foi teu irmão e ele te matou.

Momento Primeiro

Música-tema em melodioso solo de saxofone do irmão mais novo. Escutamos mas não vemos. Atrás de um biombo, ele se contorce em seu solo. O piano do irmão mais velho faz as quebras de ritmo, como se seguisse tudo de longe. Estamos no apartamento de cobertura do irmão mais velho. Hoje vamos ter uma reunião de família. Advinha quem vem prá jantar? Há muito tempo que a família não se reúne, pois já não existe mais. Desde que mamãe morreu ou fugiu. Da cobertura vemos as luzes da Grande cidade. Após o duelo/diálogo musical, eles começam a conversar. O irmão mais velho vai para o bar como se fosse preparar uma bebida. O irmão mais novo fica alheio a tudo, tocando seu instrumento, olhando para o infinito, ensimesmado com sua música. O irmão mais velho prepara a bebida olhando o mais novo, rindo, vendo como alguém pode perder sua vida no abstrato do pensamento. Problemas tolos. Agora o amor. Há tempo para amar enquanto pensamos ?. O irmão mais velho oscila entre pensar e tocar, enquanto o

irmão mais velho ironiza este comportamento, na medida em que prepara os drinques.

Irmão mais velho

(com a voz de quem tem problemas cardíacos, mas se esforça pela ira exuberante em estar vivo. A agonia controlada)

Uma bebida. Ah não. Esqueci que você não usa mais essas coisas e outras mais... (ri) Então, por que veio aqui, por que voltou? Você não devia ter vindo. Hoje a noite o Pai me visitar. Fiz um jantar para ele. O Pai não gostar de te ver. Faz tempo que vocês não se encontram. Ainda bem. Não estrague essa noite, por favor. Pelo menos faça uma coisa útil na vida: desapareça.

Irmão mais novo

(a voz da busca, as idéias em sua cabeça, a perseguição de algo que não é este agora nem este momento. A brutalidade de quem não quer ouvir pois já não é desde mundo. O cansaço de quem ficou velho antes do tempo.)

Não vou ficar para essa reuniãozinha. Estava perto. Não sei porque mas decidi fazer um visita.

Irmão mais velho

268

Visita? Ora, meu irmão, a gente nunca foi disso. É um mistério a gente ter sobrevivido em meio a tanto ódio. Não entendo como você ainda esta vivo. O mundo imenso em sua luta...

Irmão mais novo

Mas eu vim te fazer uma visita. Tenho pensado nisso muito nos últimos dias.

Irmão mais velho

Pensado em vir aqui? Sua cabeça pousou? E aquelas suas idéias, e aquela sua coragem de negar tudo?

Irmão mais novo

Nada mudou, meu irmão, nada. Vir aqui não é pedir perdão. Eu precisava te encontrar. Mesmo numa noite como essa. Mesmo com esse jantar. Mesmo que ele venha.

Irmão mais velho

Não fale dele como alguém sem rosto ou nome. Ele é o pai, irmão. Ele foi a vida para esse teu corpo.

Irmão mais novo

Todos os dias eu ando atrás de algo, pelas ruas, entrando e saindo de lojas, por entre os objetos e as multidões. Todos os dias eu busco, olhando as pessoas, escutando o que dizem, suas vidas, que anoto e esqueço. Um homem por entre tudo isso, andando com os bolsos cheios de anotações.

Irmão mais velho

E sóbrio. Por que parou de beber.

Irmão mais novo

Para ouvir e ver melhor. Daí eu vim parar aqui.

Irmão mais velho

Não era preciso nada disso. Não precisava ter vindo nem parado de beber. A família acabou faz tempo. O éden já não é o mesmo faz tempo. Beba um pouco, beba tudo que puder. (oferece o drinque. O jovem pega a bebida, deixa perto de si mas não bebe.)

Irmão mais novo

Eu não sei: a gente passa a vida inteira atrás de alguma coisa que pode estar tão perto. E hoje eu sei que o que quero está bem aqui. Por isso vim. Você ainda é meu irmão, apesar de tudo...

Irmão mais velho

Então fica andando o dia inteiro hein?(o outro concorda.

Começa a beber) E isso vai dar aonde? Vai te trazer o quê? Você se parece com mamãe, que Deus a tenha. Sempre com a cabeça em outras coisas, longe daqui. O Pai nos dá a casa. O pai brigava com a mãe por causa dessa vida desesperada, vida que busca vida em tudo. Bebe, meu irmão, bebe muito. Olha como as coisas podem ser diferentes.

Irmão mais novo

Tem uma mulher que me persegue, cara, uma negra, um negra diaba.

Irmão mais velho

Sério?

Irmão mais novo

De verdade. Eu acordo, atravesso a rua e vou lanchar na padaria. E ela vem atrás de mim. É magra, alta, uns olhos negros em cima de mim, uma bunda linda se oferecendo.

Irmão mais velho

Que mais, conta.

Irmão mais novo

270

Daí eu peço um leite com toddy e um mixto quente. Ela pede a mesma coisa. Eu não olho para o lado, mas sei que sua boca devora cada pedaço do que come, bem devagar, para que eu escute sua boca e sinta como o corpo pode ser tudo em uma noite, a gente dentro um do outro, seu corpo forte e magro descobrindo-se para me engolir.

Irmão mais velho

E você...

Irmão mais novo

Essa negra diaba! Eu não sei de onde ela saí que não tem ninguém mais lá do meu lado, que eu já voltei para casa. Atravesso a rua e ela está vindo em minha direção. A negra diaba que me vê dentro

de meus olho, enorme ela, bem em frente de mim, respirando o ar que acabo de respirar.

Irmão mais velho

(ri) O Pai sempre gostou das negras. Das mulheres silenciosas em sua alegria e prazer. Nada de mulher para falar. O Pai sempre quis só a mulher e mais nada. Uma mulher e ele no meio dela. O pai sempre fez isso muito bem(ri).

Irmão mais novo

(Desespero) Será que você não entende nada, será que não me ouve?

Irmão mais velho

Você está com medo, meu irmão. Mas o medo é mais que isso. Isso é só o começo.

Irmão mais novo

Essa negra diaba não m deixa em paz. A Júlia eu acho que já sabe de alguma coisa. Eu sempre conto tudo prá ela. Mas agora é diferente. Eu só penso nisso, viu, eu só penso na hora de me livrar de tudo.

Irmão mais velho

Não me diga que você quer contar o que aconteceu prá sua mulher? Você não entendeu como as coisas são?

Irmão mais novo

Mas não aconteceu nada. Mesmo assim eu preciso contar. Não é normal. Eu veja essa negra o dia inteiro. Ela só me quer como homem, eu sei. Eu inteiro dentro dela, enquanto ela ri dizendo que quer mais e eu não posso dar mais do que tenho. Não sei seu nome, mas ela não vai ficar satisfeita. A negra diaba em tudo que eu tinha medo, o pai surgindo em minha vida outra vez, com sua vida de Pai , Pai e suas mulheres, todas as casas com filhos e mulheres e filhos esperando o Pai que não chega nunca. Eu preciso contar para Júlia,

acabar com isso, não deixar que essa sangue vença tudo o que consegui mudar, tudo o que fiz de outro jeito. Júlia precisa saber que uma mulher ronda nossa casa e eu não posso deixar que novamente a casa perca prá rua.

Irmão mais velho

(gargalhada) Isso parece história de bruxa e João e Maria. Mas diferente. Eu não sei se você é João ou Maria. Ou a bruxa(gargalhada) Eu só sei que você precisa beber mais. Eu não queria que você viesse logo hoje, nesse jantar para o Pai. Beba muito, e fale demais. Eu sou seu irmão. Nada vai acontecer. Beba tudo o que quiser. A casa é sua. Hoje a casa é toda sua. Coma e beba todas as coisas, meu irmão. Deixe a que a noite entre inteira dentro de ti. Espere rindo a madrugada. Esqueça tudo. O pai está chegando. Vamos conversar com ele, vamos ver o que ele tem a dizer. Ele sempre soube como resolver uma situação como essa. Ele mesmo era a própria situação.(gargalha. Música. Duelo inebriante entre os dois, O piano em clusters, o sax em fôlego que morre, agonizando. O Mais novo deitado no sofá)

Irmão mais novo

Tudo podia ter sido diferente, a nossa família..

Irmão mais velho

Mas não foi.

Irmão mais novo

Mas a gente podia fazer uma coisa nova. O pai errou.

Irmão mais velho

É o que você pensa, irmão, é o que você pensa. Você pensa muito, pensa demais para meu gosto.

Irmão mais novo

Com Júlia as coisas tem sido diferentes. Quando vierem os filhos...

Irmão mais velho

É por isso que ainda são diferentes. Com os filhos você verá que o Pai estava certo.

Irmão mais novo

Por isso você não conseguiu nada! É por isso que você defende o pai.

Irmão mais velho

O pai é preciso, o Pai deve ser defendido. A mãe morreu, foi embora. O pai é o que importa.

Irmão mais novo

Fala, me diz: por que você não se casou com Helena. Helena era o amor na vida de um homem.

Irmão mais velho

Helena o pai não quis. O pai não queria que eu quisesse. O pai sempre gostou mais de você. E quando a mãe morreu e você jogou na cara dele que ele era culpado, que ele tinha quebrado o coração da mãe com tantas traições. Daí ele te odiou. E eu também. Você disse o que não podia viver. Enquanto você viver, não há casa, o pai não vem aqui. A sua vida é lembrança que o pai errou. Você é mais forte que a morte da mãe. Por isso bebe, bebe e aproveita. Tudo vai acabar bem. Independentemente de nós, irmão, é preciso que tudo termine assim, da melhor maneira.

273

Irmão mais novo

Helena, irmão, Helena. Uma mulher nada vida de um homem. Isso faz com que as coisas comecem de novo, uma vida nova pra se viver. Helena não é uma mulher morta. O pai é venceu por causa de um cadáver. Quando o coração pára, o Pai é pressa em sua rotina.

Irmão mais velho

Mas o pai não quis Helena, uma das poucas mulheres que o

pai não quis, além de nossa mãe. Eu não sei porque o pai não gostou de Helena. Mas Helena sabia de tudo, Helena sabia que eu poderia ser o Pai. E ela foi embora. O pai podida ter ficado, mas você não deixou. A culpa é toda sua, irmão, toda a culpa. Hoje a noite tudo será resolvido. Uma jantar nos põe frente a frente com o que queremos. A noite nos faz iguais pela queda e embaraço. Vamos comer juntos, vamos comer juntos como uma família.

(música-duelo que vai cessando até que uma voz extremamente feminina canta a canção que nos despede a vista para outro palco sobre nossas cabeças:

O teu pedido me enfeitou
entre meus seios nova flor surgiu
e de manhã eu pude ver
como teu corpo é azul.

A cada noite sem saber
contava estrelas no lençol
caindo todas lá do céu
quando teu corpo escureceu.

Eu que pensava te amar
com essas flores me contentei
e de manhã me resta ver
teu corpo azul escurecer.

Eu que pensava te amar
a vida inteira entre lençóis
agora vejo lá no céu
teu corpo-estrela a se mover.

A cada noite eu quero mais
com essas flores em minhas mãos
ver teu corpo azul se revirar
por entre os lençóis do céu.

Momento Segundo

Irmão mais novo

(como que acordando de um porre) Escuta, cara escuta. Eu não estou bem.

Irmão mais velho

Você nunca esteve, irmão, você nunca esteve tão bem agora.(vai arrumando as coisas para o jantar)

Irmão mais novo

Esse negócio de beber não presta(bebe mais). A gente pode fazer coisas que não queria.

Irmão mais velho

Ora, irmão, deixa disso: você saber que é mentira. A gente faz o que quer. E a bebida ajuda (bebe e ri. Traz os talheres e os pratos)

Irmão mais novo

Quando a gente era pequeno eu acordava de madrugada para olhar o céu. A minha estrela. Tinha uma estrela lá fora só prá mim.

Irmão mais velho

Como você sabia que era sua?

275

Irmão mais novo

Era a que mais brilhava. E eu nunca era triste. Sabia que havia uma estrela. Depois nunca mais olhei prô céu, com medo, desde que a mãe descobriu tudo.

Irmão mais velho

Ou você inventou tudo... Você pensa que viu o que viu. Assim como essa estrela no céu de não sei onde. Garoto idiota perdido e com medo fazendo com que tudo deixe ser o que é. O pai vai chegar

logo e eu queria que ele desse uma lição em você. Mesmo que ele não dê, que ele deixe que eu bata em você.

Irmão mais novo

(Rindo)

Irmão mais velho

O que foi? Por que o riso? Está bêbado... Isso é bom. A carne se fragiliza quando a alma está úmida.

Irmão mais novo

(Rindo)

Irmão mais velho

(vai e sacode o irmão)

Acorda, larga disso. Ainda não é a hora. Logo, com o Pai vamos saber o que fazer.

Irmão mais novo

E se tudo não passasse de uma história mal contada, um resto de história anotado em um papel amassado, uma história que tirei de um livro sobre civilizações antigas perdidas. (fica sério, ergue-se) Hein, meu irmão: o povo dos Parragotes, enfiados em sua montanha, adorando as chuvas, cantando quando as chuvas chegam .

276

Irmão mais velho

Me larga seu louco.

Irmão mais novo

O povo dos Parragotes(começa a fazer seu ritual-dança) canta as chuvas novas e as que virão. O povo dos Parragotes esperando que as águas cessem e que possam cruzar o grande mar. As muitas águas sobre nós, os pés presos na lama que restou, os filhos do povo dos Parragotes caindo diante de nossos pés. As bocas gritando "salvem nosso meninos, salvem os pequenos deuses". E os homens do povo dos Parragotes arras-

tando as mulheres, continuam a marcha, deixando a lama sufocar as gargantas dos meninos deuses. "As chuvas nos trazem a dor, por isso cantamos com as águas a memória da dor de ontem. As muitas águas nos abrem a pele, as muitas águas nos fazem sofrer."

Irmão mais velho

Isso é de verdade?

Irmão mais novo

Por isso eu olho a estrela, a que se salvou de tudo isso, o olhar único no céu, o céu longe dos homens, os braços dos homens não podem alcançar o céu.

Irmão mais velho

E o que isso tem a ver com a gente, meu irmão?

Irmão mais novo

Daí eu sinto algo ruim em mim quando lembro que olhava a estrela e não posso mais. Tenho medo de olhar para o céu e não ver mais a estrela. Tenho medo de ter virado um que mata os meninos, que arrasta as mulheres e deixa a lama acabar com tudo. Tenho medo de ser o Pai. Foi o pai quem matou os meninos, irmão, foi o Pai quem nos deixou morrer. Será que você não entende isso, será que um irmão não pode entender o outro?

Irmão mais velho

Pegue suas histórias e saia de minha casa. Pegue essa sua vida covarde e saia daqui. Porque eu começo a ver que não adianta nada essa noite. Mesmo que eu faça o que deve ser feito, não se vai adiantar. Você tem a loucura da mãe. Você tem o olhar de uma mulher má.

Irmão mais novo

"Ai, coitados dos meninos, dos filhos de Deus, encharcados de vida nenhuma, debaixo da terra que come seus olhos. Ai, os coitadi-

nhos, os filhinhos de Deus, a almas novas sem rostos, a bruta revelação”

Irmão mais velho

(empurrando o irmão) Saia daqui, eu já disse saia. O api vai chegar e você não via estragar a janta.

Irmão mais novo

(Provocativo) “ai coitadinho do filhinho do papai, esperando papai voltar, papai que não chega, papai tão bom fora de casa.

Irmão mais velho

Vai, continua. Tudo bem (aplaude).Vamos ver o Show de meu irmão, vamos ouvir suas doces palavras de irmão.

Irmão mais novo

(narrando, como num filme). Chovia muito, as muitas águas. A gente em casa esperando a chuva passar. A mãe preocupada. Papai no carro, tinha saído cedo, num domingo. As muitas águas sobre nós. Mamãe doente na porta olhando o mundo se acabar com tanta chuva. De repente uma luz no meio das águas. O farol do carro, papai voltando. É bom ver papai de volta.

Irmão mais velho

278

(Bebendo e oferecendo bebida a seu irmão) Continua, fala tudo, traz de novo tudo o que aconteceu. Você sempre lembra disso, você nunca esquece.

Irmão mais novo

Só pude ver os gritos de mamãe correndo na chuva prá nunca mais voltar. O pai não vinha só vinha com sua companhia. A escuridão alta ao seu lado. Os olhos brancos como uma estrela no céu. A nova “namorada”do papai. Ele bêbado beijando a noite negra.

Irmão mais velho

Você devia continua nas ruas, caçando suas histórias em busca do que se perdeu. Você não entende bem as coisas. A gente quis que você entendesse. A gente tentou o melhor. Mas você seguiu o caminho da loucura. O pai vai te encontrar como daquela noite.

Irmão mais novo

Não deixe que eu fique bêbado, irmão, não deixe. O pior pode acontecer.

Irmão mais velho

Eu sei.

Irmão mais novo

Eu posso não voltar mais daquilo que eu persigo, algo em mim como as águas dentro da noite. Eu posso virar um personagem de tudo isso e acabar minha estória, como uma civilização perdida dentro de um livro velho que ninguém lê. Eu posso acabar como uma civilização morta em gemidos.

Irmão mais velho

Mas agora você começou tem que ir até o fim. Por que você voltou? Por que veio até aqui? A tua estrela te guiou? Os faróis dos carros te cegaram?

Irmão mais novo

Não: tudo isso é pouco ou nada. Eu sinto outra coisa.

Irmão mais velho

Você deve fazer como o Pai: correr muito, deixando tudo prá trás. Ele sempre dirigiu muito e rápido. Nunca parou em um sinal vermelho. Porque homem é assim: um carro chegando em algum lugar, o mais depressa que puder para logo ir embora dali. A velocidade mata a distância e recolhe os lugares. O Pai não olha estrelas, ele vence a luz.

Irmão mais novo

Se não fosse a negra diaba, o Pai ainda estaria em casa.

Irmão mais velho

Os homens não querem a casa querem a mulher. A casa é um tempo, metade de um tempo menos um.

Irmão mais novo

Agora eu tenho medo, muito medo de cometer o pecado imperdoável. Você sabia que existe um pecado que nem Deus perdoa?

Irmão mais velho

Você leu isso nas suas civilizações perdidas."Os parragotes nifingarrotes voz populi amendoim. Os garracox trememfix escondemmots avisavis" Irmão, irmão: você já não é mais um homem.

Irmão mais novo

Eu acho que cometi o pecado imperdoável. Não: venho pecando, pecando, sabendo disso até não sentir mais nada. É aí que vem o pecado imperdoável. Quando não se sente mais. Quando sempre se faz a mesma coisa errada até que não haja mais o erro prá você. Tudo resumido à sua pessoa. Não há mais mundo. Daí não há perdão. Deus morreu sobre as águas do abismo. Tudo agora é passado e não voltará. E eu cheguei a isso agora. Ao pecado imperdoável irmão, quando a gente não sente mais nada, uma pedra sobre nossas cabeças e eu debaixo de tudo, vendo apenas, imóvel.

Irmão mais velho

Eu queria que você fosse um homem como o pai. Mas para você ser um homem vai ter que nascer de novo. Com você as coisas não podem acontecer. O pai anda depressa, corre, a velocidade em suas costas. Tudo fica atrás. Agora você vai dormir e sonhar. Eu vou te levar prá longe daqui. De volta prá onde você veio. Eu não quero que você estrague nosso jantar.

Irmão mais novo

Ai, coitados dos filhinhos de Deus, assassinados, assassinados. A culpa é minha, a culpa é minha. Eu cometi o pecado imperdoável. Maior que a morte, maior que tudo é não sentir mais nada. É ser o Pai que já não sente. O Pai com seus homens, andando com eles. A lógica dos homens, ser homem sempre em qualquer lugar.

Irmão mais velho

Cala a boca e anda. O jantar está quase pronto. Fala baixo. Logo o Pai vai estar aqui.

Irmão mais novo

Assassinados, todos eles, mortos, mortos. Os filhinhos de Deus. As muitas águas sobre nossa cabeça. O pai não sente mais nada, me ouviu? Quanto mais prazer, mas ele quer. Seus homens sabem bem disso. Naquela noite eu vi tudo. Eu vi o pai com sua "namorada".

Irmão mais velho

A loucura da mãe em você, irmão. (enfiando bebida em sua boca, sufocando-o, a luz fechando a cena) Agora beba tudo isso e engole essas visões. Vem comigo jantar.(Piano e sax em luta. A luta alterna astuciosas alterações e estudos como se de longe se ferissem. De repente cresce a intensidade até a luta física de sons, como golpes. O sax vai enfraquecendo pois foi mortalmente ferido. Após alguns instantes o piano faz sua exibição de vencedor.)

281

Momento Último

Entrada triunfante do Pai. Percussão ensurdecadora. O pai vem descendo uma escadaria. Chega ele com um cetro, um Papa vestido de negro e anéis, um Papa vestido de piloto de fórmula um, luvas e protetores para a cabeça. Ao seu lado, uma beldade ébano, alta, com o rosto encoberto, a noiva do Papa negro, um belo travesti. O Pai chega balançando seus colares e pulseiras e uma sacola de mão cheia de

moedas. Lança algumas, rindo para a platéia. O irmão mais velho está fazendo exercícios físicos em uma barra. Ao centro, a mesa posta para o jantar, uma mesa grande com o jantar-cadáver coberto.

Pai

(Um baixinho gordo, com seu manto arrastando no chão, voz de quem sabe das coisas, de quem muito viveu e conseguiu tirar prazer de todos os contextos e ficar livre deles, voz de quem ainda não saiu do último porre e arranha a garganta com o pigarro eterno.)

Como o Éden mudou, meu filho, como mudou.(sempre que falar o filho mais velho concorda com palavras e gestos de assentimento e reverência. Ao concordar, o Pai balança a sacolinha com as moedas) Bem, como você sabe, eu sou teu pai, você é meu filho (...) Eu não presto muito, eu não valho nada, mas eu sou teu pai, você é meu filho (...) Eu sou cheio de defeitos, todos dizem isso, mas eu sou teu pai você é meu filho (...) Você tem todo o direito do mundo de me condenar, de me odeia com todas as suas forças (...) mas eu sou teu pai, você é meu filho (...) Você tem todo o direito de querer meu mal, e até fazer, mas não pode (...) por que eu sou teu pai, você é meu filho (...) Por isso vim prá esse jantar. Nunca gostei da família, entendeu? (ri. O Filho mais velho ri também e se exercita exibindo-se mais e melhor para seu pai que dele se aproxima e o toca, como se o ajudasse, como se o desejasse.) Nunca gostei mesmo! Sua mãe, que Deus a tenha (ri) era uma santa! Mas eu não conseguia a casa, todos os dias a casa.(ri) Eu não queria aquela casa, mas as outras.(ri) Vem meu filho, me mostre o que há prá comer. Eu tenho fome. Eu sempre tenho muita fome (desce o filho das barras e troca de lugar com ele. O Pai está das costas do filho, balançando-se. A deusa de ébano olha e bate palmas lentamente, como se chamasse alguém, como se contasse o ritmo dos exercícios) A grande vida, meu filho, será que me entende? (ri) A sua mãe não cozinhasse bem, a casa tinha um cheiro insuportável de comida ruim.(ri) Por isso eu vim para esse jantar. A sua mãe morreu, a casa não existe mais. Será que você me entende, heim? Será que um filho entende quando seu pai ensina como é a vida? Eu sou cheio de defeitos, mas uma coisa eu te digo : Eu sou teu pai, você é meu filho, eu sou teu pai,

você é meu filho. Ouve meus conselhos. E promete, promete que nunca vai casar com uma mulher louca. Uma mulher louca te faz perder a vida, meu filho. Será que você me entende ? Por isso eu vim prá esse jantar. Será que um filho entende quando seu pai ensina como é a vida?

Irmão mais velho

Quem é essa mulher, pai?

Pai

Prá quê quer saber?

Irmão mais velho

Ela se parece com Júlia, a ex mulher de meu irmão.

Pai

Realmente, Júlia era uma linda mulher. Uma mulher de se querer. Uma mulher entre as pernas, os cabelos nas minhas mãos, presa a mulher entre minhas pernas.(ri)

Irmão mais velho

Ma ela se parece mesmo é com Helena. Você não gostava de Helena, Pai.

Pai

Não era mulher para você, meu filho. Era prá mim. Todas as mulheres do mundo são do Pai. E era bom que você não sofresse. Sem Helena sua vida seria mais suportável.

Irmão mais velho

Eu entendo, Pai, eu começo a entender agora. Eu sou seu filho. Eu sou cheio de defeitos, mas sou teu filho. Por isso o jantar, por isso o senhor veio esta noite. Eu entendo bem. Tenho feito progressos . Hoje não vou decepcionar o senhor. E eu não sou como o outro... O senhor vai ver. A noite vai mostrar o que se esconde no coração. Este jantar começa um novo tempo entre pai e filho.

Pai

Mas ela se parece na verdade é com sua mãe. Você sabe que sua mãe foi embora de casa. Você ficou do meu lado. Isso foi há muito tempo. Sua mãe não era uma mulher, era uma diaba de verdade. Nunca entendi como alguém podia olhar daquele jeito e continuar vivo. Não era gente, não. Os olhos em tudo, sabendo o que se passava dentro de minha cabeça. Aonde eu ia, nos infernos mais entupidos de sangue e urina, ela me encontrava e me trazia de volta para casa. Até que tudo acabou.

Irmão mais velho

Realmente, Pai, o senhor agora não está mais mentindo. Ela se parece com mamãe. Tirando a cor, ela é a cara de mamãe.

Pai

E mudando o sexo também. (Riem. Começa uma sessão musical entre o piano do filho mais velho e a louca percussão do pai. Tudo acompanhado pelos improvisos vocais da deusa negra)

Pai

Como eu gosto disso, como eu gosto.

Irmão mais velho

Eu sempre quis ser igual ao senhor.

Pai

Como é bom todos os caminhos se encontrando, a alma longe, o coração derramando-se entre as pedras.

Irmão mais velho

Desde pequeno, desde pequeno eu queria ser igualzinho ao senhor.

Pai

Mas você nunca vai conseguir, meu filho, nunca mesmo.

Irmão mais velho

Eu não sou mais o seu garoto...

Pai

Você nunca foi, meu filho, nunca, nem vai ser .

Irmão mais velho

Nem meu irmão também, nem meu irmão. (continua a música)

Pai

Eu sempre gostei de homens, eu sempre achei os homens melhor. Era preciso ser homem, sempre foi assim. Eu sou desse tempo meu filho, eu aprendi dessa maneira. Ser homem é melhor. Não por causa da força, mas porque ser homem faz com que a gente evite a loucura, a loucura que as mulheres têm. Um homem com a loucura das mulheres não dura muito tempo nesse mundo. Por isso é bom sempre ter várias casas, ter várias casas e nenhuma. Ficar pouco tempo em cada casa para não acabar ficando louco como as mulheres dessas casas, ficar com a voz e o corpo de mulher louca. Seu irmão não entendia isso. Ele me odeia mas não sabe porque. Me feriu sem saber que jogou fora a cura. Seu irmão pensava demais. Ele queria as mulheres. Agora a loucura delas deve ter tomado conta dele. Um homem deve gostar dos homens para ser homem. Andar com eles, fazer o que eles fazem. Um homem não é nada com a mulher. Um homem só pode ser o que quer com outros homens. Seu irmão não entendeu isso.

285

Irmão mais velho

Nem vai mais. É tarde prá ele. Vamos comer, Pai, vamos. Traga sua nova mulher. Ela pode nos servir. Ela pode nos amar. A noite é tudo na vida de um homem. O homem sabe que a noite demora mais quando há fome. (continua a música. Num biombo lá trás o sax toca . Todos vão para a mesa. Sentam. Arruma-se para comer. Um corpo está encoberto pela toalha. Um feliz jantar para todos. Apagam-se as luzes. A comida é revelada. O pai grita:” não, não, meu deus, meu deus. Por

que ? Por que ? Meu filho, meu filho !". Entra música final. O conjunto reunido: piano sax e bateria. Ao fundo, vocalises. Após este aquecimento entra a canção:)

Ontem
dois garotos saíram de mim
apressados prá morrer
sem nome prá se divertir.

Ontem
dois garotos voltaram aqui
mesmos olhos sem busca
mesmos dois olhos sem querer.

Ontem
dois garotos foram perguntar
as coisas novas de se comprar
as outras coisas onde encontrar.

Ontem
dois garotos eu encontrei
dois garotos que eu mesma levei
prá longe do cheiro ruim.

Ontem
não adianta me perguntar
eu nem sei o que falei
é difícil me lembrar.

Noite
a notícia já vem de cor
a resposta vem de avião
vou dormir mais colorido.

Noite
os mesmos vão dormir
as meninas vão gritar

estourar os meus ouvidos.
Noite
a bandeja te escolheu
e estes beijos não são teus
e o riso dessa boca.

Noite
com tão pouco é bem pior
a saída já vem depois
é só deixar uns trocados.

Ontem
dois garotos vieram aqui
dois garotos de algum lugar
dois garotos lugar nenhum.

Aluga-se

Personagens

- Liu
- Fúvio
- Músico Cleverson
- Dayse
- Advogada Lúcia
- Carlos Eduardo, vulgo Cacá
- Daniela

1

289

Abertura

Mudança de Liu. Caixas, cubos. Cruza o palco. Após entra o síndico Fúvio sem acreditar na destruição que vê. Enquanto Liu destrói Fúvio arruma. Entram em seguida Dayse e Cleverson.

Fúvio

Meu rapaz, as coisas não são assim do jeito que você pensa, eu queira saber disso, o que você pensa. Pelo menos uma vez. Não, não é assim que se faz. Deixa que eu mesmo faço. Aqui não: é aqui, ó...

2 QUARTO 1

Cena circular

Músico está fechando a composição do pagode. Experimenta harmonia e melodias mas tudo dentro de uma mesma concepção fechada do ritmo da canção. Toca um acorde realmente fora da música. Daí lembra e fala:

MÚSICO

Essa nota não tá encaixando. Droga: isso tá me lembrando o Valtinho. O cara era ruim de som. Quando a gente tocava junto na banda Os Bionicões. Cara, eu era bom, a banda tinha tudo prá dar certo. Mas o Valtinho era um saco, chamava muito a atenção. Tudo bem que eles depois gravaram uns três discos, fizeram sucesso. Mas com o Valtinho não dava, o cara queimava mesmo. Daquele jeito todo, não sabia tocar nada. Era um rock legal tipo assim, mas não era eu, não era Cleverson. Até participei da coisa toda. Mas ficar atrás do Valtinho, aquela coisa louca dançando e gritando no palco. Ah, isso não é prá mim. Eu quero é mais, tá me entendendo? Eu sou muito mais que isso(toca) deu prá entender? Os caras eram uns merda(imitar ironicamente o seu ex-conjunto) Por isso eu sai fora. Não que eu seja assim difícil, sabe ? Complicado. Não é nada disso, meus camaridinhas. A galera que saca o som me entende. Música é muito mais que isso, a música é..., a música sou eu, Cleverson. Se bem que na época não era Cleverson, era Jonny, Jonny da guitarra, maneiro, o fera, prá me esconder. E ficava atrás da guitarra, vendo os caras se acabando lá em cima, suando naquele monte de luz na cara. Eu não: preferia carregar os instrumentos, afinar, trocar as cordas, mas subir com eles no palco não, isso era demais. Ser roadie da banda, tudo bem. Mas ser da banda...Já pensou, que história? Tocar na banda Os bionicões. Meu negócio é outro.

Volta pro pagode. Nova tentativa. Daí esbarra na melodia. Emenda com a canção sertaneja. Fala

Daí um dia, num churrasco, cheio de mulher, uns caras levaram uns violões e armaram maior sertanejo. Carne, cerveja e mu-

lher. Eu vendo tudo, a carne na boca de todo mundo, os dedos tudo preto de carvão e gordura, todo mundo uma beleza. Daí, mais bêbado ainda, inventei uma música com toda aquela gente. Fui pegar o violão prá tocar, tropecei, cai na piscina. Ninguém me ouviu. Tinha feito uma música ótima, assim daquelas que iam fazer sucesso, as pessoas cantando. Mas a galera era ruim de serviço, um bando de gente metida a besta que perdeu a chance de me ver em ação. (Canta de novo) Uma coisa bonita, uma coisa única, assim nova, original como toda música sertaneja. Que só alguém assim como eu, inteligente, inspirado podia inventar. Éh, ali na piscina morria o Valdir, esperando um Valdevino ao menos para montar uma dupla . Eu ia ser bom, bom de verdade. A coisa é fácil, e eu tinha talento. Mas a piscina... Agora tudo são águas passadas.

Volta pro pagode.Toca até se atrapalhar do banco, da posição “desconfortável” em que está:

Desse jeito não dá prá tocar. Já sei porque essa música não sai. Também assim sem condições, sentado errado, sem a técnica, sem feeling. Sabe(aviada-se) as coisas não são assim como a gente pensa. Tudo é mais, é luz, mas tão dentro da cabeça. De repente a gente pira, e puff... tudo some e volta e some. Pois se a gente pensar bem mesmo, de verdade tudo é outra coisa, outra maneira de ver o mundo, imundo, giramundo, assim e assim (girando na cadeira). Mas o que eu queria mesmo é ... ah não sei, vocês me entendem? Ou não... Sei lá. Mas sistematicamente falando, dentro de um pensar orgânico, tipo assim de dentro, meu mesmo, as coisas são... eu já explico. (Toca a MPB) (amaconhado). Foi assim que lendo as revistinhas de banca, saindo com a galera gente boa, na paz, sabe, sem grilo, numa boa, as flores, gente, as flores, a natureza... foi assim que eu queria ser Lenon, amor prá todos e prá tudo mundo. Meu nome agora era Leo Monte Santo(toca MPB). Daí fui com a galera prum retiro muito doido no meio do mato, as estrelas em minha mão, os passarinhos, em volta da fogueira. Mas ninguém me ouvia, caras, ninguém ouvia o sucesso cósmico de Leo Monte Santo. (voltando a ser Cleverson) Pô eu ali sozinho, maior frio, sem barraca, sem um cobertor, tomando banho de água gelada e com fome. Como deixaram um artista abandonado dese jeito ?Merda prá paz do mundo Eu quero é vencer! Vencer com meu talento, sozinho. Eu tô aqui nesse quatinho, me preparando pro melhor, pro mundo. Todos

vão ouvir falar de Cleverson, esse mesmo, o das canções. Um cara genial, iluminado, original. Sangue bom! Sarado ! Du bem! Eu não agüento mais essa mediocridade em volta de mim. Só quem faz música ruim se dá bem. Mas eu não me vendo. Tô aqui fazendo coisa boa às escondidas. Aí muita gente vai ter que me engolir, ou melhor, me ouvir (Toca o pagode) Viram só: uma beleza, genial (toca o acorde ruim) Mas essa nota não tá encaixando...

3

Quartos 2 e 3

Hora de dormir. Liu tenta dormir mas não consegue por causa de um mosquito. Situações para se livrar do mosquito e dormir. Ao crescimento do ritmo dos barulhos no apartamento ao lado, Fúvio reage:

Fúvio

(sempre rangendo os dentes e seus gestos característicos)

292

Por que, coisa minha, porque? Eu odeio esse sujeito, eu odeio. Tanto prédio na cidade e ele vem morar aqui e do meu lado. Ah, coisa minha, você me entende, não é ? você sabe de tudo. Como eu sou bom prá você. Prá você e pros nossos amguinhos.(barulho) Mas eu não quero ser bom prá ele. Não, não, não. Eu quero fazer mal prá ele. Ah, coisa minha, você vai me ajudar, não vai? vai mesmo. Fazer algo assim bem terrível, que dói e demora. Se lembra quando eu cheguei em casa e você se escondeu debaixo das almofadas? Eu fiquei brabo, não foi? Fiquei muito brabo. Lembra do que eu fiz contigo, coisa minha, lembra? Foi ruim, não foi, muito ruim. Mas eu quero mais. Eu quero o pior prá ele, prá esse sujeito. Todas as noites as paredes não ficam em pé. É bagunça pra tudo quanto é lado. Não sei o que ele faz lá dentro, coisa minha. Acho que é sexo, muito sexo(barulho) Depravado, sexo louco por todos os cantos do apartamento. Dá prá sentir o cheiro daqui, coisa minha, um cheiro horrível de sexo. (Barulho) Viu só, coisa minha, viu só? Ele parece

que sabe que escuto tudo, que presto atenção. Exibicionista, sexo, sexo, sexo. Quando passa no corredor, eu viro o rosto mas ele me persegue, ele quer que eu sabia que eu sei o que ele faz. Ele atravessa meu caminho. Isso é um sinal, coisa minha, isso é um sinal. (barulho) Um sinal que nossos caminhos vão se cruzar e eu vou dar um fim nisso tudo. Esse prédio vai voltar a ser só nosso, coisa minha, só nisso. Nosso e dos nossos amiguinhos. Amigo Pot, boa noite. Amigo Klein, seja feliz, amigos Dom e Laurel, durmam em paz. Senão, eu me zango, e apavoro. E quando fico zangado, eu sou mau, mau, muito mau...(barulhos)

Fúvio sai do quarto e aparece em cena. Vem andando como síndico o ar sério. Olha para frente com ar de superioridade. Fala

Fúvio

(demonstrando aparente autocontrole e domínio)

Amanhã de manhã este senhor um tanto e muito atrapalhado receberá uma comunicação minha. Como síndico deste prédio, ao qual acorrem jovens que acabaram de sair da casa de seus pais, na difícil vida nova de se reponsabilizarem sozinhos por sua manutenção e subsistência, primo por assegurar ordem e descanso para todos os residentes neste tão nobre edifício(começa a rir e conter seu riso) Um lugar com pessoas tão íntegras(ri e se controla) que respeitam as normas de sociabilidade mais naturais(ri e escuta-se o barulho do apartamento de Liu) que até o mais terrível ser humano(barulho no apartamento de Liu) que com toda a dificuldade de ser uma pessoa(barulho) ou de não ser de ser mais que um verme, um bicho horripilante dos esgotos, sem pai ou mãe, que se arrasta e suja a terra, que só pensa no proibido, no escondido, fazendo de seu apartamento casa de sexo, de dia e de noite, sexo, sexo, sexo, um sujeito sem controle, prestes a perder o domínio sobre si e destruir com o prédio inteiro. Mas (aproxima-se da porta de seu apartamento), ah, coisa minha, tudo isso vai terminar.(bate na porta) Está me ouvindo. Dorme ainda não, papai já está chegando. Com todo amor e dedicação. Ninguém vai trazer sexo prá aqui, muito menos sexo grupal sujo e porco. Ah, coisa, minha, não dorme ainda não senão papai fica mau, muito mau.

4

FORA dos quartos. REUNIÃO DO CONDOMÍNIO

5

QUARTO 1

A advogada fumando de um lado para outro, reformulando seu cotidiano, os trâmites burocráticos e as reuniões que fez e vai fazer. Fala interrompendo com tragadas e baforadas

Advogada

Ah, mundo, grande mundo: trabalho, trabalho, trabalho. É preciso trabalhar o tempo todo. Trabalho, trabalho, muito, todos que der. Uma vida só é muito pouco, é pouco demais. Eu preciso de mais vida para fazer tanto o que nem sei. Acordo(espreguiçando-se) e trabalho, levanto, trabalho, durmo, trabalho. Eu trabalho eles não trabalham, só eu trabalho. Eu quero é trabalho, trabalho, trabalho. Mais , mais, mais. Um dia é pouco, dois dias são menos, três dias ainda pouco menos. Eu quero, eu posso eu consigo.

294

(entra Dayse, com roupa de festa que foi de noite, chegando só agora. Assusta a Advogada. Entra cabisbaixa, derrotada, maquilagem borrada, procurando não ser vista, vai e se senta em uma cadeira, o cansaço. A Advogada pára e olha e olha de novo, acompanhando seus gestos com as tragadas e baforadas. Dayse levanta a cabeça e a Advogada vira as costas fingindo não ter visto nada. A Advogada não quer nem saber do que está acontecendo, prosseguindo em seu andar arrogante. Mas vendo que a menina não se mexe, aproxima-se preocupada:

Advogada

- Foi homem, não foi? Fala, minha filha, fala. Eu sei bem dessas coisas. (Dayse olha assustada, e quer voltar para seu exílio. Mas daí, vendo a reação em Dayse, a Advogada com a certeza e a segurança da situação torna a falar, assumindo um ar professoral:)

Eu não quero me intrometer mas homem é tudo a mesma coisa. Não que eles tenham mudado, mas continuam querendo as

mesmas coisas de antes. Se é que algum dia existiu o antes. Você me entende, não? Se antes eles fossem diferentes, se antes eles fossem outra coisa nova diferente dessa ... Sabe, não o que é isso hoje, não, não é isso: é algo diferente do que é isso hoje, agora. Você me entende, não é ? Por isso homem é tudo a mesma coisa. A mesma coisa, desde que eu me conheço por gente. Desde sempre a mesma coisa, nem mais nem menos. Isso vai te ajudar na vida, lembra sempre disso. Escuta o que eu digo e não esquece, não esquece mesmo. Eu já te disse isso alguma vez? Você já escutou de alguém isso o que eu te disse? Se alguém disse é porque tirou de mim, isso eu tenho certeza. Não adianta, escuta quem sabe. Eu vou te dizer só uma vez, uma vez por todas, uma vez só: homem é assim e se fosse de outro jeito, o outro jeito seria assim: homem é tudo a mesma coisa, ontem, hoje e amanhã, amanhã, quando eu te disser tudo isso que eu disse, de novo. Homem é tudo igual, tudo a mesma coisa, tudo como eu disse, assim, desse jeito, sem tirar nem por, a mesma coisa que eu não gosto de me repetir. Não fica triste. Depois que a gente entende como são as coisas, que elas não mudam, que tudo é assim mesmo, que homem é assim mesmo e que tudo é igual e que nada vai mudar, então ... então tudo fica assim, desse jeito, como... é isso mesmo, como.. parecido, ou como podia ser... é isso mesmo, isso, mesmo. (Dayse, se diverte com essa confusão, deixando de lado sua tristeza, o que é observado pela Advogada que se assusta com a reação)

Advogada

Viu? Eu não disse ? É só entender como as coisas são que tudo melhora. A gente sai de casa, divide apartamento com uma pessoa desconhecida, que a gente não conhece e não sabe como é o mundo. Daí a gente sabe como é que o mundo é porque alguém explica. Esse mundo é desse jeito: se alguém explicar a gente entende. Senão, a gente não entende nada. Eu te explico, você feliz. Um dia você está triste, daí eu explico, o mundo estava triste agora tá mais não. Se eu não explicasse como o mundo é, você triste, mundo infeliz. Agora se eu explico, você feliz, mundo bom. A vida, é assim, o mundo é assim, as coisas são assim, todo homem é igual, e assim a vida vai, de um jeito ou de outro, só desse jeito e nenhum outro mais. Você me entende? Você tá viva? você tá aí? Já comeu? você fala? Levanta o braço! Sacode

a cabeça! Balança as pernas! E assobia! Agora, diz, fala prá mim, diz só prá mim, diz o que eu falei.

Dayse repete tudo.

Músico passa pela porta e vendo a Advogada estatelada, sendo ironizada por Dayse. Ele acompanha com o violão os atos finais da fala de Dayse. Ao fim, toca o telefone. Dayse atende

Dayse

Tudo, tudo bem, tudo bem eu entendo, eu entendo ,o mundo é assim, eu sei agora(entusiasmada). Eu sei agora. Aonde, aonde, a gente se encontra, aonde? Agora eu sei de tudo, eu sei de tudo. Homem é tudo igual mesmo, a vida é assim, mas eu entendo, eu entendo.(A advogada fumando como antes, abanando a cabeça. O músico sem entender nada. Dayse sai correndo. Feliz. O músico tenta se aproximar da Advogada

Advogada

Comigo não, violão, comigo não. Eu conheço os homens, eu sei de tudo. Vai embora, que minha agenda está lotada.

6

LIU EM APARTAMENTO ENSAIANDO A CANTADA. VAI ATRÁS DE Fúvio PARA RECEBER CONSELHOS. LIU BATENDO NA PORTA DO APARTAMENTO DE Fúvio,SEMPRE COM SEU SORRISINHO NATURAL.

296

Fúvio

Ai, coisa minha, não te disse? não te disse? É ele, é ele. O que a gente faz agora, hein coisa, minha? Amigo Pot, diz alguma coisa. Colegas, companheiros, amiguinhos. (SAI DE SUA CASA.) Volte outro dia, volte nunca mais. (Liu fala sempre Dayse, Dayse, puxando a roupa de Fúvio. Fúvio não quer aproximação)

Dayse, Dayse, Dayse. Só você só saber dizer isso. Você não fala? Dayse, Dayse, Dayse. Você não tem um ap. todinho seu prá fazer festinhas? Isso já não é bastante? Você quer, mais, não é sempre mais.Eu sei, eu sei de tudo. Quer Dayse, Dayse, Dayse, E agora me chama. Eu não sou Dayse. Eu não vou entrar lá, naquele inferno. Eu sei de tudo,

rapaz, sei de tudo. Mas desista. Enquanto eu for o síndico, todos vão viver em suas casas no mais absoluto silêncio. Dayse não quer você, entendeu. Ninguém quer você. (Liu pensa que o outro é amigo procura aproximação, abraçando Fúvio.) Eu não sou Dayse, será que você não entende. Volta pros seus barulhos e cheiros. Ah, coisa minha, me ajuda. Ninguém pode ficar mais só com suas coisas. Desde que esse indivíduo se mudou para aqui as paredes tremem, o teto vira os olhos, as noites ficam longas. Dayse, Dayse, Dayse. Me larga. Eu não gosto de pessoas. E você nem é uma pessoa ainda.

7

Dayse cruza o palco, chegando em estilo fashion. Contraste entre a roupa e o ânimo. Como se uma luz se apagasse, a sua. Entra a advogada feminista. Fumando e soltando baforadas. Rodeia Dayse.

Advogada

Não, não, não, não. Quem foi agora? Um DJ? Se continuar assim, logo toda a sociedade vai frequentar nossa casa nessas resacas. Escuta uma coisa, escuta uma coisa de verdade. Tá me ouvindo, tá me ouvindo bem. Eu preciso saber disso, eu preciso saber se você me ouviu. Senão, não dá pra eu falar. Porque agora eu tenho que falar, uma vez na vida eu preciso falar. Não posso ficar quieta vendo isso acontecer. Afinal de contas a gente divide o mesmo apartamento. Eu em meu tedioso silêncio, vendo tudo acontecer. Escuta, viu, escuta. Presta bem atenção. Você promete que vai escutar tudo. Eu vou falar, eu vou falar tudo o que penso disso. De você chegar madrugada após madrugada da rua, arrastando os braços até o chão, com essa cara amarrada. Olha prá você, com essa roupa, indo nessas festas. Ouvindo essa música ruim que dá câncer(baforadas). Essa música dá câncer. Namorando DJ...(cara de nojo) Outro dia era um Diplomata esnobe, um ocioso inútil com grana. Olha meu amor, escuta você não tem muito guarda-roupa prá essa vida. Fecha as portas e pensa, pensa comigo. Eu vou te dizer umas coisas que você nunca vai esquecer. Eu não gosto de me intrometer, de falar da vida dos outros, mas a coisa esta passando dos limites. Veja bem, noite foi feita prá dormir, prá esperar o dia. Vê se me entende: Noite é noite, dia é dia. Dia não é noite, noite não é Dia. Se

você não dorme de noite, não dorme de dia. Não dorme nunca, E se não dormir nunca, morre, morre mesmo, de verdade. Eu não agüento gente que não dorme, eu não agüento gente que morre por que não dorme. Tá me ouvindo, minha filha, tá me ouvindo? E eu nem comecei a dizer o que eu quero. Mas o que eu disse foi bastante, não foi? é quase suficiente, não é? Escuta, olha, aqui, ouve: Vê se dorme, viu? VÊ se dorme. Em vez dessa roupas, veste um pijama. Dormindo tudo melhora. Eu sei disso , eu faço assim. O problema não são os homens. Larga mão disso. O problema são as pessoas... Dormindo, elas não existem mais. Se sonhar com elas, acorda, apaga tudo e dorme de novo. Dorme, dorme que tudo acaba. E daí vem o dia, o trabalho, o trabalho , o trabalho. Esse é o tribunal da vida: e o julgamento final. Entendeu? Vem, repete comigo: as pessoas não existem. Viu ?, é fácil. De novo: as pessoas não existem. Mais uma vez: as pessoas não existem, as pessoas não existem (repete criando um ritmo como uma marcha, na qual uma se diverte e a outra vai ficando mais séria. A advogada comanda. Comandos: mais devagar, com fé, arruma o corpo, não, assim não, Leva a sério... Passa o músico e observa, estranha e ri e entra pensando levar vantagem em tudo. Canta a mesma música horrível e acrescenta um novo verso : as pessoas não existem. Divertem-se. Mas ficam evitando os contatos com o músico. Até que a Advogada grita:

Advogada

298

(irada , fumando mais e mais)Hei, um momento: De onde você é, hein? O que você faz prá ser assim? Como consegue, diz prá mim, diz prá mim.(O Síndico passa e quer saber da confusão)

Síndico

Que sexo louco é esse nesse prédio familiar. Bem que eu esperava isso de um apartamento com mulheres, mulheres solteiras. (o músico sai)

Advogada

O senhor tem um advogado?

Síndico

Não por que?

Advogada

Vai precisar, vai precisar...

Síndico

(mudando seu comportamento, como se ela despertasse algo de bom pelo mal que faz)

Gostei. Fala de novo. Gostei.

Advogada

(todos se entreolham estranhando)

Senhor síndico, o senhor tem problemas, muitos problemas...

Síndico

Isso, senhorita advogada, isso: a senhorita advogada me entende. É tão boa para mim. Junto vamos melhorar as coisas. Eu e a senhorita advogada e meus amiguinhos de quarto. O mundo precisa de nós. Vamos acabar com o sexo, eliminar o sexo, destruir o sexo, tudo por causa do sexo. Como eu odeio o sexo, sexo, sexo.

Advogada

Um pergunta: o senhor dorme?

Síndico

Ultimamente não.

Advogada

Então repete comigo: as pessoas não existem.

Síndico

As pessoas?

Dayse

Isso, as pessoas não existem!

TODOS REPETEM seguidamente. Entram o músico com bebidas. Vão arrumando tudo para uma festa. O Liu entra e olha tudo. Escuta o síndico.

Síndico

Uma festa, uma festa de verdade.

(Liu escuta e vai se arrumar)

8

LIU FOI SE ARRUMAR PARA A FESTINHA NO APARTAMENTO. CONFUSÕES EM TORNO DE SUA PREPARAÇÃO. APÓS CORRE PARA A FESTA QUE NÃO EXISTE MAIS. VINGANÇA DE Fúvio, VENDO LIU VOLTANDO PARA SUA CASA.

Fúvio

Tem mais festa não? Dayse, Dayse, Dayse. Agora você está triste, não é? Muito triste. Vai ficar pior, não vai? Vai mesmo. Dói? Mas é pouco. É ruim quando a gente perde o que queria. Você perdeu? Achou algo? Tá onde? Tá no chão? Eu pego prá você. Ih, pisei. Estragou. Presta mais não. Você queria? Agora já foi. Fica triste não. Não era prá você mesmo. Dayse, Dayse, Dayse. Volta agora para seu inferninho. Fica lá dentro vendo o teto girar, sem ninguém Escuta as outras pessoa andando pelos corredores. As portas abrindo e fechando. AS luzes acendendo e apagando. Tudo acabou e tudo volta a ser a mesma coisa. Só você ali sentado na cama vendo o mundo em movimento, longe, longe que a mão não pega mas quase pegou um dia. Dayse, Dayse, Dayse. É assim, é assim mesmo. (Anda, volta os olhos para o desolado Liu, rindo dele. Chega perto de sua casa. E fala) AH coisa minha, como é bom viver assim. Vamos fazer uma festinha. Hoje a noite nosso vizinho vai dormir mais calado. Amigo Pot, garoto Klein: amiguinhos, a noite é nossa(ri)

9

Fora dos quartos

Advogada(Estilo discursivo e monumental, como se estivesse dando uma conferência) O que é um homem? O que é um homem senão uma pessoa? Eu sou uma pessoa. Uma pessoa só precisa de si mesma prá ser uma pessoa. O homem é uma pessoa. Então um homem só precisa de si. (estilo bíblico). No princípio havia as pessoas. Daí chegaram mais pessoas e mais ainda. O homem veio depois, como uma pessoa. Você vai numa festa, e vê pessoas(começa a participar do que fala). Você sai de casa e vê mais pessoas.De repente você começa ver tantas pessoas. Muitas pessoas, mesmo de verdade. Antes não era assim, não era mesmo. Essa menina chega toda noite e traz pessoas em cada roupa. Antes não era assim. (Divisão de atitudes: ela fala mas não acredita no que fala. Acredita mais no que vê). Mas são somente pessoas, e mais nada, só pessoas e nada além disso. Muitas, muitas pessoas, em todos os lugares, prá onde quer que eu olhe, o tempo inteiro. Pessoas em qualquer espaço, em todo canto, em cima, embaixo, voando e descendo. Dentro e fora das coisas. (estilo visionário, como uma profeta).Daí chegaram as pessoas e foram chegando mais pessoas e pessoas e a terra se encheu delas, cheia ficou de tanta gente, repleta de pessoas, todas as pessoas do mundo chegando diante de mim. Muitas, muitas. Todas elas, todas na minha frente. Daí eu perdi o sono e minha colega de quarto chegou. (pára. Como cansada, como se tivesse terminado sua fala. Depois volta como Jason. Música de suspense, de filme de terror) Mas minha amiga trouxe mais pessoas, muito mais ainda do que havia antes. Eu sabia que podia caber mais gente, e coube. Muito mais pessoas, todas elas me olhando e vindo prá cima de cima, com seus olhos, com seus olhinhos escuros e brilhantes, todas elas de várias maneiras e gestos. Elas vinham prá cima de mim, me olhando cada vez mais. Olhos e agora e agora mais que olhos, muito mais, mais mesmo. As mãos, eram mãos, as mãos todas, as mãos das pessoas. As mãos das pessoas em mim.(Grita. Pára como morta em pé. Pára de novo como se tivesse terminado. Depois volta.) Mas isso era pouco . Daí mais pessoas, mais pessoas, muito mais pessoas...(Corte. Luz. Como se ela tivesse sido puxada de cena).

10

Fúvio VAI AO APARTAMENTO DE LIU PARA ACONSELHAR-SE SOBRE LÚCIA. NÃO DEIXA QUE O OUTRO FALE. FUNDE SUA FIGURA COM A DE LIU. FALA QUE ESCONDE MAIS QUE REVELA. LIU VAI DE APAVORADO A RETICENTE, ESTRANHANDO TUDO.

Fúvio

Vizinho, vizinho. Não venho na condição de síndico, mas de amigo, para uma pequena consulta sobre a nobre advogada Lúcia. Sabendo como sei que o sr é benemérito estudioso e praticante desse assuntos relacionados ao coração e aos peitos, que peitos, eu gostaria de um pouquinho só de seu tempo, sobre os peitos, um pouquinho só, ou pouco, um pouco mesmo. Há algum privo da intimidade da senhorita Lúcia que achei por bem ser uma pessoa íntegra, decidida e que peitos, peitos de verdade. Não que nunca prestasse atenção em seus predicados, dos peitos, dos peitos e mais nada. MAS agora chegou o momento de me declarar, de dizer sobre seus peitos, que peitos, que belos peitos. Acho que vamos fazer um belo par, eu e os peitos, os dois peitos, peitões. Contudo, pensando bem, penisando bem, peitosando melhor, peitos, peitos, acho que se me apresso, perco os peitos, se peito os peitos, os peitos perco. Peitos , peitões, peitiscos, peitulhada.(LIU FICA RECEPTIVO E RESOLVE IR AJUDAR O AMIGO INDO COM ELE PARA SEU APARTAMENTO) Obrigado meu bom vizinho, peitão pelo incômodo. Deixa que eu me viro agora. Não, não, deixa que fique sozinho , eu me visto, eu me visto. Fora daqui. Saia já de frente de meu apartamento seu universo fecal. (Liu sai) Ah, coisa minha, coisa minha. Essa ave com câncer, quase me irritou. Advogada Lúcia me confundiu. Advogada Lúcia é forte. Advogada Lúcia é prova que as paredes suportam mais pessoas. E que os domingos podem ser leves.

11

Dayse

Feliz mas hesitante entra no apartamento vestida de Hippie. Pára como se estivesse sendo vigiada. Enquanto fala a Advogada entra

estranhando até discutirem.

Dayse

Agora eu tô aqui, antes não estava.

Agora as coisas começam, do que jeito que eu posso entender.

Eu dormi, dormi, dormi bem longe, até que acordei, acordei e abri os olhos.

Tô lá mais não.

Agora é diferente.

Tudo de novo.

Agora eu moro aqui e nem sabia.

Por isso eu saio, saio muito mas volto, volto bastante.

Quantas vezes prá ficar, quantas vezes prá ir.

Quando vejo, já fui.

Mas eu volto, volto de novo.

Essa é a casa e não há mais nenhuma outra.

Mesmo que eu quisesse.

É bom voltar, é bom ter casa, é bom estar aqui agora, como antes.

Agora.

Eu posso ir porque tenho casa.

Agora,

Antes eu não sabia disso.

Saí, saí de casa.

Daí saí de novo.

Eu fui indo, indo até chegar aqui.

Agora que cheguei, posso sair outra vez.

Ninguém me leva, ninguém me traz.

Eu mesma, toda noite, a noite inteira.

Advogada

Você piorou. Agora fala. É tudo muito bonito, muito bonito. Eu não entendo nada, mas é bonito. Parece que você sofre muito, não é? muito. Morar assim, de repente, com uma pessoa que você mal conhece. Eu sei que é ruim e eu não gosto muito de você. Mas eu sou

tão ruim assim. Eu, que quase não falo, que escuto tudo. Você me odeia ? Vai me fazer mal? Você não gosta de mim? (como se fugisse da realidade) Mas as pessoas não existem, as pessoas não existem...

Dayse

Pára, pára um pouco. Eu não tenho sono. Do que você tem medo?

Advogada

(com coragem) Eu? Medo?

Dayse

(enérgica)Do que você tem medo,fala, fala.

Advogada

De nada, de nada mesmo. Só e...

Dayse

Tem medo, tem medo sim (rindo)

Advogada

De você chegando de noite com roupa diferente sempre. Você rouba loja? Você é bandida?

Dayse

(estranhando e rindo)

Advogada

O que foi que eu disse? O que foi que eu fiz?

Dayse

Você é muito engraçada. E eu nem sabia disso.

Advogada

Engraçada? Engraçada eu?

Dayse

As pessoas não existem.(ri)

Advogada

(séria)Isso, isso mesmo. As pessoas não existem.

Dayse

As pessoas não existem. Como você conseguiu acreditar nisso tanto tempo? (olha meigamente para a amiga)

12

Entra o casal com as malas. Carlos Eduardo se esforçando para carregar as malas sob o olhar analisador de Daniela.

Cacá

Viu, benzão, era justamente o que você queria, não é mesmo?(Daniela continua os gestos de cheirar o ambiente, pegar o pó das coisas, mãos na cintura, batendo o pé prá ver se é firme, olhando o teto, abanar a cabeça, resmungar, olhando fixamente para Cacá) Apartamentos novos, benzão, de primeira, num bairro tão bom, do jeito que você sonhou.(deixa cair as malas. Daniela continua fazendo seu teatro de desaprovação). A gente podia morar o resto da vida aqui. Eu não me importo, até gosto, já amo esse lugar. O que você quiser, benzão, o que você quiser. (passa o Liu caçando pernilongo e esborrifa água na Daniela)

305

Daniela

(explodindo) Cacá, assim não dá. Eu não sai da casa de minha mãe prá vir morar nesse buraco, cheio de gente doida, sujo, uma porcaria. Cacá, é assim você me ama, é assim que você me quer ? Cacá, assim não dá. Eu vou voltar prá casa de minha mãe, seu monstro do pântano.

Cacá

Mas Benzão ...

Daniela

Benzão ? Benzão... Benzão... Ora, Cáca,(olhando em volta) que buraco é esse? Me dá as malas, me dá, me dá, me dá: eu não fico aqui nem mais um minuto. Deve ter barata, rato, crocodilo, besouro até Hebe Camargo. Você tá pensando o quê, hein ? que eu não tenho família? que eu não tenho um nome a preservar? Você acha que alguém vai vir me visitar nesse muquifo? Bem que minhas amigas disseram que você tinha a cabeça virada, mas era pro lado errado(aponta pro céu, mas limpa o dedo). Cacá, fala alguma coisa, Cacá, não me deixa assim falando sozinha. Você tá aqui?(procurando o Cacá) você veio comigo? Ah, Cacá, assim não dá. Eu tô cum mееeddooo. E quando ficar mais de noite? Se já tem esse monte de bicho, imagina o que vem depois atrás, o Amauri Junior? Eu não vou ligar a tv, pode ser pior. Eu não vou dormir, a coisa piora. Vou ficar prá sempre num canto, chorando, chorando, chorando até morrer, morrer, morrer de tanto chorar, indo com as lágrimas, assim no chão, uma poça d'água na madeira do quarto.(bate no chão.Limpa as mãos) É isso o que você quer, não é Cacá ? assim calado, concordando com tudo, é isso o que você quer ? Me tirou da casa de minha mãe... Agora eu tô entendendo: como você é horrível, Cacá, igualzinho aos monstros daqui.Você pensou em tudo, não é ? me trouxe prá esse lugar abandonado, escuro(balança as malas para ver se tem alguma coisa mortífera), sujo. Ah, pensou que ia me enganar, né? Mas eu sou muito mais, mais que você pensa, ah eu sou. Assim não dá, Cacá. Agora que eu não vou mais embora mesmo. Vamos ver quem vence, vamos ver quem morre primeiro. Foi bom mesmo, foi bom ter vindo prá cá, Cacá, sua criatura das trevas egoísta. Prá te conhecer melhor, prá saber o monstro do pântano que mora dentro desse corpinho ridículo. Eu sabia. Minha mãe sempre dizia, minhas amigas repetiam, todo mundo: você é estranho, muito estranho... (entra o Cleverson que passa)Larga essas malas, Cacá, larga essas malas e fala alguma coisa, fala por favor. Cleverson entra

Cleverson

(para Daniela) Malas? Oh, oi, tudo bem? Hum... Bom... Já chegou?

Daniela

Cacá, me salva, me salva: quem é essa criatura medonha ? Faz alguma coisa, homem, se mexe. (começa a sacudir o Cacá) Ele tá atrás de mim, de novo.

Cleverson

Hum.. Agitada... Viva. Oi. É você?

Cacá

Cleverson ? Eu não acredito? Cleverson é você?(Daniela olha estranhando vendo que vai ficar em segundo plano. Cacá larga as malas. Cleverson tenta reconhecer com quem fala) Há quanto tempo, Cleverson continua fazendo música? (Cleverson fica feliz , mesmo sem conhecer o idiota do Cacá)

Cleverson

Um fã ?É, bem, estou, sabe como é que é...Sempre ligado no momento, vendo as propostas, compondo.

Daniela

Você não vai ficar conversando...

Cacá

Eu nunca vou me esquecer daquele churrasco. Que música, você é muito bom, eu não sei muito de música, não entendo nada de música, mas você é bom, você é bom mesmo.

Cleverson

Mundo pequeno, não? muito pequeno. Mas Cleverson já corre de boca em boca(olha para a Daniela que se assusta) Eu vou te mostra meu mais recente trabalho.

(tira o violão do saco e vai abraçando a Daniela que se afasta)

É uma coisa assim de sucesso, que todo mundo quer, que as pessoas gostam, sabe, de nível.

Cacá

É isso mesmo, coisa de primeira, diferente.

Cleverson

Escuta só (toca o mesmo pagode. Passa Fulvio e faz cara de quem não agüenta mais escutar aquela música) Quanto eu me inspirei, estava pensando numa mulher linda, assim tipo ..você , sabe

Cacá

É, ela é linda mesmo. Tipo assim minha mulher ? Ah então é boa mesmo.

Daniela

Olha, Cacá, olha isso, Cacá? Tá vendo ? tá vendo?

Cleverson

A música não acabou ainda mas você podia me emprestar tua mulher...

Cacá

A Daniela ?

Cleverson

Essa mesma.

Cacá

Mas vai demorar?

Daniela

Cacá, assim não dá. Olha onde você tá me metendo. Esse cara é um tarado: olha como ele tá me olhando. É um monstro, monstro, monstro. É igualzinho a você, Cacá, é igualzinho. Mas eu escapo. Eu escapo. Eu sei que nosso relacionamento vai passar por essa. Morar junto dá nisso, morar junto com um monstro.

Cacá

Calma benzão, calma: ele é só um artista. Artista é assim mesmo, é tudo igual: a gente não entende eles e eles também não entendem a gente. No final tudo fica bem. É só arte, benzão, não é de verdade não. Quanto tempo, Cleverson, quanto a inspiração dura?

Cleverson

Bem...(de olho na Daniela) Oi. Hum.. Gostei... ãhh.. Do que você tá falando mesmo? Tira uma garrafinha de Velho barreiro do bolso)

Cacá

Viu Benzão, como aqui é legal? Já tô gostando desse lugar. A gente vai ser tão feliz aqui. Você e o Cleverson, tudo tão certo. Eu não sabia que a gente indo morar junto ia dar tão certo. A gente se entende tão bem. Eu sabia: era só conversar um pouco. Você tinha razão, benzão; tudo do jeito como você queria. Eu vou ali com o Cleverson discutir tudo. Depois eu volto.

Daniela

Carlos Eduardo Gontijo Mascarenhas. Eu tô avisando se você não entrar por essa porta agora você vai se arrepender, você não sabe do que eu sou capaz. Eu tô me controlando, eu tô me controlando. (Os dois recentes amigos saem abraçados) Cacá. Me escuta, volta aqui, as malas. Temos que arrumar o quarto. Nossa primeira noite... Você não pode beber, você é fraco prá bebida. E prum monte de outras coisas também. Ah, minha mãe, minha mãe. O que eu faço, o que eu faço agora...

309

13

Festa no apartamento da Dayse. Todos muito animados, conversando. Cacá está com o violão, tentando tocar e cantar a música do Músico que bate palmas. A advogada olha tudo seriamente, querendo participar, soltando fumaça de cigarro e gargalhando, batendo palmas de vez em quando, toda rígida, sempre voltando à sua situação

empedernida. Dayse fica fugindo do Músico. Neste momento entra Daniela, bruscamente. Dá prá notar sua ira contida. Mas ela pensa, pensa. Não pode baixar o nível. Afinal , ela é uma dama. As coisas continuam a acontecer apesar de seu olhar gélido. Ela começa a coçar as mãos, procurando com os olhos uma saída, um ponto de fuga para sua ira. Todos, neste momento, sentem a energia negativa de Daniela e se voltam para ela de uma vez só. Cacá fica feliz em ver a sua mulher. Procura se levantar para comprimentá-la mas ela só gesticula um não, obrigando-o a sentar.

Cacá

Benzão, que bom que você veio. A gente tava se divertindo. Olha só como eu toco bem (toca a música do Músico)

Daniela se dirige lentamente para o Cacá. Dá um sorrisinho, balança a cabeça e começa a dizer calmamente:

-Carlos Eduardo Gontijo Mascarenhas. Como você pode fazer isso comigo? Hein, responda, fala alguma coisa, Carlos Eduardo Gontijo Mascarenhas. Ah, isso é um pesadelo. Eu não estou aqui. Vou fechar os olhos e a gente está bem longe, bem longe mesmo. (Fecha os olhos) Eu sei que estou sonhando, mesmo que você esteja nesse sonho, eu sei que estou sonhando. Um lugar bem gostoso, quentinho, arrumado, cheiroso, sem essas pessoas estranhas. Eu sei que existe um lugar assim, um lugar onde eu vou te levar(abre um dos olhos e puxa o Cacá). Você não quer vir comigo, Cacá, prá esse lugar? Largar seus amiguinhos vai te deixar triste? Fala Cacá, fala? Assim não dá, Cacá, assim não dá. Alguém precisa te cuidar, te mostrar o caminho. É por isso, é por isso que a gente se ama e foi morar junto. Você é um pobre coitadinho, tão frágil, na mão desse monstros, todos monstros eles. Sua mãe, lembra? Ela não gostava de você. Te fazia experimentar os vestidinhos que ela fazia e te espetava todo com as agulhas.(ri) Mas agora passou, passou. Eu estou aqui, benzão. Eu vou te levar prá fora daqui. Você não é normal, eu vou te ajudar. Vem com sua Danizinha (chama como se chamasse um animalzinho de estimação. Cacá hesita). Vamos embora, Benzão, eu sei que eles querem se aproveitar de você, esse monstros. Monstros, monstros, mons-

tros. Venha logo, benzão, não me irrite, hein. Até agora fiquei calma. Eu não quero escândalo, eu não quero que esses monstros te levem pro mal caminho.

Cáca dá um gole na cerveja e oferece prá Daniela

Cacá

AH, Benção tá bom aqui. Eles são legais. contei nossa vida prá eles. Eles sabem de tudo. É bom fazer amigos. Toma, bebe um pouquinho, é bom, faz bem.

Daniela

(Põe as mãos nos ombros de Cacá e começa a falar e sacudir o esposo) Você não gosta de mim mais, não é mesmo? Você me odeia, me odeia muito, Só quer o meu Mal. O que eu fiz, Cacá, o que eu fiz? Desde que a gente veio morar nessa espelunca, tudo piorou. Acho que a gente está perto do fim, um fim terrível, com morte e televisão. Vai sair nos jornais, sangue, muito sangue. Minha mãe vendo tudo isso, morrendo de vergonha. Todas rindo dela. "Filha esquartejada por amante estranho em um kitinete alugado". AH, é um triste fim para uma mulher como eu. Como você pode fazer isso comigo, Cacá, logo comigo, Cacá?. Seu monstro, sua criatura do pântano. (abraça Cacá e chora) AH, Cacá, assim não dá. Me salva disso tudo, vamos embora. Se mexe homem, se mexe.

Cacá

311

(diz para os outros) Viram, eu não falei? Como ela gosta de mim. Não pode ficar um minuto sem seu Cacazinho (começa a acariciar a mulher como se ela fosse um boneca) Dorme, danizinha, dorme, dorme, papai já vai chegar. Você foi uma boa menina hoje? Se não foi, vai ficar de castigo, vendo a Hebe Camargo e o Amauri Junior. Eu vou cantar prá você, uma declaração de amor. (Músico pega o violão e faz um fundo musical com o mesmo tema de sua canção horrível)

Daniela, Daniela, escuta só o que vou dizer

Daniela, Daniela, gosto tanto de você

Oh Daniela, Daniela, eu não sei o que vou fazer

Daniela, Daniela, gosto de tanto de você
Eu só sei de um coisa
essa coisa vou dizer
Daniela, Daniela
gosto tanto de você.
Mas vou dizer de novo
prá você não esquecer
Daniela, Daniela
gosto de tanto de você.
Uma vez eu fui no bosque
logo no amanhecer
um rio gritava sempre
gosto tanto de você.
Daí continuei andando
até me perder
foi então que descobri
como gosto de você.
Daniela, Daniela,
como gosto de você
Daniela , Daniela,
como gosto de você.

Daniela ao fim da música se levanta. Se arruma e diz

Daniela

312

Vamos, Cacá, você não está bem, você não está bem mesmo. Acho que a mudança, o lugar novo, as pessoas horríveis daqui. Tudo cheira mal e é feio. Vamos, Cacá, você precisa dormir, antes que me irrite e volte prá casa de mamãe. Eu compreendi, eu compreendo. Você não é assim, a gente vai saber enfrentar tudo. Mas por favor, faz uma coisa prá mim: nunca mais cante essa droga, não sei o que é pior se você ou a música. Eu perdôo tudo, mas não canta mais. Chega, tudo bem, cansei, Cacá, cansei, vamos embora. Tomar um banho e dormir. (Saem)

Entra Fúvio atrasado. Com flores, e olhar de quem quer mulher. Mas logo lembra o desapontamento de Liu.

Fúvio

Querida advogada Lúcia, querida advogada Lúcia. Olá, olá trouxe flores.(silêncio. o desapontamento. A tristeza e a ira) Sempre foi assim, as pessoas. Em qualquer lugar, antes e depois elas. Eu nunca quis isso. Eu sempre vi que não podia. Não era medo não, não era. A coisa é pior que isso. Mas só eu via, só eu sabia que tinha que ser de outro jeito. Essa festa não foi a primeira, nem vai ser a última. Por isso vim morar aqui, por isso vou embora. Até que tudo termine. Por que? por que? Por que eu fiz tudo igualzinho de novo, cai no mesmo erro outra vez ? Eu sabia que ia dar assim. Que tudo era desse jeito. Não dá, não dá. As pessoas, as pessoas, sempre tem alguém. Sempre alguém atravessa seu caminho. Prá onde quer que você ande, prá onde quer que se vá lá existe alguém, alguém já esteve lá e te deixou um recado, um bilhete, rindo da tua cara, se divertindo com tudo isso.Daí eu pego o bilhete e rasgo(vai saindo do palco ,esfregando a mão, batendo nas mãos com ênfase, discursando, fechado no seu mundo) eu rasgo o bilhete, tudinho até não sobrar mais nada, rasgo até minhas mãos prá não pegar em mais nada de ninguém.(imitando a voz de sua mãe) "Nunca aceite nada de estranhos, meu filho, nunca aceite." Nunca aceite o que te dão Os outros, sempre os outros. Por isso eu rasgo tudo e vou embora, rasgo tudo, bem rasgadinho, pico os papeizinhos , pico e dou uma moída nos resto do resto dos papeizinhos que eram um bilhetezinho. Ah eu rasgo, eu rasgo mesmo, não acredita? não acredita em mim? Pessoas, pessoas. Eu rasgo mesmo, até não sobrar mais nada.

313

14

Advogada vai reclamar da festa com o síndico Fúvio. Bate na porta que se abre. O quarto é o universo onírico de Fúvio. Um mundo em miniatura, encantado. Bichinhos, sons, caixas de música, móveis, cores, mistura de sons e cores. O quarto é uma caixinha de música. Tem um baú enorme cercado de vários outros.

Advogada

(vai andando para o apto do Fúvio)Esse barulho horrível. É pior que pagode e dance junto, se é pode existir algo pior que pagode e dance separados. Pagodance. Dancegode. (pára)Eu preciso dormir. Se não dormir, a gente morre, morre em pé, com sono. Imagine morrer com sono. Deve ser um pesadelo. Daí você não acorda. (Volta a andar) Seu síndico, seu síndico, eu vim bater no senhor. Seu síndico! homem estranho! ave com câncer! Abre a porta, abre.(abre-se) Que , que é isso? Que coisa é essa? Nossa, que mundo, que maravilhoso mundo pode caber dentro do quarto de alguém, (ri e se diverte) Lindo, lindo. Que maravilhoso mundo.(enquanto isso, no quarto ao lado...)

Daniela

Cacá, nossa vida quase desmoronou, Cacá, quase ruiu, como um prédio feio e sujo... Cacá: a gente mora num prédio feio e sujo,Cacá, a nossa vida é um prédio feio e sujo que desmoronou. Então a gente tem que catar os restinhos e fazer tudo de novo, catar tudo até ter tudo de volta ... Mas daí é mesmo prédio feio e sujo de novo, Cacá, tudo de volta. Ah, Cacá, faz alguma coisa, assim não dá Cacá.

Cacá

314 Mas se for um prédio sujo e feio e a gente mora nele, é um prédio, um lugar prá se morar, com corredores e apartamentos . Tô vendo, to vendo tudo. Olha a gente ali, benzão, olha a gente dentro do prédio. É um prédio feio, feio, feio mesmo, sujo, sujo, sujo de verdade, mas é um lugar prá gente morar.

Daniela

Prá gente não, Cacá, que aqui não é lugar prá gente. É prá bicho, Cacá, é prá bicho. Onde já se viu morar aqui, e com você, com um homem desse jeito. O que é que fiz, o que eu fiz, Cacá. Fala, responde: o que eu vi em você prá vir parar em um kitinete alugado?

Cacá

Eu acho que foi por causa dos meus dons. (Canta sua horrível música. Após, frente aos ruídos e as músicas do outro apartamento, Daniela e Cacá vão ver o que está havendo)

Daniela

Tá bem Cacá, tudo bem. Tá com febre, não é, tá vendo coisas, eu sei. Mas não canta mais, por favor, não canta mais. Vamos ver o que é isso. Qualquer coisa é melhor que você cantar, até você falando. Pode falar, Cacá, pode abrir a boca. Pode dizer palavras. Ma não canta, por favor, não canta. Isso machuca, isso faz mal, prá você e prá mim.(chegam e brincam também. Saquinhos de pó dourado. Entra o Liu. Entra a Dayse.. Entra o Músico Cleverson que diz:” Isso merece música, e de alto nível” e canta sua música inesquecível.. Daí Dayse abre o baú maior. Sai uma luz e blecaute. Ruídos de demolição, batidas de pés no chão, fumaça, ruído de um mosquito que é finalmente morto por Liu (“Consegui! Matei!”)

O Acontecimento

RádioRevistaRockColisãoShow

para o Píramundo

Jardim campo de golfe tomado de sepulturas carcaças/ carrocerias de plástico de carro. No fundo ao centro, um balanço que vai se erguer verticalmente. Nele um jovem que se balança sentido a vertigem do mais alto sem limites. Em baixo duas mulheres exageradamente maquiladas, em biquines e casacos de plástico. Elas coreografam os acontecimentos. Lembram as mulheres de posters de revistas masculinas norte-americanas. Elas se situarão mais à frente, ao lado de um latão. Nele jogam partes de suas roupas. Ao lado seu, eis quem comanda o espetáculo: o senhor capitalista, baixinho, gordinho, com um bigodão, meio calvo, com um chapelão, fumando seu cachimbo e andando arrastado, com um megafone. A movimentação dos personagens será pontuada por uma linha de baixo acústico constantemente repetida, seguida de efeitos sonoros que lembram situações apresentadas por intervenções de notícias ou informações médicas. O objetivo é representar a noite em que um adolescente se embriaga, pega o carro do pai e colide com um poste. O jovem futuro "acidentado" vai subindo seu inferno no balanço circense, as duas moças são vinhetas de seus sonhos de consumo e sexo, e o senhor capitalista-megafone faz as passagens dos números, anuncia os esquetes, ven-

de os sonhos, dá o carro e trombeteia as notícias, mudando sua voz quando for preciso. Para melhor visualização da representação, dividimos o espetáculo em cenas que mostram as etapas que vão do delírio à fatalidade

I-Prólogo sem dor

Baixo acústico executa seu ritmo hipnótico, marcando em climax os conflitos de cena com maior altura e rapidez quando for preciso, mas depois voltando a seu espaço sonoro. As duas mulheres vão entrando como cobras no paraíso.

VINHETA de agora: "Longa noite. Noite, noite, noite."

No mesmo ritmo, entra o capitalista em sua quase dança, o corpo gordo que impede o exato bailar. Ele fuma, o megafone preso à cintura. Ele sorri, como fazendo política, distribuindo beijos e abraços. Empatia com a platéia. Entra o jovem que se deita no balanço, sempre refletindo, o olhar de quem pensa muito, pensador, pensador. Aos poucos, em conjunto, o movimento das mulheres e do baixinho que dançam juntos. Stop na dança. O capitalista conspirador fala, apontando para o jovem. O baixo acústico executa seu padrão.

O Conspirador

Pensa, meu jovem, e muito, pensa demais. Olha que a vida não passa de um pensamento, a idéia que se tem é a coisa mesma que se quer. Pensa, meu jovem, pensa: a vida não vale mais que uma idéia.

318

VINHETA DAS MULHERES, que vão cantando e se desnudam, jogando as luvas e as outras roupas no latão

Pensa muito. Pensa, pensa, pensa.

JOVEM gargalha, o medo escondido. Fica de quatro no balanço, como um animal, e ri rugindo, o balanço que ainda se ergue.

MEGAFONE, voz de rádio. *Flash informativo sobre o trânsito. Ruídos de ajuste de frequência.* "Diariamente em Brasília a polícia registra cerca de 80 acidentes de trânsito. A maioria deles envolve jovens entre 10 e 30 anos."

O Conspirador

Agora você vai sair de casa, a festa, a festa. Agora você vai ver a vida, as coisas como elas são.

(ruídos de carros, o trânsito muito rápido, músicas de uma festa, vozes, as muitas vozes de uma festa, sons como uma câmera perturbada seguindo sons que se arremetem contra a câmera, o jovem que olha.

VINHETA DAS MULHERES: "quem me leva, quem me traz. Noite, noite, noite".

MEGAFONE *(As mulheres)*

Falso diálogo entre um radialista e um ouvinte:

Radialista- a noite está tão calma hoje.

Ouvinte- é, só morreram três...

Radialista- mas ontem a coisa foi pior!

Ouvinte- concordo, mas hoje só vamos ter três mortos

Radialista- Tua filha está em casa

Ouvinte- Não, mas meu filho já saiu faz tempo *(riem)*

O Conspirador

Vamos, meu filho, vamos logo. A noite chegou e todos estão nas ruas. *(tira do bolso umas chaves e as balança)*. É o que você quer, não é mesmo, é o que você quer...

VINHETA DAS MULHERES: vida, muita vida. Lá fora, lá fora.

319

O Conspirador

O que a gente faz então, meu filho, o que a gente faz ?

VINHETA DAS MULHERES me leva, me leva, depressa, depressa

MEGAFONE Flash informativo.

Uma guerra! Uma guerra todos os anos. 25 mil pessoas deixam de voltar para casa todos os anos. Um Vietnã, meu Deus, o fim do mundo.*(gargalhada)*

VINHETA DAS MULHERES "poema para quem sai sexta à noite: não dorme, meu filho, não antes do amanhã, pois eu estou te esperando, até amanhã de manhã "(*Riem*)

O Conspirador

Quantos anos, hein, quanto anos você tem? Quanto mais jovem melhor...

VINHETA DAS MULHERES

Grande dia, grande noite. Quem me leva, quem me quer.

O Conspirador

Você tem dinheiro? Não importa alguém tem, meu filho, alguém tem. Você dirige? Você tem carro ? Não importa, meu filho, não importa: alguém tem, você vai conseguir.

MEGAFONE flash de uma aula de português:

Um acidente é o que ocorre por acidente. Um acidente é um acidente. O que não é por acidente não pode ser um acidente. Logo, um acidente só pode ser um acidente. Colidiu, meu jovem? Deu prá colidir? Ah, isso não é um acidente. Se você pensou mal, é porque pensou mal mesmo.

320 VINHETA DAS MULHERES vem, mas vem logo; vem que eu não espero. Vem, mas vem depressa, vem nos buscar (*ruído de festa, explosões de filme de ação e vídeo games*)

O Conspirador

Pensa, meu filho, já pensou ? A vida te quer por inteiro. Vamos filho, vamos, (*sacode as chaves*) eu tenho as chaves, eu tenho as chaves (*riem*). Pensa, meu filho, pensa; a vida não vale mais que uma idéia.

(*Festa show. Dançam elas como se fossem dançarinas de programas de sorteio na tv. Do latão começa a sair fogo. Os passos pequenos do conspirador e os gestos circulares de suas mãozinhas.*)

VINHETA DAS MULHERES Pensa muito, pensa agora, pensa tudo, pensador. Pensador, pensador.

MEGAFONE depoimento de um adolescente com ruídos de jogo de carrinho de vídeo game e perseguição de filme de ação

Vale a pena correr o risco. A polícia não tá nem aí. Acho certo pegar os menores que estão fazendo besteira. Agora os que estão na lei, não digo com carteira, mas como carro certo, regular, cinto, tudo direitinho, andando na velocidade certa, na manha, aí tudo bem, libera.”

II- A vertiginosa bebedeira

Jovem explode de seu silêncio acuado. Uma gargalhada de quem segurou por muito as vontades e os desejos. Contorce-se. A gargalha que arranha a garganta, o delírio de uma última liberdade, como se o medo de altura e o prazer de voar se encontrassem. A voz rouca de quem não sabe se ri ou chora. Tira uma garrafa de cerveja de dentro da camisa. Bebe e joga bebida nos que dançam. Tira a camisa e gargalha mais. Pula no balanço que já subiu até a altura de um homem em pé. Sob nossas cabeças ele fala, as coisas ainda incertas, as infundadas certezas, a cópia da cópia do que ouviu e escutou. O desejo de ter o que os outros têm para que os outros tenham todos as mesmas coisas.

JOVEM

(em pé no balanço, movimentando-se) Eu tô na área. É isso aí, eu tô na área, vendo tudo, caras, vendo tudo. Eu sei das coisas, dessas aí que todos sabem. Eu sei também. Eu não sou burro, eu tô ligado, eu entendo tudo direitinho. Mané coisa de não saber, caras... Manézada.. Eu não sou mais aquele, eu sou como todo mundo. Eu quero também as coisas. Eu tô nessa. Sei o que tô fazendo. Eu sei, eu posso, eu quero. É isso aí. Se cuida, que eu tô na área. Porque você tem que ser algo, alguém, senão você é nada, é mais um. Eu entendo isso agora. Ser diferente, ser melhor que os outros. A coisa tá aí, caras, a coisa tá pegando, e eu não sabia. O agito é isso. O agito tá no dirigir, na máquina. Todo mundo dirige. Todo mundo comenta o que faz com o

caro, fiz isso e tal. Eu fiz isso no meu carro, eu fui. Porque a pé você é nada. Agora de carro... Eu tô ligado. Eu tô entendendo. Assim eu entendo. Eu vejo. O agito tá nisso. Sem dirigir você não pega mulher, não sai pros cantos, você não faz nada. Eh, manézada, mané coisa de andar a pé. Mas agora eu sei. Eu tô sabendo. Eu já sabia. Agora eu tô na área. Vô com tudo prá cima. Eu vô voando, me pega mais não, caras, me pega mais não. A máquina, a máquina, caras.

O Conspirador

(quebrando madeirites e jogando-os no latão) A coisa vai ferver, a coisa vai ficar boa. Esses são os ossos do ofício que estalam enquanto se sonha. Essa é a vida que se afunda nos ossos que viram pó. O que ninguém vê ou sabe, o que se esconde o que se mostra.

VINHETA DAS MULHERES

Pensa, pensa, pensa muito. Agora você pode, agora é só correr.

MEGAFONE FLASH LOUVOR EM HOMENAGEM A CIDADE DE BRASÍLIA(ruídos de carro acelerando, fórmula 1)

A bela cidade planejada, para que o fluxo de automóveis não cesse. Sem cruzamentos e faróis, para se ir o mais rápido que se puder em seu carro. Eis a cidade-automóvel, objeto e retrato confundidos.

Jovem

(senta-se e começa a balançar e a subir) Agora eu vou, de verdade, agora eu saio daqui. Ninguém me segura, caras, ninguém me segura. Me dá, me dá, me dá. Eu tô chegando, caras, eu tô chegando. Tá tudo certo, na minha cabeça tá tudo resolvido. Eu tô sabendo das coisas. Como todo mundo, eu tô sabendo. Não sei porque demorei tanto a ver as coisas, por que não me deixavam ver as coisas. Agora tudo é mais fácil, mais rápido. Eu tô chegando, caras, agora eu saio daqui. Agora eu sou igual a todo mundo.

VINHETA DAS MULHERES

"poema adolescente: quando eu crescer, eu quero um carro. Quando eu crescer, eu quero um carro. Quando eu crescer e ficar grande, eu quero um carro, um carro e mais nada. Eu preciso crescer logo"

O Conspirador Isso, meu filho, isso mesmo, viu como é fácil, como é bom. Olha como todos estão aqui, como as coisas boas estão aqui. Acelera , corre, vem mais rápido, chega logo, vai ser bom. Isso, meu filho, isso mesmo pensa mais, pensa: a vida vale menos que um pensamento.

Jovem

(balançando-se mais forte. As mulheres e o conspirador se afastam) Agora eu tô entendendo, agora é bom demais. Tudo que se quer então pode: é fácil, é assim. *(bebendo e gargalhando)* Eu tô demais, eu tô nessa.

O jovem está zoando e zunindo como um animal. As faces mudando. O rosto imóvel pelas visões de prazer que não cessam. Dependura-se no balanço ficando de cabeça para baixo. Ruídos de automóvel, de risos de festa, de freadas, de vozes, de perseguições de filmes de ação, de comandos de academias de ginástica, de ambulância, de rádio patrulha, de vozes de imprensa, tudo se alternando três vezes nessa ordem.) Me dá, me dá , me dá. Agora pode, agora ninguém vai dar conta. Eu tô dentro, caras, eu tô dentro. Eu tô chegando. Vou chegar antes que todo mundo. *(Gargalhada rouca, a bebedeira.)*

323

MULHERES, com doce ironia de comercial. Um corte brusco em tudo, sem música, terminando a fala em gargalhadas)

A primeira colisão faz tcham: um objeto em frente contra o qual você colide. O carro muda quase que instantaneamente a velocidade de 60 quilômetros por hora para 0. A segunda colisão faz tcham tcham: assim como o carro precisou de um objeto fixo para parar, os corpos de quem estão dentro do carro também precisarão, até que batam de frente contra a estrutura interna do carro. E, finalmente, assim como o corpo precisou da estrutura metálica do carro para parar, o ossos e os órgãos internos do rapaz continuarão se movimentando até se chocar contra o corpo, contra o ossos do corpo E então tcham,

tcham, tcham, tcham!!!!!!(sons de colisão e de ambulância, acompanhados de uma narração de futebol: E correu pela direita, correu mais, cortou para esquerda, aprofundou no meio, girou, girou e foi: bateu de frente com um poste e destruindo tudo que tinha pela frente. Uma baita batida, minha gente. Não deve ter sobrado nada. A galera já se aproxima do local. Que baita batida!)

3- A queda do pássaro ou O muro

O Conspirador (*tira um braço de dentro de seu casaco, mete-o no latão que está com fogo alto e ascende o seu charutão*) É garoto, meu filho: agora você vai ver de verdade como as coisas são. As minhas mulheres que são minhas já vão embora. (*abraça as mulheres*) Você demorou demais ou chegou muito cedo. (*Arranca a cartola. Surge uma cabeleira avermelhada que escorre pelos seus ombros. Os olhos mudam. O conspirador olha fixamente para a platéia. As mulheres vestem por cima de suas roupas aventais e gorritos de enfermeira, todos com sangue*) Agora fica comigo. Esta é a lei: a natureza não dá saltos. Está é a lei: há tempo para todas as coisas debaixo do sol. Esta é a lei: tudo tem peso e ocupa espaço. Agora vem ver onde tudo acaba, quando um corpo é menos que a coisa que você compra. Vem ver que o mal menor é a morte. Onde foi parar a festa? Onde estão os caras? Por que o curva virou uma reta e teu rosto perdeu a cor? Onde , meu filho, onde estão tuas pernas? Onde foi o pensamento. Agora pensa, pensa muito, pensa até amanhã. Pensa, é só o que te resta fazer. (*elas saem do abraço dele e vão andando para a platéia dizendo*

324

MULHERES: antes de você havia mais gente e mais gente. (*O conspirador pulando tenta pegar nos pés do jovem desmaiado. O conspirador faminto, como que tem pressa em acabar com o que precisa ser finalizado.*) antes de você as pessoas existiam (*o conspirador anda no cemitério de carcaças procurando algo para usar para alcançar os pés do jovem*) E elas continuam a existir, andando pelas ruas, riscando com seus pés o caminho do mundo. (*O conspirador arranca uma carcaça que serve para ele alcançar segurar os pés do jovem. O jovem sente ser puxado, sente o peso que o empurra para baixo.*) Agora você sabe e não vai mais ficar com a gente. Quantos anos você tem, garoto,

quantos anos você tem prá ir assim tão cedo?(*o jovem sentindo o peso do conspirador, torna-se uma criança com medo, desculpando-se, dizendo que não vai mais voltar a fazer isso, que não é culpa dele, que não era prá ser assim, que foi a primeira vez, que nunca tinha pensado em fazer o que fez, que não vai mais fazer, mesmo que peçam prá ele, ele não vai mais fazer o que fez. O jovem de costas*) Escuta a canção da queda:

Prá quem já vai embora...
prá quem já nem chegou
o importante mesmo
o importante mesmo
é saber
que a vida é muito longa
vida a se perder
prá quem não sabe muito
pouco vai saber
e se já vai embora
e nem se despediu,
um dia muito longo,
um dia menos vai
mas o importante mesmo
o importante é
saber que a vida inteira
um pouco ou nada é.

325

Após a canção das mulheres, cai o conspirador das alturas, rolando, tossindo, como um animal porco e imundo no chão. O jovem vira o rosto e mostra sua cara sem olhos, pálida, pálida, máscara de alguém sem boca e sem olhos. O baixo acústico cessa sua música. O balanço desce aos poucos, trazendo alguém doente. As mulheres se vestem de enfermeira. Com cuidado aguardam a descida do jovem. O megafone em flash de notícia

MEGAFONE

Mais uma tragédia em nossa cidade de ruas tão largas e mentes tão estreitas. Pai empresta carteira para seu filho de 16 anos ir em festa com amigos. Embriagado, o menor se arrebenta em um poste

e tem a medula traumáticamente lesionada. Vai passar o resto de sua vida em uma cadeira de rodas. O custo de um paciente portador de lesão medular pode chegar a 23 mil dólares e o tempo de permanência a 267 dias.

Depoimentos de jovens:

(enquanto isso, as mulheres recolhem o jovem em uma maca, que é o balanço mesmo, coberto com as roupas de antes delas. A partir dessas falas pré-gravadas, depois de deixar o Jovem fora de foco, as Enfermeiras vão dialogar com o público, incitando-o a contra suas experiências com direção.

"o que dirige o carro não é habilitação. Andando no trânsito, você vê se tem condições".

"Brasília é uma cidade de poder, de tudo, então todo mundo acha que pode fazer tudo o que quer e que vai ficar ileso".

"Eu morro de medo da polícia , porque aí depois o meu pai vai ficar puto comigo e eu nunca mais vou poder sair com o carro"

"Eu sei onde tem blitz. A blitz de Brasília é fixa nos eixos. Cada um inventa um truque"

"Eu acho que esse negócio de carteira , que devia ser um lance individual , avaliar cada um, se esta pessoa tem condições ou não de dirigir um carro. O que tem aí não é um prova rigorosa. Conheço muita gente que não sabe dirigir e tem carteira. Aí você pensa:- pô, se um cara desse tem carteira , porque eu não posso dirigir ?"

"por que tá na minha mão o carro, eu sei o que estou fazendo

" Se tudo o que você for fazer na vida for pensas nas consequências , você não faz nada

"Senão você não acelera... Você não precisa pensar que vai acontecer alguma coisa".

(O conspirador sai detrás dos túmulos, em farrapos, a cartola não encobrendo a peruca avermelhada. A boca como se tivesse comido carne ensangüentada, os dentes apodrecidos. As mulheres param quando ele falar. E jogam o jovem no chão.

Volta o baixo acústico, agora distorcido. O conspirador fala, a voz risonha e engasgada com a baba de sangue tosse.

Conspirador

Pensa, meu filho, pensa e muito, pensa demais. Faz razões, cria os atos. Pensar que pode e faz. Pensa, meu filho, pensa muito; a vida vale menos que uma idéia. *(gargalha e vai para o balanço. As mulheres cantam suas vinhetas. E todos terminam com a canção da queda. Inicia-se a canção com sonoplastia de fórmula um, depois carros de vídeo game e perseguições de filme. O latão jorra fogo. O conspirador acende seu charuto com uma perna que tira do colete.*

A Oração

Espaço duplo de uma sala de jantar. Mais à frente, à direita, um jardim. Eis o dentro e o fora da casa. Momento agora do jantar.

1

(Todos à mesa. A esposa e duas crianças)

Pai

Todos prontos ? Então oremos: Pai nosso que estás nos céus, agradecemos-te o alimento. E faça que nunca falte neste lar, nem no lar dos teus filhos. Amém.

(Corte de tempo. O Pai está de óculos. Arrumando sua roupa. Um pouco atrapalhado mas tentando esconder seu embaraço. A mesa está mais comprida, assim como, conseqüentemente, a distância entre os membros da família. No corte da luz, saem as crianças e entram dois jovens no mesmo canto extremo da mesa)

329

Pai

(nunca agressivo) Atenção, todos em silêncio! Prontos? Então, oremos: Excelso, amantíssimo e poderoso Deus, que habita nas alturas longínquas dos céus, estamos aqui diante de ti, agradecidos pela fartura que nos deste, oh senhor onipotente rei (...) senhor de todas as coisas,(...) pai generoso, bendito deus criador... Abençoa-nos, te imploramos. E nos concede que esta comida nunca falte neste lar nem no lar de teus filhos, para todo o sempre, em séculos e séculos,

amem e amem.

(Passagem de tempo. A mesa está mais comprida ainda.)

Pai

(Cheio de ansiedade como se precisa fazer as coisas do que jeito que fala.) Em reverência, meus filhos e minha esposa, vamos ficar de pé. Oséias, meu filho, coloque uma música bem bonita de fundo. Miriam querida, arrume esse cabelo. Marta, meu amor, fique assim mais aqui ó, para tudo sair bem distribuído, proporcional. Olha essa tolha! Está torta. Marta, meu bem, você devia ter visto isso antes. Não, agora não, meu querido filho. Não solte a música ainda. Volte a faixa. Deixa eu arrumar minha gravata. Assim está bom. Agora todos de mãos juntas. Isso mesmo. Tirem as mãos da mesa, eu já disse. Oséias, o que está esperando: solte a música. Agora fechem olhos, fechem os olhos de verdade. Vamos agradecer pela refeição que nosso benevolente rei senhor misericordioso e... (entra a música. Todos se sentam e calados comem)

Pai

Uma linda família, hein Marta? Tudo bem direito, certo. A toalha, os lugares. Não é mesmo, querida? (Silêncio) Não é mesmo querida? (Estranhando. Todos se entreolham) Marta, meu bem, está na sua hora de falar! Lembra: quando eu disser "não é mesmo, querida ?" é a deixa. Daí você fala. Esqueceu? Relembrando. Para a vez de Oséias é "E aí, meu filho, como foi o seu dia? ". E para nossa bela e gentil filha Miriam como é? Respondam:

Todos

(divertindo-se) "Que belo vestido, filhinha!" (Riem)

Pai

Que família, que esplendorosa e organizada família. Ande para cá, venha por ali, sente-se desse jeito e façamos as coisas assim. É bom haver comunicação, dar a todos a possibilidade de se expressar.

Cada um tendo o momento para escutar o outro. Esse é o Jogo das Famílias. Por isso, para prêmio nosso decidi que vamos passar o final de semana na chácara.

Filho

(Corte com a unanimidade feliz. Fazer notar as reações disto na face, nos gestos e na entonação das palavras) De novo, pai.

Pai

Ora meu filho querido, há vinte anos vamos lá para entender as maravilhosas lições da natureza. Escutar e ver as criaturas é algo inestimável.

Mãe

E além disso você não vai querer ficar sozinho aqui. Principalmente depois que o seu Alcântara, o caseiro de se pai, vier para mexer nas plantas. Ele não gosta de gente em volta dele enquanto trabalha.

Filho

Mas eu marquei de sair com a Raquel no fim de semana.

Irmã

A Raquel ? Vocês estão namorando?

Filho

Ei, eu preciso dizer tudo? Preciso mesmo?

Mãe

Meus filhos, comam, comam antes que esfrie. E não falem de boca cheia que é feio.

Pai

Muito bem, querida esposa, corretíssimo. A boca fala do que o coração está cheio. Se estamos comendo, convém não falar. Está combinado. Vamos para a chácara domingo, contemplar as belezas da

criação. Vamos ficar estupefatos, maravilhados com o que Deus nos deu. Quem sabem aprendamos a ver na ordem das coisas um pálido e tremeluzente aspecto do ideal divino para nossas vidas. (Comem. O filho sai da mesa sem pedir licença. O pai o chama mas não adianta. A filha ajuda a mãe na retirada dos pratos e na arrumação da sala.)

Pai

Querida e bondosa esposa, não tenho entendido ultimamente nosso amado filho. Parece que as coisas que temos feito sempre e tão bem não são mais importantes para ele. Não quer ir para a chácara, não fecha mais olhos durante a oração e nem espera sua vez no rodízio quando a gente conversa.

Mãe

É verdade. Desde que começou a sair com a menina dos Freitas tenho notado que...

Pai

(Interrompendo) Marta, acho que ele não anda comendo bem. Está desnutrido. Alguma vitamina deve estar faltando a ele.

Mãe

A menina dos Freitas é um doce. Bonita. Bem educada. Nosso filho parece ter...

Pai

(andando reflexivo) Mas é claro, meu bem, mas é claro. Só pode ser isso. A boa alimentação redundava em um organismo perfeito. Uma máquina. Se uma peça está errada, nada funciona. Uma vitamina a menos e o corpo dá defeito.

Mãe

Por isso, acho que a gente devia entender melhor a situação. Conversar com ele. Os sentimentos novos, e emoção de gostar de alguém e...

Pai

Querida, é urgente nossa viagem para Chácara. Vamos fazê-los comer mais e de tudo, comer muito e do melhor. Se uma peça estraga toda a máquina não funciona. Uma boa refeição vale mais que mil palavras. Isso mesmo (Sai repetindo suas últimas palavras, como se tivesse descoberto a resposta ou tentado ignorar o problema.)

2

(A filha revelando e a mãe sendo lateral)

Filha

Mãe, acho que o pai não está bem.

Mãe

Como, minha filha?

Filha

De uns tempo prá cá, desde que fez quarenta anos, as coisas parecem estranhas. A morte do vovô, a gente crescendo.

Mãe

Ora, Miriam, são invenções de sua cabeça. Você é que precisa se relacionar melhor com seu irmão, isso sim.

Filha

333

Mãe, me ouve. Sempre achei engraçado algumas coisas em casa. Mas elas tem se repetido com um estranho exagero. Se a gente olha de verdade as coisas não eram prá ser desse jeito.

Mãe

Agora você me assusta, minha filha. O quê por exemplo?

Filha

O pai tem mania de perfeição e brinca com isso. Toda vez que fala precisa usar palavras difíceis, como se estivesse discursando.

Os elogios, a maneira como nos trata é sempre igual, parecendo que tirou frases prontas de algum baú esquecido não sei aonde.

Mãe

Agora é você que está exagerando, Miriam. Seu pai esta passando por dificuldades mas eu confio nele. Sei que é só dar um tempo, deixar as coisas acontecer que tudo vai melhorar. Ele precisa desse tempo. Oro a Deus para que tudo acabe bem.

Filha

Orar? Ah, então a senhora viu como o pai ora. Antes era mais fervoroso, mais próximo de nós. Agora, muitas vezes se perde, as frases ficam tão longas e sem ligação. Acho que se distrai enquanto fala, indo prá (fazendo voz de eco, com as mãos na boca) longe daqui, longe, outro lugar. Parece não estar com a gente. Mas continua falando, falando até que termina. Acho que de cansaço.

Mãe

Você falou tudo que acha, e eu ouvi. Vamos fazer o seguinte: deixar como as coisas estão. Ainda não sei o que fazer. Mas o melhor é que seu pai descanse. É melhor que ele continue fazendo as mesmas coisas até que se dê conta de tudo isso.

Filha

Mas mãe...

Mãe.

Eu já disse: vamos esperar. Confio em meu marido, confio em Deus.

Filha

Tudo bem. Mas porque a senhora além de orar também não conversa com ele?

Mãe

Eu tento...

Filha

Então...

Mãe

Vamos arrumar o resto da mesa!

3

(Fora de casa. Enquanto arrumam a casa, o filho passa apressado pelo jardineiro, esbarrando nele. Cai um saco com mudas. Falam recolhendo as plantas.)

Filho

Desculpe, seu Ancântara. O senhor já chegou, não é?

Jardineiro

Ora, meu rapaz, onde vai assim com tanta pressa.

Filho

Me despedir da Raquel. Ia ter uma festa final de semana mas como o senhor sabe...

Jardineiro

Todo o final de semana a família Santos vai para a chácara!

Filho

É, é assim mesmo.

Jardineiro

E você não gosta de ir lá?

Filho

Bem, seu Alcântara, prá dizer a verdade, eu não suporto mais aquilo. Só tem bicho e planta.

Jardineiro

Eu moro lá.

Filho

(surpreendido, querendo abafar a gafe) E ... não há nada prá se fazer naquele lugar ... O senhor me desculpe mas já vi tudo que era prá ter visto. Desde pequeno, todos os finais de semanas, duas horas de carro. Descidas e subidas. O mesmo rio, a mesma casa, tudo no mesmo lugar que gente deixa no domingo de tarde. O pai indo e vindo com a gente.

Jardineiro

Sei, sei. Mas é um bom lugar. Trouxe umas mudas prá plantar aqui. Vão ficar lindas. A gente sempre pode fazer tudo novo. É só querer. Veja como são macias, belas e perfumadas.

Filho

(Com desdém) Macias ? Belas e perfumadas ? Mas é só planta!

Jardineiro

Se aproxime. Toque nelas. São plantas somente. Você tem razão.

Filho

Não tô a fim. Qual é a vantagem de pegar num treco desses?

Jardineiro

Tenho passado a minha vida inteira com elas. E acho que não foi em vão. Tenho visto muitas delas crescer e outras colhi com minhas próprias mãos. Em tudo minhas mãos foram percebendo, para alegria de meu olhos, o peso frágil dessas folhas, seu toque suave em mim.

Filho

Tudo isso, tudo isso seu Alcântara? Que viagem?

Jardineiro

E isso não é tudo: é possível muito mais que olhar e sentir na pele. A gente pode ouvir.

Filho

Ah não, aí o senhor pegou pesado, aí foi demais. O senhor tá ficando como meu pai. Ah, e meu pai, tem problemas, muitos problemas.

Jardineiro

O que eu te falo não são figuras. Se você pode ouvir a voz das folhas é porque ouve bem as pessoas em seu redor. Você fala muito do seu pai. Você não toca nas folhas. Pare de olhar e toque. Sinta o calor que desce dessas folhas. Prepare-se depois para ouvir. Não a voz de uma planta, mas as palavras no seu coração. Um dia é pouco para quem cede, para quem se abre ao encontro. Tente entender o que te rodeia. Tente saber do que você foge. Ainda hoje, meu rapaz, ainda hoje.

Filho

Ãhã, ãhã, tudo bem. Tudo bem, já vou, tô indo. Depois a gente conversa. Tô com pressa. (sai) 337

Jardineiro

(com as mudas) Venham vocês, venham comigo. A terra nos espera ansiosa. E eu estou feliz por tudo. Te agradeço, Deus, por falar contigo de olhos abertos enquanto vivo, fazendo aquilo que posso fazer. Venham, venham comigo: eu sei que alguém sente agora o toque suave das coisas simples desse mundo. Meu bom Deus, te agradeço por tudo.

4

(O Pai entra na sala de jantar. Trecho da canção tema ao piano. O Pai está sozinho e angustiado. Andando com um gravador. Liga e desliga como gravando e ouvindo o que gravou. Fala e ouve o que disse)

Pai

Não é fácil, e eu queria resolver. Não é fácil quando não se pode dividir, eu sei. Uma bela família, uma maravilhosa família a minha. E eu? A vida chega inteira de repente e não me ouço. De repente a vida inteira diante de mim. O tempo, seja bom ou mau, passou. Umas coisas podiam ter sido diferentes e outras nem continuado. Mas eu tenho de ser pai, continuar a ser pai, mesmo agora quando não queria. Quando não tenho forças. Me sinto fraco, cansado de adiar o encontro comigo mesmo realmente. Tenho me enganado tanto, criando a certeza perigosa de que os problemas foram resolvidos, rindo, sorrindo, falando para que não vejam como estou. Um pai tem de ser forte mas eu já não posso mais. Tiro forças não sei de onde, como se dobrasse e esticasse uma corda tão gasta que só não se parte por falta de vontade. (Cala-se e solta a gravação.) Uma corda sem forças nem para se romper. Continuo sem deixar espaços para erros, desvios. Vigio a casa, vigiando minhas fraquezas. Amo minha mulher e meus filhos mas estou cansado. Faço tudo igual para que não notem como as coisas mudaram. Escondendo-me e deixo de ser quem eu sou nas palavras ocas e empoadas. Há algum tempo perdi controle disso. Em momento que não podia perder. (Volta sua própria voz) Eu gostaria de contar tudo, de falar. Mas acho que é tarde. Estou longe de todos, longe de mim mesmo. Eu não falo com ninguém há muito tempo de verdade. Eu gostaria que alguém me ouvisse. Eu gostaria que meu pai tivesse me ouvido. (Aqui a gravação entra novamente) Nem orar mais consigo. Acho que as palavras morrem em minha boca e Deus não me ouve. Daí falo desesperadamente como se estivesse engolido e amordaçado por um silêncio brilhando em lugar esquecido por todos. Um lugar fechado por dentro e por fora. Lugar nenhum. Eu não sabia que se pode ficar tranquilo, feito as águas paradas de um rio sem

vida. Eu não sabia que se pode orar sem ouvir a si mesmo. (Entra a esposa)

Mãe

Meu bem? Falando sozinho?

Pai

Bem que eu queria, Marta, bem que eu queria.

5

O filho se encontra com a namorada.

Raquel

Oi ! tudo combinado?

Filho

Nem te falo. Meu pai!

Raquel

Ah não, A chácara de novo!

Filho

Aquele lugar outra vez. Mais um fim de semana perdido!

Raquel

339

Assim não dá! Como a gente vai continuar namorando desse jeito? Dia de semana é corrido, ocupado. Daí chega fim de semana e...

Filho

E a chácara! Acha que não me incomodo?

Raquel

Não sei. Você fala com seu pai sobre isso? (entram dois amigos)

Amigo 1

Sobre isso o quê?

Amigo 2

A chácara?

Amigo 1

Não me diga que...

Amigo 2

Você não vai ficar com a gente de novo?

Raquel

É , é isso mesmo!

Filho

Calma, gente vocês não entendem.

Amigo 1

Claro que não. Não é normal.

Amigo 2

Sempre a mesma coisa.

Raquel

Ia ser tão bom você com a gente.

Filho

Eu sei, eu sei. Eu queria ficar.

Amigo 1

Mas teu pai...

Amigo 2

Não sei não mas teu pai... a idade...

Filho

Ei, o que que há? Vocês não conhecem meu pai, tá legal? Não podem falar assim dele. Há algo errado, mas isso não dá o direito de vocês brincarem com isso. Eu vou falar com ele. Vou ver qual é.

Amigo 1

Calma tudo bem. A gente é amigo.

Filho

Eu sei, mas não falem assim dele.

Amigo 2

Os velhos são sempre assim: esquisitos.

Raquel

(para o amigo 2) Ei, não ouviu? Corta! (para o Filho) Vai, Oséias: a gente fica te esperando. O que resolver eu compreendo. Vejo que teu pai é muito importante.

Filho

Eu vou em casa e volto. Esse negócio precisa ser esclarecido. Eu não sei porque ele fincou o pé num treco desses. Tchau.

Amigo 1

Falou, hein.

Amigo 2

Falou !

6

Mãe arrumando as coisas para chácara

Mãe

Vamos levar umas cobertas. Pode fazer frio.

Pai

(distante e desanimado) Sim, Marta, tudo bem. Você pensa em tudo. Concorde.

Mãe

E uns jogos. Faz tempo que a gente não brinca na chácara. Antes...

Pai

Claro, Marta, claro. Do jeito que você quiser.

Mãe

(senta-se, olhando para ele) Antes você fazia uma fogueira e eu não precisa levar os cobertores. A gente ficava até tarde conversando e rindo sem parar. Você, meu bem, era muito engraçado (rindo). Principalmente de manhã no rio, pulando e brincando como um menino. O meu homem.

Pai

342

Que jogos você está levando, Marta? Aquele das palavras? Eu adoro as palavras. Eu adoro formar palavras com aqueles pedacinhos de madeira. É sempre uma surpresa o que você pode fazer com as letras. Pode ser uma palavra enorme, mas no fim das contas, vale pouco. O que vale são as letras difíceis, as palavras raras. O que é difícil encontrar. A gente fica agoniado procurando, querendo as palavras que nunca vêm. Como se todo esse esforço inútil pudesse fazer com que as palavras raras viessem.

Mãe

É por isso que são raras meu bem, difíceis. Elas não vêm porque queremos.

Pai

Você me entende Marta, você pode me...

Filha

(entrando e interrompendo) Tudo pronto? Eu já arrumei minhas coisas. E Oséias?

Mãe

Deve estar na casa da Raquel.

Filha

Vai ter uma festa. Mas ele não vai.

Pai

Ele vai para a chácara. Vamos todos juntos. Há tempos vamos lá.

Filha

O seu Alcântara está aí desde manhã.

Mãe

Parece que mora aqui...

Filha

...enquanto a gente mora onde ele mora. Não é esquisito? É como se a gente estivesse fora de lugar.

Pai

A casa, é preciso a casa. Vamos logo, não vejo a hora de estar longe daqui.(Sai inquieto. A mulher e a filha se entreolham)

7

O Filho vem vindo para casa e se defronta com o jardineiro. O filho não quer falar com o jardineiro. Mas , em sua tentativa de passar despercebido, esbarra em um saco de mudas.

Jardineiro

Você encontrou o que estava procurando ?

Filho

Não, seu Alcântara. Na verdade, eu tava é ...

Jardineiro

Fugindo de mim ? Ora, não tenha tanto trabalho.

Filho

Não é isso. É que eu tô com pressa.

Jardineiro

De fugir? Então corra pois não adianta. Do que se foge é o que se busca.

Filho

(Parando para ouvir, irritado) Estou atrás do senhor?

Jardineiro

Não, estamos frente a frente. Ou melhor, em pontos extremos. E no meio, essa muda. Quem me passar?

Filho

344

(Curioso. Pegando a muda) Eu não sabia o que o senhor era assim tão difícil de conversar. Também, nunca prestei muito atenção no senhor...

Jardineiro

Nem eu... prestei atenção em muitas outras. Veja só; como pude deixar essa muda aí. Eu trabalho nisso há anos. Sempre fazendo a mesma coisa. Mas nunca fazer a mesma coisa é fazer do mesmo jeito. Quando se vê.... bum! há algo errado.

Filho

Ei, não precisa ficar preocupado. Toma aqui. Não aconteceu nada. Nem pisei nela.

Jardineiro

(Pegando a planta) Mas não conseguiu fugir de mim. Se eu tivesse feito tudo direitinho, você poderia ter passado por aqui fácil, fácil. Eu continuaria aqui por séculos e você nunca me notaria.

Filho

Sei, sei. Tô entendendo. O senhor quer me dizer algo, não é? Tô sabendo, tô chegando lá, mas não sei direito no que é.

Jardineiro

(arrumando as coisas, fazendo seu trabalho) Não, meu jovem, eu não quero dizer nada. Chega de palavras. Eu quero cumprir com minhas obrigações. Eu sou um jardineiro. Preciso fazer meu trabalho. Todo mundo precisa fazer o seu trabalho e da melhor maneira possível. Mas para isso não pode deixar coisas espalhadas a torto e a direito por aí.

Filho

(pegando outra muda) Ah, mas se não fosse por essa muda perdida eu não pararia aqui para falar com o senhor.

345

Jardineiro

(erguendo-se e fitando o Filho) Mas você precisava tropeçar nisso para me ver? Eu, que sempre estive aqui por perto. Se você não quisesse fugir, não esbarraria. Prá onde você for, de onde voltar, é só fazer o seu trabalho e direto. Me desculpe. Agora me passe a muda.

Filho

(passando) Tudo bem, seu Alcântara, tudo bem. Obrigado por falar comigo.

Jardineiro

Eu é que agradeço por você me fazer ver o que tenho de fazer. (O Filho sai. Jardineiro mexendo com suas mudas.) Ah, meu bom Deus, tenho em minhas mãos um pouco da vida. Eu posso trabalhar para que ela continue. A tarefa mais fácil ficou prá mim. Devolver para a terra o que à terra pertence. Daqui uns tempos a planta vai crescer e tomar conta da vista, independentemente de mim. A casa ficará mais linda. Ninguém vai saber que fui em quem plantou. Mas sei direitinho meu trabalho. Vou lavar as mãos, tirar a terra das unhas e o cansaço das costas. Mas não a vida deste lugar. Eu participei, fiz algo. Não deixei que a casa ficasse deserta, que morresse sedenta por minhas mãos ociosas. Deus, eu te agradeço por tudo, porque entendi que posso fazer alguma coisa. Com minhas mãos eu posso impedir que a casa morra .

8

Reunião de família (Entrando. O pai desolado no sofá.)

Filho

Pai, precisamos conversar.

Pai

346

Tudo bem. Fale com sua mãe sobre o que você precisa levar. Quero tudo pronto logo. Vamos embora daqui.

Filho

Pai, eu estou falando com o senhor. Até o seu Alcântara me ouve. Pai, escuta...

Pai

Faço isso para o seu bem, faço isso para o bem de todos. Precisamos sair daqui. Não insista. Você precisa vir comigo.

Mãe

Vamos tomar banho de rio, correr e ver o verde vivo do lugar. Ficar horas e horas vendo.

Pai

Sua mãe vai fazer uma comida boa e nutritiva. Você precisa se alimentar. Vitaminas! Vitaminas, meu filho, vitaminas! Agora vá para o seu quarto e arrume as coisas. Não esqueça nada. Leve o que precisar.

Filho

Mas eu não quero ir, pai. É o que eu estou querendo dizer.

Mãe

Como assim, não quer ir?

Filha

Ele não quer ir, mãe. É simples. Ele apenas não quer ir. Não há nada de errado nisso. Ele só não quer ir e mais nada. Não é isso?

Filho

Até que enfim alguém entendeu!

Filha

Você que nunca me ouviu. Eu entendo o que você quer. Mas a gente...

Pai

Deixem disso agora! Eu sou o Pai. Vocês podem não saber agora, mas no futuro. quando vocês crescerem, quem sabe... Eu não vou repetir. Eu não estou convidando ninguém. Nos vamos prá onde está combinado ir. Tudo tem que continuar do mesmo jeito. (Para Oséias) Oséias, vá para o seu quarto arrumar as coisa, eu disse. (Para a filha) E você também. Me deixem aqui. Vou ficar esperando. Nenhuma palavra mais.

Mãe

Vão logo fazer o que seu pai disse! Agora! Não aborreçam seu pai! (Enquanto saem, o pai se levanta e liga o gravador pensativo. É o que se escuta, junto com a música tema:

Um homem sai de casa e não volta mais. De repente se descobre longe e não sabe mais como voltar. Todos em volta dele se perguntam: "Ei, garoto, onde você mora? Quem é seu pai". Ele procura se lembrar mas apenas consegue saber que está só e não conhece ninguém. "Ei, garoto, você vai ficar por aqui muito tempo?". O homem que saiu de casa e se encontra só no meio de todo mundo não sabe responder. (O Pai se deita, com o gravador, no colo de sua mulher que o observava. A música tema continua em vocalize.)

9

Encontro último com a namorada e os amigos. Ele com a cabeça no colo da namorada e os amigos em volta.

Amigo 1

Pois é, cara, afrouxou.

Amigo 2

Deu mole, viu no que dá.

348

Amigo 1

Com os velhos não tem essa de "tudo bem, a gente bem conversa".

Amigo 2

Eles parecerem concordar, ficar legal mas sempre dão um jeito de fazer com que aquilo que pensem seja a verdade.

Amigo 1

Por isso eu já nem ligo. Lá em casa é assim também. Não rola esses climas, esses dramas. É só ãhã, isso mesmo, valeu, vamos

ver, tô nessa. É assim que as coisas funcionam. A gente tipo assim conversa mas não troca idéia. Deu prá entender?

Amigo 2

Só. É como dois irmãos. esse negócio de pai e filho é assim. É como dois irmãos que se conhecem, claro, vivem juntos, pô, estão no mesmo lugar. E passa o tempo, passa e só.

Amigo 1

(cumprimento com as mãos) Legal cara, já dá prá escrever um livro de auto ajuda.

Amigo 2

É, tipo assim " Meu pai e eu"

Amigo 1

(Rindo)

É, massa! (empolgado, vislumbrando) ou "Pensamentos felizes de um lar em flor"

Raquel

Deixem disso. Parem de brincar!

Amigo 1

Quem tava brincando?

349

Amigo 2

O cara não consegue convencer o pai e a gente é que tá errado?

Filho

Vocês não entendem. É uma coisa que me pertence, que pertence a todo mundo desde criança. E eu não quero perder.

Raquel

O quê?

Filho

O problema não é se vou ou não prá onde meu pai quer, se obedeço ou desobedeço. A questão é que tenho um pai, um único. Ele só.

Amigo 2

E daí?

Raquel

(para o amigo)

E daí? Você não entende?

Filho

Depois que eu comecei a namorar com a Raquel e sentir como as pessoas são importantes, comecei a querer não só o meu espaço, mas que meu pai visse como são importantes essas coisas novas para mim. O que importa não é a chácara. Não sou um guri birrento que chora e esperneia pelo que quer. Mas é pelo que eu sinto por Raquel, sei que não me basto, que não me resumo a mim. E sei que agora sempre vou estar junto de alguém. Só não sei como. Meu pai podia falar sobre isso, ele que sempre esteve junto da gente lá em casa.

Raquel

350

Oséias, Oséias: você me surpreende cada dia. Não são as palavras, mas para onde elas apontam: atitudes. Comportamentos. Isso é o que importa. Vai e fala isso pro teu pai. Conversa com ele. Pede pra que ele pare de se esconder porque você vai parar de fugir. A brincadeira terminou.

Amigo 1

A gente te espera aqui.

Amigo 2

Se é que alguma coisa vai adiantar...

10

A sala desarrumada, As malas viradas. Roupas no chão. Pai jogando o jogo das palavras, as malas desarrumadas. O gravador chiando, como se as pilhas estivessem fracas. Entra a Mãe que ouve e vê o que está acontecendo. Acordes de piano como chuva fina caindo e vidros se partindo.

Pai

Belo jogo. Montar palavras e contar os pontos nesse tabuleiro. Tudo em seu lugar, chamando a ordem em suas colunas.(pega uma pedrinha) Uma letra que pode estar nessa ou em outra posição, fazendo com que se ganhe ou se perca. Uma letra só no lugar certo e tudo acaba bem. Eu gostaria de poder lembrar qual a letra que falta, qual a peça que ainda resta. Passo os dias me perguntando se posso arrumar as coisas e se tudo vai voltar prô seu lugar. Já faz tanto tempo que tenho vivido assim, sem essa peça que não sei mais como era antes (joga a pedra fora e começa a procurar no tabuleiro, querendo juntar coisas que não consegue. Depois se cansa.) Não está nas minhas mãos arrumar isso? Não está em mim a possibilidade de formar a ordem certa? Ah, Deus, Deus!(lança o jogo no chão. Entra Marta) Marta, Marta, onde você está ... há tanto tempo?

Marta

Agora me escute, meu bem.

Pai

351

Olha: inventei um jogo. (tenta pegar seu polegar direito com a mesma mão direita que está enlaçada à mão esquerda) Eu lhe dei o nome de Beco sem saída. (joga e não pára de jogar enquanto fala) Viu, Marta, como é divertido. Não tem fim. Não se ganha nunca. Nem se sabe como acaba. É como um cachorro mordendo seu próprio rabo. Tenta.

Marta

Não, não.

Pai

(insistindo) É fácil, as coisas não vão mudar mesmo. Vamos brincar, vamos continuar brincando de Beco sem saída. Até onde der.

Marta

Já disse que não, não quero. Meu bem, precisamos conversar.

Pai

(pegando nas mãos da esposa, arrumando-as para que jogue) Marta, você vai conseguir. Não me deixe brincar sozinho. Suas mãos e as minhas. Tente, Marta, tente.

Marta

(ensaiando os movimentos ainda com as mãos seguras pelas mãos de seu marido) Mas querido, me ouça, eu preciso que você me ouça.

Pai

Assim, Marta, desse jeito mesmo. Você está quase conseguindo. Como suas mãos são boas prá esse jogo.

Marta

352

(agora sem a ajuda do marido) Tudo bem. Mas depois a gente tem que conversar (continua os gestos sem parar de falar.)

Pai

Que beleza! Muito bem. Você consegue, Marta, a gente consegue!

(Entra a filha)

Miriam

O que vocês estão fazendo? Mãe, que bagunça! Não fui eu não !

Pai

(Puxa a filha para a brincadeira. Todos no tapete.) Fui eu, seu Pai , Miriam.(pega nas mãos da filha) Agora faz assim, desse jeito aqui ó.

Miriam

(Com a ajuda do Pai, como sua mãe) O quê? Não tô entendendo? A gente não vai para a chácara?

Marta

Agora não, minha filha. Vai, arruma as mãos. Aprende o jogo novo de seu pai

Miriam

Jogo? Que coisa boba é essa?

Pai

Se é bobo, como é que você nem consegue brincar?

Miriam

(tentando agora sozinha) Claro que eu consigo. Viu só?

Pai

É, foi mais ou menos.

Marta

Poderia ser melhor.

Miriam

Mais ou menos... Legal. Qual é o nome do jogo?

Pai

O pai e a mãe se entreolham)
Atitude.

Mãe

A casa é o lar.

Miriam

Ah, bom...

11

Filho entrando no espaço lateral, procurando o seu Alcântara

Filho

Seu Alcântara! Não tem ninguém. Seu Alcântara, Seu Alcântara! Deve ter ido dormir. Tem vezes que eu chamo e ninguém vem. Dá vontade de desistir de gritar... Não tem ninguém mesmo. Deve ter ido embora. Prá chácara! (Ri. Pensa)) Acho que foi minha culpa. Seu Alcântara, seu Alcântara! (Mexendo nos objetos do jardim) Mas ele não pode ter ido embora. Será que terminou o serviço? Não, acho que não. Ele tá por aqui, eu sei. Eu tenho que continuar chamando. Uma hora ele aparece. Pode estar um pouco longe ou fazendo outras coisas. Mas se eu chamar sei que ele vai me ouvir. Só não vai me ouvir se eu não abrir minha boca. Ele só pode saber que estou atrás dele se eu continuar insistindo. É noite. É tarde. Mas não posso parar de chamar. Seu Alcântara, seu Alcântara! ... Parece que não tem ninguém mas eu estou aqui. Agora dá vontade de gritar mais, agora que estou aqui, só eu, nessa noite. Nunca vai haver esse negócio de "ninguém" enquanto eu gritar. Enquanto eu insistir, sempre vai haver alguém. Seu Alcântara, seu Alcântara: eu estou aqui, eu estou aqui! Ah, meu bom Deus, me ajude a sempre estar aqui. A ser a voz que chama outra voz.

12

Mãe e filha arrumam as coisas.

Filha

Antes a gente estava arrumando para viajar.

Mãe

Agora arrumamos para permanecer.(riem)

Filha

É uma diferente maneira de pôr em ordem a casa.

Mãe

As coisas estavam fora de lugar. Era preciso dar um jeito nisso.

Filha

É engraçado como ficamos o tempo inteiro tirando e colocando tudo. A mesma e incessante atividade de reorganizar.

Mãe

Na verdade estamos procurando a ordem, estamos fazendo o lugar ter um rumo.

Filha

Daí mexemos aqui e ali, sempre dentro da mesma casa.

Mãe

Em busca de deixar tudo em ordem o tempo inteiro.

Filha

E nesse esforço vão nossas forças.

Mãe

E com as forças, eis que surge aí diante de nós a vida.

Filha

Aqui dentro, dentro de casa.

Mãe

Em nenhum outro lugar mais a não ser sua própria casa.

Filha

O contínuo esforço de manter viva a casa todos os dias

Mãe

Fazer a casa sempre, para que seja habitada. Pronto. Ouve : teu pai ora.

Pai

Eterno e poderoso e excelso... desse jeito não vai dar! ... Eu queria não só falar, pai, eu queria dizer algumas coisas que não tenho dito ultimamente. Mas não sei como. Mas não posso mais parar de orar se apenas não sei mais orar. Eu sei orar. O que sei é que sinto e do que sinto agora faço matéria e problema desta oração. Ninguém nasce Pai e um dia se torna. Hoje sou um. Eu não sabia o que era ser pai antes de ser. Depois, sendo, não compreendia que sendo pai agora era prá ser pai prá sempre. E ser pai é mais que a palavra. A vida minha está cheia de palavras e pouca oração. Porque orar é agir, meu Deus, meu Pai, e um pai tem de agir. Como eu me tornei pai agora eu tenho que acontecer como ação. (entra o filho que se aproxima da mãe e da irmã) Tenho de me empenhar em ser o que sou, um pai, entendendo com o Pai, meu Deus, o que devo fazer. É um privilégio ser pai e eu não sabia. Agora que me tornei pai preciso saber. Ser pai é ouvir a oração e fazê-la. É estar na oração como a prece dentro da voz que já não fala mas vê, no coração instalada como a voz que toca e ouve quem se aproxima. Em volta de nossa casa as árvores um dia vão nos dar suas sombras. Pai, eu sou a voz que ouve e vê e pede: Pai amado, fica comigo, diante de mim, sobre o meu caminho. Sobre mim estende a paz e me ajuda a ouvir pelos olhos que amam e cuidam. Por tua paz que eu sinta onde estou e aqueles que estão comigo. (seus filhos e a esposa se ajoelham em volta dele e o abraçam) Fica em volta de mim, oh Pai, permanece com os meus. Por tua paz eu compreendo. Eu e minha casa serviremos ao Senhor. A oração é mais forte que as palavras. Aquele que ora ouve e vê isso, meu Pai. Obrigado. (Início da música tema, arranjo com momentos especiais. O jardineiro cruza a cena, como que indo embora. Com um gravador. Pára e olha para a platéia.)

Jardineiro

O trabalho está acabado. Tenho de ir. Não quero que lembrem de mim, ou se fixem em mim. Quero apenas que escutem, que toquem, que sintam quando as folhas penderem dos arcos sobre a casa. É o sinal que a vida venceu a si mesma e fez-se bela e livre diante de nós. Neste dia não fechem seus olhos. Fiquem onde estão. O corpo no mesmo lugar, agitando-se frente ao detalhe da coisa nunca vista, deste milagre diário e pequenino hoje aqui. Parados, imóveis, o ar fugindo de nós. Daí a lágrima pouco a pouco, nos mesmos olhos cansados de se esconder por detrás do brilho do frágil e do breve.(Liga o gravador, deixa-o no chão e sai lentamente) Uma lágrima após outra descendo, o rosto em êxtase participando do que vê e sente. Ah, meu bom Deus, eu te agradeço pelas lágrimas dos homens, por seus rostos de bronze e corações de pedras que quando tocados e atingidos, só fazem resplandecer com lágrimas a imperiosa verdade do teu amor. O Pai fez a todos possuidores destas emoções diante das razões da vida. Ah, meu pai, eu te agradeço por fazer com que um simples jardineiro como eu veja a oração que existe no grito sufocado na garganta. Agora chega de palavras. Tenho de ir. Continuem aqui, continuem. É noite, é tarde. Uma voz chama outra. Não deixem de clamar. Permaneçam aqui.

Música tema final.

